

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

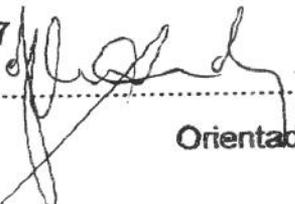
**A instalação do Colégio Nossa Senhora de Sion em Campanha: uma necessidade
política, econômica e social sul - mineira no início do século XX**

Autor: Ana Cristina Pereira Lage
Orientador: Dr. José Claudinei Lombardi

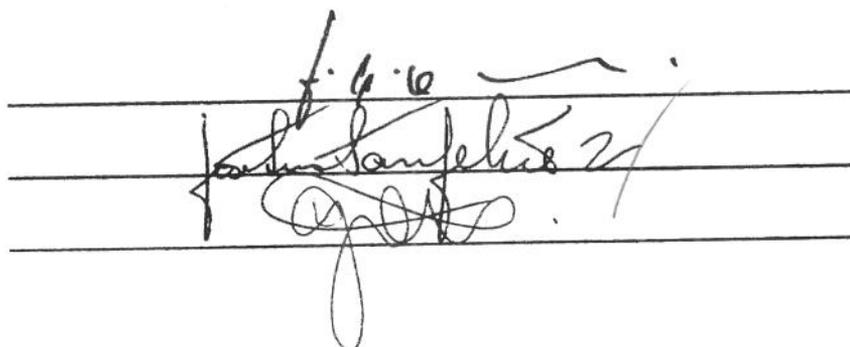
Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida
por Ana Cristina Pereira Lage e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 26/02/2007

Assinatura:.....


Orientador

COMISSÃO JULGADORA:



2007

iii

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
CÉSAR LATTES
DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÃO

© by Ana Cristina Pereira Lage, 2007.

UNIDADE BC
Nº CHAMADA: T/UNICAMP L135i
V. _____ EX. _____
TOMBO BCCL 93513
PROC 16.P.145.07
C _____
PREÇO 11,00
DATA 31/03/07
BIB-ID 424720

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

L135: Lage, Ana Cristina Pereira.
A instalação do Colégio Nossa Senhora de Sion em Campanha : uma
necessidade política, econômica e social sul mineira no início do
século XX / Ana Cristina Pereira Lage. -- Campinas, SP: [s.n.], 2007.

Orientador : José Claudinei Lombardi.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Educação feminina. 2. Ensino religioso. 3. Educação – Minas Gerais –
História. I. Lombardi, José Claudinei. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

07-088/BFE

Título em inglês: The installation of the College Ours Mrs. Of Sion in Campanha : a necessity politics, economic
and social of the mining south region the beginning of century XX

Keywords: Women education ; Religious education ; Education – Minas Gerais - History

Área de concentração: Filosofia e História da Educação

Títuloção: Mestre em Educação

Banca examinadora: Prof. Dr. José Claudinei Lombardi (Orientador)

Prof. Dr. Ivan Aparecido Manoel

Prof. Dr. Paulo de Tarso Gomes

Prof. Dr. José Luis Sanfelice

Data da defesa: 26/02/2007

Programa de pós-graduação : Educação

e-mail : anaplage@hotmail.com

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de analisar o momento de instalação do Colégio Nossa Senhora de Sion na cidade de Campanha (MG) no início do século XX. Propõe discutir os desdobramentos do pensamento liberal e ultramontano no Brasil e Minas Gerais, partindo do princípio de que estas idéias serão geradoras para o aumento de oferta do ensino feminino e confessional na referida cidade. Será analisada então a história da cidade no século XIX, bem como as diversas escolas que lá existiram anteriormente à abertura do Colégio Sion, pensando as relações de força locais que foram responsáveis por apresentar a necessidade de instalação da Instituição na cidade. O Colégio, que funcionou entre 1904 e 1965, foi responsável por educar na forma de internato e semi-externato as meninas da elite sul – mineira (*Meninas de Sion*), como também meninas pobres da região (*Martinhas*). Manteve uma divisão entre estas duas categorias, já que o tratamento era diferenciado. Preparava as primeiras para exercer papéis de liderança familiar, como boas esposas e mães, como também para exercer a profissão de professoras. Já as meninas pobres eram preparadas essencialmente para o trabalho doméstico. Este Colégio instala-se na cidade como uma forma de fortalecer e ampliar o perímetro de influência da Igreja Católica, com uma nova roupagem e atendendo aos anseios do desenvolvimento do capitalismo.

Palavras - chaves: educação feminina; ensino religioso; educação – Minas Gerais - história

Abstract

This work has the objective to at the beginning analyze the moment of installation of the College Nossa Senhora de Sion in the city of Campanha (MG) of century XX. It considers to argue the unfoldings of the liberal thought and roman in Brazil and Minas Gerais, leaving of the principle of that these ideas will be generating for the increase of it offers of feminine and confession education in the related city. The history of the city in century XIX will be analyzed then, as well as the diverse schools that had been responsible for presenting the necessity of installation of the institution in the city. The College, that functioned between 1904 and 1965, was responsible for educating in the form of half – external boarding school and the girls of the élite south – miner (Girls of Sion), as well as poor girls of the region (“Martinhas”). It Kept a division between these two categories, since the treatment was differentiated. It prepared the first ones to exert papers of family leadership, as good wives and mothers, as well as to exert the profession of teachers. Already the poor girls were prepared essentially for the domestic work. This College is installed in the city as a form to fortify and to extend the perimeter of influence of the Church Catholic, with a new form and taking care of to the yearnings of the development of the capitalism.

Key word: women education; religious education; education – Minas Gerais - history

À memória do meu irmão Marcus, que me ensinou a ser crítica, investigativa e a perseguir os meus sonhos.

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, por terem percebido que a maior herança que poderiam deixar aos filhos seria a educação e, com este intuito, fizeram o caminho do interior para a capital de Minas Gerais. Ao meu pai, Miguel, agradeço o incentivo e o gosto pela leitura. À minha mãe, Antonisa, e suas deliciosas empadas, pelos dias e noites trabalhando para pagar os meus estudos nas instituições particulares católicas. Esta vivência ajudou muito nas minhas indagações na presente pesquisa. Neste momento da escrita da dissertação, eles foram fundamentais, me acolhendo novamente em casa, compreendendo, apoiando e dando força nas minhas longas horas no computador.

Em segundo lugar, agradeço ao meu orientador, Dr. José Claudinei Lombardi, por confiar em um projeto que, inicialmente, não tinha muito *pé e nem cabeça*, mas tomou este caminho agora apresentado graças às suas construtivas intervenções e direcionamentos.

Aos professores que participaram da qualificação e que foram essenciais para demonstrar os caminhos que eu deveria seguir para a conclusão da dissertação: Dr. Ivan Aparecido Manoel, Dr. José Luís Sanfelice e Dr. Paulo de Tarso Gomes.

À querida amiga Dra. Helena Mollo, que se prontificou em realizar a revisão desta dissertação e teve muito trabalho com os meus vícios gramaticais. Serei eternamente agradecida às suas contribuições.

Às Irmãs da Congregação Nossa Senhora de Sion, particularmente a Irmã Célia Coelho. A possibilidade de poder pesquisar em parte do acervo particular da Congregação foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. Espero ter utilizado de forma adequada a documentação que me foi confiada. Mãe Adolorata, o que dizer dos seus 96

anos, 85 deles passados no Sion, e das cinco fitas de entrevistas gravadas? Se dependesse dela seriam muitas outras....

Às ex-alunas do Colégio Sion de Campanha, ainda *Meninas de Sion*, por mostrarem tantas pistas, caminhos e descaminhos. Gostaria de destacar duas, entre tantas com as quais mantive contato ao longo da pesquisa: Ilza e Nena.

Às Martinhas entrevistadas que me acolheram tão bem! Abriram o coração e foram tão generosas no fornecimento das informações. Agradeço pelas palavras, pela sinceridade e pelos cafés

Aos meus queridos ex-alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora de Sion, campus agregado da Universidade do Estado de Minas Gerais. Peço desculpas pelos meus momentos de nervosismo quando eu estava desesperada, sem tempo para nada, cumprindo os créditos na UNICAMP, lecionando e coordenando o curso de história ao mesmo tempo. Agradeço a compreensão e a amizade de vocês nestes momentos. Tenho também de salientar o quanto me ajudaram na pesquisa, empreendendo uma verdadeira *caça às Martinhas* (a maioria das entrevistadas nesta pesquisa foram encontradas por eles). À Fátima, pelas discussões, indagações e auxílios no arquivo do Grupo Escolar. Às minhas bolsistas (do meu próprio bolso), Flávia e Soniara, pela paciência em procurar todas as notícias que me interessavam naqueles enormes jornais, com cheiro não muito agradável, como também pela transcrição de horas e horas de fitas gravadas e, às vezes, um pouco cansativas...

Meus amigos e colegas de profissão e funcionários da FAFI- Sion, obrigada por entenderem a minha decisão em deixá-los no momento em que eu precisava começar a escrita desta dissertação. Saliento a contribuição do Almir, conhecedor em profundidade da história de Campanha e grande fornecedor das imagens que apresento aqui. Quantas vezes não discuti as minhas dúvidas com você? Quantas vezes você não me apontou os caminhos que deveria seguir?

Aos meus irmãos presentes (Flávia, Antônio e Denise), e aos ausentes (Marcão e Cebola), por terem me ajudado nos momentos de tristezas, de angústias, de alegrias e de construção da minha identidade. Cunhados e cunhadas também fizeram parte desta construção. Especialmente aos meus amados sobrinhos, fontes de inspiração para a minha empreitada: Débora, Túlio, Rodrigo e Giulia

O apoio que recebi e as discussões que participei com os meus colegas do programa de Pós – graduação da UNICAMP também foram importantíssimos para o desenvolvimento da minha pesquisa. Agradeço a todos: Nelito, Marco, Solange, Cristina, Lúcia, Silvane e até o desaparecido Marcel. Sônia, grande amiga de discussões acerca da história da educação, de bate-papo e descontração, fazendo assim com que os meus momentos de Campinas fossem mais agradáveis.

Tenho que desculpar-me e agradecer a todos os meus amigos de Belo Horizonte. Desculpar-me pelas ausências, pela falta de tempo. Agradecer pela compreensão, especialmente a Cláudia, amiga há mais de 20 anos, presente em todos os meus momentos de tristezas, como também naqueles de muita alegria.

Tive o privilégio de discutir questões relativas ao desenvolvimento da educação feminina confessional no Brasil na segunda metade do século XIX, mais especificamente sobre a Congregação Nossa Senhora de Sion com a professora de História Maria Alzira Colombo. Recebi também orientações para o desenvolvimento de minha pesquisa da professora Dra. Ângela Xavier de Brito.

Finalmente agradeço a todos os professores e funcionários da UNICAMP por proporcionarem um ambiente tão agradável de ensino e ajudar em minhas dificuldades tanto de pesquisa quanto burocráticas. A ajuda do CNPq chegou nos 40 minutos do segundo tempo, mas foi essencial para uma certa tranquilidade para dedicar-me exclusivamente à escrita da dissertação na reta final.

A palavra “história” é uma palavra velhíssima: tão velha que houve quem se cansasse dela. É certo que foi raro chegar-se ao ponto de a querer riscar inteiramente do vocabulário. (...) Decerto a palavra, desde que nasceu, há já mais de dois mil anos, na boca dos homens, mudou muito de conteúdo.

(BLOCH, 1997, p. 85)

LISTAS

Lista de Figuras

- 01 – Alunas na entrada do Colégio. 1905. Fotógrafo Etienne Farnnier. CNSS / Campanha
- 02 – Vista frontal do prédio do Colégio. 1912. Fotógrafo Paulino F. Lopes. CEMEC
- 03 – Vista aérea do Colégio. c. 1950. Fotógrafo Paulino F. Lopes. CEMEC
- 04 – Laboratório de química. S/d. Fotógrafo Paulino F. Lopes . CNSS/ Campanha
- 05 – Laboratório de história natural. S/d. Fotógrafo Paulino F. Lopes. CNSS/ Campanha
- 06 – Laboratório de biologia. S/d. Fotógrafo Paulino F. Lopes. CNSS/ Campanha
- 07 - Meninas. Alameda dos Eucaliptos. S/I; S/d. Fotógrafo Paulino F. Lopes. CNSS/Campanha
- 08 - Meninas de Sion na aula de ginástica. Alameda dos Eucaliptos. S/I; S/d . Fotógrafo Paulino F. Lopes. CNSS/Campanha
- 09 - Meninas de Sion. S/I; S/d. Fotógrafo Paulino F. Lopes. CNSS/ Campanha
- 10 - Meninas de Sion. S/I; S/d. Fotógrafo Paulino F. Lopes. CNSS/ Campanha
- 11 – Refeitório. S/d. Fotógrafo Paulino F. Lopes. CNSS/ Campanha
- 12 – Rouparia. S/d. Fotógrafo Paulino F. Lopes. CNSS/ Campanha
- 13 – Cozinha. S/d. Fotógrafo Paulino F. Lopes. CNSS/ Campanha
- 14 – Sala de costura. S/d. Fotógrafo Paulino F. Lopes. CNSS/ Campanha
- 15 – Martinha - Naiufe Bueno Costa. c. 1934-1936. Fotógrafo Paulino F. Lopes. CNSS/Campanha
- 16 – Grupo de Martinhas. S/i. c. 1943/1946. Fotógrafo Paulino F. Lopes. CNSS/Campanha
- 17 – Família de Martinhas. Lalá, Alzira, Irene e Donina Almeida. 1933. Fotógrafo Paulino Ferreira Lopes. CNSS/Campanha
- 18 - Martinhas Maria da Glória e Carminha Paiva. c. 1932. Fotógrafo Paulino F. Lopes. CNSS/Campanha

Lista de Tabelas

- 01 – Educação em Campanha nas três primeiras décadas do século XIX
- 02 – A imprensa periódica em Minas Gerais, 1897-1940
- 03 – Periódicos publicados em Campanha. 1832-1919
- 04 – Matrículas e freqüências feminina e masculina nas escolas públicas mineiras (1831 – 1929)
- 05 – Número de alunos que prestaram exames no Colégio Campanhense
- 06 – Colégios particulares masculinos em Campanha, segunda metade do século XIX
- 07 – Disciplinas e número de alunos examinados no Colégio Campanhense, 1887
- 08 – Número de alunas examinadas por disciplina no Colégio Marianno
- 09 – Matrículas, freqüências e aprovação no Externato Campanhense
- 10- Alunos matriculados, freqüentes e aprovados na Escola Normal de Campanha (1874-1881)
- 11 – Número de alunos e alunas matriculados nas escolas normais de Minas Gerais, 1887
- 12 – Resultados dos exames prestados na Escola Normal de Campanha (1874-1879)
- 13 – Matérias oferecidas na Escola Normal de Campanha (1881 – 1895)
- 14 - Meninas de Sion matriculadas em 1905
- 15 – Notas das alunas do primeiro ano Normal, 1906
- 16 – Matérias oferecidas pelo Colégio Sion – curso primário (1906 -1916)
- 17 - Matérias oferecidas pelo Colégio Sion - curso Normal (1906 - 1909)
- 18 – Total de alunas matriculadas no Colégio Sion (1904-1965)
- 19 – Profissão de pais de alunas (1905-1913)
- 20 – Horário de atividades diárias das Meninas de Sion
- 21 - Ex – Martinhas entrevistadas
- 22 – Total de entrada de Martinhas, 1905 – 1944
- 23 – Divisão do trabalho das Martinhas pela manhã
- 24 – Martinhas com vocação religiosa: 1908-1944

Lista de abreviações

Acervos

CEMEC – Centro de Memória Cultural do Sul de Minas. Mantido pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora de Sion, Campus agregado à Universidade do Estado de Minas Gerais, Campanha/MG

CECML – Centro de Estudos Campanhenses Monsenhor Lefort. Mantido pelo poder municipal, Campanha/ MG

CNSS – Acervo particular da Congregação Nossa Senhora de Sion, Campanha/MG

Sumário

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução | 01 |
| Capítulo I: Igreja e liberalismo no Brasil do século XIX e início do XX | 11 |
| 1.1-Idéias liberais no Brasil | 11 |
| 1.2-Os princípios ultramontanos: onde o para deve ser mais forte que o rei | 17 |
| 1.3-O avanço do papa | 23 |
| 1.4-O fortalecimento do discurso ultramontano ligado à educação feminin | 28 |
| 1.5-A educação confessional feminina em Minas Gerais | 35 |
| 1.6-Caminhos da Igreja após a Proclamação da República | 42 |
| Capítulo II: Campanha (MG) e a educação | 47 |
| 2.1-Pelos caminhos de Minas Gerais: um breve histórico da Campanha da Princesa da Beira | 47 |
| 2.2-Os primeiros vestígios educacionais | 54 |
| 2.3-A experiência educacional de Francisco de Paula Ferreira de Rezende | 57 |
| 2.4-Os jornais como caminho para a compreensão da educação campanhense no século XIX e início do XX | 62 |
| 2.5-Para compreender a educação pública e a educação privada | 70 |
| 2.6 - A educação provincial/ estatal feminina de Primeiras Letras | 72 |
| 2.7 - Educação privada masculina | 76 |
| 2.8-Colégio Marianno: o ensino privado de Primeiras Letras para meninas | 86 |
| 2.9-O ensino provincial/ estatal secundário: o Externato e a Escola Normal | 92 |

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Capítulo III: A presença do Colégio Sion em Campanha | 117 |
| 3.1-A Congregação Nossa Senhora de Sion | 117 |
| 3.2-A instalação do Colégio na cidade de Campanha | 121 |
| 3.3-Alunas instaladas | 130 |
| 3.4-As festas | 143 |
| 3.5-A divisão dos espaços e do tempo no Colégio | 146 |
| 3.6 - O fechamento do Colégio | 178 |
| | |
| Capítulo IV: <i>Petites Marthes</i>: as trabalhadoras/ alunas do Colégio N. Sra. de Sion | 183 |
| 4.1- Entendendo Santa Marta | 185 |
| 4.2-A história e seus silêncios | 188 |
| 4.3-O universo das Martinhas | 194 |
| 4.4-Educação e trabalho | 227 |
| | |
| Conclusão | 229 |
| | |
| Bibliografia | 235 |
| | |
| Anexos | 251 |

Introdução

A presente dissertação propõe a análise de algumas características referentes à história da educação feminina na cidade de Campanha, Minas Gerais. O estudo dirige sua atenção ao Colégio Nossa Senhora de Sion – fundado no ano de 1904 e em atividade até 1965 – para o ensino de meninas da elite mineira, na forma de internato e semi-externato. Buscar-se-á delimitar a investigação nos anos iniciais de sua fundação, pois é de extrema importância a compreensão das questões relativas à instalação do Colégio Sion nesta cidade.

Quando o Colégio foi fundado, o objetivo da Congregação Sionense¹ era educar moças da elite, sendo esta formada, em sua maioria, por filhas de ricos fazendeiros de todo o estado de Minas Gerais e até de outras regiões. Visava-se preparar as meninas para um papel social específico: o de esposas e educadoras de seus filhos. Algumas alunas eram preparadas para seguir a profissão docente. Entre as alunas estavam também aquelas que iriam se transformar em religiosas de Sion.

As freiras educavam também meninas pobres. Estas meninas eram chamadas de *martas* ou *martinhas*². Viviam também internas no Sion, e, em troca do ensino que recebiam, ajudavam principalmente na limpeza do prédio, mas não poderiam ser travados contatos entre as meninas de Sion e as martinhas. Era comum a presença de martinhas nas demais escolas mantidas pela Congregação no País, como também em escolas de outras congregações femininas, porém, no caso campanhense, percebe-se clara a separação entre as meninas de Sion e as martinhas.

Esta pesquisa insere-se no quadro da História de uma Instituição educativa específica: O Colégio Nossa Senhora de Sion de Campanha. A história das instituições

¹ Congregação vinda da França e que já havia se estabelecido na cidade de Petrópolis / RJ

² Nome dado em homenagem à personagem bíblica - Marta

escolares faz parte de uma tendência recente das pesquisas historiográficas, especificamente nos quadros de temáticas regionais. Muitas destas pesquisas se perdem no singular, sem perceber que a Instituição pesquisada está inserida em um contexto mais amplo. É importante perceber o particular, mas não perder de vista o geral. Para Magalhães (1996), é necessário não só buscar uma identidade às instituições educativas, como também:

Compreender e explicar uma existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro da evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e (re) escrever-lhe o itinerário da vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico. (MAGALHÃES, 1996, apud GATTI Jr., 2002b, p. 20)

Segundo Nosella e Buffa, a maior dificuldade em realizar este tipo de trabalho sobre uma Instituição específica é conseguir abordar uma totalidade histórica, que (...) “exige a adoção do método dialético e sua aplicação habilidosa, sem prejuízo das contribuições das novas metodologias, porque a dialética pressupõe a descrição do singular.” (2005, p. 05)

Deve-se então utilizar uma linha metodológica que descreva o particular, mas que demonstre as suas relações com o contexto econômico, político, social e cultural. É necessário traçar historicamente a entrada das Congregações religiosas femininas no Brasil no final do século XIX, e, assim, compreender o ensino praticado no universo escolar sionense. Na contextualização do momento desta chegada e o início de uma educação feminina institucionalizada, buscar-se-á:

- perceber a política republicana brasileira, o discurso positivista de *ordem e progresso* e o ideário liberal presentes no momento de implantação do Colégio Sion em Campanha;

- levantar questões sobre as relações entre Igreja e Estado no Brasil ao longo do século XIX, privilegiando os estudos sobre o Ultramontanismo;
- apontar características da Congregação Sionense, as suas particularidades educacionais e os desdobramentos no Brasil;
- trabalhar as transformações educacionais no universo feminino, mostrando a importância de privilegiar o mundo escolar em detrimento do mundo familiar;
- estudar a sociedade campanhense e a importância da implantação do Colégio Nossa Senhora de Sion para a cidade e para a região;
- levantar as experiências educacionais na cidade de Campanha anteriormente à instalação do Colégio Nossa Senhora de Sion;
- perceber o universo escolar das freiras, martinhas e meninas de Sion, trabalhando as noções de hierarquia e ordem presentes na escola;
- traçar a necessidade de instalação do Colégio na cidade para desenvolver a educação diferenciada entre as meninas de Sion e martinhas, preparando as primeiras para exercer uma função familiar ou educacional e as segundas para o trabalho doméstico;
- demonstrar como a educação feminina no período estudado atende aos anseios das idéias ultramontanas.

Para a realização do trabalho aqui pretendido, foi necessário o diálogo e o cruzamento de dados encontrados nas diversas fontes pesquisadas. Vale ressaltar que se considera, nesta dissertação, que as fontes são produzidas em um determinado momento e com variados graus de intencionalidade. Elas contextualizam o momento, mas não estão isentas de subjetividade. É necessário perceber quem, de onde, para quem e por que se fala. Somente partindo destes pontos consegue-se captar algo do universo a ser pesquisado, pois

“(...) o tempo da pesquisa é diferente do tempo vivido: não pretende reconstituí-lo, mas reconstruí-lo.” (REIS, 2000. P. 25)

Para discutir as questões teórico-metodológicas da história da educação têm-se, primeiramente, de salientar alguns pressupostos da História, principalmente relativos à escrita histórica e à noção de tempo. As diversas escolas históricas se diferenciam na noção do tempo histórico que cada uma delas apresenta. O olhar do historiador é estruturado por uma representação do tempo histórico. O conhecimento histórico, portanto, só é possível no interior de uma concepção do tempo histórico.

A história efetiva se realiza segundo certas representações da temporalidade. A percepção das experiências humanas não é jamais direta, imediata e muda, mas sempre articulada por uma “representação” por um saber simbólico. O “tempo histórico enquanto tal”, em si, é uma abstração. (...) Não se tem o “tempo histórico enquanto tal”, mas um “tempo histórico do qual se fala”. O tempo histórico não se dá ao conceito, à teoria, mas a uma “representação histórica”. Há representações históricas do tempo histórico. (...) Toda renovação em história, toda “escola histórica” realiza uma mudança profunda na representação do tempo histórico, apoiadas em mudanças ocorridas na história efetiva. É esta reconstrução que permite a renovação teórico-metodológica da história, pois é a partir dela que se distinguem novos objetos, que se formulam novos problemas e reformulam-se os antigos, que se constroem novas abordagens. (REIS, 2000, p. 20)

Ainda para este autor, o movimento francês dos Annales (década de 20 do século XX) só teria se constituído como uma renovação teórico-metodológica e *utópica* na história, partindo de uma nova representação do tempo histórico. Não foi propriamente a interdisciplinaridade que acarretou esta renovação, mas sim a nova representação do tempo, com uma aproximação das ciências sociais. O que haveria de comum entre todas as gerações dos Annales seria a perspectiva da *longa duração*. Mas esta escola não abandonou o estudo da mudança. Se este grupo incluiu a permanência foi para conhecer melhor e controlar as mudanças humanas no tempo. A história não é, então, mais representada na

perspectiva do progresso. As sociedades vivem em ritmos distintos e cabe ao historiador reconstruir essas durações.

Por outro lado, a renovação dos objetos exigiu a mudança no conceito de fonte histórica. A documentação passou a ser relativa ao campo econômico, social e mental. O arquivo renovou-se e diversificou-se. Ocorreu uma ampliação e abertura do campo dos objetos, das fontes e técnicas históricas. A origem da pesquisa orienta-se pelo problema e não pela documentação.

O historiador escolhe, seleciona, interroga, conceitua, analisa, sintetiza, conclui. A partir da posição do problema, o historiador distribui as suas fontes, atribui-lhes sentido e organiza as séries de dados que ele terá construído. O texto histórico é o resultado de uma explícita e total construção teórica e não o resultado de uma narração objetivista de um processo exterior organizado em si pelo final. A organização da pesquisa é feita pelo problema que a suscitou; este vai guiar na seleção dos documentos, na seleção e construção das séries de eventos relevantes para a construção de hipóteses. Rompendo com a narração, a história tornou-se uma empresa teórica, que segue o caminho de toda ciência: põe problemas e levanta hipóteses e demonstra-as com uma documentação bem criticada e com uma argumentação conceitual rigorosa. (REIS, 2000, p. 3)

É necessário, então, perceber o modo como o presente dá significação ao passado. Os objetos, os tempos, os espaços e os personagens são diferentes. Os significados, portanto, se distanciam. “(...) O maior problema para a história é o de que o seu objeto de investigação, isto é, as ações humanas, re-significam as experiências vividas e, ao mesmo tempo, imprimem determinados significados ao evento, que nem sempre são apreendidos pelos quadros referenciais de nossa cultura.” (DE DECCA, 2000, p. 19)

Nesta perspectiva de re-significação, verifica-se importantíssimo o trabalho com as fontes documentais. As fontes utilizadas nesta pesquisa são diversas. No acervo pertencente ao Centro de Memória Cultural do Sul de Minas (UEMG/Campus Agregado da Campanha), encontram-se atas de notas, relações de exames prestados e matrículas das

ex - alunas³ e ainda diversas fotografias⁴ Existem, ainda, documentos referentes ao Colégio no Centro de Estudos Campanhenses Monsenhor Lefort, mantido pela Prefeitura Municipal, principalmente arquivos de jornais⁵.

Para pensar as questões do Ultramontanismo recorreu-se aos documentos papais do século XIX e o início do XX, como as encíclicas *Mirari - vos* (Gregório XVI, 1832), *Qui Pluribus* (Pio IX, 1846) e *Quanta Cura* (Pio IX, 1864).

A História oral foi, nesta pesquisa, outro campo fundamental quanto ao material produzido nas entrevistas das ex-martinhas Além disso, ocorreu a consulta no acervo particular da Congregação Nossa Senhora de Sion de Campanha, onde foram encontradas diversas fotografias e cadernetas escritas pelas freiras que forneceram informações importantíssimas ao objeto de estudo.

Além dessas fontes, buscou - se ainda documentos relativos às relações dos poderes públicos referentes à educação em Minas Gerais, em especial à cidade de Campanha, considerando-se os Relatórios de Presidentes de Província e de Estado de Minas Gerais imprescindíveis para a contextualização do período estudado.

Utilizando a interação com este vasto acervo, pretendeu-se apontar alguns dados referentes à história do Colégio Sion e dialogar com os principais aspectos teóricos da História da Educação, buscando constituir, assim, um campo específico, inserido na história.

³ Fundo Colégio Nossa Senhora de Sion

⁴ Fundo Paulino de Araújo Ferreira Lopes

⁵ Como, por exemplo, os jornais *Monitor Sul Mineiro* e *A Campanha*

Nos estudos empreendidos nas últimas décadas, costuma-se dizer que a história é formada por diversos campos, constituindo-se, assim, em diversas experiências profissionais e acadêmicas. O livro *Domínios da História – ensaios de teoria e metodologia*, organizado pelos historiadores Cardoso e Vainfas (1997) é importantíssimo para compreender os assuntos metodológicos acerca do trabalho com a História, particularmente com o fazer histórico no Brasil. A obra classifica como *Territórios do Historiador* grandes campos: História Econômica, História Social, História e Poder, História das Idéias, História das Mentalidades e História Cultural.

Por outro lado, o mesmo livro classifica como *Campos de Investigação e linhas de pesquisa* objetos e problemáticas mais específicos. Os organizadores não pretenderam abordar todos os campos de investigação com temor de se tornarem exaustivos. Selecionaram então alguns campos: História Agrária, História Urbana, História das Paisagens, História Empresarial, História da Família e Demografia Histórica, História do Cotidiano e da Vida Privada, História das Mulheres, História e Sexualidade, História e Etnia, História das Religiões e Religiosidades, mas a História da Educação não é sequer citada. Onde estaria então?

Esta é uma indagação que Saviani (2000) faz ao analisar o livro acima citado. Segundo ele, a História da Educação não só não aparece enquanto um território, como também não é citada inserida dos territórios considerados na obra. Isto se deve à dificuldade dos historiadores em reconhecer a educação como um domínio de investigação histórica. O caminho geralmente é traçado por parte dos educadores em relação à História; o inverso ocorre somente com algumas exceções.

Deve-se, porém reconhecer que os investigadores especializados na História da Educação têm feito um grande esforço de sanar as lacunas teóricas, adquirindo competências no âmbito historiográfico capaz de estabelecer um diálogo de igual para igual com os historiadores. E, ao menos no caso do Brasil, cabe frisar que esse diálogo tem se dado por iniciativa dos educadores, num movimento que vai dos historiadores da educação para os, digamos assim, “historiadores de ofício” e não no sentido inverso. (SAVIANI, 2000, p. 12)

O fato da disciplina História da Educação ter nascido nos cursos de formação de professores e não nos institutos de História foi um fator determinante para que não se desenvolvesse como uma área da História. A História da Educação tem sido ainda considerada como um campo *pouco nobre* pelos historiadores. Por outro lado, até há pouco tempo, a História da Educação foi considerada também pouco importante para a compreensão do próprio fenômeno educativo. A História da Educação, além de ser ignorada pelos historiadores de ofício, também era considerada secundária no campo da pedagogia.

Somente a partir dos anos 1960 começou a se consolidar no Brasil uma comunidade científica na área da História da Educação. Neste período novas formas de percepção da História começaram a ser desvendadas e a História da Educação seguiu também este caminho. Ganhou-se um reforço na pesquisa histórica, com maior rigor na investigação e tratamento das fontes. A pesquisa nos arquivos deve ser então constante e criteriosa.

Segundo Nóvoa (1999), a História da Educação vive neste momento um *tempo de balanço*. O autor tem um duplo sentimento com relação aos caminhos desta disciplina: satisfação e desencanto. A *satisfação* deve-se às discussões ocorridas após os anos 60 com a Nova História, que reforçou a investigação histórica em educação e produziu um conjunto de obras de referência. Ocorreu também a emergência de espaços próprios de trabalho e a consolidação de uma comunidade científica na área. O *desencanto* deve-se à especialização das áreas. Ainda segundo este mesmo autor, depois de três décadas consagradas à análise externa dos processos educativos (longa duração e continuidades), chegou o momento de olhar com maior atenção para a internalidade do trabalho escolar, visando seus momentos de conflito e ruptura.

Ganhou-se em consistência teórica e metodológica, nomeadamente no tratamento das fontes o que se perdeu em capacidade de interpretar e de produzir sínteses históricas. As lógicas de compartimentação (cronológica, geográfica, etc) trouxeram maior rigor, infelizmente à custa de um olhar amplo e interpelador. (NÓVOA, 1999, p. 11)

É necessário então ampliar o olhar acerca da pesquisa. O específico deve ser compreendido dentro de uma contextualização mais ampla. A escrita da História exige rigor e método. A História da Educação tende, cada vez mais, a ser percebida a partir desta pesquisa rigorosa e que obedece aos métodos da própria ciência histórica. Assim a História da Educação pode constituir-se como um campo dentro da história. A proposta da pesquisa é, portanto, sempre dialogar as especificidades de uma história local, de uma Instituição escolar, com a contextualização.

A problemática da pesquisa consiste em interagir as questões levantadas, percebendo o discurso presente no ideário republicano e ultramontano. As mudanças educacionais eram necessárias para o novo governo e se articulavam com um *novo mundo*, que previa a *ordem* e o *progresso*. O Colégio Nossa Senhora de Sion, feminino, surgia então como um universo propiciatório na educação de boas mães, esposas, professoras e também empregadas domésticas (no caso específico das martinhas) para garantir a ordem e o progresso da nova nação. Por outro lado, articulava com o discurso ultramontano de garantir o universalismo católico.

Essas discussões levam à seguinte divisão de capítulos: no *primeiro* momento será feita uma discussão sobre os princípios do liberalismo, do ultramontanismo e seus desdobramentos discursivos no Brasil, como também seus reflexos em Minas Gerais.

No *segundo* capítulo pretende-se fazer um panorama da história da cidade de Campanha, privilegiando o século XIX, momento de maior crescimento cultural da referida cidade, articulando esse contexto com a educação no século XIX, contemplando tanto o ensino provincial ou estatal, quanto o particular, dividido em ensino feminino e masculino

A compreensão da tradição educacional campanhense é essencial para verificar a importância da instalação do Colégio Nossa Senhora de Sion na referida cidade, no início do século XX (*terceiro* capítulo). Após analisar as relações da implantação do Colégio e as principais atividades das meninas de Sion nos primórdios do Colégio, torna-se necessário compreender o universo das alunas / trabalhadoras, as martinhas (capítulo *quatro*) e suas relações com as demais habitantes do Colégio Sion.

CAPÍTULO I - Igreja e liberalismo no Brasil do século XIX e início do XX

As relações entre a política e a religião, no Brasil, ao longo do século XIX e início do XX são fundamentais para o estudo do campo em questão, nesta dissertação: a história da educação. Estes fatores são essenciais para a compreensão da instalação das congregações femininas católicas, de cunho educacional, a partir da segunda metade do século XIX, abrindo caminho para a instalação do Colégio Nossa Senhora de Sion na cidade mineira de Campanha (1904).

Para que se efetive a análise de tais relações é necessário levar em consideração como se estabelecem as idéias liberais durante o século XIX, bem como a influência do ultramontanismo no Brasil. O objetivo deste capítulo é o estudo destas relações e a análise dos seus reflexos em Minas Gerais e, particularmente, em Campanha.

Idéias liberais no Brasil

A palavra liberal vem do latim *liber* (livre). Neste sentido, portanto, o termo refere-se a uma filosofia política que tenta limitar o poder, defendendo e apoiando os direitos individuais. Tais idéias surgiram com os pensadores iluministas do século XVII e XVIII, como John Locke e Montesquieu, que tentaram estabelecer os limites do poder político ao afirmarem que existiam direitos naturais e leis fundamentais de governo que nem mesmo os reis poderiam ultrapassar, visto o perigo da aproximação com um governo do tipo tirânico.

O pensamento iluminista era uma manifestação do momento político europeu, formado predominantemente por reinos governados por monarcas absolutistas. O controle do poder do monarca era essencial para que se ultrapassassem as idéias de manutenção

do *status quo* persistentes desde o início do período moderno. Tais idéias traduzem-se na manutenção de privilégios de determinadas parcelas da sociedade – do monarca, dos nobres e de representantes da Igreja. A burguesia, que se fortalecia desde o século XII, detinha poderes econômicos, mas não direitos políticos. As idéias liberais iam ao encontro dos anseios desta burguesia que pretendia o seu fortalecimento econômico e também a conquista de direitos políticos.

O pensamento liberal combinava com a idéia de que também a liberdade comercial iria ser benéfica a todos. Tal idéia foi posteriormente associada à defesa do capitalismo em prol do fortalecimento da burguesia. O liberalismo econômico, em linhas gerais, pregava o fim da intervenção do Estado na produção e na distribuição das riquezas, o fim das medidas protecionistas, dos monopólios e defendia a livre concorrência entre as empresas. Os pensadores que defenderam o liberalismo foram, principalmente, Adam Smith, Malthus e Ricardo. De acordo com a caracterização de Costa:

Na Europa, o liberalismo foi originalmente uma ideologia burguesa, vinculada ao desenvolvimento do capitalismo e à crise do mundo senhorial. As noções liberais surgiram das lutas da burguesia contra os abusos da autoridade real, os privilégios do clero e da nobreza, os monopólios que inibiam a produção, a circulação, o comércio e o trabalho livre. Na luta contra o absolutismo, os liberais defenderam a teoria do contrato social, afirmaram a soberania do povo e a supremacia da lei, e lutaram pela divisão de poderes e pelas formas representativas de governo. Para destruir os privilégios corporativos, converteram em direitos universais a liberdade, a igualdade perante a lei e o direito de propriedade. Aos regulamentos que inibiam o comércio e a propriedade opuseram a liberdade de comércio e de trabalho. ... (COSTA, 1999, p. 132-133)

No Brasil, as idéias liberais chegaram no início do século XIX, tendo influência no meio político a partir da Independência de 1822. Para Costa (1999), o liberalismo brasileiro só pode ser entendido com referência à realidade brasileira, tendo sido utilizado por grupos diferentes ao longo do século XIX.

No início do século XIX, diferentemente do caso europeu, no Brasil os principais adeptos foram homens interessados na economia de exportação e importação, na sua maioria proprietários de grandes extensões de terra e de escravos. Ansiavam por manter as estruturas tradicionais de produção escravocrata, libertando-se do jugo de Portugal e ganhando espaço no livre-comércio. Esta elite pretendia manter as estruturas sociais e econômicas. Criava-se, no entanto, uma contradição dentro deste liberalismo brasileiro em relação às idéias européias: a elite brasileira desejava conservar estruturas sociais e econômicas que eram opostas ao pensamento europeu. Neste início da implantação das idéias liberais no Brasil, o objetivo principal daqueles que se consideravam liberais era somente a emancipação política colonial.

Após a Independência, as elites tiveram de assegurar o controle da nação em suas mãos. Os principais debates se deram em torno da delimitação dos poderes. Os liberais propunham ampliar a esfera do poder legislativo em detrimento do poder real. O conflito entre os liberais e o imperador iniciou logo após a Independência. Este conflito esteve presente na Primeira Constituição de 1824, aprovada por D. Pedro I como uma tentativa de aplacar as elites mas, ao mesmo tempo, afirmar o seu poder.

...Segundo a Carta, o rei era responsável pela execução das leis aprovadas pelo Parlamento e pela nomeação e promoção de altos funcionários da burocracia civil, militar e eclesiástica. Além do que, teria a última palavra quanto a distribuição de recursos entre os diversos ramos da administração. Ficava reservado a ele, também, outorgar títulos de nobreza e conferir outros benefícios pessoais como recompensa por serviços prestados à Coroa. Conforme a tradição colonial do patronato real, cabia ainda ao imperador o direito de conceder ou negar permissão para a execução de bulas papais no país. Além dessas prerrogativas do executivo, o imperador gozava de outras que advinham do Poder Moderador, mediante o qual podia escolher seus ministros sem consultar o Parlamento, assim como suspender, adiar ou dissolver a Câmara e convocar novas eleições. Também tinha direito de nomear os membros do Conselho de Estado e escolher os senadores dentre uma lista de três candidatos que recebessem o maior número de votos numa eleição senatorial. (COSTA, 1999, p. 139-140)

Mesmo concedendo poder considerável ao imperador, a Carta Constitucional de 1824 também proporcionava condições de formação de uma oligarquia. Criou o cargo vitalício de Senador com idade mínima de 40 anos. Os membros do Conselho de Estado, ministros e chefes dos partidos eram escolhidos entre os senadores. O caminho natural para se tornar um senador era passar pela Câmara dos Deputados. Quanto aos deputados, estes eram eleitos por um período de quatro anos, mas conseguiam a reeleição freqüentemente ou detinham então cargos administrativos no Império. A grande importância da Carta Constitucional era que esta consolidava um sistema de clientela e patronagem onde somente poucos chegavam ao poder. Adotou-se o sistema de eleição indireta⁶. Também concedia ao catolicismo o status de religião do Estado, permitindo aos eclesiásticos o controle dos registros de nascimento, casamento e morte, além da manutenção dos cemitérios.

O relacionamento entre a política e a religião no Brasil dava-se pelo sistema do Padroado. Este sistema consistia na outorga, pela Igreja Romana, de um determinado grau de controle sobre uma igreja local ou nacional a um administrador civil. Para Azevedo (1999), foi uma instituição que, a partir do século XIII, as monarquias ibéricas criaram para estabelecer alianças com a Santa Sé. Dessa forma, as coroas ibéricas exerceram grande influência na administração eclesiástica de seus impérios ultramarinos.

O padroado português consistia na concessão de privilégios e na reivindicação de direitos, invocando a Coroa sua qualidade de protetora das missões eclesiásticas na África, na Ásia e no Brasil. Com esta concessão, a monarquia promovia, transferia ou afastava clérigos; decidia e arbitrava conflitos nas respectivas jurisdições das quais ela

⁶ Ficavam excluídos do direito de voto escravos, índios, mulheres e homens menores de 25 anos e aqueles com renda líquida anual inferior a 100\$000. havia uma eleição primária, onde os votantes escolhiam os eleitores para a eleição secundária, na qual eram nomeados os deputados e os senadores. Mesmo com algumas reformas eleitorais e variantes desta forma de votação durante o período imperial, os eleitores representavam em média entre 1,5% e 2,0% da população total.

própria fixava os limites. Devido a estas prerrogativas do sistema do Padroado, durante todo o período colonial, com o controle do governo português, e mesmo posteriormente, no período imperial, pela presença de D. Pedro II, a Igreja brasileira sofreu interferências do poder político. O Imperador nomeava diversos representantes eclesiásticos, em troca do recebimento de pequenos salários.

Durante o período imperial brasileiro percebe-se a formação de dois fortes grupos políticos: os liberais e os conservadores. Para Carvalho (2003), até 1864 os liberais brasileiros lutavam por uma maior autonomia provincial, pela justiça eletiva, pela separação da polícia e da justiça e pela delimitação das atribuições do Poder Moderador. Os Conservadores, ao contrário, defendiam o fortalecimento do poder central, o controle da magistratura, da polícia e o fortalecimento do poder moderador.

A partir de 1869 foi constituído o Partido Liberal, que apresentava um novo programa, e este compreendia os seguintes itens: a proposta de eleição direta nas maiores cidades (sem ainda a instalação do voto universal), um Conselho de Estado apenas administrativo, o fortalecimento das idéias de liberdade de consciência, de educação, de comércio, de indústria e a abolição gradual da escravidão, começando pela Lei do Ventre Livre⁷. Os liberais brasileiros continuavam lutando por uma maior descentralização política, mas introduziram novas reivindicações no que tange às liberdades civis, sociais e à participação política. Esta mudança no ideário liberal brasileiro pode ser percebida como uma consequência do desenvolvimento urbano e também do aumento do número de pessoas com educação superior.

⁷ A *Lei do Ventre Livre* ou *Lei Rio Branco* foi promulgada em 28/09/1871. Esta lei previa que, a partir deste momento, a criança nascida de mãe escrava seria livre quando completasse 08 anos de idade, momento no qual poderia ser entregue ao Estado, com indenização ao proprietário de sua mãe, ou poderia ser retida pelo mesmo até completar 21 anos de idade, como pagamento dos gastos dispendidos com a sua criação até então. A legislação era clara e previa que caberia ao Estado *educar* e ao senhor *criar*. Esta distinção mostra que a lei defendeu os interesses dos senhores de escravos, tirando-lhes qualquer responsabilidade quanto à educação. As primeiras crianças nascidas de ventre livre, chamadas *ingênuos*, mantidas pelos senhores de suas mães, não foram, em sua maior parte, contempladas pela lei, e só foram libertadas então com a abolição 17 anos depois, período anterior aos 21 anos previstos pela lei anterior.

A transformação mais interessante se deu em Minas Gerais. O liberalismo político do tipo clássico predominou na província enquanto esta permaneceu economicamente estagnada e enquanto seus principais líderes políticos provinham das regiões auríferas decadentes. Com o rápido desenvolvimento da economia cafeeira nas zonas sul e da Mata, o outro estilo de liberalismo, baseado na reivindicação de autonomia estadual, passou a predominar com efeitos negativos sobre a participação política. O conflito corporificou-se na luta pela transferência da capital do estado. A velha capital da área mineradora representava o poder da antiga elite liberal que os republicanos da região cafeeira queriam eliminar. (CARVALHO, 2003, p; 222)

O Partido Republicano fortaleceu-se com diversos membros oriundos do Partido Liberal, lutando contra a monarquia que consideravam como um empecilho ao desenvolvimento e à implantação de suas idéias.

Os republicanos foram fortes no Sul de Minas, principalmente na cidade de Campanha. Segundo Valladão (1940), nesta cidade, constituiu-se um Club Republicano em 1872, e publicava um jornal: *O Colombo* (1873- 1875), podendo ser considerado um dos primeiros periódicos republicanos brasileiros.

Para Boehrer (s/d) o Partido Republicano em Minas Gerais tinha como principal centro de suas idéias o Sul de Minas, considerando o fato que as idéias republicanas já estavam presentes na cidade de Campanha, durante a monarquia. Em 1888, a cidade abrigou o Primeiro Congresso Republicano Regional, tendo como organizador o chefe local do partido, o Dr. Francisco Honório Ferreira Brandão. Após a Proclamação da República, com a forte atuação republicana, Campanha conseguiu eleger cinco Deputados Federais e um Senador para a formação da Assembléia Constituinte Federal de 1890.

O caso do Sul é também interessante. Densamente povoado, com intensa produção agrícola (café com leite) e na época mais ligado econômica e culturalmente às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, o sul parece ter produzido mais futuros deputados (20% nascidos na região) do que nas outras regiões. Mas a estrutura de oportunidades políticas da região não podia oferecer carreiras políticas a todos os aspirantes nativos. Por outro lado, a proximidade da região com as Universidades de São Paulo e Rio

de Janeiro provavelmente facilitou a aquisição de características preferidas pelo “sistema” do PRM como critérios para recrutamento. Finalmente, cabe-nos mencionar que as regiões Sul e Mata sempre foram as mais bem representadas dentro da Comissão Executiva do PRM. (FLEISHER, 1982, p. 20)

A participação dos republicanos campanhenses na política nacional refletiu-se na educação local. Vários políticos foram professores (públicos ou particulares) na cidade. As suas relações no âmbito político refletiram diretamente nos recursos empregados nas escolas, nas contratações de professores, na manutenção de cargos e até no fechamento de instituições escolares. Soma-se às interferências políticas no ambiente escolar a força disciplinar do catolicismo presente na cidade. Esta força católica estava intimamente ligada ao fortalecimento das idéias ultramontanas em solo campanhense.

Os princípios ultramontanos: onde o papa é mais forte que o rei

Passa-se, neste item, a explicitar o discurso ultramontano, que fazia parte de uma estratégia da Igreja Católica. Do latim *ultramontanus*, o termo designou aqueles fiéis que atribuíam ao papa um importante papel na direção da fé e do comportamento do homem. Na Idade Média, o termo era utilizado quando se elegia um papa não italiano (portanto *além dos montes*). O nome tomou outro sentido a partir do reinado de Filipe, o Belo⁸, quando foram postulados, na França, os valores do galicanismo, onde era defendido o princípio da autonomia da Igreja francesa.

O nome ultramontano foi utilizado então pelos franceses, denominados galicanos, que pretendiam manter uma Igreja separada do poder papal. Eles aplicavam o

⁸ Rei da França entre 1285 e 1314. “...incentivou uma poderosa administração central em Paris, convocou os Estados Gerais, o que encorajou o sentimento de unidade nacional na França e exerceu firme controle sobre a Igreja francesa. Após a eleição do arcebispo Bertrand de Bordeús como Clemente V e sua posterior retirada para o vale do Ródano e Avignon, a influência monárquica francesa sobre o Papado tornou-se poderosa.” (LOYN, 1990, p.148)

termo ultramontano aos partidários das doutrinas romanas que acreditavam ter de renunciar aos privilégios da Gália em favor da *cabeça* da Igreja (o papa), que residia, neste caso, *além dos montes*. O ultramontanismo defendia, portanto, o pleno poder papal.

Com a Revolução Francesa⁹ as tendências separatistas do galicanismo aumentaram. Por outro lado, as idéias ultramontanas também se fortaleceram. Nas primeiras décadas do século XIX, devido a freqüentes conflitos entre a Igreja e o Estado em toda a Europa e América Latina, foram chamados de ultramontanos os partidários da liberdade da Igreja e de sua independência com relação ao Estado.

O ultramontanismo passou a ser referência para a maioria dos católicos dos diversos países, mesmo que isso significasse um distanciamento dos principais interesses políticos e culturais. Aparecia como uma reação ao mundo moderno e como uma orientação política desenvolvida pela Igreja, marcada pelo centralismo romano, o fechamento sobre si mesma e a recusa do contato com as novas idéias¹⁰ Os principais

⁹ “Quando eclodiu a Revolução, havia na França um ambiente propício a mudanças na estrutura eclesiásticas (...). A insatisfação entre os sacerdotes com as posturas e regalias dos Bispos, todos oriundos da nobreza, levou a um apoio imediato das reformas.

Desde o princípio houve a participação ativa dos eclesiásticos no encaminhamento dos princípios revolucionários: uma parte do clero aceitou desaparecer como ordem, renunciou a seus privilégios (direitos senhoriais e dízimos) e abandonou seus bens à nação, mostrando uma adesão incondicional à tese da igualdade de direitos. Essa harmonia de interesses, no entanto, começou a ser quebrada com a promulgação da Constituição Civil do Clero, fato que caracterizou definitivamente o domínio do poder político sobre o religioso e a ruptura com a Igreja Romana, cada vez mais identificada como a principal inimiga da Revolução e motivo dos mais acirrados debates públicos.” (CAES, 2002, p. 63-64)

¹⁰ “Em uma definição bastante esquemática, entende-se por catolicismo romanizado ou ultramontano aquele catolicismo praticado entre 1800 e 1960, nos pontificados de Pio VII a Pio XII, informado por um conjunto de atitudes teóricas e práticas, cujo eixo de sustentação se apoiava em: 1) reforço do tradicional magistério, incluindo-se a retomada do tomismo como única filosofia válida para o cristão aceitável para a Igreja; 2) condenação à modernidade em seu conjunto (sociedade, economia, política, cultura); 3) centralização de todos os atos da Igreja em Roma, decretando-se, para isso, a infalibilidade do Papa, no Concílio do Vaticano I, em 1870, de modo a reforçar a hierarquia, onde o episcopado foi bastante valorizado, submetendo todo o laicato ao seu controle; 4) adoção do medievo como paradigma de organização social, política e econômica. O objetivo dessa política era, de imediato, preservar a instituição em face das ameaças do mundo moderno e, a médio e longo prazo, recristianizar a sociedade, de modo a recolocar a Igreja como centro do equilíbrio mundial.” (MANOEL, 2004, p. 45)

documentos que expressam o pensamento centralizador do papa são as encíclicas de Gregório XVI (1831-1845), Pio IX (1846-1878), Leão XIII (1878-1903) e Pio XI (1922-1939).

O primeiro documento, a Carta Encíclica *Mirari Vos*, escrita pelo papa Gregório XVI em 14 de agosto de 1832, analisa a *crudelidade dos tempos* com relação à Igreja Católica. Critica a ciência que se *levanta atrevida*, menosprezando o culto divino. Diz ainda que o Vaticano é combatido tenazmente e acusa as idéias contrárias ao catolicismo que circulavam principalmente nas academias e liceus, e que *corrompem o coração dos jovens*. Tal *desrespeito* à religião católica seria o principal motivo da desordem pública, uma vez que consideravam que o poder político só poderia ser sustentado pelo poder religioso. Retomavam, então, neste início do século XIX, discussões do período medieval, nas quais diversos pensadores, principalmente eclesiásticos, pensavam que somente o pleno poder religioso poderia ser a sustentação do poder político pelo poder de Deus, a teocracia¹¹.

No século XIX, segundo Gregório XVI, toda autoridade emanaria de Deus e não poderia haver a separação entre a Igreja e o Estado, pois a primeira sustentaria o poder do segundo. Os governantes deveriam auxiliar a Igreja. Para corrigir os problemas do início do século, os bispos deveriam trabalhar unidos ao papado pela fidelidade e veneração. O papa determinou ser desnecessária e absurda qualquer restauração da Igreja, uma vez que a Instituição havia recebido a sua doutrina diretamente de Jesus Cristo e de seus Apóstolos. Defendeu também a continuidade do celibato clerical, a sacralidade, a indissolubilidade do

¹¹ Como considera Pacaut (1957), A Teocracia é característica da Idade Média, predominando- em alguns momentos mais forte e outros menos – nos acontecimentos ocorridos entre os séculos IX e XIV. A Teocracia pode ser definida como a doutrina segundo a qual a Igreja detem a soberania nos assuntos temporais. A Igreja, mais exatamente o papado, entende deter a soberania. DETER, quer dizer possuir, mas não exercer. Torna-se possível então presenciar a Igreja (principalmente o papado), procurando deter a soberania tanto religiosa quanto política. Não quer dizer, de maneira alguma, que o papa irá sentar-se no trono real e tomar as decisões de todos os atos políticos; mas quer dizer que ele irá dominar espiritualmente todos estes atos, pela dominação espiritual do rei. É o poder religioso que dá sustentação ao político.

matrimônio e a salvação da alma somente pela religião católica. Combatia a liberdade de opiniões, de ensino e as inovações¹². Voltando-se às idéias do tempo da Contra-Reforma (século XVI), considerou a liberdade de imprensa uma *monstruosidade*, responsável por assediar e disseminar pensamentos impuros entre os fiéis.

Ao combater o período moderno e suas idéias, a Igreja apontava o período medieval como um modelo a ser seguido. Este período considerado como ideal foi caracterizado principalmente por um controle da educação pela Igreja Cristã¹³. O mundo moderno se constituía então um grande perigo para a salvação da alma, pois fundamentava-se principalmente na liberdade (de pensamento, social e política). Era um mundo que não obedecia aos preceitos católicos e ao controle da Igreja. Tal controle só retornaria com a implantação e aceitação dos princípios ultramontanos e, principalmente, pela recuperação do controle do sistema educacional.

Como a Igreja enfrentava a oposição do pensamento racional e científico em todos os terrenos, o magistério passou a estabelecer e precisar as interpretações católicas sobre a totalidade da realidade humana e natural, gerando uma doutrina que arbitrava sobre todas as questões, definindo os padrões a serem conhecidos e obedecidos pelos católicos. (CAES, 2002, p. 72)

¹² “Viola-se a obediência devida aos bispos, conculcando-lhes os direitos. As academias e as escolas ecoam horrivelmente as monstruosas novidades de opinião, com as quais não mais de modo oculto e com secretas ameaças se ataca a fé católica, mas abertamente e sob olhares de todos move-se horrível e nefanda guerra. Afinal, corrompido o espírito dos jovens alunos pelos ensinamentos viciados e pelos maus exemplos dos mestres, espalhou-se o desgaste da religião e os costumes perveteram-se. Sacudido assim o freio da santa religião, que é a única responsável por manter de pé os reinos e a força da autoridade de cada domínio, vê-se aumentar a subversão da ordem pública, a decadência dos principados e a dissolução de toda e legítima potestade. Mas tão grande acúmulo de desventuras deriva de modo especial da conspiração daquelas sociedades nas quais parece ter-se recolhido, como em imunda fossa, quanto há de mais sacrílego, abominável e ímpio nas heresias e nas piores seitas.” (Gregório XVI, *Mirari Vos* .apud COSTA, 1999, p. 28)

¹³ “... Além de instituição que oferecia serviços religiosos, além de Estado Nacional, além de exercer suserania sobre imensas regiões européias, além de atuar decisivamente na própria administração imperial, avocava a si o privilégio de monopólio do saber. Em outros e mais simples termos, a Igreja se constituiu no centro de equilíbrio da Europa medieval e moldou o mundo feudal à sua imagem e semelhança...” (MANOEL, 2004, p. 116)

Além dos princípios medievais, o ultramontanismo também retomava os pontos traçados no Concílio de Trento (1545 – 1563)¹⁴, marco da Contra-Reforma. Este Concílio foi importantíssimo para traçar os rumos da Igreja Católica contra o protestantismo e também os caminhos da luta contra a perda dos fiéis. O Concílio tridentino condenou a doutrina protestante e proibiu a intervenção dos príncipes nos negócios eclesiásticos. Manteve os sete sacramentos, o celibato clerical e a indissolubilidade do matrimônio, o culto dos santos e das relíquias, como também recomendou a criação das escolas para a preparação daqueles que quisessem ingressar no clero (os seminários). A parte mais importante do documento pode ser considerada a reafirmação da supremacia do papa¹⁵. No século XVI, os representantes da Igreja já não detinham mais o poder superior sobre as questões políticas como acontecera nos séculos anteriores¹⁶; agora, defendiam-se contra as

¹⁴ Este Concílio teve três períodos: a primeira reunião aconteceu entre 1545 e 1547; a segunda entre 1551 e 1552; e a terceira entre 1562 e 1563. As quebras nas discussões conciliares aconteceram devido a problemas políticos do papado com os príncipes italianos e às mortes dos papas. Foram papas neste período, responsáveis pelas 3 reuniões conciliares, sucessivamente: Paulo III, Júlio III e Pio I

¹⁵ O papa julgava-se detentor da herança petrina, buscando a justificativa de seu poder na Bíblia: “E eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares sobre a terra, será ligado também nos céus; e tudo o que desatares sobre a terra, será desatado também nos céus.” (Mateus. 14, 18-19)
No final da antiguidade e ao longo de toda a Idade Média os chefes religiosos de Roma lutaram por afirmar primeiramente a sua superioridade sobre os demais bispos da Igreja Católica. Depois justificaram o seu poder sobre todos os fiéis, inclusive os monarcas. Como o papa julgava-se detentor da herança petrina, ele também julga-se possuidor deste poder de atar e desatar, arbitrando sobre todas as coisas terrenas que teriam reflexo nas coisas celestes. Com o início do fortalecimento do poder real e com vários autores discutindo sobre a questão da divisão dos poderes tanto espiritual quanto político, a Igreja tentou reafirmar-se no movimento da Contra- Reforma como a única religião cristã e defendendo a supremacia do papa sobre todos os fiéis. (Pacaut, 1957 ; Ulmann , 1971)

¹⁶ Inocêncio III (1198 – 1216) pode ser considerado como o papa que mais interferiu nas questões políticas de seu tempo. Declarava a sua supremacia da seguinte forma: “Deus criador do universo fixou duas grandes luminárias no firmamento do céu; a luminária maior para dirigir o dia e a luminária menor para dirigir a noite. Da mesma maneira, para o firmamento da Igreja universal, como se tratasse do Céu, nomeou duas grandes dignidades; a maior para tomar a direção das almas, como se estas fossem os dias, a menor para tomar a direção dos corpos, como se estas fossem as noites. Assim como a lua deriva a sua luz da do sol e na verdade é inferior ao sol tanto em quantidade como em qualidade, em posição como em efeito, da mesma maneira o poder real deriva o esplendor de sua dignidade da autoridade pontifícia: e quanto mais intimamente se lhe unir, tanto maior será a luz com que é adornado; quanto mais prolongar (essa união), mais crescerá em esplendor...” (citado por PEDRERO - SANCHEZ, 2000, p. 135)

interferências do poder político sobre o religioso e declaravam a supremacia do papa sobre todos os fiéis. Dessa forma, solicitavam aos chefes políticos que auxiliassem no combate às heresias¹⁷:

... Adverte o Imperador, aos Reis, Repúblicas, Príncipes e a todos e a cada um de qualquer estado e dignidade que sejam, que na proporção que mais amplamente gozem de bens temporais e de autoridade sobre outros, com tanta maior religiosidade venerem o quanto é de direito eclesiástico como o que é peculiar do próprio Deus, e está sob seu patrocínio, sem que sejam permitidas que lhe prejudique quaisquer Barões, Potentados, Governadores, nem outros senhores temporais, ou magistrados e principalmente seus próprios ministros, mas, pelo contrário, procedam severamente contra os que impeçam sua liberdade, imunidade e jurisdição, servindo-lhe eles mesmos de exemplo para que tribuem veneração religião e amparo às igrejas, imitando nisto aos melhores e mais religiosos Príncipes seus predecessores, os quais não somente aumentaram com perfeição os bens da Igreja com sua autoridade e liberdade, mas que também que os vingaram das injurias de outros. Portanto, cuide cada um, neste ponto, com esmero do cumprimento de sua obrigação, para que com isto se possa celebrar devotadamente o culto divino e permanecer os prelados e demais clérigos em suas residências e ministérios com quietude e sem obstáculos, com fruto e edificação do povo.(...) Atualmente o Santo Concílio declara que todas e cada uma das matérias que foram estabelecidas sob quaisquer cláusulas e palavras neste sacrossanto Concílio sobre a reforma de costumes e disciplina eclesiástica, tanto no pontificado dos sumos Pontífices Paulo III e Júlio III de feliz memória, quanto neste do beatíssimo Pio IV, estão decretadas em tais termos que **sempre fique salva a autoridade da Sé Apostólica** e se entenda o que fica. (grifo meu, Concílio de Trento, 1563)

Pensando nas necessidades de sua época – o século XIX – o papa Pio IX (1846-1878) defendeu sempre o controle da ciência, da educação e da cultura nos Estados Papais, e resistiu vigorosamente às exigências de criação de um governo constitucional e ao movimento de unificação da Itália. Em 1864, publicou a encíclica *Quanta Cura*

¹⁷ A *Enciclopédia Católica* considera como heresia uma doutrina que contradiz diretamente uma verdade revelada e, como tal, proposta pela Igreja aos fiéis. No século XVI, então, todos os protestante eram considerados heréticos pela Igreja Católica.

acompanhada de uma lista condenatória de *oitenta erros*, entre os quais a crença de que o próprio papa deveria se reconciliar com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna. É considerado como o triunfo da doutrina ultramontana o Primeiro Concílio do Vaticano (1869-70) no qual o referido papa proclamou a sua *infallibilidade*¹⁸. Ainda durante o seu papado, o poder temporal ficou diminuído quando, a partir de 1860, o novo Reino da Itália absorveu todos os territórios dos Estados Papais com exceção de Roma. Este poder temporal terminou definitivamente quando, em 1870, após a queda de Napoleão III, as tropas francesas que protegiam o domínio papal se retiraram e a cidade de Roma se tornou capital de uma Itália unida. Pio IX recusou-se a assinar o *Acto Parlamentar* de 1871, que definia as relações entre o Papado e o governo italiano, retirando-se, então, para o Vaticano. Ali permaneceu até a sua morte, em 7 de Fevereiro de 1878, considerando-se como um *prisioneiro na sua cela*. O mesmo fizeram os seus sucessores até a conclusão do estatuto da Cidade do Vaticano, em 1929. Este período de reclusão papal foi muito importante para gerar novos documentos e fortalecer as idéias ultramontanas.

O avanço do papa

O discurso ultramontano foi difundido em diversos lugares. No Brasil, no

¹⁸ “...Por isso Nós, apegando – nos à Tradição recebida desde o início da fé cristã, para a glória de Deus, nosso Salvador, para exaltação da religião católica, e para a salvação dos povos cristãos, com a aprovação do Sagrado Concílio, ensinamos e definimos, como dogma divinamente revelado que o Romano Pontífice, quando fala *ex cathedra*, isto é, quando, no desempenho do ministério de pastor e doutor de todos os cristãos, define com sua suprema autoridade apostólica alguma doutrina referente à fé e à moral para toda a Igreja, em virtude da assistência divina prometida a ele na pessoa de São Pedro, goza daquela infalibilidade com a qual Cristo quis munir a sua Igreja quando define alguma doutrina sobre a fé e a moral; e que, portanto, tais declarações do Romano Pontífice são por si mesmas, e não apenas em virtude do consenso da Igreja, irreformáveis.” (Concílio Vaticano I, Sessão IV, capítulo III).

período que vai da questão dos Bispos¹⁹ até a proclamação da República, a Igreja investiu na formação e reformulação dos quadros clericais, no incentivo à catequese e na criação de novas associações devocionais católicas²⁰.

Em Minas Gerais, o bispo de Mariana, o padre lazarista Dom Antônio Ferreira Viçoso, que governou entre 1844 e 1875, foi o responsável por iniciar o movimento de reforma do clero mineiro nos moldes do ultramontanismo, tendo ordenado o total de 318 sacerdotes seculares ao longo de seu governo (BEOZZO, 1983). Dom Viçoso pretendia combater o regalismo, que caracterizava a maioria do clero mineiro.

Não se pode negar que a ingerência do poder temporal sobre o espiritual configurava à Igreja, no Brasil, traços acentuadamente laicos: leigo na evangelização, feita na família ou por indivíduos; no governo, mediante o padroado; na administração, pelas irmandades e ordens terceiras; na assistência social, pelas casas de misericórdia; nas devoções, por seu caráter privatizado. Nas Minas, a proibição régia de estabelecimento de religiosos regulares, por considerá-los potenciais agentes de contrabando – dada a existência de uma rede de casas religiosas no Brasil e no exterior –, restringia a presença de padres apenas aos que exerciam efetiva função eclesiástica. Tal critério acabou por fortalecer a importância das associações leigas....(MUNIZ, 2003, p. 127)

¹⁹ Também tratada pela historiografia como *Questão Religiosa* (1870-1875). Em 1871, seguindo os princípios ultramontanos, o Vaticano impôs regras rígidas de doutrina e de culto e condenou as sociedades secretas. Os bispos brasileiros, acatando as novas diretrizes, determinaram a expulsão dos maçons das irmandades católicas e passaram a exigir mais disciplina moral e canônica do clero. Vários políticos influentes no Império pertenciam à maçonaria. Se a maçonaria tinha poder político, a Igreja tinha autoridade e presença religiosa, fortalecidas pela condição privilegiada do catolicismo como religião oficial do império. O conflito real começou em 1872, quando o padre Almeida Martins foi suspenso de suas funções no Rio de Janeiro por causa de um discurso em uma loja maçônica. Logo em seguida, os bispos de Olinda e de Belém do Pará, Dom Vital e Dom Macedo Costa, tomaram atitudes semelhantes, mandando fechar as irmandades que ainda aceitavam membros maçons. Os bispos foram então processados pela justiça, convocados ao Rio de Janeiro e condenados a quatro anos de prisão. Depois da suspensão das punições eclesiásticas aplicadas aos maçons, a pena dos bispos foi reduzida e eles foram anistiados. Esse conflito abalou as relações entre o Império e a Igreja e contribuiu para enfraquecer ainda mais a monarquia.

²⁰ “Trabalhadas sob a mentalidade reformista, as devoções – novas e antigas – foram substituindo o *modus orandi* das velhas irmandades, cujas festas, oragos e rezas haviam expressado a experiência religiosa colonial.” (MUNIZ, 2003, p. 154)

Ainda segundo Muniz (2003), muitos sacerdotes mineiros adotavam um comportamento laico. Devido ao sistema do padroado eram, na maioria das vezes, mais funcionários do governo do que pastores da Igreja, complementando seus vencimentos com outras atividades, trabalhando como fazendeiros, advogados, comerciantes, professores e políticos²¹.

Pelos princípios ultramontanos, cabia ao bispo D. Viçoso trazer os párocos para dentro da Igreja e torná-los mais preocupados com as questões da fé e do Vaticano. Quanto aos leigos, já que predominava uma população de fiéis em sua maioria analfabetos, o seu trabalho centrava-se na intensificação das atividades pastorais, catequéticas e educacionais. A reforma do clero em Minas Gerais teve início, então, em 1856, com a recuperação do Seminário de Mariana e, posteriormente, com a criação do Seminário Episcopal de Diamantina (1869). A preocupação com os fiéis traduziu-se principalmente na implantação de escolas confessionais. D. Viçoso criou ou reformou colégios masculinos (Caraça, Congonhas do Campo e Campo Belo) e trouxe freiras francesas vicentinas para instalar os colégios femininos – Providência (Mariana), Nossa Senhora das Dores (Diamantina) – e também reformulou o estatuto do Recolhimento de Macaúbas.

Como havia uma proibição da Coroa de que as ordens religiosas pudessem abrir conventos e mosteiros na região das minas e diamantes, Minas Gerais e Goiás não tiveram uma presença marcante do clero regular durante o período colonial e parte do imperial. A presença religiosa mais importante em Minas Gerais no século XIX foi a dos lazaristas, exercendo a direção do Colégio do Caraça e os encargos da formação do clero diocesano em Mariana e Diamantina. A vertente feminina dos lazaristas foi a Congregação

²¹ Em, 1877, os clérigos recebiam do poder imperial os seguintes salários: arcebispo, 4:800\$; bispo, 3:600\$; cônego, 1:200\$; monsenhor, 2:000\$; pároco, 600\$. (...) Neste momento havia no Brasil: 01 Arcebispo (Bahia), 11 Bispos e 2.087 párocos e coadjutores. (CARVALHO, 2003, pp. 147 - 155)

De São Vicente de Paula²², sendo que a instalação tanto dos lazaristas quanto das vicentinas em Minas Gerais foi amplamente incentivada por D. Viçoso.

Dentro dos seus princípios ultramontanos, D. Viçoso realizou ainda um trabalho de visitas pastorais às paróquias da diocese. Esteve em Campanha provavelmente em 1848 como relata em *Minhas recordações* Francisco de Paula Ferreira de Rezende²³:

... foi a primeira visita que fez àquela cidade o bispo de Mariana, D. Antonio Ferreira Viçoso; visita esta, cuja data precisa não posso agora de momento determinar; mas que me parece quase certo ter tido lugar pelos meados mais ou menos do ano de 1848.

(...) havendo muitíssimos anos já, que na Campanha não se via um Bispo; e sendo até mesmo possível que nenhum ali tivesse jamais aparecido; agora afirmo de ver-se aquele que ali se vinha apresentar ou então para se crismar, bem poucos foram aqueles que de perto ou que de longe não concorressem para aquela festa.

(...) durante todo o tempo, que na Campanha se conservou, nunca deixou de ir todos os dias duas vezes para a matriz, indo sempre revestido de uma espécie de capa muito comprida, cuja cauda era conduzida por uma das principais pessoas da cidade; e que não só ali crismava e celebrava outros atos religiosos; mas que ainda nunca deixava cada dia de ali pregar uma vez pelo menos. Os seus sermões nada tinham de pomposos e até nem mesmo de peças mais ou menos literárias; mas na realidade quase que não passavam de uma simples prática ou de uma espécie de conversação com os seus ouvintes; mas ao passo que essa conversação era feita em uma linguagem tão chã, que não havia ninguém que a não compreendesse; ao mesmo tempo, havia na sua voz, no seu ar e em toda a sua pessoa, uma tal unção, e ao mesmo tempo, um não sei que de ingenuidade, que ninguém havia, que não se deixasse convencer-se ou comover-se; ou que em todo caso não o ouvisse com um verdadeiro encanto. Já então D. Antonio

²² “Das novas Congregações com vida ativa, ocupando-se do ensino e dos hospitais, havia as Irmãs de São Vicente de Paula com três casas na Bahia, 07 no Rio de Janeiro, 01 em Pernambuco e 03 em Mariana. Tendo chegado ao Brasil em 1849, oito anos depois eram as que maior número de casas possuíam, 14 num total de 30 casas para todas as congregações, ou seja, 46,6% do total.” (BEOZZO, 1983, p. 102)

²³ O Comendador Ferreira de Rezende (1830-1889), nascido em Campanha, escreveu no final de sua vida (1887) um livro que narra com detalhes alguns momentos muito importantes de sua vida. Dentre estes momentos, estão os relatos acerca da presença do Bispo D. Viçoso e as suas impressões sobre o clero da época.

Viçoso gozava de uma grande fama de virtudes; mas só foi quando essas virtudes foram de alguma sorte confirmadas por tantos anos de episcopado, que ele tornou-se para todos, não simplesmente um homem respeitado e mesmo venerado, porém alguma coisa como um verdadeiro santo. (REZENDE, 1987, pp. 341-342)

Ainda segundo Rezende, parece que as palavras de fácil entendimento de D. Viçoso surtiram efeito entre os campanhenses. Os princípios do ultramontanismo foram implantados com êxito no solo sul - mineiro, pois, em outro trecho de seu livro, faz uma comparação entre o clero do período de sua infância (década de 1830) com o clero de sua velhice (década de 1880) e constata:

... entretanto, que hoje, que os padres e que sobretudo os bispos, são os primeiros talvez e a não acreditarem lá muito naquilo que ensinam, não só vão cada vez mais combatendo a liberdade debaixo de todas as suas formas, mas ainda vão trocando cada vez mais a própria pátria por uma pátria de pura fantasia ou de simples convenção; de sorte que para os padres daquele tempo, assim como para toda a nação o que estava sempre em primeiro plano era a pátria e só depois é que aparecia o papa; entretanto que para os padres de hoje a pátria vai se afastando tanto para trás e **o papa avançando tanto para adiante**; que em breve aquela desaparecerá inteiramente dos seus olhos, e que eles não verão a pátria senão onde residir o papa, ou que então eles nada serão do que **simples soldados do papa**. (grifos meus, REZENDE, 1987, pp. 125-126)

Em Campanha, pode-se considerar como os principais *soldados do papa* os irmãos e também padres, José Theóphilo Moinhos de Vilhena e Paulo Emílio Moinhos de Vilhena. Os religiosos pertenciam a uma família politicamente importante na região e viveram por muitos anos na cidade, dominando a religião local na segunda metade do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX. Foram responsáveis, entre outras coisas, pela campanha de implantação do bispado na cidade e por arregimentar a população local para a Igreja, seguindo os preceitos do ultramontanismo.

Para difundir os princípios católicos na cidade, o padre José Theophilo Moinhos de Vilhena fundou a *Associação Catholica* no ano de 1874. A *Associação* discursava em conformidade com os princípios ultramontanos e congregava pessoas da

elite local. Alguns membros desta Associação foram responsáveis pela posterior instalação do Colégio Nossa Senhora de Sion na cidade. No jornal campanhense *Monitor Sul Mineiro*, encontra – se o seguinte relato sobre esta Associação:

...Em tempos normaes não fora preciso reunirem-se os homens de fé e crença religiosa; no sanctuario do coração, no gremio da famillia eráo esses sentimentos conservados em toda sua puresa e intensidade; quando, porém, governo e povo procuráo perturbar a paz de nossas consciencias e combater crenças herdadas de nossos maiores; quando se trata de firmar principios subversivos de verdades eternas em que fomos creados, cumpre aos que possuem fé viva e profunda crença religiosa reunirem – se para lutarem contra falsos apóstolos.(...)

Bem inspirado foi o distincto vigario da Campanha, quando se lembrou de fundar aqui essa associação, á exemplo de outras povoações que não podem ser collocadas acima desta cidade quanto a moralidade e espirito religioso.(...)

Já que falta essa protecção ergão-se os homens em defeza dos dogmas e principios da religião que seguimos, e que estranho poder parece querer regular; e se não lhes for permitido mais que um protesto contra tão revoltante invasão, protestem todos collectivamente, e na expansão que deve haver entre os membros de uma associação, que não visa outros bens que não aquelles de que se gosa no céu, consolem-se mutuamente, animados todos pela esperança de que quer assoberbar-nos, e que contra a igreja de Jesus Christo não prevalecerão as portas do inferno. (*Monitor Sul Mineiro*, 15/08/1874, p. 01)

O fortalecimento do discurso ultramontano ligado à educação feminina

O discurso ultramontano foi se intensificando ao longo do século XIX, com o combate ao mundo moderno, e tal fenômeno aconteceria com a censura da imprensa, da

edição de determinados livros e, principalmente, pela educação²⁴. A educação de meninas e jovens fazia parte dos conceitos elaborados pela Igreja Ultramontana, pois as alunas poderiam ser, posteriormente, educadoras dos filhos e da sociedade conforme os princípios do catolicismo. Era, portanto, uma forma de preparação de agentes sociais.

A Igreja desenvolvia, portanto, uma estratégia de que podemos denominar de “teoria dos círculos concêntricos”: da mãe cristã para filhos cristãos; de filhos cristãos para famílias cristãs; das famílias cristãs para a sociedade cristã. Com isso, esperava-se, em breve tempo, recristianizar toda a sociedade moderna. (MANOEL, 1996, p. 49)

Assim, o projeto educacional ocorreria nas escolas implantadas pelas diversas Congregações que aqui chegaram, principalmente ao longo da segunda metade do século XIX. Para Manoel (1996), a vinda das freiras para o Brasil se constituiu em uma etapa de um planejamento bem elaborado e em escala mundial do ultramontanismo. A necessidade de implantação das escolas confessionais não se restringia somente aos vultosos recursos financeiros arrecadados, mas também em afastar os educandos das idéias modernas e das propostas de ensino leigo. Particularmente no caso da educação feminina, o discurso ultramontano ia ao encontro dos anseios da oligarquia brasileira.

Segundo este mesmo autor, no Brasil do século XIX as idéias católicas apresentavam uma determinada concepção de sociedade, poder político e relações familiares que eram convenientes à forma de vida da oligarquia brasileira. Mesmo que a educação liberal reforçasse o caráter individualista e o civismo como forças para a implantação de uma Nação, a educação católica não fugia aos interesses da oligarquia, já que esta sempre ensinou ao católico ser ordeiro, obediente e respeitador da ordem

²⁴ “O controle do sistema de ensino foi fundamental para a Igreja. Isto porque, para a implantação da romanização no Brasil, não bastavam as práticas relativamente difusas dos sermões, das atividades missionárias ou dos periódicos católicos. Era preciso educar a infância e a juventude, porque, se à Igreja não era possível controlar toda a produção do saber e subordinar à sua doutrina todas as novas idéias, o controle do sistema educacional lhe permitiria forjar os jovens nas suas concepções de homem, sociedade e natureza, bem como selecionar o que deveria ser ensinado, evitando-se a difusão das idéias contrárias ao pensamento ultramontano” (CUNHA, 1999, p. 33)

constituída²⁵. A expansão da rede escolar católica no Brasil só foi possível com a aliança entre a Igreja conservadora e a oligarquia.

Essas ligações foram possíveis porque a oligarquia não pretendeu, de fato, a modernização – pretendeu, sim, avanços naquilo que pudesse significar aumento de produtividade (máquinas, ferrovias, bancos, trabalho assalariado) ou reordenações no âmbito político, mas não via com bons olhos as novas idéias de liberdade, igualdade, profissionalização feminina. O aliado dessa oligarquia conservadora só poderia ser o catolicismo conservador. (MANOEL, 1996, p; 15)

A partir de 1850, as autoridades públicas passaram a defender a completa liberalização do sistema escolar, retirando do Estado as responsabilidades da Educação e transferindo tal responsabilidade para a iniciativa privada²⁶. Já que o investimento das

²⁵ Paralelo ao discurso ultramontano, percebe-se também a influência das idéias positivistas no ensino eminino. Enquanto o catolicismo propunha a educação feminina para garantir o equilíbrio familiar, os positivistas previam tal equilíbrio, mas garantiam que as mulheres não possuíam grande discernimento e desenvolvimento intelectual.

“Assim, Comte, tal como grande parte dos filósofos do século XIX, preocupou-se com a questão da condição da mulher; diferentemente dos demais, no entanto, ele vai mais longe e assume uma posição original: concebe o elemento feminino como radicalmente inepto para o governo, mesmo o doméstico, em virtude da “espécie de estado infantil contínuo” que caracteriza esse sexo; ao mesmo tempo, porém, assinala-lhe um lugar na ordem espiritual, em razão de sua supremacia moral. Nesse sentido, seja pela incapacidade física, seja pela superioridade moral da mulher, o espaço doméstico só lhe poderia ser confiado nos núcleos da esfera privada (a família e a casa) e seu poder social limitar-se-ia a uma atuação indireta, mais voltada para a coordenação da opinião pública.

Essa participação da mulher no poder social, embora intimamente relacionada a sua peculiar natureza não constitui uma atribuição específica do elemento feminino. As mulheres, juntamente com os proletários, devem participar apenas do órgão encarregado de formar e de vigiar a sustentação moral da sociedade, ou seja devem partilhar o poder espiritual do conjunto social. E por terem o “privilégio” de participarem nessa esfera da sociedade, as mulheres, tal como o proletariado necessitam de uma proposta educacional que os habilite a bem desempenharem suas funções morais e, assim, cooperem para a ordem e o progresso sociais.” (CARVALHO, 1991, p.09)

²⁶ Para Ribeiro (2001), a década de 1850 deve ser vista como um período de férteis realizações, embora restritas à Corte. Dentre as realizações estariam: a criação da Inspetoria Geral da Instrução Primária e Secundária no Município da Corte, com a intenção de fiscalizar e orientar o ensino público e particular; e o estabelecimento de normas para o exercício da liberdade de ensino. Em 1854 o imperador Pedro II aprovou a Lei da Liberdade de Ensino. Previa a fiscalização do ensino particular que propiciou o aumento do número de escolas desta natureza, já que ainda era reduzido o número de escolas públicas.

províncias na educação era muito pequeno, a solução encontrada pela elite para educar suas filhas era contratar professores para atender às jovens em suas próprias residências ou enviá-las para estudar nos primeiros colégios internos. Tais Colégios eram mantidos, na maioria das vezes, pelas diversas congregações católicas que aqui chegaram na segunda metade do século XIX. Este modelo de Colégio era importante principalmente para as meninas, pois seriam retiradas do convívio familiar e educadas dentro dos novos princípios religiosos.

A necessidade de educação feminina passou então a ser discutida com mais força, mas não estava dentro de uma perspectiva de preparação e instrumentalização destas para ganhar o espaço público. Continuava ainda dentro da perspectiva de prepará-las para o casamento, mas enquadrava-se à necessidade de educá-las nos moldes formais para capacitá-las dentro das novas regras de um mundo urbanizado. Para Muniz (2003), ocorreu a ampliação do espaço sociabilizado para a mulher, implicando uma ruptura com a prática anterior de confinamento doméstico e ocasionando a prática de mulheres integradas à sociedade dentro do contexto de afirmação de um Estado Nacional.

Na realidade, o fim último da educação era preparar a mulher para atuar no espaço doméstico e incumbir-se do cuidado com o marido e os filhos, não se cogitando que pudesse desempenhar uma profissão assalariada. A mulher educada dentro das aspirações masculinas seria uma companhia mais agradável para o homem que transitava regularmente no espaço urbano, diferentemente do período colonial com seu recolhimento e distanciamento do espaço de sociabilidade. (ALMEIDA, 1998, p. 19)

Anteriormente, entre a conquista do território e a Independência do Brasil, de 1500 a 1822, a educação feminina estava restrita, na maior parte das vezes, em adquirir a aprendizagem dos cuidados com a casa, com o marido e com os filhos. Tanto as brancas, quanto as negras e as indígenas não tinham acesso à leitura ou à escrita, salvo alguns casos particulares. Algumas índias conseguiram alfabetizar-se dentro da obra de catequização jesuítica. No século XVI, o Padre Manuel da Nóbrega solicitou à Rainha Dona Catarina, de Portugal, que as índias pudessem receber as primeiras letras, acreditando que estas teriam

um melhor contato com os seus maridos portugueses, moralizando e cristianizando assim o território a ser conquistado. A Rainha negou o pedido alegando que, até em Portugal, poucas mulheres eram letradas, conhecendo somente o básico, destinado aos livros de rezas.

Algumas mulheres brancas, filhas das famílias mais abastadas, podiam educar-se em conventos portugueses. Esta era a única alternativa educacional no início da Colônia e servia também como uma forma para fugir de pais e maridos indesejáveis. Em 1678, permitiu-se a instalação do convento Santa Clara do Desterro, na Bahia, primeiro do período no Brasil²⁷. Outros foram abertos com o intuito de oferecer uma educação na colônia portuguesa, diminuindo assim o número de meninas que viajavam para instruir-se na metrópole.

Os conventos eram considerados alternativas para os pais *trancarem* as suas filhas e esposas indesejáveis. Muitas das enclausuradas fugiam. Aquelas que ficavam, percebiam que ali poderia ser um espaço onde conseguiriam viver sem a dominação masculina e educar-se formalmente; algumas chegaram inclusive a administrar os bens de suas respectivas Instituições. A condição econômica de cada uma estabelecia a posição social dentro do convento. A educação para as alunas que não seguiriam o caminho devocional era restrita ao ensino de boas maneiras, prendas domésticas e catequese.

²⁷ Segundo Azzi e Rezende (1983), não interessava ao governo português no período colonial, a existência de mulheres celibatárias no Brasil, pois existia um número pequeno de mulheres lusitanas nas terras coloniais e estas deveriam ser direcionadas para o casamento. Por outro lado, o convento era uma necessidade para diversos pais da colônia, sendo considerada como uma opção honrosa para as filhas não casáveis, custando um dote bem menor. As vagas nos primeiros conventos femininos na colônia foram disputadas pelas famílias mais abastadas.

Para Alves (1974), as ordens femininas foram mais lentas a aparecer no Brasil. As primeiras freiras foram as clarissas, vindas de Évora e chegaram na Bahia em 1677. No fim do Império haviam 07 congregações femininas no Brasil, todas contemplativas, com exceção das irmãs de São Vicente de Paulo. Estas se ocupavam de orfanatos, asilos, leprosários, como também das escolas femininas.

A educação feminina também podia acontecer dentro das casas, com professores particulares contratados especificamente com o intuito de instruir os filhos(as) dos senhores. Mas a grande maioria das mulheres permanecia reclusa em suas casas, sem nenhum contato com uma educação formal. Havia uma herança portuguesa de reclusão feminina.

...Se, na Colônia, as meninas/ mulheres deveriam ser resguardadas ao máximo da convivência heterossexual, no Império, principalmente na sua primeira metade, o quadro pouco se modificou. Aquelas, cujas mães eram “capazes de lhes dar doutrina”, ou cujas famílias podiam arcar com as despesas de um mestre particular, aprendiam as primeiras letras sob o olhar vigilante dos responsáveis. O que resultou, na prática, no número reduzidíssimo de meninas que aprenderam precariamente a ler, escrever e contar e algumas noções da doutrina cristã. (MUNIZ, 2003, p. 142)

Somente em 15 de outubro de 1827²⁸ formalizou-se a educação para o sexo feminino com a implantação das escolas de *Primeiras Letras*, outorgando o direito de nomear pelos Presidentes de Província mestras de meninas que demonstrassem dignidade para o ensino, para as artes de coser e de bordar. O ensino da aritmética era restrito às quatro operações e excluía a geometria²⁹. O ensino também deveria ser separado entre meninas e meninos e necessitava-se capacitar professoras com a criação e implantação de Escolas Normais.

²⁸ ““(…) As mulheres carecem tanto mais de instrução, porquanto são elas que dão a primeira educação de seus filhos. São elas que fazem os homens bons e maus; são as origens das grandes desordens, como dos grandes bens; os homens molduram a sua conduta ao sentimento delas.(…)” (Brasil. Lei da Instrução Pública, 15 de outubro de 1827. Citado por MUNIZ, 2003, p. 166.)

²⁹ Na província de Minas Gerais as escolas primárias para o sexo feminino foram instituídas pela Lei no. 13, de 28 de março de 1835. “O governo poderá também estabelecer escolas para meninas nos lugares em que houver escolas do segundo grau, e em que atenta à população, puderem ser freqüentados por 24 alunos pelo menos.” (P. MOACYR, 1940, p. 65)

O período que compreende o final do século XIX e início do século XX ofereceu maiores oportunidades ao sexo feminino, dentro da perspectiva de aumento da escolarização. Se por um lado havia uma política de concessões de uma escolarização feminina por parte dos poderes (político e religioso) envolvidos pelo universo masculino, por outro lado havia um movimento de reivindicações, lutas e resistências por parte do universo feminino. Estas reivindicações acarretaram o fortalecimento da instrumentalização feminina para uma carreira específica: o magistério infantil.

O magistério primário, como ocupação essencialmente feminina revelada já nesse período, possibilitou às mulheres, notadamente da classe média que se alicerçava no panorama socioeconômico do país, a oportunidade para ingressar no mercado de trabalho. A oportunidade de aliar ao trabalho doméstico e à maternidade uma profissão revestida de dignidade e prestígio social fez que “ser professora” se tornasse extremamente popular entre as jovens e, se, a princípio, temia-se a mulher instruída, agora tal instrução passava a ser desejável, desde que normatizada e dirigida para não oferecer riscos sociais. Ensinar crianças foi, por parte das aspirações sociais, uma maneira de abrir às mulheres um espaço público (domesticado) que prolongasse as tarefas desempenhadas no lar – pelo menos esse era o discurso do período. (ALMEIDA, 1998, p. 28)

Aliava-se às aspirações masculinas em ter uma esposa educada e ao desejo feminino de educar-se, a necessidade da Igreja de arregimentar as mulheres como um alicerce seguro para as suas ações ultramontanas. Somam-se à necessidade de educação feminina por parte da sociedade, as idéias ultramontanas e também a política desfavorável ao ensino público, o que acarretou o incentivo das instituições confessionais femininas no Brasil. A educação feminina fortalecia-se como um instrumento de reorganização da Igreja Católica dentro dos princípios deste novo mundo moderno.

Na destruição da velha ordem escravista colonial, na eliminação dos laços de compadrio da anterior ordem patrimonial, substituída pela ordem capitalista competitiva, com um estado liberal e não intervencionista, a religião e, dentro dela, as religiosas desempenharão papel cada vez mais relevante: o de curar todas as mazelas resultantes da exploração capitalista do trabalho, destituída de qualquer contrapartida social. (BEOZZO, 1983, p. 103)

Segundo Manoel (1996) as primeiras freiras que chegaram em São Paulo com o intuito educacional, foram as Irmãs de São José de Chamberry, no ano de 1859. Estas freiras introduziram em São Paulo a *fórmula do internato*. Era necessário retirar as alunas da vida cotidiana para que absorvessem as normas e os preceitos do ultramontanismo sem interferências. Paralelamente, criaram também uma escola externa e um orfanato. Era a ampliação da esfera social alcançada pelos colégios católicos femininos, abarcando todos os estratos sociais da sociedade. “O internato era o centro dessas escolas figurando o externato como coadjuvante e o orfanato como reforço da prática elitista e conservadora dessa educação.” (MANOEL, 1996, p. 73)

A educação confessional feminina em Minas Gerais

As primeiras instituições religiosas femininas da Província de Minas Gerais foram os recolhimentos de Macaúbas (instalado em 1715)³⁰ e de São João da Chapada (instalado em 1750)³¹. Tais instituições eram espaços de devoção e vida contemplativa, diferenciando-se dos conventos do restante do Brasil pela ausência dos votos. A fundação de tais estabelecimentos era facilitada pelo fato de ser exigida somente uma licença episcopal para o seu funcionamento.

Os recolhimentos criados na região das Minas corresponderam a desejos e necessidades certamente diferentes daqueles que condicionaram o nascimento dos recolhimentos e mosteiros nas cidades importantes da colônia. Situaram-se no meio rural, em lugares muito afastados dos centros da administração colonial e eclesiástica, e talvez por isso não dependeram e nem sequer buscaram o reconhecimento formal da sua existência por parte do sistema dominante. Também não haveria a intenção de transformar-se em conventos professos e correspondiam muito mais à tradição eremítica que se desenvolveu nas Minas, com características que contestavam o sistema colonial, e não à necessidade de

³⁰ O Recolhimento de Macaúbas funcionou até 1926, quando foi transformado em mosteiro.

³¹ Segundo Muniz (2003), este recolhimento teve curta duração. Há o registro de Saint – Hilaire sobre a sua passagem pelo local em 1817, encontrando lá poucas mulheres, todas já idosas.

criar instituições que fortalecessem este mesmo sistema. (AZZI e REZENDE, 1983, p. 43)

O Recolhimento de Macaúbas foi responsável por educar as meninas da elite mineira durante o século XVIII e a primeira metade do século XIX. Segundo Furtado (2003), Chica da Silva (c.1731– 1796), ex-escrava alforriada e que vivia em concubinato com o contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira, mandou as suas nove filhas para o *Recolhimento de Nossa Senhora de Monte Alegre de Macaúbas*. As meninas eram enviadas assim que completavam cinco anos de idade para a instituição, que era um misto de educandário e convento. Os cursos se limitavam às primeiras letras, à doutrina cristã, aos trabalhos de agulha e ao canto-chão. Era permitido às internas levar escravos para servi-las. Chica da Silva podia visitar as filhas reclusas em diversos momentos. Ela e o marido chegaram a construir uma casa bastante próxima ao Recolhimento para as estadas prolongadas. As filhas sempre tiveram um vínculo muito forte com a Instituição, pois mesmo aquelas que não seguiram o caminho religioso, voltaram para lá na viuvez e velhice.

O ensino nos recolhimentos era desenvolvido seguindo os dispositivos de todas as comunidades religiosas. As meninas eram mais preparadas para a prática religiosa do que para a vida em sociedade. “(...) As lições escolares estavam, igualmente, inscritas num contexto essencialmente conventual, já que entremeadas de orações, ladainhas, cânticos, leituras de textos espirituais, silêncios e penitências.” (MUNIZ, 2003, p. 169)

Houve uma tentativa de instalar a educação formal no Recolhimento de Macaúbas por meio de uma determinação Régia de D. Maria I, em 1780³², mas foi somente em 1847 que a instituição reformulou realmente os seus princípios e adotou a prática

³² A *Ordem Régia de D. Maria I às Recolhidas de Macaúbas* determinava a elaboração de um plano completo de educação, para torná-las boas e exemplares mães de família. Esta determinação implicava uma redefinição institucional e encontrou uma *silenciosa* resistência das recolhidas. (MUNIZ, 2003, p. 167 - 172)

educativa efetiva. Neste momento, a participação de D.Viçoso foi fundamental para que se desenvolvesse este projeto transformador.³³

Tal reformulação e a separação dentro do referido recolhimento entre suas atividades monásticas e educacionais faziam parte do plano de implantação das idéias ultramontanas na Província de Minas Gerais pelo bispo de Mariana. Paralelamente, empenhou-se em buscar as freiras vicentinas³⁴ francesas para educar as meninas mineiras. Depois desta, vieram outras congregações. Na província de Minas Gerais, encontra - se, no Relatório do Presidente da Província de Minas Gerais de 1871, uma preocupação com a necessidade de implantação de:

...Alguns collegios, em que as meninas aprendão á ler, escrever, grammatica da lingua nacional, arithmetica, desenho, musica, historia, religião e prendas domesticas: em que, á par da instrucção e da educação **adquirão o habito do trabalho para ganharem por elle honestamente a vida e se habilitarem para o cumprimento de seus deveres de filhas, esposas e mães:** collegios assim estabelecidos são indispensaveis, mormente para recolherem e educarem as orphãs, as desvalidas e as beneficiadas por manumissão, que seus patronos não queirão educar.(...) Estes collegios não são pesados á provincia: sendo bem dirigidos, no fim de poucos annos de estabelecidos auferem do producto das pensões das meninas, filhas de pais abastados, e do trabalho de todas as alumnas reunidas a necessaria receita para sua sustentação, ás vezes com sobra, porque deve-se contar com os donativos e esmolos particulares, que apparecem com a manifestação de suas vantagens.Temos exemplos no collegio de Marianna e nos do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco. (grifos meus, Relatório do presidente Affonso de Carvalho, 02/03/1871, p.36)

³³“ ...essa efetivação deu-se, principalmente, por força da iniciativa de Dom Viçoso, que determinou a reestruturação dos estatutos da instituição, de forma a inscrevê-la como colégio regulamentar, e estabeleceu, inclusive, a exigida separação entre as atividades monásticas e as educacionais.” (MUNIZ, 2003, p. 171)

³⁴ “De sua ação resultou, somente em Minas, a fundação e administração de colégios (6), de institutos para deficientes (3), hospitais (11), santas casas (8), creches (2), pensionatos (2), orfanatos (5), asilos (9) e sanatórios (2).” (MUNIZ, 2003, p. 149)

A criação destes colégios estaria intimamente ligada às Congregações religiosas e também deveriam receber subvenções da província, caso fosse necessário. Neste mesmo relatório, encontra-se a informação de que havia uma subvenção da Província para o Colégio das Irmãs de Caridade de Mariana (MG) que mantinha neste momento 176 alunas, e para as irmãs de Diamantina (MG), com 145 alunas. Percebe-se que estas instituições abrigavam dois tipos de alunas: filhas de pais abastados, que eram preparadas para desempenhar o papel de esposa e mãe; meninas órfãs ou muito pobres que necessitavam ser preparadas de forma adequada para o *novo mundo* em transformação. Era uma necessidade que se vinculava à modernização da sociedade, à higienização da família e à construção da cidadania dos jovens. Havia também a preocupação em afastar do conceito de trabalho toda a carga de degradação que lhe era associada devido à escravidão, e em vinculá-lo à *ordem e ao progresso*. Tal processo levou os condutores da sociedade a arregimentar também as mulheres das camadas populares para a educação. Era, então, necessário que elas fossem honestas, ordeiras, asseadas e a elas caberia formar os novos trabalhadores e trabalhadoras do País. Àquelas que seriam as futuras mães dos líderes era atribuída a tarefa de manutenção de um lar afastado dos distúrbios e perturbações do mundo exterior. A separação no tipo de educação oferecida às mulheres de distintas classes sociais era um reflexo da influência francesa no ensino brasileiro³⁵.

Dentre as Congregações que chegaram em Minas Gerais, destacam-se primeiramente as *Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo*, que se estabeleceram em Mariana (MG) junto com os lazaristas franceses, no ano de 1849³⁶. Logo abriram o *Colégio*

³⁵ “No que diz respeito à história da educação, a França do século XIX herdou mais o patrimônio educativo do **Ancien Régime** que o legado da Revolução e, ainda, acrescentou às desigualdades culturais, as de caráter social e sexual. O sistema educacional francês, calcado no princípio que a educação deve ser adaptada, tanto quanto possível, ao futuro social dos indivíduos, não apenas segregou o ensino feminino, como, também, criou perspectivas de instrução distintas entre as próprias mulheres..” (CARVALHO, 1991, p. 124)

³⁶ “ Em 1849, dom Viçoso, bispo de Mariana, confiou às Irmãs vicentinas uma obra para órfãos e órfãs que havia fundado em 1844. As irmãs ampliaram a obra com a criação de um hospital e depois de um colégio para meninas de famílias abastadas que pagassem pensão, recebendo a educação cristã – o célebre Colégio da Providência.” (Pe. MOURA , 2000, p. 87)

Providência (em funcionamento até os dias atuais). Estas freiras preocuparam-se, desde o início, em promover a educação para meninas de famílias abastadas, bem como para meninas pobres e órfãs. No *Relatório da Inspectoria Geral da Instrução Pública da Província de Minas Geraes* de 1882, é possível detectar a presença destes tipos diferenciados de alunas entre as *Filhas de Caridade*, como se segue:

Do collegio das pensionistas sahirão promptas no fim do anno lectivo 20 alumnas; matricularão-se este anno 125, entre as quaes 18 gratuitas, e se achão distribuidas por 4 aulas diferentes.

No Collegio das orphãs há 58 meninas desvalidas, que, com esmero, recebem instrucção e educação, e algumas das quaes já occupão cargos de magisterio na Província; só costumão sahir estas meninas casadas; tendo sahido do decurso do anno passado quatro, a cada uma das quaes, aféra todo o enxoval, a casa deo cem mil reis de accrescimo ao dote de outros fornecido pela Província. ... (Relatório do Diretor Geral da Instrução Pública, José Aldrete de Mendonça Rangel de Queiroz Carreira, 30/06/1882, p. 11)

Este pequeno trecho do *Relatório* informa algumas questões importantes sobre o estabelecimento. Primeiramente, havia uma subvenção do Estado para a manutenção da escola³⁷. Tal subvenção ocorria em troca do ensino gratuito para algumas alunas pobres (totalizando 18, em 1882) e para a ajuda da manutenção das meninas desvalidas. Além disso, percebe-se a preocupação com o casamento destas últimas meninas, principalmente com a confecção do enxoval e o fornecimento do dote³⁸. Por outro lado, acentua-se a

³⁷ Segundo Primitivo Moacyr (1940), na província de Minas Gerais já previa-se no ano de 1859 que os internatos particulares femininos poderiam ser subvencionado pelos cofres públicos. A lei no. 1769, de abril de 1871 autorizava a criação de três colégios (...) “de instrução e educação de meninas de todas as classes, contratando para este fim irmãos de caridade”. E previa (...) “aplicar na manutenção dos colégios de meninas o produto das pensões do trabalho das alunas, donativos, esmolos, concorrendo a província com que faltar.” (p. 176-179)

³⁸ “(...) a concessão de dotes às jovens desamparadas cumpria, principalmente, uma função social que extrapolava a dimensão caritativa: a de reforçar os papéis tradicionalmente prescritos para as mulheres. E isso ocorria porque, ao viabilizar o estado do matrimônio também para algumas jovens despossuídas de bens, mas plenas de virtudes, o costume do dote reafirmava a importância social dada ao casamento como destino “natural” de toda mulher.” (MUNIZ, 2003, p. 118)

presença de três grupos diferenciados: o das pensionistas, algumas alunas pobres gratuitas e o das órfãs³⁹. O referido relatório também pressupõe uma profissionalização das mulheres, informando que algumas das órfãs e desvalidas já ocupavam cargos de magistério na província.

Segundo Muniz (2003), pode-se dividir a educação feminina confessional mineira após a chegada das vicentinas, em duas fases: um primeiro momento, em que as meninas deveriam ser mais educadas do que instruídas⁴⁰ recebendo uma formação escolar que não demandava uma cultura humanística, mas predominava a formação do caráter; um segundo momento, a partir da década de 1870, com o aprimoramento da educação das meninas, ocasionando uma ampliação curricular para formar futuras professoras.

(...) mesmo para aquelas alunas cuja formação recebida nas escolas públicas ou nos educandários religiosos possibilitou-lhes o ingresso no magistério tratava-se de um exercício profissional que, em sua natureza e funcionamento, apresentava-se como um prolongamento dos papéis femininos tradicionais. Todavia, se o “ser” mestra assim se apresentava, o “fazer-se” professora proporcionou a essas mulheres romper com a reclusão doméstica e com a exclusão social. (...)

Se o ingresso das mulheres no magistério vinculava-se também a uma política de estímulo e cooptação por parte do Estado e da sociedade de forma a viabilizar o projeto político de disseminação do atendimento escolar na Província, aspectos outros como autonomia, sobrevivência, dignidade e distinção que o exercício do cargo possibilitava, tiveram peso nesse “fazer-se” das mineiras como professoras.” (MUNIZ, 2003, pp. 22-23)

³⁹ Paralelamente, no Colégio Nossa Senhora das Dores “(...) a maioria das órfãs desamparadas recebia uma educação limitada às primeiras letras e ao aprendizado dos serviços domésticos, pelo cumprimento de uma exaustiva jornada de trabalho, que incluía a execução de uma série de atividades complementares – limpeza, produção de alimentos, preparação da comida, reforma dos livros, decoração das dependências da escola – essenciais ao funcionamento da instituição. De seu trabalho advinha, ainda, uma complementação ao orçamento do educandário, graças à confecção de bordados, enxovais e flores artificiais, produtos vendidos dentro e fora de Diamantina, e que asseguravam considerável receita para o colégio.” (MUNIZ, 2003, p. 194)

⁴⁰ “Instruir significava transmitir conhecimento, e educar, transmitir valores e normas, isto é, a formação de caráter.” (SOUZA, 1998, p. 174)

A feminização do magistério primário no Brasil só foi possível no momento em que ocorreu uma expansão quantitativa do campo educacional. A professora tornou-se necessária devido aos impedimentos morais dos professores educarem as meninas e também a recusa à co-educação entre os sexos. Produziu-se uma grande demanda pela profissão de professora, aumentando assim o número de normalistas no ensino secundário. “(...) Aliando-se a essa demanda, o discurso ideológico construiu uma série de argumentações que alocavam às mulheres um melhor desempenho profissional na educação, derivado do fato de a docência estar ligada às idéias de domesticidade e maternidade.” (ALMEIDA, 1998, p. 64)

Para Muniz (2003), fez parte do projeto romanizador de D. Viçoso uma adaptação do ensino feminino às necessidades da sociedade mineira de meados do século XIX, a qual era marcada pela hierarquização de classe, raça e gênero.

A criação de espaços específicos, seguros e diferenciados para o exercício de tais atividades foi solução engenhosa que agradou a gregos e troianos, já que atendeu aos interesses dos setores mais abastados da sociedade e do bispado. Aqueles estavam interessados em uma formação escolar diferenciada para suas filhas, enquanto este avançava na efetivação de seus propósitos pastorais e educativos que tinham em vista contemplar, sobretudo, as meninas e as mulheres, independente de sua condição social. (...) Nessa lógica, proporcionou às jovens dos estratos superiores e médios da sociedade uma formação baseada em um currículo mais requintado, de forma a prepará-las para serem boas esposas e mães e também para a convivência nos salões. Para as meninas pobres, principalmente órfãs, foi oferecida uma instrução mais elementar, reduzida ao ler, escrever e contar e à aprendizagem de prendas domésticas e ofícios manuais. Uma formação com os requisitos mínimos para assegurar-lhes, como cristãs, uma sobrevivência solitária, empregando-se em casas de família, ou junto ao marido e filhos, trabalhando em sua própria casa. (MUNIZ, 2003, pp. 147-148)

Percebe-se que as congregações religiosas femininas que se instalaram no Brasil a partir da segunda metade do século XIX tinham um caráter educativo para a elite, mas também pensaram nas meninas pobres. As meninas pobres, e, principalmente as órfãs, faziam parte de uma preocupação dos governantes, como demonstram diversos relatórios de Presidentes de Província e de Estado de Minas Gerais. O caminho utilizado para solucionar tal questão era, por diversas vezes, permitir e apoiar as Congregações religiosas que aqui aportavam. Não foi diferente com a instalação do Colégio Nossa Senhora de Sion na cidade de Campanha, em 1904, aliando-se aos interesses da política liberal e do ultramontanismo católico. Este momento foi marcado pelas transformações da política brasileira com a implantação da República. As relações entre política e religião foram afetadas pelo término do sistema de padroado.

Ao perder sua relação privilegiada com o Estado e a condição de religião oficial, no início do período republicano, a Igreja viu-se obrigada a se reestruturar e a redirecionar suas práticas no sentido de construir uma nova identidade institucional, constituindo, para isso, uma nova espiritualidade, adequada ao propósito mais amplo de redefinir sua participação na sociedade brasileira. (CAES, 2002, p. 55)

Caminhos da Igreja após a Proclamação da República

A liberdade da Igreja com relação ao Estado redefiniu as relações dentro da própria instituição religiosa a partir da República brasileira⁴¹. O episcopado nacional assumiu uma postura de indiferença com relação à forma de governo, não importando se era monarquia ou república, desde que o catolicismo fosse respeitado. Por outro lado, o fim do padroado possibilitou uma integração definitiva do catolicismo brasileiro às orientações da Sé romana, provocando transformações significativas e amplas nos diversos campos da

⁴¹ “O Decreto no. 119-A, de 7 de janeiro de 1890, determinou a separação da Igreja do Estado, confirmada pela Constituição de 1891. (...) Poucas são as vozes que acenam com o retorno à situação anterior. Para alguns terminara a época do desprestígio da Igreja Católica, tão acentuado durante a monarquia com a instituição do regalismo” (NAGLE, 1976, p. 57)

atuação católica no Brasil. “(...) nesse processo, procurou demarcar o universo católico, que incluía a vida paroquial, práticas litúrgicas, manifestações de fé e doutrina, como uma alternativa diferenciada frente às outras propostas de vida social e religiosa existentes na sociedade.” (CAES, 2002, p. 104)

Era necessário também combater as devoções populares oriundas do período colonial e imperial. Uma das armas utilizadas pela Igreja Católica foi a criação de novas devoções e o incentivo às recentes associações que deveriam envolver os católicos em lutas mais próximas das questões institucionais. Passou-se a valorizar uma concepção romanizada, européia, no comportamento pessoal e na vida espiritual dos indivíduos. O ensino deveria seguir os moldes europeus, particularmente francês e prevaleceu também o culto a diferentes santos, predominando agora a adoração à virgem Maria e ao Sagrado Coração de Jesus.

Uma das transformações mais importantes dentro da Igreja nacional foi o aumento das dioceses, o que acarretaria conseqüentemente um aumento do controle dos fiéis.⁴² Dividia-se o território para controlar melhor os fiéis. Segundo Pe. Moura (2000), de 1890 a 1900, as dioceses passaram de 12 para 19; de 1900 a 1910, de 19 para 41; de 1910 a 1920, de 41 para 59; de 1920 a 1930, de 59 para 88 dioceses. Em 40 anos houve a criação de 76 dioceses no Brasil, principalmente nos centros mais populosos e com forte influência política e econômica.

No sudeste, a criação das dioceses seguiu a expansão econômica ligada ao café e o acesso pelas linhas férreas, como é o caso de Campinas, São Carlos e Ribeirão Preto em São Paulo, e Uberaba, Pouso Alegre, Campanha e Guaxupé em Minas. (CAES, 2002, p. 110)

⁴² “Dentre muitas causas do declínio do Catolicismo entre vocês, foi que o número dos bispos era demasiado pequeno para o tamanho da região e a distribuição desigual de seus habitantes. Em conseqüência os bispos não poderiam exercer a vigilância que desejavam sobre o clero e os rebanhos atribuídos a eles. Eram incapazes de promover a força e a dignidade do nome Católico.” (Leão XIII, PATERNAE, Carta aos Arcebispos e Bispos do Brasil, 1899)

Fazia parte da Ação Católica ultramontana instalar autoridades episcopais em lugares estratégicos para dirigir e controlar as articulações políticas e as práticas religiosas católicas. Assim, os bispos se multiplicaram e puderam acompanhar mais de perto várias atividades de seus fiéis.

Embora a cidade de Campanha já não se apresentasse mais como o grande centro econômico do final do século XVII e primeira metade do XIX, no início da República estabelecia - se como um importante centro político e cultural da região sul - mineira. É interessante percorrer os caminhos da luta travada pela população campanhense para ter o seu próprio bispado. No início de 1891, a Igreja local, junto com a *Associação Católica*, começou um movimento para o recolhimento de auxílios pecuniários e assinaturas favoráveis à implantação do bispado naquela cidade. O jornal *Monitor Sul Mineiro* publica ao longo da última década do século XIX, os nomes de diversos cidadãos sul - mineiros que apoiaram a implantação do bispado em solo campanhense e que haviam assinado a solicitação que seria enviada para Roma. Também publica as quantias recebidas para a construção do Palácio Episcopal e as peças do concorrido enxoval (toalhas, colchas, lençóis, etc) que as senhoras da sociedade estavam elaborando para o futuro bispo. A decepção foi bastante expressiva, quando noticiaram a criação do bispado em Pouso Alegre, em 1900. Esta cidade havia se desmembrado de Campanha (1831) e cresceu politicamente no final do século XIX, a ponto de articular e conseguir a instalação do primeiro bispado sul - mineiro em seu território. Mesmo assim, a população campanhense não desistiu da sua *importante missão* de conseguir um bispo próprio e continuou preparando o enxoval e angariando verbas para a construção do palácio episcopal, além de articular em Roma a criação do seu próprio bispado.

Notícias que nos chegam de diversos pontos do Sul de Minas nos garantem ser em breve uma realidade, o trabalho encetado para a criação do Bispado da Campanha.

Todos os papeis, documentos e informações necessarias e relativas a esta desejada aspiração, já seguirão para Roma, afim de ser pelo Summo Pontifice decidida. Sabemos que a quasi totalidade da subscrição aberta e sobrescripta para esse fim, não só nessa cidade, como em diversas localidades do Bispado Sul – mineiro, já se acha recebida e depositada em um importante estabelecimento bancario da Capital Federal pelo nosso illustre e prestigioso conterraneo, Rvdm. Sr. Padre João de Almeida Ferrão. ... (Monitor Sul Mineiro, 27/04/1903, p. 01)

Em 1907, após 16 anos de luta, Campanha conseguiu, enfim, implantar o seu bispado, com uma diocese ainda maior que a de Pouso Alegre. O bispo designado foi o campanhense D. João de Almeida Ferrão (ANEXO 1), também simpático às idéias ultramontanas⁴³

O prestígio da cidade no início do século XX manteve-se pela presença de alguns cidadãos campanhenses na política nacional e, principalmente, no fortalecimento de instâncias ligadas à religião católica na cidade. Esta presença intensificou-se com a fundação de escolas católicas, dirigidas por ordens religiosas masculinas e femininas, destinadas à educação dos filhos das famílias abastadas, formando, assim, uma elite intelectualmente envolvida com os propósitos religiosos e políticos da Igreja. Já em 1894 havia sido instalado em Campanha o *Noviciado Jesuíta de Santo Estanislau*⁴⁴; em 1911 foi

⁴³ “É magnífica expressão de sua virtude e de seu saber, a Carta Pastoral que dirigiu aos seus diocesanos, na qual prega a fé e, também, com tanto carinho, a caridade, e é um dos primeiros, talvez o primeiro, a consagrar entre nós, franca, solemne e effusivamente, as idéias sustentadas por Leão XIII, na Encyclca *Rerum Novarum*, para seu eterno renome.” (VALLADÃO, 1942, p. 541)

⁴⁴ O Noviciado Jesuíta passou a funcionar em Campanha no ano de 1894. Foi o primeiro noviciado dos jesuítas no Brasil após a expulsão da Companhia de Jesus pelo Marquês de Pombal no século XVIII. Utilizando os jornais campanhenses torna-se possível perceber a importância e a influência que os jesuítas tiveram na cidade: estavam sempre presentes nas decisões políticas e presidiam as manifestações religiosas locais. Eram representados, na maioria das vezes, pelo Padre José Maria Natuzzi, o qual chegou na cidade em 1898 e ficou por lá até 1907, quando então transferiu-se para o Rio de Janeiro e tornou-se o Reitor do Colégio de Santo Inácio de Loyola. Em Campanha fundou um curso de apologética, intitulado *Academia Leão XIII* e ainda “(...) tem parte importante na instalação alli do Collegio de Sion, e na vida das associações religiosas, e interessa-se sobremodo pela criação do Bispado.” (VALLADÃO, 1942, p. 540). Segundo os memorialistas campanhenses, o Noviciado Jesuíta funcionou em Campanha até 1908, mas pelos jornais percebe-se que a presença deles estende-se por um período maior, já que a última notícia encontrada sobre eles na cidade data de 1918.

fundado o *Ginásio Diocesano São João*⁴⁵; em 1904 chegaram as Filhas de São Vicente de Paulo para dirigir a Santa Casa de Misericórdia e as irmãs da Congregação N. Sra. de Sion para instalar o *Colégio Nossa Senhora de Sion*. Tanto os jesuítas, quanto as irmãs vicentinas ou as sionenses participaram ativamente do projeto de implantação do bispado local. O jornal campanhense *Monitor Sul Mineiro* demonstra a ansiedade e o apoio da Congregação Nossa Senhora de Sion na implantação do Bispado, o apoio pode ser percebido principalmente através das festas⁴⁶ organizadas pelas religiosas e suas alunas para o futuro bispo, D. Ferrão.

Quando finalmente conseguiram a instalação do Bispado campanhense, noticiaram a conquista da seguinte forma, demonstrando a necessidade do fortalecimento religioso local para o desenvolvimento da cidade:

Está terminada com brilhante triunfo a grande e porfiada luta em que se empenhou Campanha. Novas e puras glórias vai conquistar a fé religiosa na esperançosa phase que começa para a nossa vida social.

A Campanha, que foi no passado o centro do progresso e do adiantamento material do Sul de Minas, fiel às suas honrosas tradições de glórias, há de ser, na vida moral do povo, o exemplo e a lição que, no futuro, a tornarão digna da reputação e invejável fama conquistada nos tempos que se foram. (...) Viva o Bispado da Campanha! (grifos meus, Monitor Sul Mineiro, 14/06/1908 p. 01)

⁴⁵ Inicialmente, em 1907, foi fundado o *Gymnasio Santo Antônio* para o ensino particular masculino. Recebia alunos internos e externos da região e tinha como princípio *Deos, Família e Patria*. Em agosto de 1908 o diretor, Charles Nogueiras, afastou-se e o Colégio passou a ser gerenciado por representantes eclesiásticos. No início do ano seguinte, o estabelecimento passou a ser denominado *Gymnasio Municipal da Campanha*, equiparado ao Gymnasio Nacional. Em 1911 recebeu a denominação de *Externato São João*, sendo então totalmente administrado pela Cúria Diocesana. Foi a vertente masculina de ensino confessional na cidade e funcionou até 1964.

⁴⁶ Monitor Sul Mineiro, 28/05/1905, p. 01.

CAPÍTULO II - Campanha (MG) e a educação

Neste capítulo é feita uma explanação sobre a história da cidade e dos primeiros vestígios de educação em Campanha, privilegiando o século XIX. Para empreender tal tarefa foram utilizadas como fontes diversas notícias de jornais da época, *almanacks* produzidos na cidade e também alguns documentos já levantados por memorialistas e historiadores.

É feito um levantamento das principais formas de ensino oferecidas em Campanha (a educação pública feminina de primeiras letras; a educação particular masculina; a educação particular feminina de primeiras letras; e o ensino público secundário), utilizando como fonte principal os periódicos locais produzidos ao longo do século XIX, bem como os relatórios de presidentes da Província e do Estado de Minas Gerais.

Pelos caminhos de Minas Gerais: um breve histórico da Campanha da Princesa da Beira

A cidade de Campanha, situada no Sul de Minas Gerais, foi conquistada em 1737 pelo ouvidor - mor Cipriano José da Rocha. Diz-se, aqui, conquistada, porque, quando o ouvidor chegou ao território, já encontrou um povoamento formado. Os primeiros habitantes eram pessoas oriundas da província de São Paulo que haviam se instalado na região em busca de ouro⁴⁷, comercializado clandestinamente⁴⁸. No *Almanack do Município*

⁴⁷ “Um dos traços peculiares de Minas, foi, sem dúvida, o caráter urbano de sua formação. O surgimento de aglomerados urbanos, mais ou menos populosos e freqüentemente muito separados uns dos outros, processou-se com notável rapidez, sendo que a maior permanência e complexidade de suas estruturas social e econômica atrelava - se à natureza de seus veios auríferos e aos métodos de exploração empregados.” (MUNIZ, 2003. p. 44)

⁴⁸ “Ao estudarmos a história da Campanha consideramos como sua data mais recuada a de 2 de outubro de 1737, contida na carta de 4 de outubro do mesmo ano do Ouvidor Cipriano José da Rocha, ao visitar a região nos princípios do século XVIII (...) A Campanha foi descoberta e não fundada como muitos inadvertidamente consideram. (...) A mineração no sul de Minas era antiga e clandestina, grande número de pessoas foi encontrado e havia enorme escravaria.” (CASA DEI E CASA DEI, 1989, p. 15)

da *Campanha* de 1900, escrito pelo professor da Escola Normal Julio Bueno, encontra-se a transcrição de um documento do ouvidor-mor Cipriano José da Rocha, em que relata sua chegada ao povoado⁴⁹:

Em 23 de setembro mal convalescido, fiz jornada desta Vila para o descobrimento das “Minas do Rio Verde” (...)

Em todos os córregos e ribeiros se acha ouro que entra para terra, pelo que promete duração. (...)

Fundei um Arraial em forma de Villa, a que se deu o nome de São Cypriano, que está povoado com praças e ruas em boa ordem e muito boas casas; e ficava-se entendendo em fazer Igreja.

Determinei terra para casa de Intendência que será precisa.

Tem o dito Arraial a comodidade de quatro rios abundantíssimos de peixe grosso e miúdo, que são Palmella, Lambary, Sapucahy (que eu descobri) e o Rio Verde que leva ouro em conta pela experiência que se tem feito.(...)

Serão as ditas Minas uma dilatada povoação tanto pela extensão, que cada dia cresce, como pela comodidade do País, terra produtiva de mantimentos, e os ares benévolos. (Cipriano José da Rocha, apud BUENO, 1900, p. 3-4)

Com a sua chegada, o Ouvidor-mor tomou posse do território e tratou de construir a primeira capela e uma casa de fundição, dando o nome ao local de *Arraial de São Cipriano* que, mais tarde, passou a chamar-se *Arraial de Santo Antonio da Campanha do Rio Verde*. O novo arraial fazia parte da comarca do Rio das Mortes (**Anexo 02**), tendo como centro político São João Del Rei.

Em 1798, foi elevada à vila, passando a ser denominada então *Vila da Campanha da Princesa da Beira*. A elevação à Vila foi uma reivindicação da população local, que afirmava estar muito distante de São João Del Rei (35 léguas) além de sua

⁴⁹ Julio Bueno não dá a referência completa do documento, apenas que o mesmo consta das *Efemérides Mineiras*, de José Pedro Xavier da Veiga, que havia sido publicada em 1897.

população ter ultrapassado, à época, 8.000 habitantes⁵⁰. Para Andrade (2005), a emancipação da vila da Campanha não pode ser resumida somente a uma disputa com a Câmara de São João Del Rey, o crescimento econômico, demográfico e também a defesa dos interesses de alguns homens, foram os motivos para a reivindicação.

Para vencerem a resistência da Vila de São João Del Rei e conquistarem sua autonomia, alguns moradores, com extremo tato político, solicitaram a criação da Vila da Campanha da Princesa homenageando duplamente a esposa do Príncipe Regente, futuro D. João VI, através do nome da vila e, depois, separando a terça parte das rendas anuais, auferidas pela câmara, e enviando-a diretamente à princesa, em cofre em separado, para os seus “alfinetes”. Esta doação continuou sendo enviada, mesmo depois que ela veio para o Brasil com a Corte, em 1808. Em sinal de gratidão, o Príncipe Regente doou à Princesa, D. Carlota Joaquina, o senhorio da vila. (ANDRADE, 2005, p. 26)

No início do século XIX, o território da Vila da Campanha da Princesa abrangia quase toda a região do sul de Minas⁵¹, fazendo limites com São João Del Rey (**anexo 03**). Do território da vila primitiva originaram-se atuais 152 municípios.

Devido à sua importância, Campanha foi a 9ª. Vila elevada à cidade em Minas Gerais em 1840 (**anexo 04**). Mas durante todo o século XIX, perdeu diversos territórios a partir de desmembramentos e emancipações:

⁵⁰ “A rainha Dona Maria, surda aos argumentos naqueles officios vazados concede aos obscuros moradores do arraial de Santo Antônio do Valle da Piedade tudo quanto imploram, inclusive os limites que assinam para o novo termo, que passou a compreender a vastíssima zona do Sul, aquém do Rio Grande. O segredo de tamanha generosidade da rainha não foi o desejo de bem aquinhoar a Campanha, não; o que influiu no ânimo da sereníssima princesa foi a ganância, foi o novo exorbitante imposto do terço das rendas, imposto que teve o nome hipócrita de - *consignação voluntária*, e que seria tanto mais rendoso quanto maior fosse a área do novo termo. Portanto a Campanha não obteve o título de Vila. Comprou-o, e o comprou caro.” (BUENO, 1900, p. 13)

⁵¹ Compreendia Lavras do Funil, Baependi, Pouso Alto, Santa Ana do Sapucaí, Camanducaia, Ouro Fino, Itajubá, Cabo Verde e Jacuí

Os primeiros municípios que se destacaram da Campanha foram os de Baependi (Santa Maria do Baependi) e Jacuí (São Carlos do Jacuí), no ano de 1814. No tempo das Regências, em 1831 formaram-se os de Pouso Alegre (Bom Jesus dos Mártires de Pouso Alegre) e o de Lavras (Lavras do Funil) e, já no 2o. Reinado, em 1878, o de São Gonçalo do Sapucaí, em 1884, o de Três Corações (Sagrada Família dos Três Corações do Rio Verde). Nos tempos atuais, portanto, na República, destacou-se o de Lambari (Águas Virtuosas), em 1901 e, mais recentemente, em 1948, o município de Monsenhor Paulo. (CASADEI E CASADEI , 1989, p. 48)

Manifestando-se contrário aos desmembramentos ocorridos no território campanhense, o *Almanack Sul Mineiro* de 1874 declarava ser este um dos motivos do enfraquecimento econômico da cidade:

... Hoje está elle redusido ás freguesias da cidade, Aguas Virtuosas, Lambary, S. Gonçalo, Tres Corações do Rio Verde e Esp. Sto. Da Mutuca: as demais povoações, que depois forão creadas, que crescerão, e que agora parecem querer (algumas) disputar primasia com a Campanha, tirarão della seus fundadores, ou os primeiros elementos de sua prosperidade. (VEIGA, 1874, p. 51)

Embora o período de exploração aurífera não tenha durado muito tempo e mesmo com todos os desmembramentos de seu território, a cidade manteve-se muito ativa durante todo o século XIX. O seu território ainda era vasto e as suas águas minerais eram procuradas por diversas personalidades para realizar tratamentos de saúde, para trabalhar ou simplesmente passear⁵². Além disso, a cidade teve representantes políticos influentes no cenário nacional e regional durante todo o período imperial e o início da República.

Segundo Andrade (2005), com a análise de inventários do termo da Campanha, pode-se constatar a sua importância pela diversidade das atividades praticadas e pelo crescimento populacional, principalmente da população escrava, verificado na primeira metade do século XIX. A posse dos cativos concentrava-se nas mãos de alguns senhores e a diversificação das atividades era considerável nas fazendas, pois ao mesmo tempo

⁵² Hospedaram-se ou moraram naquela vila/cidade, em períodos diferentes: Padre Feijó, Princesa Isabel, Euclides da Cunha, Silvio Romero, Manuel Bandeira, etc.

produziam açúcar, rapadura, aguardente; criavam gado, porcos, cavalos, ovelhas; plantavam arroz, milho e feijão. Há indícios de que os fazendeiros negociavam suas mercadorias utilizando-se do comércio de tropas e também nas *casas de negócios*. A economia sul - mineira, na primeira metade do século XIX, estava voltada para as atividades de abastecimento interno, destacando a produção agrícola e a pecuária, embora a exploração mineratória ainda exercesse atrativo.

Valladão (1942) informa quanto às dificuldades e às poucas técnicas desenvolvidas para a extração do ouro. Também observa que o aumento do investimento em outras atividades aconteceu principalmente após a instalação da Corte portuguesa no Brasil, tornando, assim, a região sul - mineira um rico centro de abastecimento de mercadorias para o Rio de Janeiro⁵³.

A exploração do ouro foi importante no momento do povoamento do Sul de Minas Gerais, mas esta não se tornou ao longo do período colonial e imperial, a principal fonte econômica da região. A diversificação de produtos e o comércio eram os principais elementos econômicos da região. Segundo o *Almanach Sul Mineiro* de 1874:

A extracção do ouro no sul de Minas é ainda feita por antigos e imperfeitos systems, não havendo tambem na direcção do serviço, escolha do terreno a minerar, etc., a intelligencia e conhecimentos preciosos, para que de tal trabalho se obtenha o resultado que aliás a riqueza immensa do solo em que muitos lugares desta parte da provincia assegura. (...)

Todavia, e especialmente comparando-o com o de outros pontos da provincia, o commercio sul-mineiro já é consideravel, formando o fumo, café, gados, toucinho, queijos, etc., os principaes ramos de sua exportação. A importação consta de sal, fazendas, bebidas espirituosas e outros generos, europeus e norte - americanos. (VEIGA, 1874, p. 33 - 35)

⁵³ “A mineração ainda existia na Campanha e em São Gonçalo do Sapucaí, mas muitos a abandonaram ou por falta de “boa faisqueira, ou por acharem melhor resultado na plantação de fumo e milho para criar porcos, especialmente depois que a Corte se acha na cidade do Rio de Janeiro.”... (VALLADÃO, 1942, p. 80)

Segundo os dados fornecidos pelo referido *Almanach* (1874), a cidade de Campanha possuía, neste período, 435 casas, sendo 31 sobrados, 11 praças, 27 ruas e 08 travessas. Seus principais edifícios constituíam-se em: 05 igrejas, 01 capela no cemitério público, 01 casa de caridade, um teatro municipal para mais de 1000 pessoas (mantido por uma Associação e ainda em obras), uma cadeia com capacidade para 100 presos⁵⁴ (onde também funcionava a Câmara Municipal e o Tribunal do Júri), e uma praça de mercado. De acordo com o Código das Posturas Municipais, as ruas íngremes eram calçadas com pedra de São Tomé. Havia ainda uma Biblioteca pública com mais de 2000 volumes, fundada por Bernardo Saturnino da Veiga, autor do *Almanach* e redator do jornal *Monitor Sul Mineiro*. Conforme as notícias deste referido jornal sobre o recenseamento realizado em 1873, pode-se saber o número total de habitantes, a etnia, a escolaridade e a idade neste período, bem como a prática religiosa predominante na cidade:

O recenseamento á que se procedeu nesta cidade deu o seguinte resultado. Existem na Campanha 435 casas, 5 egrejas e 1 capella, 1 casa de misericordia, 1 theatro, 1 praça do mercado, 1 curral do conselho e 2 cemiterios.

As casas são habitadas por 2.645 pessoas, sendo homens 1.188 e mulheres 1.457; são livres 2.076, escravos 569 e em litigio 9; são brancos

⁵⁴ Havia a preocupação com o ensino para os presos, realizado pelo padre local. “... O Sr. Padre Carlos Dias Ferraz da Luz, distincto professor dos presos da cadeia desta cidade, nos obsequiou com a seguinte noticia sobre seus infelizes discipulos. Estão matriculados na aula da cadeia publica da Campanha 78 presos, entrando neste numero 7 recrutas, e um preto africano, escravo fugido, que tem de ser arrematado em praça para se pagar as despezas com elle feitas nas cadeias de Tres Pontas e de Campanha. Dos 80 criminosos estão presos: Por crime de homicidio, 50; por tentativa de homicidio, 13; por crime de roubo, 3; por crime de estupro, 1; cúmplice de homicidio, 1; por crime de bigamia, 1; por crime de fuga de presos, - Somma 70...” (Monitor Sul Mineiro, 31/10/1874, p. 04).

Em outra notícia do mesmo periódico são colocados os resultados deste tipo de ensino, aprovando somente o aluno que estava prestes a ser libertado: “... Dos examinados sahio approved em exame final Luiz Coelho Ferraz, que dentro de poucos dias deve ser restituído à liberdade, por ter cumprido a pena á que foi condemnado. Por falta de força sufficiente para guardal-o, não comparecerão à exames todos os matriculados, cujo numero sobe a 71, entre os quaes existem alguns criminosos muito importantes e que tem contra si até recommendações especiaes do governo.” (Monitor Sul Mineiro, 12/12/1874, p. 04)

1.079, caboclos 153, pardos 699 e pretos 714; são menores de 1 anno, 59; de 1 a 7 annos, 359; de 8 a 14, 457; de 15 a 21, 418; de 22 a 28, 317; de 29 a 35, 237; de 36 a 42, 270; de 43 a 49, 138; de 50 a 56, 182; de 57 a 63, 101; de 64 a 70, 66; de 71 a 78, 14; de 79 a 84, 20; de 85 a 92, 6; de 92 a 98, 2; maiores de 98 annos, 2; são solteiros 1.779, casados 706 e viuvos 160; são estrangeiros 155; filhos de outras provincias 82 e mineiros 2.408; **sabem ler 959 e não sabem 1.686; frequentam estudos 271.**

Nesta epocha de descrença religiosa, é com prazer que registramos o seguinte facto que abona a civilisação de nossa terra: - entre 2.645 pessoas recenceadas só duas se derão como acatholicos. (Grifos meus. Monitor Sul Mineiro, 17/08/1873, p. 01)

Campanha era neste momento uma cidade predominantemente católica e já oferecia escolas de primeiras letras para meninos, meninas, o ensino secundário particular e público, o ensino para os presos e ainda uma aula noturna para os negros, predominantemente escravos:

A poucos dias visitamos a aula nocturna aberta pelo Sr. Zeferino Ferraz da Luz, e sorprehendeu-nos o adiantamento que apresentam os individuos nella matriculados em numero de 39.

São elles pela maior parte escravos, entre os quaes se via o digno preceptor, que se presta com todo o zelo a ensinar a essas miseras creaturas, que no estudo podem encontrar algum consolo para sua sorte infeliz.

É digno do encomios o Sr. Zeferino Dias, que destina parte das horas em que teria de repousar das fadigas do dia ao ensino de pessoas que, se emancipando da ignorancia em que vivem, podem tambem um dia aspirar a liberdade do captiveiro. (Monitor Sul Mineiro, 06/10/1872, p. 04)

A cidade ainda possuía nesta década de 70 do século XIX um estabelecimento cerâmico com motor hidráulico para a fabricação de tijolos e telhas, e uma fábrica de vinho, que era *exportado* para fora da região sul - mineira e chegou até a ganhar um prêmio de qualidade na França. Mas talvez a grande riqueza tenha sido o fluxo de pessoas que acorriam à cidade para aproveitar as fontes de água da região. “Existem aqui fontes de aguas ferreas, e abundantes mananciaes de soberba agua potavel nas regiões menos elevadas da cidade”. (VEIGA, 1874, p. 58)

Utilizando os *almanachs* e periódicos produzidos na cidade, percebe-se que este momento (1870) foi de grande desenvolvimento econômico, político e, principalmente, cultural para a cidade. Refletia-se na educação:

Hoje é a Campanha séde da comarca do Rio Verde, do 5o. Distrito eleitoral, tem um dos 7 *externatos mineiros*, de uma das *escolas normaes* da provincia e da 3a. Circumscripção litteraria de Minas.(...)Alem dos ditos *externato* e *eschola normal*, onde são ensinados os preparatorios para os cursos superiores e preparados os aspirantes ao magisterio de ambos os sexos, funcção na cidade duas escolas publicas primarias para meninos e duas outras para meninas, duas aulas primarias particulares, uma dita noturna para adultos, uma aula para os presos da cadêa que em numero mais de 70 a frequentão, e um collegio (*externato*) para educação de meninas.

Há na cidade uma biblioteca publica, que conta mais de 3.000 volumes, instituida pelo Tenente – Coronel Bernardo Saturnino da Veiga; trez typographias que edictão os semanarios *Monitor Sul – Mineiro*, folha imparcial em grande formato, propriedade do dito Tenente – Coronel Veiga, - *Colombo*, órgão republicano, propriedade dos cidadãos Manoel de Oliveira Andrade & G, e *O Monarchista*, conservador, propriedade de F. L. De Oliveira. ... (*Monitor Sul Mineiro*, 13/11/1875, p. 01)

Os primeiros vestígios educacionais

Consta do ano de 1800 a criação na Vila da primeira cadeira de *Ler, escrever e gramática latina*. Os professores eram os padres Manuel Coimbra e Francisco José Sampaio. No ano seguinte foi nomeado outro mestre para a Vila, Luiz Custódio Afonso. Durante todo o século XIX foram abertas várias escolas e cadeiras isoladas⁵⁵. Segundo Bueno (1900), transcrevendo as notícias sobre as aulas do professor Pe. Sampaio, este ensino deixava muito a desejar:

Nesta foram apresentadas umas atestações do reverendo Padre Mestre Francisco José de Sampaio requerendo, que a Câmara lhe fizesse passar outros a respeito do exercício que tem de Mestre Régio de Gramática Latina; mas os officiais da Câmara ponderando que tendo o dito Professor

⁵⁵ CASADEI e CASADEI (1989).

exercitado a Cadeira de onze para doze anos, e não tendo em todo esse tempo produzido um só estudante que saiba Gramática, e por esta razão já desenganados os pais de famílias desta Villa têm mandado os seus filhos para outras partes, e presentemente para o Arraial da Aiuruoca aprenderem a Gramática Latina com um Mestre particular que lá ensina de nome Esaú dos Santos e pode acontecer, que chegando esta notícia ao Real Trono, seja Sua Alteza Real servido mandar responder a esta Câmara, a razão de passar atestados ao dito Reverendo Padre Mestre Sampaio, depois de ter mostrado a experiência de tantos anos, que ele tem por natureza uma negação total para instruir a mocidade nos Preceitos da Gramática Latina. Acordaram em não assinar mais atestações; e quando o dito Padre Mestre se queixe, servirá este acórdão para com ele se responder, ou a Sua Alteza Real por qualquer dos Tribunais, ou ao Excelentíssimo General desta Capitania. (Atas da Câmara de Campanha, 1812, citado por BUENO, 1900, p. 20)

A partir da leitura de alguns memorialistas campanhenses, é possível traçar um quadro relativo ao ensino em Campanha nas primeiras três décadas do século XIX. É necessário recorrer aos estudos dos memorialistas devido às poucas fontes primárias encontradas para analisar a educação neste período na cidade. O quadro seguinte analisa o tipo de escola, os professores e as matérias ofertadas.

Tabela 01 – Educação em Campanha nas três primeiras décadas do século XIX

| Ano | Tipo de escola | Professor (es) | disciplina |
|-----------|----------------|-------------------------------------------------------------------------------------|------------------|
| 1800 | pública | Pe. Manuel Coimbra e Pe. Francisco José Sampaio | latim |
| 1801 | pública | Luiz Custódio Afonso | latim |
| 1826-1829 | pública | Tenente Cor. Manoel Chaves | Primeiras Letras |
| 1827-1837 | pública | João e Tristão Alvarenga, Pe. Flávio Antonio de Moraes, Pe. João Damasceno Teixeira | Gramática Latina |
| 1831 | pública | Não informado | francês |

Fonte: CASADEI e CASADEI (1989) e VALLADÃO (1942)

Com a análise do quadro anterior é percebida a preocupação com o ensino do latim, a presença de eclesiásticos no ensino e a constituição de aulas de primeiras letras somente em 1826 (posterior às aulas de latim). Cabe ainda ressaltar a origem familiar de dois professores citados: João Evangelista Alvarenga e Tristão Antonio de Alvarenga, ambos os filhos de Bárbara Heliodora e do inconfidente Alvarenga Peixoto. Após a Inconfidência Mineira e o exílio do marido, Bárbara Heliodora refugiou-se em Campanha, hospedando-se na casa de uma irmã, uma vez que teve todos os seus bens confiscados. Quando crescidos, seus filhos tornaram-se professores de gramática latina na cidade.

Segundo um artigo do jornal *Pregoeiro Constitucional*, de Pouso Alegre, publicado em 29 de dezembro de 1830, a turma de Primeiras Letras de Campanha possuía já muitos alunos neste momento:

Bem satisfactoria tem-nos sido a noticia de que no dia 29 de dezembro, concorreu com o professor de primeiras letras daquella Villa (da Campanha), presente o juiz de paz com seus alumnos *em numero de mais de cem*, dentre os quais alguns se apresentaram correntes, e a maior parte dava prova de actividade e esmero de seu Mestre, o qual desde o seu começo tem sido exacto em suas obrigações. ... (citado por VALLADÃO, 1942, p. 45)

Pensando na necessidade no aumento da oferta de classes e na ampliação das vagas de Primeiras Letras, alguns cidadãos daquela cidade fundaram, em 1831, a *Sociedade Philantropica Campanhense*, com a finalidade de assistir às crianças *desvalidas* e promover a instrução pública. Pode ser considerada como a primeira sociedade cultural com o intuito educacional de Minas Gerais, pois é anterior à instalação da *Sociedade Promotora da Instrucção Publica*, fundada em Ouro Preto no ano de 1832. A *Philantropica* tinha também a participação de mulheres que lutaram pela instalação de uma aula de primeiras letras para o sexo feminino e também de uma aula de francês⁵⁶.

⁵⁶ VALLADÃO, 1942, p. 50

A experiência educacional de Francisco de Paula Ferreira de Rezende

No ano de 1831, sabe-se da instalação de uma Escola de Ensino Mútuo para primeiras letras em Campanha, dirigida pelo prof. Venâncio Ferreira da Silva Castro, com mais de 100 alunos⁵⁷. O Método Mútuo ou Lancasteriano difundiu-se no Brasil neste período, prevendo que a instrução pública deveria ser um dever do Estado. Para contemplar um número maior de alunos, com a carência de professores, a instrução era então dividida em graus, levando em consideração a idade de cada aluno. Utilizavam-se discípulos mais adiantados para auxiliar o professor no ensino dos alunos menos adiantados. Havia uma grande sala repartida segundo as classes. O método deveria também combater os castigos físicos.

É possível conhecer sobre a utilização do método mútuo em Campanha através do relato de Francisco de Paula Ferreira de Rezende, em *Minhas Recordações* (**anexo 05**). Este livro foi escrito no final da vida do referido autor (1887) e narra em dois capítulos a sua passagem pela escola *pública* de Campanha. Segundo ele, esta descrição seria de um *modo muito geral* e com idéias *muito vagas*, pois lembrava-se muito pouco desta época. O pouco que fornece Ferreira de Rezende em sua autobiografia torna-se muito para a compreensão da história da educação em Campanha na década de 40 do século XIX. Para Faria Filho (2002), as autobiografias são ainda pouco utilizadas pelos historiadores, mas são fontes riquíssimas para compreender o cotidiano, especialmente o educacional, de uma determinada época.

Um dos aspectos ressaltados por Francisco de Paula, e que aqui nos interessa recuperar, refere-se à escola primária frequentada por ele em Campanha (MG), no início da década de 40. Dessa escola ele nos conta da frequência (“muito grande”), da matrícula (“de cento e muitos meninos”), das matérias de ensino, dos métodos de ensino, dos castigos, da Santa Luzia (palmatória), do proprietário da cadeira e de seus vários

⁵⁷ CASADEI e CASADEI, 1989, p. 30

professores substitutos, entre muitos outros aspectos. (FARIA FILHO, 2002.p. 142)

Ferreira de Rezende (1987) afirma nunca ter estudado em colégio algum, nem interno e nem externo. Toda a sua educação foi feita em *escolas públicas* ou pelo auto-didatismo. Este é, aliás, um ponto sempre ressaltado por este autor, já que considera as escolas muito fracas e julga necessário, então, aprender sozinho, sem o auxílio de professores.

O seu professor de primeiras letras na escola de Campanha chamava-se José Antônio Mendes, advogado que possuía a particularidade de andar com muletas (tinha uma das pernas amputadas), mas não colocava nenhum problema na sua locomoção e em utilizar da palmatória, o que seria contrário aos princípios do método mútuo:

... entretanto que ele sabia, quando lhe convinha, caminhar com uma tal sutileza, que mal se podia ouvir o andar ou o batido das muletas. E aí do menino que se fiava nesse batido traidor! Porque, quando menos esperava, do corredor que vinha do interior da casa, o mestre fazia na porta uma meia volta à esquerda, e com um simples lanço de olhos pilhava com a boca na botija a todos aqueles, que fiados na sua ausência tinham-se posto a conversar ou a brincar. Então, dirigindo-se para a mesa em que escrevia ou para a poltrona em que se sentava, tomava a Santa Luzia, que assim se chama a palmatória, segundo penso, por ser aquela santa a protetora dos olhos e ter a palmatória nada menos de cinco; e começava-se o que se poderia chamar um verdadeiro – *vai de roda* –; visto que sem pronunciar o nome, mas apenas indicando com os olhos ou com a mão a vítima que devia caminhar para o sacrifício.(...) E que bolos; santo Deus! Estalavam que ainda mesmo de muito longe se ouviam; e eram às vezes tantos que quase se lhes perdia a conta (REZENDE , 1987, p. 174-175)

O protagonista era um dos alunos mais novos da sala (cerca de 9 anos) e afirma que o professor era menos severo com ele, permitindo que, juntamente com o seu colega, o futuro senador Evaristo da Veiga, brincassem no pátio e na horta de sua casa e ainda ganhassem lanches de sua esposa. Conta que recebeu somente dois *bolos* devido a um erro gramatical durante uma lição. Como a frequência na escola era muito grande (*a matrícula era de cento e muitos alunos*), o mestre dividia a turma em classes. Segundo o autor, as

classes inferiores eram, às vezes, desprezadas e pouco se adiantavam. Lembra-se ainda que existiram vários professores interinos ou talvez *simples ajudantes do professor efetivo*.

Há o registro de uma novidade da aula, mas que considera de curta duração: “Essa novidade foi umas espécies de pequenas mesas cercadas de umas taboletas as quais, cheias de uma areia bem lisa, serviam para nela se escrever ou se fazerem letras, em lugar de lousas ou papel.” (REZENDE, 1987, p. 174)

Ferreira de Rezende informa que os alunos eram obrigados a levar os livros, entretanto, os meninos pobres recebiam o material da província. Segundo o Relatório de Presidente da Província de Minas Gerais do ano de 1840, período próximo ao estudo de Ferreira de Rezende na escola de Campanha, a Assembléia subvencionava parte do material didático das escolas.

Concluirei esta parte, informando-vos , que tenho posto particular cuidado em fazer distribuir, como é possível, pelas Escolas algum papel, pennas, e outros objectos indispensaveis para o ensino, despeza esta, que deve ir em augmento (...) Taes objectos devem ser dados não só como auxilio aos pobres, mas tambem como premios aos que de distinguirem por sua conducta, e applicação. (Fala do presidente Bernardo Jacintho da Veiga, 01/02/1840, p. 48)

Para o Presidente da Provincia de Minas, Bernardo Jacyntho da Veiga⁵⁸, neste momento o ensino mútuo já estava quase abandonado nas escolas mineiras e voltava-se para o sistema individual. Além disso, observa que este método já era pouco utilizado na França e, portanto, deveria ser substituído pelo Ensino Simultâneo⁵⁹. A Assembléia Mineira

⁵⁸ O qual havia vivido por muitos anos em Campanha e tinha diversos parentes por lá.

⁵⁹ O ensino simultâneo, centrado na ação do professor e na atenção simultânea dos alunos, se opunha aos métodos em voga no século XIX que reuniam numa mesma sala alunos de várias idades e de vários níveis de ensino: o método individual e o método mútuo. Além disso, essa nova organização escolar, que também pressupunha a uniformização e seriação dos conteúdos, distribuídos gradualmente nos quatro anos do curso primário, passou a exigir uma variedade maior de livros didáticos adaptados ao ensino graduado de todas as matérias do currículo.

deveria então subvencionar a viagem de dois professores à França para aprender este método.⁶⁰ Detecta - se então a precariedade do sistema de ensino neste momento, já que mudava -se o método de acordo com as determinações dos presidentes da província e também com as últimas discussões francesas.

Quanto à instrução secundária em Campanha, no mesmo relatório encontram-se notícias das cadeiras oferecidas e a preocupação com os atrasos de pagamentos e baixos salários dos professores, informação constante tanto nos diversos Relatórios de Presidentes de Província, quanto nos diversos artigos de jornais ao longo do século XIX.

Quanto às da Villa da Campanha, informa igualmente o respectivo Delegado, que nas de Latim, e Francez tem-se sempre notado grande adiantamento dos estudantes, e que os de Filosofia também apresentarão algum nos exames de 3 de Novembro. Represente muito energicamente o mesmo Delegado a necessidade de elevarem-se os actuaes ordenados dos Professores, opinião esta, que tem sido manifestada por outros Delegados, persuadidos que sem essa providencia as Aulas não podem obter os precisos melhoramentos. (Fala do presidente Bernardo Jacintho da Veiga, 01/02/1840. p. 50)

Quanto à sua experiência no ensino secundário, Ferreira de Rezende (1987) dá a saber que iniciou o estudo de latim em 1843. Esta era a única cadeira oferecida em Campanha em sua época, já que as cadeiras de filosofia e francês haviam sido extintas neste momento. Segundo ele, não podia saber “(...) se a aula tinha-se fechado porque o professor se havia mudado; ou se o professor mudou-se porque a aula havia sido extinta.” (REZENDE, 1987, p. 226)

⁶⁰ Segundo Primitivo Moacyr (1940), no ano de 1846 encontra-se a seguinte informação sobre o método Mútuo e o Ensino Simultâneo em Minas Gerais: “Parece que um mau fado nos tem perseguido a este respeito, pois que da antiga escola de ensino mutuo, que com tanto zelo foi organizada pelo Conselho da província, não existe hoje um só objeto por pequeno que seja. (...) Em todas as escolas elementares do primeiro e segundo graus, definidas na lei de 1835, SE ADOTARÁ O METODO SIMULTANEO para o ensino da mocidade.” (p. 81)

O fato é que o único professor *público* de ensino secundário em Campanha, para a única cadeira disponível em 1843, era o padre mestre João Damasceno. O autor tinha a seguinte opinião sobre o seu professor da adolescência:

Homem muito reservado, de modos um pouco misteriosos, e muito econômico, o padre Manuel João Damasceno passava por ser um latinista de primeira força, como sói acontecer a quase todos os mestres na opinião dos seus discípulos. (...) Em todo caso, me parece que além dos estudos que eram então necessários para a ordenação e de algumas tinturazinhas muito ligeiras de botânica, o Padre Mestre João Damasceno muito pouco mais sabia do que algumas noções de história e essas mesmas muito incompletas e muito superficiais. Todavia, por causa daquela sua reserva e daqueles seus modos mais ou menos misteriosos, ele passava para muita gente como um verdadeiro oráculo. (REZENDE, 1987, p. 223)

O perfil que Ferreira de Rezende apresenta de seu mestre foi formado devido aos cinco anos em que frequentou a cadeira de latim. A aula diária durava três horas, das 10 às 13 horas. Como professor, o padre contrastava com o professor de primeiras letras, já que era *brando em tudo* e não utilizava da palmatória; enquanto o professor João Antonio Mendes era *colérico, impetuoso e maligno*. O padre costumava até contar algumas anedotas, “(...) cujo fim principal era a nossa instrução moral ou então de dar-nos alguns conhecimentos sobre muitas outras coisas que não era propriamente o latim.” (REZENDE, 1987, p. 224)

O aprendizado do latim foi fundamental para Ferreira de Rezende na sua carreira jurídica⁶¹, mas o pouco conhecimento da gramática portuguesa, circunscrito somente às aulas de primeiras letras, causou-lhe um estranhamento na sua escrita ao longo

⁶¹ Logo após o término das aulas de latim foi cursar direito em São Paulo.

de sua vida, e, quanto a esta característica de sua formação, demonstra assim mais uma falha do tipo de ensino proposto na primeira metade do século XIX no Brasil:

....inhabilidade para tudo quanto é língua; pois que nunca outra tendo eu falado que não fosse a portuguesa, e a estando sempre a falar há mais de meio século e de ordinário com gente que mais ou menos a conhece, eu, entretanto, ainda até hoje não a posso escrever mais ou menos corretamente, sem que tenha ao pé de mim um dicionário e algumas vezes mesmo alguma gramática. (REZENDE , 1987, p. 227)

O ensino de Ferreira de Rezende foi complementado pela leitura de diversos livros da biblioteca particular de seu avô, por algumas aulas particulares de álgebra e francês e pelos ensinamentos populares da *preta Margarida*.

Se um tal ensino teve para mim inconvenientes maus, a intenção foi boa ou não foi má; e, em todo caso, graças à minha boa Margarida, sei hoje tantas coisas, que a maior parte dos doutores de borla e capelo não sabem talvez nem a metade. (REZENDE , 1987, p. 111)

Os jornais como caminho para a compreensão da educação campanhense no século XIX e início do XX

Na produção do conhecimento histórico, os últimos anos têm sido palco de diversas formas de renovação e ampliação das possibilidades de interpretação. Tal renovação se deve muito pela ampliação das fontes, e, nesta pesquisa, a imprensa é utilizada como uma fonte documental valiosíssima para a compreensão do período estudado. Utilizando-se a imprensa deste momento em questão, pode perceber-se dados referentes à História da Educação que provavelmente não seriam encontrados em outra documentação: referências à necessidade de instrução, anúncios de escolas que estão sendo fundadas, nomes de professores, matérias ensinadas, livros adotados e até nomes e notas de alunos.

É difícil encontrar um outro *corpus* documental que traduza com tanta riqueza os debates, os anseios, as desilusões e as utopias que têm marcado o projeto educativo nos últimos dois séculos. Todos os atores estão presentes nos jornais e revistas: os professores, os alunos, os pais, os políticos, as comunidades... As suas páginas revelam, quase sempre o

“quente”, as questões essenciais que atravessaram o campo educativo numa determinada época. A escrita jornalística não foi ainda, muitas vezes, depurada das imperfeições do cotidiano e permite, por isso mesmo, leituras que outras fontes não autorizam. Por outro lado, é através deste meio que emergem “vozes” que têm dificuldade em se fazerem ouvir noutros espaços sociais, tal como na academia ou no livro impresso. A imprensa é, provavelmente, o local que facilita um melhor conhecimento das realidades educativas, uma vez que aqui se manifesta, de um ou de outro modo, o conjunto de problemas desta área. É difícil imaginar um meio mais útil para compreender as relações entre a teoria e a prática, entre os projetos e as realidades, entre a tradição e a inovação...São as características próprias da imprensa (a proximidade em relação ao acontecimento, o caráter fugaz e polêmico, a vontade de intervir na realidade) que lhe conferem este estatuto único e insubstituível como fonte para o estudo histórico e sociológico da educação e da pedagogia. (NÓVOA apud BASTOS, 2002, p. 169)

Para Gonçalves Neto (2002), a imprensa tem a capacidade de formar uma cultura, padronizar o povo, além de agir também como um veículo educativo. É por meio dela que se divulgam e se consolidam as principais representações sociais. O jornal centraliza as opiniões da elite intelectual e torna-se um elemento para captar as representações de uma época. A palavra escrita pode ser resgatada no futuro e utilizada como documentação na construção de interpretações históricas. Mesmo com o direcionamento ideológico dos jornais, cabe ao historiador utilizá-los como fonte para a recuperação de um determinado período histórico, aguçando o seu olhar crítico para os fatores que influenciaram a sua construção.

O passado é, sem dúvida, o objeto do historiador, mas hoje se admite que esse objeto é construído e reconstruído tendo em vista as necessidades e perspectivas do presente. Nas leituras e releituras do passado há constantes perdas e ressurreições.

É em função da vida que se interrogam os mortos. Compete, pois, ao historiador fazer reviver as personagens do passado, procurando entendê-las na sua época. Com essa nova postura, a história morta cede lugar a uma história viva que se propõe, como meta, captar as transformações dos homens no tempo. A imprensa oferece amplas possibilidades para isso. A vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos, permite compreender como viveram os nossos antepassados – não só os *ilustres* mas também os sujeitos anônimos. (CAPELLATO apud VILLELA, 2001, p. 111)

A imprensa periódica em Minas Gerais pode ser distribuída, segundo as regiões do Estado, da seguinte forma:

Tabela 02 – A Imprensa Periódica em Minas Gerais, 1897 - 1940

| ZONA | 1897 | 1905-6 | 1920 | 1940 |
|-----------|------|--------|------|------|
| Norte | 5 | 12 | 13 | 12 |
| Leste | 1 | 3 | 9 | 3 |
| Centro | 22 | 42 | 42 | 42 |
| Triângulo | 12 | 14 | 20 | 35 |
| Oeste | 18 | 19 | 21 | 21 |
| Sul | 39 | 56 | 79 | 67 |
| Mata | 31 | 49 | 82 | 93 |
| Total | 128 | 195 | 266 | 273 |

Fonte: Wirth. Citado por GONÇALVES NETO, 2002, p. 209⁶²

O quadro acima demonstra que, comparativamente, a região sul-mineira produziu o maior número de periódicos no final do século XIX e início do século XX. Esta região só começa a ter um menor número de publicações com relação à Zona da Mata a

⁶² SIC: o quadro acima não totaliza os periódicos produzidos em cada região mineira, apenas a quantidade produzida por cada período analisado. Deve-se levar em consideração que um mesmo periódico poderia ser computado mais de 01 vez, se o mesmo fosse publicado em um período mais longo, como é o caso do *Monitor Sul Mineiro* em Campanha (1874 – 1918)

partir de 1920. Percebe-se também que a região analisada teve uma diminuição do número de periódicos entre 1920 e 1940.

A importância da zona sul - mineira na publicação de periódicos, é analisada também detectando - se a importância da imprensa em Campanha ao longo do Oitocentos, enquanto reflexo do fato da cidade neste momento ser o maior centro político e cultural da região.

Segundo Mendes (2005), percebe-se que Campanha manteve uma publicação total de 33 periódicos diferentes até 1897. O jornalismo em Minas Gerais foi muito importante e deu os seus primeiros passos em Ouro Preto, sendo que, a partir da década de 1830, a imprensa periódica se fortaleceu nas demais cidades da província.

Para Valladão (1942), Campanha foi a oitava localidade de Minas Gerais a possuir *Typographia* e, conseqüentemente, publicar jornais. O primeiro chamou-se *Opinião Campanhense* e foi publicado em 1832 por Bernardo Jacintho da Veiga (o qual, posteriormente, em 1840, seria Presidente da Província de Minas Gerais). O redator produzia o jornal duas vezes por semana e remetia exemplares para o Rio de Janeiro, Ouro Preto, São João Del Rei, Pouso Alegre, São Paulo e Guaratinguetá. A família Veiga foi importantíssima em Campanha na produção e circulação de periódicos ao longo do século XIX.⁶³

Hoje, vários periódicos campanhenses são preservados, completos ou em partes, no Centro de Estudos Campanhenses Monsenhor Lefort, mantido pela Prefeitura da Cidade de Campanha. Com o auxílio dos dados fornecidos por memorialistas e

⁶³ Bernardo Jacintho da Veiga e Lourenço Xavier da Veiga eram filhos de Francisco Luiz Saturnino da Veiga, responsável por instalar a primeira livraria no Rio de Janeiro. Eram irmãos de Evaristo da Veiga, proprietário do jornal *Aurora Fluminense* e influente político liberal. Bernardo e Lourenço chegaram em Campanha por volta de 1818 e logo abriram a primeira livraria da cidade. Eles e seus descendentes, além de participação na vida política da província, foram responsáveis pela publicação de diversos periódicos, *almanacks*, pela abertura da primeira biblioteca da cidade e também pela venda de livros.

com o levantamento realizado, classificam-se os principais periódicos campanhenses:

Tabela 03 – Periódicos publicados em Campanha. 1832 - 1919

| Período | Nome do jornal | Diretor / redator | Características |
|------------|---------------------|----------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|
| 1832- ? | Opinião Campanhense | Bernardo Jacyntho da Veiga | Publicado 02 vezes por semana |
| 1854 -1855 | Nova Província | Lourenço Xavier da Veiga | Jornal com proposta separatista |
| 1859 -1863 | O Sul de Minas | Lourenço Xavier da Veiga | Jornal com proposta separatista |
| 1864 -1869 | O Sapucahi | Candido Ignacio Ferreira Lopes | Jornal com proposta separatista |
| 1872-1897 | Monitor Sul Mineiro | Bernardo, Evaristo, Francisco e José Pedro da Veiga | 1a. fase do jornal; jornal de grande prestígio na região |
| 1873-1875 | O Colombo | Francisco F. Brandão, Manoel de O. Andrade e Lúcio de Mendonça | Primeiro periódico republicano em Minas Gerais |
| 1873-1874 | Sexo Feminino | D. Senhorinha da Motta Diniz | Periódico feminino |
| 1873 -1874 | O Monarquista | José J. da Silva Diniz | Defensor da monarquia |
| 1878 -1885 | O Colombo | Francisco F. Brandão, Manoel de O. Andrade e Lúcio de Mendonça | 2a. fase do jornal |
| 1885 -1888 | O Sul de Minas | Olympio Valladão | Jornal com proposta separatista |
| 1889 -1889 | A Revolução | Manoel de O. Andrade | Jornal republicano |
| 1892 -1893 | Minas do Sul | Júlio Bueno e José Luiz Pompeu da Silva | “Estado de Minas do Sul” e do “Partido Separatista” |
| 1898 -1918 | Monitor Sul Mineiro | José Pedro da Costa | 2a. fase do jornal. |
| 1900-1919 | A Campanha | João Baptista de Mello | Jornal do Partido Republicano |

Fonte: CASADEI e CASADEI (1989) e VALLADÃO (1942)

Campanha representou um papel importante no cenário político e cultural mineiro. Os seus jornais atingiram vários pontos da província. A maioria de seus periódicos estava ligada aos partidos ou aos movimentos de luta política, principalmente àqueles com proposta de separação do sul de Minas com relação ao restante do Estado.

Destaca-se, aqui, o período compreendido entre 1872 e 1874, quando foram publicados quatro periódicos em Campanha: *O Colombo*, *O Sexo Feminino*, *O Monarchista* e o *Monitor Sul Mineiro*.

O Colombo foi o primeiro periódico republicano do Estado⁶⁴. Segundo Boehrer (s/d), este foi o mais importante jornal republicano em Minas Gerais, principalmente quando passou a ser publicado regularmente em sua segunda fase (1879 – 1885).

Mais importante porém do que qualquer desses jornais no movimento republicano de Minas Gerais, era O COLOMBO, de Campanha, que apareceu esporadicamente de 1873 até 1879 e mais regularmente de 1879 até 1885. Em 1879 estava sob a direção de Lúcio de Mendonça, Francisco Honório Ferreira Brandão e Manuel de Oliveira Andrade. O COLOMBO era de importância suprema nas atividades republicanas mineiras, durante esses anos, devido a Lúcio de Mendonça que embora residisse na vizinha cidade de São Gonçalo do Sapucaí, dirigiu a política editorial do jornal. ... (BOEHRER, s/d, p. 124)

⁶⁴ “Depois do aparecimento do *Monitor Sul - Mineiro*, surge na Campanha *O Colombo*, a primeira folha republicana de Minas, fundada e redigida com inextinguível brilhantismo pelo notáveis republicanos Dr. Francisco Honório Ferreira Brandão e tenente-coronel Manoel de Oliveira Andrade. (...) Durante um decênio calou fundo na alma dos mineiros, fazendo-a sentir a necessidade do novo regime; aluindo pela base os alicerces em que assentava o pesado edifício da monarquia; dando o exemplo da intrepidez aos espíritos timoratos; expondo aos olhos do público o esforço inútil dos partidos monárquicos, que já não tinham mais bandeiras, rotas nas refregas da politiquice estulta, sem alvo, sem objetivo nobre, sem outro afã mais que desmoralizar a grei dominante, para por seu turno dominar, mandar, dispor de empregos, arranjar afilhados, colocar amigos, encarrear a parentela.” (BUENO, 1900, p. 47)

Já o *Sexo Feminino* foi publicado pela professora da escola anexa para o sexo feminino da Escola Normal de Campanha⁶⁵, D. Francisca Senhorinha da Mota Diniz. Com a sua mudança para o Rio de Janeiro, a publicação do jornal também foi transferida. D. Senhorinha é considerada uma das pioneiras na imprensa feminina nacional.

Ele durou exatamente um ano, de 7 de setembro de 1873 a 7 de setembro de 1874. Era um jornal engajado na defesa feminina, reivindicando, por exemplo, a instrução das mulheres. Em sua 1ª edição dizia: “Em vez dos pais de família mandarem ensinar suas filhas a coser, engomar, cozinhar, varrer a casa, etc, etc, mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar, gramática da língua nacional perfeitamente, e depois economia, medicina doméstica...” O *Sexo Feminino* era redigido pela professora primária Francisca Senhorinha da Mota Diniz e suas filhas. (MENDES, 2005)

Segundo Nascimento (2003), por meio deste periódico é possível analisar algumas brechas utilizadas para romper as fronteiras. Percebe-se neste jornal a necessidade de salientar a educação feminina, especificamente a valorização da profissão docente, discurso que se fortalecia a partir da segunda metade do século XIX.

É tempo de darmos o grito de nossa independência, de nossa emancipação do jugo ferrenho em que temos até agora vivido, proclamando alto e bem alto a nossa capacidade para certos empregos públicos, e muito principalmente para **o magistério onde daremos à mocidade de ambos os sexos educação e instrução; e quando sentadas em nossas cadeiras, mostraremos ao governo, ao povo e à sociedade que ensinaremos a juventude se não com mais proficiência que os preceptores, ao menos com mais constância, paciência, resignação, bondade e ternura maternal, sentimento este que Deus não confiou ao sexo masculino.** (grifos meus. O *Sexo Feminino*, p. 02, no. 13, Citado por NASCIMENTO, 2003, p. 192)

⁶⁵ A Escola Anexa funcionava como um lugar de desenvolver aulas práticas da Escola Normal. Existia a Escola Anexa Feminina e a Escola Anexa Masculina. Ambas ofereciam o ensino primário, tendo um professor público responsável por controlar, direcionar e avaliar as atitudes dos alunos normalistas estagiários.

D. Senhorinha tinha uma postura que deve ser interpretada como de *resistência* em relação às ligações com o mundo masculino, visto que o direito de acesso ao ensino secundário pelas mulheres foi o ponto central de sua luta. Propõe, antes de tudo, o aumento da escolarização feminina para alcançar a profissionalização por meio do magistério, demonstrando com características tipicamente femininas (constância, paciência, resignação, bondade e ternura maternal) a sua superioridade para o exercício desta profissão. “(...) Para a feminista, tal conquista não apenas permitiria a elas aspirarem às mesmas posições que os homens, mas, principalmente, conhecerem os seus direitos, ainda que fossem poucos”. (MUNIZ, 2003, p. 88). Um exemplo desta consciência no que tange aos direitos femininos diz respeito à outorga nos bens imóveis do casal, como atesta a seguinte passagem de *O Sexo Feminino*:

É inegável que a mulher (salvo poucas exceções) vive na mais completa ignorância de seus direitos, desconhecendo até aqueles em que a legislação do país a considera solidária – qual é a alienação de bens imóveis. Quantas mulheres casadas ignoram que o marido não pode dispor por maneira alguma de um imóvel do casal sem seu especial consentimento? (*O Sexo Feminino*, 25/10/1873, p. 12. citado por MUNIZ, 2003, P. 88)

O periódico *O Sexo Feminino* teve curta duração em Campanha, assim como o jornal *O Monarchista*, ambos editados na mesma *typographia*. *O Monarchista* tinha como diretor, o professor da escola de aula prática do sexo masculino da Escola Normal, o Sr. José Joaquim da Silva Diniz, marido de D. Senhorinha. Como foi dito anteriormente, D. Senhorinha era a professora da Escola Anexa (prática) feminina da Escola Normal de Campanha. O seu marido era o responsável pela cadeira de ensino prático para os meninos. Embora a Escola Normal oferecesse o ensino para homens e mulheres, neste momento ainda não praticava - se a co-educação e, portanto, o ensino era diferenciado para meninos e meninas que freqüentavam a Escola Anexa, local onde os normalistas praticavam os ensinamentos das diversas disciplinas teóricas do curso.

O jornal mais importante da região sul - mineira e que perdurou por mais tempo foi *O Monitor Sul Mineiro*. Em sua primeira fase (1872–1897), o jornal ficou sob a direção

da família Veiga, já citada anteriormente. A partir de 1899 até 1918 passou para as mãos de José Pedro da Costa, que também tinha laços de parentesco com a referida família.

Para realizar o levantamento sobre a educação em Campanha na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, utiliza-se especificamente então alguns periódicos, que estão catalogados e sob a guarda do Centro de Estudos Campanhenses Monsenhor Lefort, em Campanha: *O Sul de Minas* (1859- 1863); *Minas do Sul* (1892-1893); *O Monitor Sul Mineiro* (1842-1897; 1899-1918) e *A Campanha* (1900-1919).

Para compreender a educação pública e a educação privada

Para trabalhar com o ensino público e o ensino privado em Campanha no século XIX, é necessário compreender o significado destas palavras e as principais diferenças entre estes dois tipos de ensino para este momento.

Segundo Lombardi (2005), a forma substantiva do termo *público* pode ser compreendida como um conjunto de homens com objetivos comuns. Se for adjetivado, seria aquilo que é de uso comum, que pode dizer respeito ao governo ou ao Estado. Já a noção de *privado* pode designar o ato de ser despojado de algo (verbo), a pessoa despojada de algo (adjetivo) ou ainda particular (substantivo). Atualmente o sentido de *público* é utilizado como sinônimo de *estatal* e, *privado*, como sinônimo de *particular*.

A dicotomia entre público e privado só faz sentido enquanto fundamentação burguesa, capitalista, do Estado moderno. Essas elaborações, portanto, cumprem uma função de justificação ideológica de princípios fundamentais ao ideário liberal: liberdade, propriedade, sociedade civil e, enfim, do Estado como instituição contratualmente criada pelos homens para garantir a liberdade e a igualdade de direitos a todos. (LOMBARDI, 2005, p. 86)

Ainda para este autor, o Estado burguês moderno é um instrumento de dominação de uma minoria contra uma maioria. A “igualdade” pregada pela burguesia é

somente formal e a liberdade não acontece para todos. A divisão do trabalho implicou a repartição desigual do trabalho e, conseqüentemente, o estabelecimento da propriedade privada.

Levando em consideração as discussões atuais sobre o significado de público e privado, percebe-se, então, uma dificuldade em determinar o significado de *educação pública* e *educação privada* na segunda metade do século XIX. Neste período, o ensino fornecido pelo Estado nunca foi utilizado de uma forma pública, pois era direcionado para uma pequena parcela da população. Por outro lado, o ensino privado sempre precisou de uma subvenção do Estado.

Para Saviani (2005), o público e o privado constituem categorias correlatas e indissociáveis entre si, já que o público só pode ser compreendido com referência ao privado (ou vice-versa). Quando se estuda a história da educação pública ou privada, sempre haverá a percepção do outro pólo. O público e o privado são categorias originárias do mundo moderno, configuradas a partir do século XIX.

Em sentido próprio, é somente a partir do advento dos grupos escolares, instituídos pela reforma paulista de 1890, cujo modelo se generalizou para todo o país, que podemos falar em educação pública no Brasil. Com efeito, além das iniciativas governamentais anteriores terem sido tímidas e intermitentes, cabe indagar se podemos conceber como escolas públicas as escolas unidocentes que funcionavam, geralmente, nas próprias residências dos professores e que foram predominantes até o início do século XX. (SAVIANI, 2005, p. 172)

Levando em consideração as discussões de Lombardi e Saviani a respeito de público e privado, percebe-se que uma parte significativa das escolas analisadas nesta pesquisa está inserida no contexto de pequenas escolas, que, em alguns momentos, sequer recebiam a subvenção da Província/Estado. Há também as pequenas escolas privadas, que, da mesma forma, necessitavam de auxílio estatal para a sua manutenção. Tais escolas não podem ser caracterizadas totalmente como públicas ou privadas. Assim, a partir deste momento, optou-se por classificá-las como *provincial/estatal* e manter a terminologia *privada*.

A educação provincial/ estatal feminina de Primeiras Letras

Uma das primeiras notícias encontradas sobre a educação em Campanha no jornal *O Sul de Minas* trata da necessidade de educação feminina. O referido jornal diz o seguinte:

Às meninas também se procura dar uma bem diversa educação daquella que em outro tempo se lhe ministrava: aos sete anos mais ou menos, vai a pequenina para o collegio, onde aprende mal ou bem leitura, calligraphia, e alguns principios de arithmetica, dispensando-se-lhe o conhecimento de grammatica nacional, porque isso se tem julgado desnecessario até nos regulamentos de instrucção publica: sabia disposição em favor do sexo feminino, porque é claro que as moças se exprimem tão bem, com tanta elegancia e amabilidade, e de modo tal, que encantão, convencem e seduzem a quantos as escutão: ora se aprendessem as regras grammaticais e alguns principios de rethorica, o que seria de nós outros?

Nos collegios aprendem também as meninas a bordar e a fazer muitas outras obras de agulha que tão apreciadas são actualmente; depois para o complemento de sua educação, estudão piano, canto, e algumas até dous dedos de francez.

As noções que aprenderão de religião, moral e civilidade, forão bebidas no Compendio de Doutrina, Thesouro de Meninas, e mais um ou dous opusculos semelhantes, mas parece que mesmo sobre Historia Sagrada, deveres moraes e religiosos, essa educação é por demais incompleta, quando aquelles principios não fiquem esquecidos e ficassem suplantados ao seu animo juvenil não pódem elles fortificar porque saindo dos collegios essas sementes são logo abaladas pela leitura frivola e prejudicial de muitos romances,(...) ornam uma jovem verdadeiramente romantica e destituída dos verdadeiros dotes que devem tornar agradavel judicioso e inteiramente apta para ser uma boa esposa e uma excellente mãe de familia. (*O Sul de Minas* 21/11/1862, p. 01)

O artigo acima citado fala da necessidade da educação feminina, mas considera que esta não deveria acontecer em excesso, já que nem o conhecimento das *regras grammaticais* seriam necessárias, uma vez que as mulheres se exprimiam naturalmente *com elegância*. Seriam então mais necessários o conhecimento de trabalhos manuais e o fortalecimento das disciplinas de caráter moral para torná-las esposas e mães competentes. A necessidade inicial de educar formalmente as meninas não estaria dentro de uma perspectiva de preparação e instrumentalização destas, mas na perspectiva de prepará-las

para o casamento. Enquadrava-se à necessidade de educá-las nos moldes formais para capacitá-las dentro das novas regras de um novo mundo urbanizado e atendendo aos anseios masculinos.

Segundo Almeida (2006), a partir do momento em que as mulheres adquiriram direito legal à educação no Brasil (1827), e impunha-se a necessidade de separação do ensino entre os sexos, tornou-se necessária, então, a preparação de professoras para o ensino primário. Mas foi somente com a expansão quantitativa da educação no final do século XIX, que se tornou possível ter um alargamento tanto do ensino quanto a profissionalização feminina.

...A mão de obra feminina na educação principiou a revelar-se necessária, principalmente tendo em vista os impedimentos morais dos professores educarem meninas e a recusa da sociedade à co-educação dos sexos, considerada perigosa do ponto de vista moral. Quando o poder público abriu a possibilidade de as mulheres poderem ensinar e com isso exercer uma profissão remunerada, produziu-se uma grande demanda pela profissão de professora. O discurso ideológico que acompanhou essa demanda construiu uma série de argumentações que alocavam às mulheres um melhor desempenho profissional na educação, derivado do fato de a docência estar ligada às idéias de domesticidade e maternidade. (...) as relações patriarcais e econômicas que reestruturaram a sociedade em finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX tiveram grande importância no processo de feminização da profissão. Mas não tiveram menor importância as reivindicações femininas pelo direito de exercer o magistério e ter acesso à educação e à instrução, assim como a oportunidade de exercer um trabalho assalariado. (ALMEIDA, 2006, p. 136)

Percebe-se a necessidade de instruir formalmente as mulheres, já buscando a sua preparação para o trabalho profissional nos artigos de jornais da década de 1870. A mulher deveria preparar-se para ser mãe, esposa e poderia também ser professora:

A instrução das mulheres, tão descuidada ainda há pouco, vai merecendo de alguns estados, tanto na Europa como no Novo Mundo, a atenção e solicitude de que é digna. Em que pese á vaidade de nosso sexo, não há como negarmos o exito cabal que tem coroado esta cruzada civilisadora. (...)
Educar a mulher para a santa missão da familia, enriquecendo-lhe o espirito, é fóra de duvida prestar-lhe e á sociedade em que vivemos o

serviço mais assinalado. Si encarada sob o ponto de vista social a felicidade publica e a domestica tem por base a Independencia, o conforto, a tranquilidade pelo futuro, é claro que pela educação da mulher, encaminhando-a a exercer uma profissão honesta e proveitosa, tornando-a assim um auxiliar poderoso ao engrandecimento do bem-estar da familia, contribuiremos vantajosamente para a prosperidade do paiz, e para a tranquilidade do lar.(...)

A profissão de ensino, a cadeira de mestre eschola pertence *naturalmente* ás mulheres. Só ellas sabem aconselhar as crianças, insinuar-lhes a virtude, adverti-las com brandura, ralhar-lhes com moderação e imprimir sua tenra imaginação os sentimentos de honra, de amor ao trabalho e de caridade e respeito para com a desgraça. (Monitor Sul Mineiro, 16/10/1875. p. 01)

Não é possível definir quando ocorreu a implantação da primeira cadeira para o sexo feminino em Campanha⁶⁶. Pela primeira notícia encontrada no jornal *O Sul de Minas*, de 1860, detecta-se que já haviam 61 alunas matriculadas na aula ministrada pela professora D. Anna Maximiana de Souza Fernandes, sendo que demonstraram um grande desempenho nos exames prestados perante as autoridades campanhenses, onde, “(...) fez o seu maior elogio no progresso que suas *alumnas manifestarão*, não somente na parte litteraria do ensino, como ainda nas delicadezas da agulha e do *crochet*...”(*O Sul de Minas*, 15/12/1860, p. 01)

Neste mesmo artigo é informado que a aula pública de meninos era dirigida pelo Sr. Zeferino Dias Ferraz da Luz, comparando 60 *alumnos*. A partir desta informação, é fornecido, então, um número muito próximo entre o número de meninos e meninas freqüentes nas cadeiras de primeiras letras de Campanha.

⁶⁶ O ensino primário foi assegurado em Minas Gerais pela Lei no. 13, de 28 de março de 1835. Consultando os Relatórios de Presidente de Província, é encontrada a presença de 02 cadeiras de instrução primária de meninas para a Vila da Campanha e de Lavras no ano de 1840. Neste momento havia 19 cadeiras criadas, mas apenas 16 providas em toda a província. Não é possível dizer se estas 02 cadeiras estavam efetivamente providas. O relatório fornece ainda o número de 53 alunas frequentes para as 02 cadeiras. (Fala do presidente Bernardo Jacintho da Veiga, 01/02/1840, mapa 05)

Tabela 04 - Matrícula e frequência, feminina e masculina, nas escolas públicas mineiras (1831-1929)

| ano | Matrícula do 2o. semestre | | | frequência | | | F/M |
|------|---------------------------|-----------|-------|------------|-----------|-------|------|
| | feminino | masculino | total | feminino | masculino | total | % |
| 1831 | 138 | 2714 | 2852 | - | - | - | - |
| 1840 | - | - | 8000 | 650 | 5844 | 6494 | 81,1 |
| 1848 | - | - | 6000 | 781 | 4540 | 5321 | 88,6 |
| 1864 | 1747 | 11515 | 13662 | 1411 | 8102 | 9513 | 69,6 |
| 1880 | 9518 | 23714 | 33232 | 5488 | 11929 | 17417 | 52,4 |
| 1890 | 20567 | 36001 | 56568 | 10841 | 17207 | 28048 | 49,6 |
| 1901 | 12647 | 18421 | 31068 | 5557 | 7556 | 13113 | 42,2 |

Fonte: Relatórios dos Presidentes de Província e Mensagens dos Presidentes de Minas Gerais, in: Faria Filho, 2003, p. 80⁶⁷

Faria Filho (2003) traçou este quadro com o número de alunos e alunas matriculados e freqüentes nas escolas públicas mineiras partindo dos dados constantes nos relatórios de presidentes de Província e de Estado de Minas Gerais. O referido pesquisador detecta um expressivo aumento do número de matrícula das meninas ao longo do século XIX e início do XX. Este fato deve-se aos diversos incentivos à necessidade de uma educação formal feminina. Por outro lado, percebe-se também que a frequência sempre foi muito inferior ao número de matriculados, tanto dos alunos quanto das alunas.

⁶⁷ Não foram transcritos os dados relativos aos anos de 1909 à 1929 apresentados pelo autor, visto que nesta pesquisa eles não serão analisados.

Educação privada masculina

Ao tratar da educação privada em Campanha, foram encontradas, ainda no jornal *Sul de Minas*, referências aos exames do *Collegio Campanhense*⁶⁸ (**anexo 06**), de ensino masculino, dirigido pelo professor Antonio Araujo Lobato, professor *público* das cadeiras de francês e latim. Oferecia também, em um único edifício, as citadas cadeiras conjuntamente com outras disciplinas pagas: doutrina cristã, gramática portuguesa, aritmética, gramática inglesa, musica vocal e instrumental. Oferecia também o ensino primário particular e “(...) outros preparatorios mais à medida que os alumnos se fórem habilitando.” (O Sul de Minas, 12/12/1859, p. 02).

Este colégio recebia alunos internos e externos, e, segundo dados do referido jornal, estabelece-se a relação das disciplinas e do total de alunos matriculados em cada uma delas no *Collegio Campanhense* pelo seguinte quadro:

⁶⁸ “É installado em excellente predio e conta professores muito competentes, ensinando-se todos os preparatorios exigidos para os cursos superiores.” (VALLADÃO, 1942, p. 48)

Tabela 05: número de alunos que prestaram exames no Collegio Campanhense

| Ano | disciplina | Total de alunos |
|------|----------------------|-----------------|
| 1860 | Gramática latina | 17 |
| | Gramática portuguesa | 26 |
| | Gramática francesa | 16 |
| | aritmética | 15 |
| | Instrução primária | 9 |
| 1861 | Gramática latina | 36 |
| | Gramática francesa | 28 |
| | Gramática nacional | 24 |
| | Instrução primária | 27 |

Fonte: Jornal O Sul de Minas, 15/12/1860, p. 02 e 18/01/1862, p. 02

Analisando o quadro acima constata-se a elevação da quantidade de alunos nas disciplinas de gramática latina, gramática francesa e instrução primária em relação ao ano de 1860 para o ano seguinte. A gramática portuguesa ou *nacional* teve um pequeno decréscimo no número de alunos, como também não houve a oferta de disciplina aritmética em 1861, provavelmente pelo fato de serem disciplinas particulares e pagas, ao contrário das demais cadeiras avulsas, que eram mantidas pelo poder provincial.

Ao cruzarem-se os dados dos artigos do jornal referente aos exames dos anos de 1860 e 1861, com os dados referentes à matrícula dos alunos deste mesmo *Collegio* apresentados no Relatório de Presidente da Província do ano de 1861, no qual o estabelecimento é denominado *Collegio Lobato* (sobrenome do diretor da escola), percebe-se que o número de desistentes é também muito grande, desde a matrícula até o momento

dos exames. Não houve exames dos alunos de *aritmética* e inglês. Além disso, os dados abaixo também não fazem menção aos alunos matriculados na instrução primária e constata-se que o Collegio necessitava ainda de autorização para o seu funcionamento⁶⁹.

O Collegio Lobato da Cidade da Campanha, autorizado por titulo de 31 de outubro do anno passado, é frequentado por 88 alumnos e estudão:

| | |
|----------------------------|----|
| Latim..... | 60 |
| Francez..... | 33 |
| Inglez..... | 9 |
| Grammatica Portugueza..... | 23 |
| Arithmetica..... | 30 |

(Relatório do vice- presidente Joaquim Camillo Teixeira da Motta, 01/08/1862, p. 13)

Os alunos externos deste colégio deveriam pagar por cada cadeira de instrução secundária 50\$000 o trimestre, sendo que o ensino primário custaria 40\$000 pelo mesmo período. Segundo Valladão (1940) todos os professores eram pessoas ilustres, juristas e médicos de Cam... em suas mãos o ensino particular e público na cidade neste pe... as escolas particulares de ensino masculino do século XIX em Campanha, o *Collegio Campanhense* teve curta duração, funcionando

⁶⁹ Em 1854 os Colégios particulares da província de Minas Gerais passaram a ter obrigatoriamente uma licença concedida para o seu funcionamento. “Nenhum colegio particular de instrução primária, secundária ou superior, será estabelecido sem previa licença do presidente da província, precedendo informação do diretor geral da instrução. O título de licença custará na razão de 10\$ por cada cadeira de ensino. Nenhuma cadeira será concedida sem que o diretor prove: a) 30 anos de idade; b) gozo de direitos civis; c) ilustração, moralidade exemplar e a necessária prudência; d) conceito público. e) que não foi judicialmente acusado de crimes infamantes. (...) O que abrir colégio sem as condições prescritas pagará multa de 100\$ e o dobro da reincidência e obrigado a fechar o estabelecimento. (...) O colégio que for instalado com as formalidades estabelecidas acima poderá ser auxiliado pelos cofres provinciais a juizo do presidente, recebendo alunos pobres pelo mesmo designados.” (MOACYR, 1940, pp. 100-103)

O autor informa ainda que, em 1857, os títulos de licença passaram a ser concedidas gratuitamente. Somente em 1878 estabelece-se a liberdade do ensino privado: “(...) uma disposição da lei do orçamento provincial autoriza o governo a reformar desde já a inspetoria geral da instrução e reorganizar o ensino público, estabelecendo a liberdade do ensino privado.” (MOACYR, 1940, p. 195)

⁷⁰ Foram professores o Capitão Gomes Valladão, Antonio de Araujo Lobato, Padre João Damasceno, Dr. Braulio Moinhos de Vilhena, Lourenço Xavier da Veiga e Dr. Candido José Marianno. Todos eram representantes das famílias mais importantes da cidade e estavam intimamente ligados à política regional, conservadores em sua maioria.

apenas de 1859 a 1862. Esta curta durabilidade devia-se aos poucos recursos para a instalação das escolas, aos baixos investimentos da província (subvenções), e ao fato dos professores possuírem outras atividades mais lucrativas. A curta duração dos colégios particulares masculinos em Campanha pode ser comprovada pela análise do seguinte quadro:

Tabela 06: Colégios particulares masculinos em Campanha , segunda metade do século XIX

| Ano de fundação | Ano de fechamento | Nome do colégio | diretor |
|-----------------|-------------------|----------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1859 | 1862 | Collegio Campanhense ou Lobato | Antonio Araujo Lobato |
| 1862 | Não consta | Collegio Conceição | João Damasceno Teixeira |
| 1874 | Não consta | Internato Campanhense | Não consta |
| 1875 | 1877 | Collegio Nossa Senhora das Dores | Antonio J.R. de Moraes; Conêgo José Eduardo H. da Silveira |
| 1880 | 1880 | Internato Sul Mineiro | Antonio J. R. de Moraes; Joaquim L.de Rezende Alvim; Dr. Francisco H. F. Brandão; Bráulio Lion |
| 1881 | 1884 | Collegio São Luiz Gonzaga | Pe. João de Almeida Ferrão e Pe. Vital Vieira da Glória |
| 1884 | 1888 | Escola Campanhense | Joaquim P. De Camargo;Guilherme R. da Costa; Eduardo Carlos Pereira |
| 1888 | 1890 | Colegio Veiga | Angelo Veiga |
| 1894 | 1894 | Colegio Moraes | Candido Marianno de Moraes |
| 1895 | 1896 | Lyceu Campanhense | José Braz Cesarino |
| 1898 | Não consta | Gymnasio Sul Mineiro | José G. de Moraes e Francisco Lentz de Araujo |

Fonte: CASADEI e CASADEI (1989) e VALLADÃO (1942)

Pelas notícias levantadas nos jornais, é feito um pequeno histórico de alguns dos colégios citados acima⁷¹.

Na única notícia⁷² encontrada no *Monitor Sul Mineiro* sobre o *Internato Campanhense*, consta que este estabelecimento de ensino funcionava também como pensionato aos alunos das escolas *públicas* de ensino secundário da cidade (Escola Normal e Externato Campanhense). Além disso, oferecia duas cadeiras que ainda não estavam sendo oferecidas nas demais escolas secundárias: filosofia e inglês. Funcionava também neste estabelecimento a instrução primária para o sexo feminino.

O *Collegio Nossa Senhora das Dores*, dirigido inicialmente pelo professor do Externato Campanhense, Antonio José Rodrigues de Moraes, propunha o oferecimento de todas as matérias preparatórias para o ensino superior do Império e também o ensino primário. Segundo o programa de ensino⁷³, ensinava-se gramática nacional, latim, francês, inglês, filosofia, aritmética, história, geografia, retórica, desenho, música e catecismo. Percebe-se que este colégio oferecia uma quantidade de disciplinas superior a todos os colégios estabelecidos, até então, em Campanha. Todos os alunos deveriam ser internos e por cada pensionista deveria ser feito um pagamento anual de 200\$000. Os feriados e os compêndios seriam os mesmos adotados pelo ensino provincial.

Segundo o Estatuto do *Collegio Nossa Senhora das Dôres*⁷⁴, a mocidade seria educada nos *princípios da religião e das ciências*. Aceitariam alunos maiores de 7 e menores de 20 anos. Não seriam admitidos alunos expulsos de outros colégios, que

⁷¹ Somente não foi encontrada nenhuma notícia sobre o *Collegio Conceição*. Para Valladolid (1942), este colégio foi uma continuação do Colégio Lobato, só mudando o diretor e também teve curta duração.

⁷² *Monitor Sul Mineiro*, 25/07/1874, p. 04

⁷³ *Monitor Sul Mineiro*, 21/08/1875, p. 02

⁷⁴ *Monitor Sul Mineiro*, 21/08/1875, p. 02

sofressem moléstias contagiosas, e aqueles cujos pais não aceitassem os princípios da religião Católica. Os preceitos religiosos eram tão importantes neste Colégio, que os alunos deveriam assistir *respeitosa e devotamente* as orações da manhã e da noite, freqüentar as aulas de catecismo e história sagrada, assistir à missa todos os domingos e dias santos e confessar na quaresma. Os meios disciplinares do Colégio eram colocados da seguinte forma:

Capítulo 7º.

Dos meios disciplinares

Art. 17º. Os meios disciplinares para emenda dos alumnos são os seguintes:

§ 1º. - Reprehensão particular

§ 2º. - Reprehensão publica

§ 3º. - Ficar de pé

§ 4º. - Privação de recreio

§ 5º. - Trabalho de escripta fora das horas das aulas

§ 6º. - Prisão simples

§ 7º.- Despedida do collegio, quando os meios correccionaes dos §§ antecedentes forem inefficazes

Art. 18º. Os castigos de que trata o art. 17º. Podem ser applicados pelo director, regente e professores, excepto os dos dous ultimos §§ que serão da privativa competencia do director.

Art. 19º. A applicação dos castigos será feita conforme a idade, índole e temperamento do alumno. (Monitor Sul Mineiro, 21/08/1875, p.02)

Os alunos teriam direito a um passeio campestre às quintas-feiras e também poderiam sair para assistir à missa aos domingos. Estas saídas poderiam ser negadas pelo diretor, caso o aluno não merecesse, analisando o seu procedimento ao longo da semana. O enxoval dos alunos consistia em:

Um uniforme preto próprio para todos os actos publicos, o vestuario e calçado necessarios para o uso diario; canastras para guardar a roupa; colchão, travesseiro, fronhas, lençóes, coixas, um cobertor e toalhas; uma bacia para rosto e outra para os pés, ourinol, escovas para dentes, facto, e calçado, pentes grosso e fino, espelho, tesoura para unhas etc. (Monitor Sul Mineiro, 21/08/1875, p. 02)

Pelas notícias no Monitor Sul Mineiro, é informado que o referido Colégio recebeu uma subvenção da Assembléia Provincial de 1:000\$000⁷⁵. No ano seguinte (1876) anunciaram o aumento da anuidade para 250\$000 devido à *actual carestia dos víveres*⁷⁶. A instituição de ensino teve uma mudança de diretor em 1877, passando então para as mãos o Cônego José Eduardo Honorato da Silveira e elevando novamente a anuidade, agora para 300\$000⁷⁷.

A passagem do colégio para as mãos de um representante eclesiástico também refletiu no quadro docente da instituição⁷⁸. Tal fato deve-se à necessidade do fortalecimento do discurso eclesiástico e ultramontano pela educação na cidade, como é possível ver na seguinte notícia.

Acha-se nas melhores condições e sobre novas bases reconstruido em quanto ao pessoal e ensino, o antigo e já considerado collegio de Nossa Senhora das Dores: conta já grande numero de alumnos que constantemente affluem para aquelle estabelecimento, sem duvida um dos melhores do sul de Minas e que prima pelo asseio, pela hygiene e pelo excellente tratamento que alli recebem os alumnos, aos quaes, a par da mais solida instrucção, dispensa-lhes o seu digno e illustrado director os desvellos e carinhos paternaes.

Não há alli o jesuitismo, na malevola accepção da palavra, como essa ave de azas negras adejando em torno as intelligencias, expandindo trevas, querendo tudo dominar e avassalar pela ignorancia e pelo terror, peiando a liberdade...Não, que a **religião é a melhor, melhor garantia da liberdade: é o sol que illumina as intelligencias: é a pregoeira da caridade, que ensina sermos todos irmãos**, que desce ao sanctuario

⁷⁵ Monitor Sul Mineiro, 13/12/1875, p. 3

⁷⁶ Monitor Sul Mineiro, 22/01/76, p. 02

⁷⁷ Monitor Sul Mineiro, 12/01/1877, p. 4

⁷⁸ Formavam o quadro docente neste período: o Vigário José Theóphilo Moinhos de Vilhena, o tenente Coronel Manoel Ignacio Gomes Valladão (chefe político conservador da região sul mineira), Padre Paulo Emilio Moinhos de Vilhena, e os professores públicos Antonio José Rodrigues de Moraes e Juvencio Elias de Souza.

intangível da consciencia soberana: que finalmente eleva o homem acima da materia, espiritualisa-o, divinisa-o, convidando-o á dominar e avassalar o universo por meio da sciencia e proclamando a maxima sublime - “não só do pão vive o homem, mas de toda a verdade que parte dos labios de Deos.”(grifos meus, Monitor Sul Mineiro, 15/04/1877, p. 03)

No artigo acima citado percebe-se a necessidade de negar uma educação de caráter jesuítico, tentando desvincular o ensino confessional proposto nesta segunda metade do século XIX daquele ensino difundido pelos jesuítas no Brasil em grande parte do período colonial⁷⁹, alavancando então a idéia de uma escola ligada ao novo discurso do catolicismo, capaz de *levar o homem à garantia da liberdade e ao domínio da inteligência*. No final do ano de 1877 o Collegio *Nossa Senhora das Dôres* fechou as portas devido à transferência do seu diretor para a cidade de Alfenas⁸⁰.

O ensino organizado e ministrado por representantes da Igreja Católica teve continuidade com a instalação do *Collegio São Luiz Gonzaga*, dirigido pelo então padre João de Almeida Ferrão⁸¹ e padre Vital Vieira da Glória. Embora o Colégio tenha funcionado por alguns anos na cidade (1881-1884), foram encontradas poucas notícias sobre o mesmo no *Monitor Sul Mineiro*, apenas que os alunos aprendiam as matérias exigidas nos cursos superiores do Império e que:

... tem os seus alumnos recebido alli ensino proveitoso, fazendo progressos que honrão a seus intelligentes mestres.
É de esperar que prospere como merece um tão util estabelecimento, que merece todo o apoio e confiança dos chefes de familia que desejão para seus filhos **instrução, educação e moralidade**. (grifos meus, Monitor Sul Mineiro, 02/12/1881, p. 2)

⁷⁹ “As diretrizes educacionais dos jesuítas, estabelecidas no *Ratio Studiorum*, de 1599, organizaram o ensino nos estabelecimentos brasileiros até a expulsão da Companhia de Jesus pelo Marquês de Pombal, em 1759.(...) O *Ratio* – conjunto de normas e orientações pedagógicas publicadas e distribuídas por toda a parte – definia, prioritariamente, procedimentos, e não conteúdos, tendo em vista seus objetivos evangelizadores, de formação moral e da difusão das virtudes cristãs. O ensino jesuítico tinha como eixos o ensino da Gramática, da Retórica, das Humanidades, da Filosofia e da Teologia” (FONSECA, 2004, p. 39)
Segundo Manoel (1996), no século XIX, o catolicismo readaptou a *RATIO STUDIORUM*, tornando-a compatível com as novas matérias, mas conservando ainda o seu método pedagógico.

⁸⁰ Monitor Sul Mineiro, 28/10/1877. p. 2

⁸¹ Em 1908, este padre foi nomeado o primeiro bispo de Campanha.

A primeira e única instituição de ensino protestante⁸² em Campanha foi a *Eschola Campanhense*. Esta escola oferecia o ensino primário, e, como outras escolas protestantes, funcionava como uma instituição co-educativa (recebia alunos de ambos os sexos). Esta forma de ensino, além dos princípios religiosos presbiterianos dirigidos pelo seu fundador Eduardo Carlos Pereira, era considerada uma inovação para a cidade de Campanha, principalmente para uma cidade com princípios católicos muito fortes e com párocos ligados ao movimento ultramontano⁸³. Tal fato acarretou uma forte perseguição aos presbiterianos, provocando, inclusive, a retirada deles da cidade.

Pode-se afirmar que a partir de 1888, ano em que Eduardo Carlos Pereira e sua família deixam a cidade, reforçou-se a posição católica ortodoxa, gerando um fechamento desta sociedade que visava a preservação de suas conquistas. Não há espaço em Campanha, em fins dos séculos XIX e início do XX, para os novos paradigmas. (LOPES, 2003, p. 53)

Percebe-se que a perseguição ao protestantismo em Campanha também refletiu na *Escola Campanhense*, principalmente verificado no baixo número de alunos matriculados. Embora os redatores do jornal *Monitor Sul Mineiro* fossem defensores das idéias católicas, eram, antes de tudo, defensores da necessidade de educação, e, felizmente, é possível encontrar algumas notícias sobre a referida escola em suas páginas.

No largo das Mercês funcionará todos os dias, menos aos sábados, uma escola primária. O ensino compreende leitura, calligraphia, arithmética, abrangendo esta as quatro operações, fracções ordinárias e decimaes e systema metrico. (*Monitor Sul Mineiro*, 20/12/1883, p. 2)

Interessante nesta notícia é a localização da escola: O largo das Mercês, onde estava localizada uma das várias igrejas católicas da cidade, a Igreja Nossa Senhora das Mercês. A escola funcionava na casa onde residia com a sua família o professor Joaquim

⁸² “A 6 de abril de 1884 foi organizada oficialmente a Igreja Presbiteriana em Campanha com quatro pessoas. Em 1887 esta igreja contava com dezessete membros e dezoito crianças.” (LOPES, 2003, p. 42)

⁸³ Principalmente pela ação dos irmãos Padre Paulo Emílio Moinhos de Vilhena e Cônego José Theóphilo Moinhos de Vilhena

Pereira de Camargo⁸⁴. O *Monitor* declarava que este professor era muito inteligente, possuía um bom sistema de ensino e também afirmava que os pais poderiam confiar-lhe o ensino de suas crianças⁸⁵.

Em 29 de agosto de 1886, o referido professor anunciou⁸⁶ que o próximo ano letivo iniciaria em primeiro de outubro e que teria algumas inovações, oferecendo as seguintes matérias: catecismo, português, francês, geografia, história do Brasil, aritmética, leitura, caligrafia, inglês e trabalhos de agulhas (para as meninas). Informava, ainda, que os alunos que haviam terminado o ensino primário no ano anterior poderiam continuar na escola, já que estaria propondo um aprofundamento do ensino, utilizando compêndios mais desenvolvidos das referidas disciplinas. Além disso, em outro anúncio⁸⁷ afirmava que qualquer pessoa poderia freqüentar algumas disciplinas avulsas, pagando 2\$000 por cada matéria mensalmente: francês, desenho, prendas domésticas e inglês.

No final deste ano letivo, em agosto de 1887, o resultado dos exames foi publicado; foram formadas duas turmas, com poucos alunos, e as disciplinas eram ministradas, como informa o seguinte quadro:

⁸⁴ Este professor lecionou até o início de 1888, quando transferiu-se para fundar uma outra escola presbiteriana em Lambari. Foi substituído em Campanha pelo paulista Guilherme Rodrigues da Costa.

⁸⁵ *Monitor Sul Mineiro*, 04/10/1885, p. 02

⁸⁶ *Monitor Sul Mineiro*, 29/08/1886, p. 04

⁸⁷ *Monitor Sul Mineiro*, 10/10/1886, p. 04

Tabela 07: Disciplinas e número de alunos examinados no Colégio Campanhense -1887

| classe | Disciplinas oferecidas | Número de alunos examinados | Número de alunas examinadas |
|------------|-----------------------------------------------------------------------|-----------------------------|-----------------------------|
| 1a. classe | Português, desenho, geografia francês, aritmética, história do Brasil | 07 meninos | 01 menina |
| 2a. classe | Português, aritmética, geografia e desenho | 05 meninos | 01 menina |

Fonte: Monitor Sul Mineiro, 21/08/1887, p. 02

Não existem notícias sobre outros exames da *Escola Campanhense* e muito menos sobre os motivos de seu fechamento. Certamente a escola fechou devido à retirada dos presbiterianos da cidade⁸⁸. Verificando o quadro acima nota-se que nem todas as matérias anunciadas foram oferecidas e também que o número de alunos matriculados era muito pequeno. A cidade não estava preparada para a co-educação e muito menos para o discurso protestante, pois o ultramontanismo predominava em solo campanhense.

Colégio Marianno: o ensino privado de Primeiras Letras para meninas

Contrariamente ao caráter efêmero das diversas instituições (primária ou secundária) particulares para o ensino masculino na cidade, o *Colégio Marianno* funcionou por décadas em Campanha, sendo, durante muito tempo, a única instituição particular para o ensino feminino. Esta longevidade da escola deve-se ao fato das professoras dedicarem-se

⁸⁸ Segundo Lopes (2003) houve um movimento contrário ao presbiterianismo por parte da população local, incentivada pelos párocos católicos.

somente a esta atividade, ao contrário dos professores das escolas masculinas; e também pelo fato de haver poucas escolas nestes padrões na região.

Segundo Valladão (1942), o colégio teve início em 1870, tendo como diretora D. Francisca Candido Marianno, auxiliada por suas irmãs⁸⁹. Funcionou por quase 40 anos em um grande casarão na região central da cidade, mas não é possível precisar a data de seu fechamento. Durante as três últimas décadas do século XIX, os jornais estão repletos de relatos sobre o referido estabelecimento de ensino, mas no início do XX quase não são encontradas notícias sobre o colégio. As notícias sobre o Colégio Mariano foram *ofuscadas* pela instalação do Colégio Nossa Senhora de Sion na cidade. A última notícia do Colégio nos periódicos consultados data de 19/04/1908. Neste mesmo ano, D. Francisca Candido Marianno foi nomeada professora do recém-instalado Grupo Escolar de Campanha.

Compreende-se a importância do Colégio Mariano para a região, utilizando-se o trecho abaixo extraído de um artigo publicado em uma das páginas do *Monitor*, o qual traz uma nota de agradecimento e esclarecimento de um pai de uma aluna do Colégio:

Aos Srs. Pais de familia, que tem filhas a educarem, venho contar-lhes uma cousa que, talvez, ignorem.

Há annos existe nesta boa e agradavel cidade um notavel estabelecimento de educação de meninas dirigido e regido pela Exma. e respeitavel Sra. D. Francisca Candida Marianno, auxiliada por mais sete irmãs em todas typos das mais severas virtudes.

O estabelecimento é vasto, arejado e hygienico. A alimentação sadia, abundante e asseiada. Muita amabilidade no tratamento, direcção e ensinamento das alumnas. Esmerado zelo e caridade no pensar das enfermas é tal que um estremecido pai pode entregar á elle a idolatrada filha e descançar na mais perfeita tranquillidade pelo bem estar do anjo dos seus encantos.

Não vão aqui lisonjas, mas a verdade do que sei, por ter residido neste collegio a minha querida filha por cerca de dois annos.(...)

Francisco Azarias de Queiros Botelho (Monitor Sul Mineiro, 08/11/1884, p. 02)

⁸⁹ As *irmãs Marianno* eram em número de 08: Francisca, Anna, Maria Luiza, Delphina, Mathilde, Emilia, Alice e Heliodora

Pelos relatos percebem-se alguns princípios básicos para a educação neste final do século XIX, principalmente aqueles relativos à necessidade de funcionar em um prédio arejado e higiênico (**anexo 07**). O ambiente escolar neste momento tinha de demonstrar a ordem da missão civilizadora com as condições ideais de ar, luz, mobiliário e postura dos alunos. Neste contexto, aliavam-se, comungando das mesmas idéias, educadores, médicos, higienistas e políticos. A preocupação com a higiene escolar reforçava valores morais relativos a padrões comportamentais ditos *civilizados*⁹⁰.

As mulheres da família Marianno foram também responsáveis por ensinar lições de caráter moral e religioso. Em todas as festividades religiosas da cidade verifica-se a presença de suas alunas. Segundo os resultados dos exames referentes ao período de funcionamento da escola encontrados no *Monitor*, a única disciplina comum ministrada a todas as alunas era o catecismo. Embora leigas, as irmãs Marianno foram responsáveis pela catequização e conservação do ideário católico junto às suas alunas. Esta função foi substituída com a chegada das Irmãs de Sion.

Não se faz nesta cidade cousa alguma que interesse á religião ou a um commetimento util, que congregue a actividade e esforços da população moralisada, nada se faz com esses intuitos nobres sem que se possa de antemão contar com a boa vontade, serviços e generosa dedicação das virtuosas e distintas senhoras, que são illustres professoras do Collegio Marianno ou que pertencem á boa e estimada familia, a que se deve aquelle importante estabelecimento de instrucção.

A festividade do mez de Maria veio mais uma vez pôr em evidencia o que dizemos acima. ...(*Monitor Sul Mineiro*, 03/06/94, p. 02)

⁹⁰ O fortalecimento da idéia de urbanidade para alcançar a ordem e o progresso estava intimamente ligada à expansão do discurso médico – higienista. Os médicos da segunda metade dos oitocentos e do início do século seguinte foram responsáveis por ditar normas e padrões de condutas, bem como da construção dos espaços urbanos. A educação sofreu influência deste discurso para garantir o bom funcionamento das instituições educativas. “... A decisão de instalar escolas encontra-se visceralmente ligada às condições físicas do lugar em que deveria funcionar, isto é, as condições topográficas, climáticas, sanitárias, atmosféricas, de iluminação, de salubridade, das águas e de proximidade ou não das aglomerações urbanas.” (GONDRA, 2003, p. 528)

O *Colégio Marianno* tornou-se referência em toda a região sul-mineira, oferecendo o ensino primário nas formas de internato e externato, privilegiando as disciplinas de caráter moral, religioso e as prendas domésticas⁹¹. Sempre que o *Monitor Sul Mineiro* fazia referência aos exames das alunas, tecia muitos elogios aos ricos trabalhos manuais feitos pelas meninas. Utilizando os resultados dos exames é possível fazer um apanhado do número de alunas que freqüentavam as diversas disciplinas oferecidas:

⁹¹ Como demonstra os seguintes artigos: “Na noite de 28 houve exposição de interessantes e bonitos trabalhos, executados com muito capricho e gosto pelas mimosas alumnas e seguiu-se a esse acto uma animada reunião familiar, que se prolongou até tarde” (*Monitor Sul Mineiro*, 01/05/1892, p. 02)
Ou ainda: “...À noite houve no edificio do collegio grande exposição de belissimos e delicados trabalhos das alumnas, sendo numerosa a concurrencia de convidados, que forão muito e delicadamente obsequiados pelas pessoas da casa.” (*Monitor Sul Mineiro*, 04/03/1888, p. 02)

Tabela 01 Número de alunas examinadas por disciplinas do Colégio Marianno

| Disciplina | 1874 | 1875 | 1876 | 1877 | 1878 | 1879 | 1889 | 1890 | 1892 | 1893 | 1896 |
|----------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| português | 19 | 11 | 12 | 22 | 18 | 20 | 21 | 18 | 30 | 26 | 23 |
| caligrafia | 29 | 17 | | | - | | - | - | - | - | - |
| catecismo | 19 | 13 | 12 | - | 27 | 43 | - | - | - | 37 | 35 |
| música | 19 | - | - | | | - | - | - | - | - | - |
| francês | 19 | 4 | 15 | 13 | 8 | 15 | 13 | 12 | 8 | 7 | 6 |
| geografia | 19 | 5 | 18 | 20 | 23 | 23 | 16 | 14 | 18 | 20 | 15 |
| Geo.do Brasil | - | | | | - | - | 4 | - | - | - | - |
| leitura | 10 | | | 14 | 18 | 27 | 9 | 7 | 4 | 10 | 6 |
| Doutrina cristã | 10 | 19 | - | - | 15 | - | 39 | - | - | - | - |
| aritmética | - | | | | 12 | 10 | 15 | 11 | 19 | 16 | 20 |
| Italiano | - | - | | | 2 | 1 | 6 | 2 | - | - | - |
| inglês | - | - | - | - | - | - | 1 | - | - | - | - |
| Hist. do Brasil | - | - | - | - | - | - | 6 | 5 | - | 2 | 5 |
| Principiantes | 5 | 3 | 9 | 5 | 3 | - | - | - | 4 | - | 2 |
| Total alunas ⁹² | - | - | - | - | 47 | 43 | 39 | 34 | 39 | 37 | 35 |

Fonte: Monitor Sul Mineiro (1874 – 1896)

⁹² Estes dados são relativos aos números fornecidos nos artigos dos jornais consultados. O número é referente à quantidade de alunas matriculadas. Deve-se considerar que a matrícula de cada aluna poderia acontecer em diversas disciplinas. Portanto, o número total não corresponde à soma das alunas matriculadas em cada disciplina.

Foram analisados 11 resultados de exames publicados no *Monitor* entre os anos de 1874 e 1896. Detectou-se que em alguns anos não foi publicada a quantidade de alunas examinadas. No caso das meninas do *Colégio Marianno*, os dados eram referentes apenas ao número de alunas e não informavam as notas e/ou conceitos das mesmas, como era comum com a publicação nas escolas masculinas. Algumas disciplinas foram constantes no Colégio: português, francês, geografia, leitura e aritmética. A disciplina História do Brasil só fez parte do currículo da referida escola a partir do momento de fortalecimento do movimento republicano e da idéia de valorização da nação, inclusive de sua história⁹³; o que predominava anteriormente era a disciplina Doutrina Cristã. Quanto ao ensino das diversas línguas oferecidas pelo Colégio, a influência cultural da França, através da procura pelo idioma francês, ultrapassava em números o interesse pelo italiano e pelo inglês.

A partir de 1878, quando o jornal passou a publicar o número total de alunas que prestaram exames, detecta-se que este sempre oscilava entre 30 e 50 alunas. As irmãs Marianno ofereciam apenas o ensino primário, já que aquelas alunas que pretendiam ingressar no ensino secundário matriculavam-se na *Escola Normal*.

⁹³ Segundo Fonseca (2003) a constituição da História como disciplina escolar no Brasil inicia-se após a proclamação da Independência com as discussões acerca da separação entre História Sagrada e História Profana. Neste momento a História tinha a função de formação moral de crianças e jovens pelos princípios cristãos e pelo conhecimento de fatos notáveis do Império.

A consolidação dos planos de estudos só ocorreu a partir da criação do Colégio Pedro II (1837), o qual introduziu o ensino de História em todas as suas séries a partir de 1838. Obedecia às orientações do recém-criado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), o qual tinha a missão de elaborar uma história nacional e de difundi-la por meio da educação. “Durante praticamente todo o século XIX ocorreram discussões e mudanças nos programas para as escolas elementares, secundárias e profissionais e os objetivos do ensino de História foram se definindo com mais nitidez. Ao mesmo tempo em que seu papel ordenador e civilizador era cada vez mais consensual, seus conteúdos e formas de abordagem refletiam as características da produção historiográfica então em curso, sob os auspícios do IHGB.” (FONSECA, 2003, p.47)

Ainda para esta autora, não se pode afirmar que o advento da República alterou o ensino de história. Nota-se uma preocupação maior com os métodos empregados. Foi somente com as reformas educacionais das décadas de 30 e 40 do século XX, quando ocorreu a centralização das políticas educacionais é que o ensino de história do Brasil ficou no centro das discussões para a formação da unidade nacional.

O ensino provincial/estatal secundário: o Externato e a Escola Normal

A Escola Normal de Campanha, a segunda instalada em Minas Gerais, foi criada pela Lei Provincial no. 1769 de 1871 e passou a funcionar a partir de setembro de 1873. Teve como modelo a Escola Normal de Niterói e contou com grande prestígio na região sul - mineira. Segundo o relatório do Presidente da Província de 1871, as escolas normais eram necessárias para preparar os professores das escolas públicas primárias, e, assim, melhorar a oferta e a qualidade do ensino dos primeiros anos da escola. Neste relatório, o Presidente da Província afirmava que:

A criação das escolas normaes é de urgente necessidade: os professores não se formão por despachos de nomeação, nem se habilitão por ligeiros exames em logares remotos, em que muitas vezes não há quem esteja no caso de ser juiz de aptidão, ou si há, mora distante e não se presta no momento determinado.

Eu não comprehendo como se pretenda ter bons professores, sem dar-lhes escolas normaes, em que previamente estudem com perfeição as materias que tem de ensinar. (Relatório do presidente Affonso de Carvalho, 02/03/1871)

Segundo o Presidente da Província de Minas Gerais, o sucesso da educação estaria na boa instrução, na remuneração adequada e também na inspeção regular dos professores. Por isso, além de estabelecer a criação das escolas normais, ordenou também o aumento do salário dos professores e fortaleceu o cargo de inspetor da instrução para as comarcas. Segundo o *Almanack Sul Mineiro* (1874), neste período a *Comarca do Rio Verde* tinha Campanha como sede e caberia ao inspetor da instrução verificar a educação nas freguesias de Campanha, São Gonçalo, Mutuca, Lambary, Águas Virtuosas e Rio Verde. O inspetor neste momento era o capitão Cândido Ignácio Ferreira Lopes, que também exerceu o cargo de primeiro diretor da Escola Normal e do Externato Campanhense.

O *Externato Campanhense* foi novamente⁹⁴ instalado em Campanha pela mesma lei de criação das Escolas Normais. Com a supressão anterior, existia em 1871 apenas cadeiras avulsas para o ensino secundário em Minas Gerais, sendo a maior parte dessas cadeiras de latim e francês. Acreditava-se que se despendia muito com todas essas cadeiras avulsas, totalizando um número de 49⁹⁵ na província de Minas Gerais. A idéia era então reuni-las nos principais centros da Província, com um pequeno aumento nas despesas com os ordenados dos professores e utilizar os prédios já existentes. Além disso, os professores dos Externatos poderiam ser aproveitados nas Escolas Normais que deveriam funcionar no mesmo prédio, economizando assim com os seus salários e também com os aluguéis de espaços para o ensino. A instalação do Externato na cidade de Campanha ocorreu em agosto de 1872, como demonstra a seguinte notícia:

No dia 8 à 1 hora da tarde sob a presidencia do Sr. Cap. Candido Ignacio Ferreira Lopes, inspector da instrucção publica desta camara installou-se o Externato campanhense, tomando posse dos seus empregos os professores nomeados Dr. Joaquim Leonel de Resende Alvim da cadeira de geographia e historia, o Sr. Padre Carlos Dias Ferraz da Luz da de francez e mathematicas, continuando o Sr. Antonio José Rodrigues de Moraes a occupar a cadeira de latinidade. Foi grande o concurso das pessoas gradas desta cidade, que concorrerão para se solemnizar a installação de tão importante estabelecimento público. (Monitor Sul Mineiro, 11/08/72, p. 02)

⁹⁴ Foi encontrada referência à instalação do Externato em Campanha no Relatório da Instrução Pública de 1867. Este documento faz referência ao art. 17 da lei no. 56, onde era prevista a instalação de 06 externatos na província. Ainda segundo este relatório, estava instalado em 1867 os externatos de Ouro Preto e Sabará e já haviam sido nomeados os professores de Campanha e Minas Novas. Ainda seriam instalados os externatos de São João Del Rei e Uberaba.

Segundo Primitivo Moacyr (1940), já no ano seguinte, 1868, tornava -se necessário suprimir os recém - criados externatos. “É de urgente conveniência acabar-se com os Externatos. Com as aulas de francês e latim avulsas, e com as subvenções aos collegios e seminarios. *A provincia não deve aos filhos instrucção secundaria gratuita; é favor que se faz e este só tem lugar quando se pode.*” (p; 166)

O diretor da Instrução de Minas Gerais (Firmino Antonio de Souza Junior) manifestou então o seu pezar acerca da supressão dos externatos em seu relatório de 1870. Mostrava a importância de preservar ao menos 03 deles (um na capital, os demais ao sul e ao norte do território). Afirma que Campanha tinha 50 alunos matriculados neste momento de supressão e que não seria feita a economia pretendida pelo presidente da província com a diminuição dos investimentos na educação.

⁹⁵ Destas, 43 ofereciam latim e francês; 01 apenas latim; 02 de matemáticas elementares; 01 de francês e inglês; 01 de geografia e inglês e 01 de filosofia e retórica (Monitor Sul Mineiro, 02/09/1871, p. 02)

O Externato Campanhense passava a oferecer, além das cadeiras já existentes na cidade (latim e francês), as cadeiras de geografia juntamente com história e matemática. A cadeira de inglês só seria oferecida se houvesse procura pela mesma. As notícias informam que havia uma grande dificuldade em encontrar professores que ministrassem as aulas de inglês, pois foram encontrados diversos editais para o provimento desta cadeira no jornal *Monitor Sul Mineiro*. A grande procura dos alunos continuou sendo pela cadeira de latim, e, em segundo lugar, pela de francês.

A matrícula acontecia de acordo com o interesse do aluno em cada disciplina. O Externato agrupou em seu prédio as aulas avulsas e continuou dando a opção ao aluno de cursar a disciplina que fosse de seu interesse. Com o levantamento realizado nos relatórios dos Presidentes da Província de Minas Gerais e dos resultados dos exames publicados no jornal percebe-se que este modelo de ensino mostrou-se falho, visto que a desistência, ao longo do ano letivo, era grande e somava-se, ainda, o baixo número de alunos aprovados nos exames.

Segundo Muniz (2003), um dos traços característicos da educação mineira no século XIX foi a constante defasagem entre o número de alunos/alunas matriculados e a frequência real. Embora as autoridades culpassem os professores quanto às desistências dos discentes, devem ser levados em consideração alguns outros fatores.

Ele incluía, também, vencimentos mesquinhos e cronicamente em atraso, falta de material, instalações precárias, desinteresse e resistência dos pais e, principalmente, um estado de pobreza tal que lhes impossibilitava manter seus filhos e filhas até mesmo na escola pública. Incluía, ainda, o simples fato de que as famílias, premidas pelas necessidades de sobrevivência, migravam para outras regiões em busca de oportunidades econômicas, retirando aqueles das aulas em qualquer época do ano (MUNIZ, 2003, p. 59)

Tabela 09: Matrículas, frequência e aprovação no Externato Campanhense

| Ano | matrículas | frequência | Aprovação - “prontos” |
|------------|-------------------|-------------------|-----------------------------------------------|
| 1874 | 96 | 86 | 01 aluno em latim; 07 em geografia e história |
| 1879 | 33 | - | 01 em francês, 01 em inglês e 03 em latim |
| 1880 | 62 | 45 | Nenhum aluno |
| 1882 | 33 | 31 | Sem dados |
| 1883 | 42 | 42 | Sem dados |
| 1884 | 32 | 32 | 0 |
| 1885 | 39 | 39 | 0 |
| 1887 | 50 | 44 | Sem dados |

Fonte: Relatórios e Falas de Presidentes de Província de Minas Gerais (1874/1887)

Considera-se que o número total de matrículas e frequências não se refere ao número de pessoas que eram educadas no externato. Alguns alunos matriculavam-se em mais de uma cadeira, fazendo com que fossem então computados no número total mais de uma vez. O maior número total de matrículas aconteceu no início da instituição de ensino, diminuindo gradativamente ao longo de sua história. Além disso, é expressivo o baixo número de aprovação informada pelos governantes, que, muitas vezes, se queixaram da imprecisão dos dados, ou o não fornecimento destes por parte dos inspetores regionais, que agiam dessa forma para manter o funcionamento dos respectivos Externatos. Diversos relatórios de presidentes da província discutiam acerca da necessidade de modificação deste

modelo de ensino.⁹⁶

O Relatório de 1885 informa que a inspetoria geral da instrução pública era de opinião que deveria ser suprimido o externato de Campanha por falta de frequência legal. Este mesmo documento informa que, das 39 matrículas no *Externato Campanhense* para este ano, 12 alunos estavam matriculados na cadeira de latim, 09 em francês e inglês, 09 em geografia e história e 09 em matemáticas elementares. Com estes dados pode-se supor que o Externato pode ter funcionado neste ano com o número máximo de 12 alunos, os quais poderiam ter sido matriculados paralelamente nas outras cadeiras oferecidas.

Até as notícias dos exames do Externato publicadas no *Monitor Sul - Mineiro* demonstram a pouca frequência dos alunos neste momento. No dia 24 de agosto de 1877⁹⁷, compareceram para fazer os exames: 09 alunos entre os 22 matriculados na cadeira de latim; 03 dos 14 matriculados em francês; 02 dos 12 matriculados em geografia e história; 01 entre os 06 matriculados em aritmética e geometria; nenhum dos 10 matriculados em inglês. Todos os alunos que compareceram foram aprovados...

Com a Proclamação da República (1889), o modelo antigo de educação, ligado às bases do período imperial, passou por uma reordenação. As cadeiras isoladas que haviam sido agrupadas no *Externato Campanhense* não supriam mais as necessidades da população local. Os pais preferiam matricular os seus filhos nos internatos particulares, onde os alunos poderiam ter até os mesmos professores do Externato, mas com um conjunto maior de matérias e de horas dedicadas ao aprendizado. O modelo do internato passou a predominar sobre o ensino do tipo externo, pois, somente assim, os meninos teriam tempo suficiente de dedicação aos estudos, longe das distrações do mundo que os cercava.

⁹⁶ Em 1878, relatando sobre os externatos, propõe-se que “ (...)estes estabelecimentos com cuja manutenção dispense a povíncia não pequenas somas, *não tem dado os frutos esperados*. Além de outras causas, está a má organização deles, a falta de metodo de ensino, e a nenhuma vantagem que oferecem aos alunos que os frequentam.” (MOACYR, 1840, p. 194)

⁹⁷ *Monitor Sul Mineiro*, 25/11/1877, p. 02

No início de dezembro de 1890, foram suprimidos então os externatos públicos e reformuladas as Escolas Normais em Minas Gerais. Não houve manifestação do *Monitor Sul Mineiro* acerca do fechamento do *Externato Campanhense*, limitando-se a publicar na íntegra o decreto que o suprimia⁹⁸, sem comentar a necessidade em manter o estabelecimento funcionando. O prédio que passava por uma reforma continuou funcionando apenas com a *Escola Normal*.

A *Escola Normal de Campanha*⁹⁹ recebeu alunos de diversas cidades da região sul mineira. Comprova-se este fato pelos diversos anúncios de jornais que ofereciam vagas de hospedagem para os seus alunos em casas de famílias da cidade.

Tabela 10 - Alunos matriculados, freqüentes e aprovados da Escola Normal de Campanha (1874-1888)

| Ano | alunos | alunas | Total matriculados | Total freqüentes | Aprovação |
|------|--------|--------|--------------------|------------------|-----------|
| 1874 | - | - | 52 | 32 | 20 |
| 1880 | - | - | 159 | 145 | 90 |
| 1882 | - | - | 81 | 63 | - |
| 1883 | - | - | 109 | 43 | 4 |
| 1884 | 47 | 73 | 120 | 96 | 0 |
| 1887 | - | - | 109 | 103 | - |
| 1888 | 44 | 46 | 90 | - | - |

Fonte: Relatórios / Falas de Presidentes de Província de Minas Gerais (1874/1888)

⁹⁸ Monitor Sul Mineiro, 14/12/1890, p. 03

⁹⁹ “Na Campanha funcionão desde 1872 (...) uma ESCOLA NORMAL, cujo curso é de dois annos, dividido em quatro cadeiras, além das AULAS PRATICAS de ambos os sexos annexas á dita escola e regidas por uma professora e um professor, incumbindo á mesma escola o ensino dos individuos que se propõem ao magisterio.” (VEIGA, 1874, p. 39)

O número de desistentes ao longo do ano letivo na Escola Normal também era expressivo. O dado mais revelador desta desistência é o pequeno número de alunos declarados *prontos* ou *diplomados* nos relatórios de Presidentes, como demonstra a tabela acima. O número de aprovados em 1883 é quase nulo, e, no ano seguinte, não ocorreu nenhuma diplomação. Segundo o relatório de 1884, no ano anterior, a matrícula do total de alunos na Província de Minas Gerais foi de 263 alunos. Neste mesmo ano foram diplomados somente 10 alunos em toda a Província: 04 em Campanha, 03 em Diamantina, 03 em Montes Claros e apenas 01 na capital (Ouro Preto). O número de alunos freqüentes na Escola Normal de Campanha muitas vezes superava a quantidade de matriculados nas demais escolas normais da Província, inclusive da capital, como demonstra o relatório de 1887, que também salienta uma superação do número de alunas sobre o número de alunos matriculados.

Tabela 11 – Número de alunos e alunas matriculados nas escolas normais de Minas Gerais em 1887

| Escolas normais | Alunos matriculados | Alunas matriculadas | total |
|------------------------|----------------------------|----------------------------|--------------|
| Capital | 13 | 68 | 81 |
| Campanha | 47 | 73 | 120 |
| Diamantina | 38 | 45 | 83 |
| Montes Claros | 20 | 15 | 35 |
| Paracatu | 16 | 8 | 24 |
| Sabará | 29 | 50 | 79 |
| Uberaba | 5 | 6 | 11 |
| S. João d'El Rey | 16 | 28 | 44 |
| total | 184 | 293 | 477 |

Fonte: Relatório de Presidente de Província, 1887

A década de 1880 foi marcada por discussões acerca da reformulação das escolas normais em Minas Gerais, sendo um reflexo do número de alunos matriculados nas instituições, da alta desistência ao longo do período letivo e do baixo número de alunos diplomados. Ainda no relatório de 1887, o Presidente da Província, Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo, propôs uma reformulação na estrutura das escolas normais de Minas Gerais. Neste momento o curso era de três anos e compreendia as seguintes cadeiras: língua e literatura nacional; aritmética e escrituração mercantil; pedagogia, história sagrada; instrução moral, religiosa e cívica; geometria, desenho linear e de imitação; geografia, cosmografia e história do Brasil; e francês. Havia ainda as cadeiras de música e trabalhos de agulhas para as alunas. Propunha uma reformulação da seguinte forma:

O digno inspector geral é de parecer que o programma do ensino deve ser substituido pelo seguinte:

1^a. Cadeira Lingua e litteratura nacional

2^a. " Mathematicas

3^a. " Pedagogia, historia sagrada e instrucção religiosa

4^a. " Geographia geral do Brazil e historia geral do Brazil

5^a. " Francez

6^a. " Lógica moral, noções de direito constitucional economia politica, noticia da legislação usual.

7^a. " Noções de sciencias physicas e naturaes

Além dessas cadeiras, haverá aulas de musica, desenho e gymnastica

Propõe igualmente a criação de laboratorios para o estudo das sciencias physicas e naturaes, e um museu pedagogico, conforme dispõe o regulamento n. 100.

Pensa tambem que é conveniente haver um curso preparatorio, indispensavel para a admissão de alumnos nas escolas normaes.

(Fala do presidente Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo, 05/07/1887)

Entre as maiores mudanças propostas estaria a introdução das cadeiras ligadas ao direito constitucional, às noções das ciências físicas e naturais e também à implantação da "gymnastica". Esta última disciplina era considerada essencial para o treinamento dos alunos e para a compreensão da obediência dentro da *ordem* estabelecida na escola. "O exercício físico era, objetivamente, mais um valioso canal para a medicalização da sociedade. Era necessário adequá-lo, discriminá-lo por idade e sexo, atendendo, assim,

exclusivamente ao reconhecimento da existência das diferenças biológicas das crianças.” (SOARES, 2004, p. 81)

Esta reforma proposta não foi posta em prática nas Escolas Normais de Minas Gerais. Segundo Sousa e Vago (2003), a *gymnastica* foi efetivamente implantada somente com o advento da República, com o decreto n.º. 260, de 1.º de dezembro de 1890, sob a presidência de Bias Fortes, que propunha uma organização dos ensinos primário, secundário e normal, e pretendia, ainda, uniformizá-los ao Distrito Federal. O curso normal passou então a contar com quatro anos, sendo que:

É este decreto que traz a primeira prescrição legal sobre a presença da ginástica nas escolas normais, estabelecendo: *gymnastica*: exercícios de corpo livre (diariamente), obrigatória para o quarto ano do curso. Doravante, essas escolas também deveriam preocupar-se com o corpo dos futuros professores: cuidar deles e pretender o seu aperfeiçoamento físico constituíam também, um modo de prepará-los para o magistério. (SOUSA e VAGO, 2003, p. 257)

Ainda para estes autores, a implantação da ginástica nas escolas normais era necessária para *corrigir e endireitar* os corpos dos futuros professores, que deveriam transmitir esta idéia de *disciplina e ordem* para os seus futuros alunos. Mesmo com todo o discurso da necessidade da cadeira, a ginástica (juntamente com a música) foi suprimida das escolas normais mineiras já em 1898, devido à contenção de despesas e só retornaria oficialmente aos programas das escolas normais em 1910¹⁰⁰

Quanto à cadeira de ginástica na cidade de Campanha, a primeira notícia encontrada no *Monitor Sul Mineiro* data de 1894, quando foi publicado o edital para o provimento do cargo de professor. Neste mesmo ano foram divulgados os resultados dos exames dos alunos do primeiro ano aprovados em *gymnastica e evoluções militares*¹⁰¹.

¹⁰⁰ Neste ano a Escola Normal de Campanha já havia sido suprimida.

¹⁰¹ *Monitor Sul Mineiro*, 13/12/1894. Sendo 01 aluno aprovado com distinção; 02 alunos aprovados plenamente e 02 alunos não compareceram

Além disso, percebe-se que a ginástica não era oferecida às alunas como atesta o resultado dos exames do ano seguinte¹⁰². Os resultados trazem, ainda, a informação de que 08 alunos foram aprovados plenamente e que não havia mulheres nas aulas. Também foi noticiada a supressão da cadeira no início de 1899¹⁰³, fato que acarretou o afastamento de alguns professores da escola.

Ainda utilizando as notícias sobre a Escola Normal publicadas no *Monitor Sul Mineiro*, foi feito um levantamento sobre as cadeiras e o ano em que eram oferecidas. Detectou-se que até 1880 não eram publicadas as notas pelas disciplinas, mas somente o número de alunos aprovados em suas respectivas turmas. Estabeleceu-se primeiramente então o seguinte quadro:

¹⁰² Monitor Sul Mineiro, 16/12/95.

¹⁰³ “decreto n. 123? de 26 do passado suspendeu o ensino de musica e gymnastica nas escolas normaes; suprimiu os professores Carlos M. Teixeira, Julio Bueno, Eulalio da Veiga Ferreira Lopes e D. Maria José de Moraes.” Monitor Sul Mineiro, 01/01/1899

Tabela 12 – Resultados dos exames prestados na Escola Normal de Campanha (1874-1879)

| ano | turma | Alunos aprovados | Alunas aprovadas | Reprovados ou não compareceram | Total de matriculados |
|------|---------|------------------|------------------|--------------------------------|-----------------------|
| 1874 | 1o. ano | 2 | 1 | 9 | 21 |
| | 2o. ano | 2 | 5 | 2 | |
| 1875 | 1o. ano | 6 | 3 | 9 | 22 |
| 1877 | 1o. ano | 5 | 8 | 8 | 30 |
| 1878 | 1o. ano | 5 | 5 | 12 | 41 |
| 1879 | 1o. ano | 6 | 7 | 16 | 40 |

Fonte: Jornal Monitor Sul Mineiro, 1874-1879

De acordo com o quadro acima, os dados referentes aos alunos matriculados em 1874 não correspondem aos dados fornecidos pelo relatório do Presidente de Província para este mesmo ano. Em alguns relatórios encontram-se reclamações dos presidentes sobre a imprecisão dos dados fornecidos. Este fato se deve à intenção dos inspetores da instrução pública em manter as suas escolas funcionando. No quadro acima também se percebe o aumento gradativo do número de alunos matriculados ao longo da década

analisada e detecta-se já uma superação do número de alunas (total de 50) para o número de alunos (total de 40) aprovados.

Analisando os resultados dos exames dos alunos da Escola Normal publicados no jornal *Monitor Sul Mineiro* foi possível fazer um levantamento das matérias lecionadas ao longo de boa parte do funcionamento da instituição de ensino (**Anexo 08**). Analisando as disciplinas, percebe-se que as cadeiras oferecidas variavam de acordo com as reformas propostas pelo poder público¹⁰⁴, demonstrando, assim, as variações nas ofertas a cada ano escolar, o aumento ou diminuição das séries e o oferecimento de disciplinas que não tinham muita ligação com a profissão docente.

A questão referente aos livros adotados pela escola também é constante nas páginas jornalísticas, principalmente nas propagandas de venda dos compêndios (**Anexo 09**). O artigo abaixo foi escrito por um professor não identificado da Escola Normal de Campanha que indicou a necessidade da compra de livros por parte dos alunos e ainda citou alguns compêndios que deveriam ser adquiridos, pois:

Trouxe a indeclinavel necessidade de apontar-se aos candidatos os livros pelos quaes deviáo elles se preparar estudando as respectivas materias do exame, aprofundando-se o mais possivel nesse estudo. Muitos examinandos tem apparecido que mostrando intelligencia não commum e extraordinaria facilidade em apanhar as explicações, que se lhe dão, lastimão o tempo perdido por não terem tido conhecimento dos bons livros, onde tivessem estudado, pelo menos as materias do exame. (*Monitor Sul Mineiro*, 20/01/1878, p. 02)

O referido professor salientou que os compêndios indicados poderiam ser adquiridos na tipografia do *Monitor Sul Mineiro* e que seriam importantíssimos para a melhoria da qualidade do ensino. Para Bittencourt (2004), o autor de uma obra didática no século XIX deveria ser em princípio, um seguidor dos programas oficiais e propostos pela política educacional. Todos os autores estavam ligados à política educacional, sendo a

¹⁰⁴ Segundo Faria Filho (2003), a partir do Ato Adicional de 1864, as províncias do Império foram pródigas em estabelecer leis referentes à instrução pública. O pesquisador inventariou quase 500 textos legais para o período de 1835 a 1889 (entre Leis, Regulamentos e Portarias)

maior parte professores do Colégio Pedro II, formada por membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ou da Academia Militar, como é o caso de diversos autores dos livros adotados na Escola Normal de Campanha. Além disso, a maioria dos autores inspirava-se ou adaptava seus livros de obras produzidas na Europa, particularmente na França. Foi somente a partir da segunda metade do século XIX no Brasil, que o livro didático passou para as mãos dos alunos, deixando de ser de uso exclusivo dos professores.

Percebe-se então a preocupação do professor anônimo da Escola Normal de Campanha em orientar seus alunos para a compra dos livros¹⁰⁵ necessários ao aprendizado. A falta de recursos para a compra dos livros e para a manutenção dos alunos que provinham de outras localidades na cidade de Campanha foi um dos fatores que gerou a desistência percebida ao longo do período letivo, de tantos alunos matriculados na Escola Normal. O artigo seguinte, publicado no mesmo ano em que se asseverava a necessidade da compra de livros para os alunos da Escola Normal, aponta os altos custos dos livros como um fator de desistência na escola pública. O ensino considerado *público* seria, então, para poucos, somente para aqueles que poderiam arcar com as despesas de seus livros e a sua manutenção na cidade:

¹⁰⁵ Os livros indicados seriam os seguintes: **instrução moral e religiosa**: *Historia sagrada*, do cônego Fernandes Pinheiro; *Cathecismo da doutrina christã* do mesmo autor; *Lições moraes e religiosas* de José Rufino R. Vasconcellos e *Manual encyclopedico* de Monte-Verde. **leitura e escrita** - *Iris classico* de Castilho; *Ornamento da memoria* e *Thesor calligraphique* de Picquel. **gramática portuguesa** - *Grammatica portugueza* de Solero dos Reis e *Exercicios de analyse logica e grammatical*. **aritmética** - *Pequena arithmetica* de Frazão, *Pequena arithmetica* de Azevedo Pinheiro e *Arithmetica maior* de Avilla. **sistema métrico** - *Systema metrico* do professor Pedro Correia Dias; *Systema metrico* de J. A. Baptista Junior; *Systema metrico* de João José de Moraes Tavares; *Tabellas de kilogrammas* de M. A da Silva e *Tabellas de kilogrammas* do bacharel Velloso, engenheiro da camara municipal da côrte. **elementos de história e geografia do Brasil** - *Compendio de historia patria* pelo Dr. J. Manoel de Macedo; *Compendio de historia patria* de Estacio de Sá Menezes; *Geografía* de Pompeo; *Geografía* de Estacio de Menezes e a mais moderna *Grande carta do Brazil*. **leitura da Constituição do Império** - *Constituição politica do imperio*.

Actualmente porém para o ensino das linguas latina, franceza e ingleza, para o estudo da geographia e historia exige-se que o estudante tenha mais ou menos 53 obras, uma das quaes não se pôde obter por menos de 80\$000!

Ora isto é injustificável, e entretanto não é tudo: o que merece mais forte censura é a facilidade com que se adopta em vez de um livro elementar, antes em uso, outro que não vale mais que aquelle – e isto temos visto fazer-se mais de uma vez.

É tendencia da época diffundir-se a instrucção por toda parte – governo e povo reconhecem que a aristocracia da intelligencia e da illustração é que tem de imperar sobre a terra; como, pois, difficultar-se o seu dominio afastando-se dos estudos aquelles que por pobreza não podem sustentar as despezas que elles demandão?

Dá-se o ensino gratuito a todos, entretanto obrigã-se os alumnos ou seus pais a grande dispendio com a compra de livros, que não se pôde dizer necessarios: – o que fica pois valendo aquelle favor do Estado? (Monitor Sul Mineiro, 15/02/1874)

A preocupação com a leitura da população foi uma constante na cidade de Campanha, sendo comprovada pela instalação da *Biblioteca Campanhense*, inaugurada por Bernardo Saturnino da Veiga em 20 de setembro de 1874, a qual possuía já no momento de sua instalação 2.659 volumes¹⁰⁶

O Relatório do Presidente de Província de 1875 traz dados precisos sobre as bibliotecas em Minas Gerais. Havia neste momento apenas três bibliotecas *públicas* na Província: Ouro Preto (2.871 volumes), Campanha (2.679 volumes) e São João Del Rei (2.462 volumes)¹⁰⁷. Havia, ainda, três bibliotecas particulares (Ubá, Diamantina e Ponte Nova), cujos dados do número de volumes não foram citados. Analisando os dados disponíveis, percebe-se que a Biblioteca Campanhense era a segunda em número

¹⁰⁶ Sendo 1.257 livros encadernados; 450 *brochados*; 186 revistas literárias e 596 relatórios, memórias e *opúsculos diversos*. Monitor Sul Mineiro, 26/09/1974, p. 02.

¹⁰⁷ Contrariando os dados acima levantados, Muniz (2003) afirma que até 1875 haviam apenas três bibliotecas públicas em Minas Gerais: Ouro Preto, São João Del Rey e Diamantina. A biblioteca de Campanha não foi sequer citada e Diamantina neste momento era mantida por particulares, e não pública.

quantitativo de volumes da Província de Minas Gerais. Foi criada pelo esforço particular, e, posteriormente, passou para as mãos do poder público.

O relatório de 1884 informa a supressão do bibliotecário para a cidade de Campanha, ficando sob a responsabilidade da municipalidade manter tal cargo. A partir deste momento não há mais nenhuma notícia sobre a *Biblioteca Campanhense* nos relatórios de Presidentes da Província. Com as notícias do *Monitor Sul Mineiro* e das anotações de Júlio Bueno¹⁰⁸ sabe-se que a Biblioteca passou para a Câmara Municipal e depois fez parte da Escola Normal, mas não houve o cuidado necessário para a guarda de seus livros:

Em relação a institutos de educação e ensino podemos lembrar o estado pouco lisongeiro em que, sob diversos pontos de vista, se achão a escola normal, externato e as aulas primarias aqui estabelecidos, deixando de occupar-nos da bibliotheca por um de nós creada e que, depois de possuir quasi 5 MIL VOLUMES, foi abandonada ao selvagem saque e rapinagem de illustres desconhecidos, sem que se agite a consciencia dos culpados e responsaveis por essa destruição brutal. (*Monitor Sul Mineiro*, 12/10/189)

Já no final da década de 1880, as reclamações com o estado da educação pública em Campanha eram constantes. Os Relatórios de Presidentes de Província desta época demonstram a necessidade de reformar a instrução, como já foi visto anteriormente¹⁰⁹. Não era necessário reformar somente o currículo, mas também o próprio prédio no qual funcionava a Escola. No início de 1889, Benjamim Constant visitou as obras

¹⁰⁸ “Mais tarde a biblioteca, passando por contínuas vicissitudes foi se reduzindo completamente, desleixada como esteve nas salas secretas das sessões do Júri, sem zelador, entregue às traças, insetos abundantes aqui. Hoje, o pouco que resta está na Escola Normal.” (BUENO, 1900,p. 45)

¹⁰⁹ Relatório de 1887. No ano seguinte, encontra-se a seguinte preocupação: “As oito escolas normaes que funcionam na provincia não têm correspondido em resultado ao que de semelhantes instituições se devera esperar; para que não sejam improficuos os sacrificios que com elles faz o cofre provincial, convêm reformal-as, restringindo-lhes o numero, de modo a ser possivel dotal-as de pessoal docente habilitado, sufficientemente remunerado, dispondo de conveniente material de ensino, e dirigido por pessoas que tenham especiaes conhecimentos e aptidões...” (Fala do Presidente Luiz Eugenio Horta Barbosa, 01/06/1888)

de restauração da Escola Normal de Campanha e deixou registrado no Livro de Visitantes da Escola¹¹⁰:

Quanto à Escola Normal da cidade da Campanha, tenho grande prazer em poder dizer o seguinte: D'entre as agradáveis impressões, recebidas durante a minha estada na cidade de Campanha, uma das maiores, senão a maior, foi a que tive no dia 13 de Abril d'este anno visitando a sua Escola Normal. As informações fidedignas que colhi e todos os fatos que ahi observei, revelam o estado muito lisongeiro desta nascente e utilíssima instituição.

Seja-me permittido fundamentar este meu juízo com a enumeração e a apreciação succinta dos mais importantes d'esses factos.

1º. Prédio em que funciona a escola

O edificio em que funciona, um dos melhores da cidade, convenientemente adaptado ao fim pelas intelligentes modificações realizadas nas suas divisões internas, contem amplas e bem arejadas e illuminadas salas, tanto para as differentes aulas do curso normal, como para a biblioteca, museu escolar laboratórios e escola annexa; todas as salas estão mobiliadas como devem ser, sem riqueza e sem luxo, mas com esmerado gosto e de conformidade com os mais sãos preceitos pedagógicos.

2º. Auxílios a Instituição

A maior parte das despesas são pequenas, com a reforma do edificio, mobília escolar, etc., foi feita à custa de donativos particulares, o zeloso e dedicado Director que desempenha gratuitamente esse cargo tem encontrado na intelligente generosa população todo o auxilio moral e material de que carece a instituição para desenvolver-se e prosperar.

3º. Plano de ensino

O curso de estudos, ainda em evolução, é no entanto comparável aos das nossas melhores escolas normaes provinciaes. O director e a muita illustrada corporação docente convencidos da necessidade de dar, e de modo cada vez mais accentuado, ao ensino normal e, conseqüentemente, ao ensino popular o cunho scientifico, tem empregado e continua a empregar louváveis esforços para obterem do governo e da assembléia legislativa provincial os desejados melhoramentos relativos a esse importante assumpto.

Já foram decretados os cursos de physica e chimica e os de historia natural correspondentes; e este anno serão montados o gabinetes e laboratórios indispensáveis á efficacia d'esses úteis estudos.

¹¹⁰ Neste período Benjamim Constant passava alguns dias na região devido a problemas de saúde. Segundo artigos de jornais, ficou admirado com as obras da reforma do prédio da Escola Normal de Campanha e foi convidado para fazer a abertura do livro de visitas daquela escola. Este livro foi levado por ele ao Rio de Janeiro e só retornou para Campanha anos depois, após a sua morte, remetido pela sua viúva, conforme o artigo publicado no Monitor Sul Mineiro de 10/07/1898, p. 02. Hoje este documento encontra-se sob a guarda do Centro de Estudos Campanhenses Monsenhor Lefort, Campanha /MG

É de esperar que as outras doutrinas necessárias sejam sucessiva e gradualmente incorporadas ao plano de ensino de conformidade com as inilludíveis e imperiosas exigências do ensino integral completo.

4º. Regimen da Escola

O regimen, tanto da Escola Normal propriamente dicta, como o da Escola Annexa, é essencialmente caracterizado por dois grandes princípios que felizmente vão se generalizando entre nós: o externato e a coeducação dos sexos. Ahi, como em todas as escolas normaes, a adopção d'esses princípios – de ordem e de progresso, não tem dado a nenhum facto que se leve a desabone: ao contrario, essas escolas gozam de elevado e merecido conceito, quer quanto á ordem, disciplina e exemplar moralidade que nellas se observam, quer quanto aos progressos da instrucção. A presença dos dois sexos e a nobre missão a que se consagram concorrem poderosamente para a maior efficacia e mais suave applicação dos são princípios disciplinares, indispensáveis ás instituições d'este género.

5º. Numero de alumnos

O numero de alumnas e alumnos é illimitado e a concurrencia á matricula extremamente lisongeira em relação á população do município.(...)

É de esperar que dentro de pouco tempo, todas as escolas publicas primarias do municipio sejam regidas por cathedricos e adjunctos normalistas bem como as escolas particulares; e mais ainda, que essas regencias caibam ás normalistas de preferênciam aos normalistas. **A mulher em consequência da natural preponderância de suas nobres qualidades affectivas é incomparavelmente mais apropriada do que o homem para a instrucção e educação das creanças.** (grifos meus, CONSTANT, 1889)

Da escrita de Benjamim Constant sobre a Escola Normal de Campanha, salienta-se a questão do ensino masculino e feminino¹¹¹ e a preocupação com o espaço escolar, com as matérias ensinadas e com a valorização da mulher em seu papel de educadora. Cabe ainda ressaltar a preocupação do diretor da época¹¹² em angariar recursos junto à comunidade local para a construção do prédio e a obtenção de móveis escolares.

É necessário levar em consideração as fontes utilizadas para levantar os dados acerca da Escola Normal de Campanha. O discurso de Benjamim Constant, inagurando o livro de visitas da referida Escola, só tece elogios a esta instituição, enquanto os relatórios

¹¹¹ Desde o início das escolas Normais na província de Minas Gerais previa – se a frequência de homens e mulheres neste tipo de ensino, porém as lições seriam alternadas. (MOACYR, 1940, p. 179)

¹¹² Neste momento, o diretor era o chefe do partido conservador do sul de Minas, Manoel Ignácio Gomes Valladão

de presidentes de província consultados tentam desabonar o estabelecimento, como uma tentativa de assim investir menos na educação *pública*. Quanto aos artigos do jornal consultado, ocorrem opiniões distintas, mas todas contribuem para reforçar a idéia da necessidade de melhoria da educação. O artigo seguinte explicita as relações entre o poder provincial e a educação em Campanha:

Os estabelecimentos de instrução, quando mantidos pelo governo, precisão muito mais que os institutos geridos por particulares de credito ou de conceito que os recomende como casas de inteira confiança para quantos estão animados pela ideia de illustrar o espirito.

Esse credito ou esse conceito provém de duas origens, da reputação adquirida entre concidadãos ou duas manifestações de confiança do poder publico, que creou esses estabelecimentos, dando-lhes regulamentos e inspecionando-os por todos os motivos possiveis.

A reputação adquirida entre concidadãos é consequencia do cumprimento do dever por parte dos professores existentes nas casas de instrução official, os quaes, regendo conscienciosamente suas cadeiras, mostram no aproveitamento dos alumnos a justiça com que lhes foi dado em lugar no corpo dos educadores mantido pelo governo. As manifestações de confiança do poder publico revelão-se claramente na approvação dos actos dos corpos docentes, que serião desprestigiados si lhes faltasse o apoio da sancção official.

Applicando estas considerações á escola normal desta cidade não podemos infelizmente chegar ás conclusões que nos parecem justas e que nos serião agradaveis registrar nestas columnas.

Na relação dos professores desse estabelecimento, constituido por cidadãos de provada idoneidade, vemos alguns nomes que sao mais que idoneos, isto é, que pertencem a homens de grande saber, respeitados pelo character e de tal distincção que poderião honrar qualquer estabelecimento litterario da mais adiantada das cidades mineiras.

Além desses, sabemos que todos os outros buscão como elles cumprir zelosamente seus deveres, conquistando assim a invejavel reputação e conceito, que se póde adquirir no circulo dos que mais intimamente nos conhecem. Entretanto, apesar do mérecimento patente e incontestado de taes professores, vemos com magua que lhes tem faltado uma e mais vezes a confiança do governo, que frequentemente tem deixado de approvar acto que tem por si a oppinião da congregação da escola normal da Campanha, desprestigiando-a de modo lastimavel e em certos casos até sem justificação, sob futeis e irrisorios pretextos. (Monitor Sul Mineiro, 18/05/1890)

Segundo a fala do senador João Florentino Meira de Vasconcelos, em 1881 era preocupante o estado do ensino nas escolas normais na província de Minas Gerais, especialmente em Campanha:

As escolas Normaes carecem de organização, porque como estão não garantem as habilitações dos professores. É insuficiente o curso de dois anos. As matérias estão mal distribuídas. (...) O inspector geral nota a decadencia e descredito delas. **Conheço normalistas habilitados na Escola Normal de Campanha quasi analfabetos.** (grifos meus, citado por MOACYR, 1940, p. 204)

A má qualidade do ensino e a conseqüente falta de conhecimento do aluno eram constantemente presentes nos Relatórios de Instrução Pública. Os professores eram acusados inclusive de ajudar os alunos em suas avaliações:

Annuiados teem sido varios exames, aliás reputados bons, pelas escolas de Paracatú, Montes Claros, Campanha e Diamantina. Mas inquinados por qualquer forma; o que mostra o pouco critério, ou benevolencia com que forão alli julgados: o facto de se terem inscripto ultimamente perante a escola de Campanha duas normalistas, que entre si deverião disputar a preferéncia á cadeira daquella cidade, e consciante e espontaneamente retirarem-se da liça, confessando-se fracas; a declaração consignada pelo Inspector do 16o. Circulo em seu officio à esta Inspectoria dirigido em 5 de corrente, de haverem elle e os professores da escola da Campanha permittido que os candidatos, que perante ella se exhibirão de 4 á 8 de Maio, passassem á limpo as provas escriptas, depois de corrigidas (!) vindo em abono do pensamento por mim enunciado com referencia á reduçção do numero das escolas normaes, parece que justificarão bem a supressão de algumas das que existem. (Relatório do Diretor Geral da Instrução Pública, José Aldrete de Mendonça Rangel de Queiroz Carreira, em 30/01/1882)

A *perseguição* aos professores da Escola Normal de Campanha residia principalmente no fato de todos estarem intimamente ligados à política regional, provincial e até nacional. Aliás, este fato não acontecia somente na cidade sul - mineira. Política e educação se misturavam naquele momento em que a escola torna-se um instrumento necessário para a difusão das ideias de *nação*, de *higiene*, de *ordem* e de *progresso*, o político tinha de apropriar-se deste campo para conseguir a sua manutenção no poder¹¹³.

¹¹³ "...a legislação escolar e as reformas dos serviços de instrução funcionaram, ao longo do século XIX e XX, em Minas Gerais, como conteúdo e forma a partir dos quais setores, os mais importantes da nossa intelectualidade e elite política, buscaram apreender e dar inteligibilidade à escolarização, tomando como base as noções de civilidade, ordem e progresso ." (FARIA FILHO, 2003, p. 83)

Por outro lado, o repasse de verbas do Estado para as Escolas Normais nunca foi suficiente¹¹⁴. Em um artigo de jornal de 1898 criticam-se as péssimas condições de salários dos professores mineiros, existindo nesta época 15 escolas normais no Estado¹¹⁵, que habilitavam muitos professores que jamais exerceriam a profissão. Reivindicavam então ao governo mineiro a diminuição do número de escolas públicas.

De todos os alumnos que na escola normal desta cidade se distinguirão pela intelligencia e applicação, quase que podemos affirmar que poucos de entre elles seguirão a carreira do magistério, entregando-se todos os demais a outros meios de vida, meios muitas vezes penosos, porém de melhores resultados que os do magistério primário. (...) Seria preferível que o governo desde já diminuísse o numero de escolas publicas, acto que em nada prejudicará a instrucção, porque muitas são as localidades que tem escolas em numero superior ao que póde comportar, para assim augmentar a gratificação dos nossos professores primários. (Monitor Sul Mineiro, 15/10/1898, p. 02)

Neste mesmo ano, em 04 de dezembro de 1898, o *Monitor Sul Mineiro* publicou que o Estado havia suprimido 201 escolas públicas devido às dificuldades financeiras e à baixa frequência de alunos. Na edição seguinte anuncia a matrícula de 313 alunos na Escola Normal de Campanha. O número de alunos matriculados é significativo para a época, mas as notícias de provável fechamento desta instituição eram constantes. Como fechar uma Instituição de ensino tão procurada na região sul - mineira? A desculpa da falta de alunos não poderia ser utilizada...

O diretor da Escola Normal neste momento era o Dr. Ferreira Brandão, médico, chefe do Partido Republicano, um dos mentores do Movimento Separatista de 1892. Tal Movimento pretendia a separação da região sul do restante do Estado de Minas Gerais,

¹¹⁴ Segundo MUNIZ (2003), analisando as dotações orçamentárias do período compreendido entre 1835 e 1888 em Minas Gerais, havia um esforço das autoridades no sentido de aumentar os gastos com a educação, e havia também uma tendência a priorizar a instrução pública nas políticas dos governos provinciais, mas foram todas insuficientes.

¹¹⁵ Embora o jornal cite 15 escolas, BORGES (2005b) elenca 12 Escolas Normais em Minas Gerais neste período: Ouro Preto, Sabará, São João Del Rei, Campanha, Uberaba, Paracatu, Montes Claros, Diamantina, Arassuaí, Três Pontas e duas em Juiz de Fora.

sendo esta uma aspiração local desde o início do período imperial. Os separatistas alegavam que o dinheiro pago com os impostos da citada região sustentava boa parte do restante do território mineiro e também questionavam o descaso dos presidentes da Província ou do Estado com a região devido à longa distância que separava a cidade de Campanha da capital mineira, Ouro Preto.

Até a Proclamação da República foram feitas diversas tentativas de separação, todas de forma legal, com propostas enviadas ao poder público nacional. Somente com o fortalecimento do Partido Republicano na região e com a mudança do regime político é que as idéias separatistas tomaram forma de um movimento revolucionário. Quando o Marechal Deodoro declarou a dissolução do Congresso Nacional (03 de novembro de 1891), o Presidente da Província de Minas, Cesário Alvim, com o respaldo do Congresso Mineiro (entre os membros, o chefe conservador local, Sr. Gomes Valladão), apoiou a decisão do Presidente. Tal ato teve curta duração e acarretou a substituição do Presidente pelo seu vice, Floriano Peixoto. Este teve o apoio dos congressistas federais (entre eles os campanhenses Ferreira Brandão e Leonel de Rezende Filho).

O irmão do Deputado Ferreira Brandão, Martiniano da Fonseca Reis Brandão iniciou um movimento de separação da região sul-mineira do restante do Estado no dia 31 de janeiro de 1892. Proclamaram o Estado de Minas do Sul, tendo como chefe Martiniano e a cidade de Campanha tornou-se a Capital. Logo que teve início o Movimento Separatista em Campanha, o Presidente da Província, Cesário Alvim, renunciou ao seu cargo (02 de fevereiro). O movimento teve continuidade pela formação de uma junta governativa, criando, assim, as primeiras leis do novo Estado.

Os senadores estaduais Gomes Valladão e Sylviano Brandão (posteriormente presidente de Minas) manifestaram-se contrários ao Movimento Separatista, e declararam que este fora uma maquinação do Governo Federal de Floriano Peixoto, com o apoio dos Deputados Federais Ferreira Brandão e Leonel de Rezende Filho para depor o Presidente de Minas, Cesário Alvim, pois este havia apoiado o ato de fechamento da Constituinte.

No final do mês de fevereiro, foi então enviado um contingente de 200 soldados pelo governo de Minas e cercaram a cidade. Diante das tropas aquarteladas nas proximidades de Campanha, já detectando o apoio do governo federal ao estadual, Ferreira Brandão optou por negociar o término do movimento. Tratou então de negociar com o governo federal a situação da junta governativa. No dia 23 de abril chegou à Campanha o anúncio da anistia aos envolvidos.¹¹⁶

A Escola Normal de Campanha foi diretamente afetada pelo Movimento Separatista de 1892. Ferreira Brandão foi destituído de seu cargo de diretor da Escola Normal e também das cadeiras das quais era professor vitalício¹¹⁷. Os alunos protestaram, não comparecendo às aulas. Em consequência, alguns professores foram afastados temporariamente de seus cargos, acusados de incitar a desordem.

Não é possível detectar se os professores envolvidos foram substituídos e muito menos como ficou o ensino de suas respectivas cadeiras no período das sanções. O Diretor foi substituído. As manifestações contrárias aos atos do então presidente de Minas Gerais, Gama Cerqueira, foram constantes nos periódicos locais. Logo que o novo presidente Afonso Pena assumiu o cargo, os professores da Escola Normal de Campanha enviaram-lhe uma representação com reivindicações para a retomada dos respectivos cargos, como

¹¹⁶ “... Terminou por um decreto de anistia do illustre Sr. Marechal vice-presidente da República o processo instaurado contra a junta governativa estabelecida nesta cidade e os auxiliares que teve ella em todo o movimento da criação de Minas do Sul... (Monitor Sul Mineiro, 24/04/1892, p. 02)

¹¹⁷ “...Foi exonerado, a bem do serviço publico, do cargo de director da Escola Normal desta cidade o illustrado Sr. Dr. Francisco Honorio Ferreira Brandão, deputado federal e prestigioso chefe republicano em Minas.
Esta demissão parece que foi determinada pela attitude assumida por aquelle distincto campanhense diante dos sucessos de 01 de fevereiro e não nos parece ter sido justo.
O Sr. Dr. Brandão, como todos sabem, dedica-se há muito pela nossa escola normal com o maior zelo e solicitude, e estando além disso, por seu talento e illustração, verdadeiramente nas condições de occupar dignamente aquelle cargo, só como uma mesquinha vingança do governo se póde comprehender a destituição acintosa e offensiva que lhe foi dada.
Tem, porem, o governo o direito de vingar-se assim? ... (Monitor Sul Mineiro, 16/03/1892. p.01)

também para a volta de Ferreira Brandão à diretoria. Em agosto de 1892 todos foram restituídos aos cargos.

Segundo Valladão (1940), o Movimento Separatista foi o divisor de águas da influência de Campanha no cenário político nacional. Foi o instante de reestruturação das relações políticas locais, afetando diretamente a Escola Normal da cidade.

Somam-se às questões políticas as dificuldades econômicas pelas quais passava o Estado neste início da República, devido à reestruturação do governo, às transformações do trabalho com o fim da escravidão, à diminuição da produção cafeeira e também aos gastos com a construção da nova capital (Belo Horizonte). O Presidente de Minas, Silviano Brandão (1898-1902), pela lei no. 318 de 16 de setembro de 1901, foi o responsável por alterar a estrutura das escolas normais. Nesta lei, por medidas de economia, todas as escolas normais do Estado deveriam ser suspensas, os professores que se mantivessem no exercício de suas funções teriam a diminuição de seus vencimentos, e os cargos de inspetores extraordinários de instrução seriam extintos. As Câmaras municipais entrariam em acordo com o governo e poderiam passar a manter tais escolas. Não é possível afirmar se a Câmara de Campanha ajudou no funcionamento da Escola Normal, pois as Atas da Câmara deste período desapareceram. É possível apenas afirmar que eram constantes as notícias nos jornais *A Campanha* e *O Monitor Sul Mineiro* sobre a falta de pagamento dos professores, comprovando assim as dificuldades, mas a continuidade da Instituição.

Paralelamente às pressões políticas no Estado para o fechamento da Escola Normal, alguns jornais da região, contrários aos separatistas, começaram uma campanha de difamação ao Diretor da Escola Normal, alegando principalmente a má administração do estabelecimento. Ferreira Brandão foi novamente difamado, agora por motivos pessoais, no ano de 1905, acusado de molestar sexualmente duas menores, sendo que uma delas era sua

sobrinha de 10 anos¹¹⁸ Poucos dias depois, Ferreira Brandão deixou a cidade de Campanha. Os jornais publicaram diversas notas de simpatia ao médico e diretor da Escola Normal.

A Escola Normal perdeu o seu Diretor, mas o seu fechamento não foi automático. Durante todo o ano de 1905 foram publicadas notícias nos jornais locais que afirmavam o seu funcionamento: matrículas e formaturas de alunos. Publicaram também que os professores foram declarados *em disponibilidade* e recebiam metade dos salários.

No ano seguinte, o presidente de Minas, João Pinheiro, decretou pela lei nº. 439 de 28/09/1906, que o Estado deveria criar 05 novas Escolas Normais, mas Campanha não foi contemplada por tal lei. Pelo contrário, os professores campanhenses em disponibilidade participaram de uma reunião em Belo Horizonte e foram convidados a compor os quadros da fiscalização do ensino primário do Estado. A Escola Normal de Campanha não possuía mais professores e só seria reativada em 1929.

Enquanto os jornais locais publicavam notícias sobre as dificuldades de manutenção da Escola Normal, também noticiavam a instalação do Colégio Sion em Campanha:

Hontem era a supressão de escolas de instrução primária; hoje desaparecem todas as Escolas Normaes, sem a mínima attenção às necessidades do povo e aos direitos adquiridos por professores proficientissimos que se encareceram no magistério.(...)
O COLLEGIO DE SIÃO, dia a dia vai conquistando sympathias e preferências, devido aos seus merecimentos e às condições especialíssimas de sua organização que o tornam um estabelecimento de primeira ordem, em qual os Paes podem depositar toda confiança, tanto porque o corpo docente é habilitadissimo como pela dedicação das virtuosas irmãs no sentido de inculcir, no espirito das meninas os sãos ensinamentos que lhes hão de garantir forçosamente o immenso gosto de tornarem felizes os seus amantíssimos progenitores. (Monitor Sul Mineiro,07/05/1905,p. 3)

¹¹⁸ Nesta época, a referida sobrinha era aluna do Colégio Nossa Senhora de Sion de Campanha

A instalação do Colégio Sion na cidade ia de encontro às ansiedades dos políticos e também da elite local, pois *salvaria* a todos do *definhamento* em que se encontrava a cidade. Um definhamento declarado com os problemas pelos quais passava a Escola Normal de Campanha.

Fechava-se a Escola Normal de Campanha, ligada à participação do Presidente do Partido Republicano, atuante no Movimento Separatista de 1892, o Dr. Ferreira Brandão, na sua direção nos momentos finais. Era também uma escola voltada para o ensino tanto masculino quanto feminino, para a forma de externato e elogiada pelo positivista Benjamim Constant. Seus princípios feriam o discurso pregado pelo movimento do ultramontanismo. Tal discurso ganhava terreno no solo campanhense com a atuação dos políticos conservadores e da Igreja local. Entrava então em cena uma escola normal feminina, com suas alunas internas e semi-internas. Uma escola para formar principalmente esposas, mães e professoras competentes para divulgar e defender o discurso católico.

CAPÍTULO III: A presença do Colégio Sion em Campanha

Neste capítulo é feita a análise de algumas questões referentes aos princípios da Congregação Nossa Senhora de Sion, da instalação das freiras no Brasil no final do século XIX, das suas primeiras impressões da cidade e dos princípios norteadores do Colégio Nossa Senhora de Sion em Campanha.

A Congregação Nossa Senhora de Sion

A Congregação foi fundada por dois irmãos: padre Teodoro Ratisbonne (1802-1884) e padre Maria Afonso Ratisbonne (1814-1884). Ambos pertenciam a uma família judia da cidade de Estrasburgo, situado na região da Alsácia, na França. A conversão de ambos ao catolicismo aconteceu em momentos e de maneira diversos.

Inicialmente a conversão ocorreu com Teodoro Ratisbonne (1830), pelo contato com cristãos em sua terra natal. Após o batismo, rompeu com a família. Segundo Mondésert, havia sido “(...) favorecido na própria família por educação aprimorada e por instrução geral peculiar a todo membro da grande burguesia daquela época, Teodoro não encontrava, entretanto, junto aos seus, uma prática religiosa exata e fervorosa.” (1956, p. 15) Após a sua conversão esteve sempre ligado à educação em seminários e também pregava a conversão dos judeus ao cristianismo.

Ainda segundo este autor, Afonso Ratisbonne teve *horror* ao catolicismo após a conversão do irmão. Em 1842, contudo, em visita à Itália, teria ocorrido uma aparição de Nossa Senhora dentro de uma igreja que visitava. Atribuiu tal fato a uma *medalha milagrosa* que recebera anteriormente. A partir deste momento, rompeu com os familiares, converteu-se ao Cristianismo e entrou para a Companhia de Jesus. Em 1852, recebeu o consentimento formal de Pio IX para reunir-se ao irmão.

Teodoro fundou em 1843 uma escola para meninas judias em Paris, dirigido por um grupo de senhoras, sem uma regra determinada e sem votos, tendo apenas uma consagração. Posteriormente, a comunidade das senhoras foi reconhecida pelo papa Pio IX.

A 15 de Janeiro de 1847, um breve apostólico de Pio IX aprovava “a Comunidade das Senhoras regularmente estabelecidas em Paris sob a denominação de Nossa Senhora de Sion”. Alguns anos mais tarde, a 8 de setembro de 1863, o próprio Pio IX aprovava de modo mais oficial o Instituto e foi ele, ainda, que sancionou definitivamente a autoridade de suas constituições em 14 de dezembro de 1847. (MONDESÉRT, 1956, p. 24)

Após a aprovação da comunidade, a escola passou a recrutar também meninas católicas. Segundo a vocação apostólica traçada pelo fundador, deveria haver uma união entre judeus e cristãos. Esta união seria proposta pela Congregação em todos os lugares possíveis, justificando, assim, a rápida expansão e a *universalidade* da ordem.

Vós dais ao mesmo tempo, uma das mãos ao povo de Israel e a outra ao povo cristão... Levais a semente a todas as cidades do mundo uma vez que os restos de Israel se dispersaram e que em cada lugar deveis estar prontas para os acolher e instruir e lhes franquear as portas da Igreja. (Teodoro Ratisbonne apud MONDESÉRT, 1956, p. 25)

Segundo os fundadores, em meio às outras religiões, os judeus seriam aqueles *parentes* espirituais mais próximos do catolicismo. A conversão dos judeus (*não pela violência, mas pelo exemplo*) seria prioridade para a nova Congregação. O nome Sion era explicativo para esta preocupação:

SION – palavra evocadora, rica de história, ligada hoje a um grave problema de sociologia étnica e de política internacional, mas antes de tudo, para os Israelitas como para os cristãos, nome da cidade religiosa privilegiada, onde florescem a revelação e o culto do único e verdadeiro Deus; nome também da cidade espiritual aqui da terra e da cidade eterna do além, onde estarão “**reunidos em um só corpo os filhos de Deus que estão dispersos**”. João, 12,52”. (grifos meus, MONDESÉRT, 1956, p. 05)

As religiosas de Sion seguiram os princípios traçados pelo padre Teodoro Ratisbonne, que tomou como base a sua experiência e observação junto às primeiras Irmãs. Segundo ele, as religiosas devem ter duas virtudes fundamentais: a humildade e a caridade.

Prega também o espírito de pobreza, o desapego material e espiritual. Solicita então que as religiosas coloquem todos os bens para a comunidade.

O referido padre traçou os tipos possíveis de ministérios para as suas religiosas. Essa diversidade de funções serviria para melhor realizar a espiritualidade e o ideal apostólico. “(...) Hoje em dia, a jovem que pensa ser chamada a Sion, pode, desde a entrada no noviciado, optar por uma das três atividades: educação e ensino, apostolado com hábito secular, vida contemplativa em solidão cenobítica.” (MONDESÉRT, 1956, p. 57)

A educação é particularmente a atividade mais desenvolvida pelas religiosas sionenses¹¹⁹. A proposta educativa esteve presente desde o início, para que levassem à comunidade cristã a compreensão de Israel. O Pe. Teodoro define ainda a educação da seguinte forma: “(...) a arte de dirigir o desenvolvimento físico, intelectual e moral do ser humano; a arte de formar o homem na ‘criança’”¹²⁰ (p. 02)

Neste mesmo documento o referido padre é citado, aconselhando que as Irmãs da Congregação devam trabalhar para o engrandecimento da Ordem, tendo o exemplo: “(...) Sêde Marta no Colégio e Maria em vossa cela. Reine atividade santa e calma em vossas funções exteriores; doce e confiante passividade absorva as horas de solidão. Aprendei a ficar tranqüila aos pés de Jesus, atenta à palavra interior; unicamente ocupada de seu amor”(p. 12)

Prevê então que sejam trabalhadoras e também mediadoras na tarefa do fortalecimento do cristianismo. As irmãs da Congregação devem sempre unir o trabalho às

¹¹⁹ “De todas as missões confiadas à mulher, a mais nobre, a mais bela é a missão de educar as crianças. Tudo está nessa palavra “educar”, quer dizer fazer enveredar pelo caminho que vão ter ao “Céu”. (T. Ratisbonne. Citado nos Escritos de Soeur Marie Louise de Sion. S/d, p. 10)

obs: Soeur Marie Louise foi superiora do Colégio Sion de Campanha e deixou registrado alguns princípios norteadores da congregação e do Colégio. Segundo ela, estes escritos seriam encaminhados para o Colégio Nossa Senhora de Sion de São Paulo.

¹²⁰ Escritos de Soeur Marie Louise de Sion. S/d.

súplicas. Por isso, têm de assumir diversas funções dentro da Congregação: dirigir colégios, fundar escolas para crianças pobres, orfanatos e diversas oficinas.

O Padre Afonso Ratisbonne foi o responsável por iniciar a expansão da Congregação mundialmente, começando pela cidade de Jerusalém.

As francesas da Congregação Nossa Senhora de Sion chegaram ao Brasil juntamente com a Proclamação da República em 1889, no período posterior à morte dos fundadores, iniciando o primeiro Colégio no Rio de Janeiro. Devido à epidemia de febre amarela naquela cidade foram para Petrópolis (1890). Fundaram, depois, os Colégios de São Paulo (1901), Campanha (1904), Curitiba (1906), e, por fim, Belo Horizonte (1944). Atualmente, existem unidades educativas brasileiras do Colégio Sion no Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba, além de diversas casas e Colégios espalhados pelo mundo. (**anexo 10**)

No *Brasil*, logo à chegada, foram as religiosas atacadas pela febre amarela que vitimou quatro entre elas; o que não as impediu de se afeiçoarem ao grande país cujas **possibilidades de progresso religioso** imediatamente entreviram.

Acrescentamos que a confiança das famílias pobres e ricas, a generosidade das alunas na prática da vida cristã foram sempre para elas estímulo e incitamento.

Abriram-se sucessivamente colégios no Rio de Janeiro (1889) em Petrópolis (1890) em S. Paulo (1901). Entusiástico foi o acolhimento que tiveram as Irmãs, quando, em 1904, se instalaram em Campanha (Sul de Minas) a conselho dos jesuítas que aí mantinham um noviciado.

(...) Em todos os lugares e estabelecimentos foram oficialmente reconhecidos e tornaram-se centros de múltiplas atividades apostólicas. Como sempre, **não foram esquecidos os pobres e pequeninos bem como as pessoas do interior, das fazendas, cuja instrução religiosa é tão deficiente quanto a condição material.** (grifos meus, MONDESÉRT, 1956, p. 36)

Sionenses e jesuítas já mantinham fortes laços, pois o Padre Afonso Ratisbonne participara da ordem de Santo Inácio de Loyola no princípio de sua vida cenobítica. As freiras que chegaram em Campanha apoiavam-se nesta ligação entre as ordens quando foram convidadas para instalar uma nova unidade no Sul de Minas Gerais. Os jesuítas já estavam presentes na cidade e foram responsáveis por levar as sionenses para lá.

Por outro lado, como não havia crianças judias na região e este era um dos princípios para demonstrar a necessidade de expansão da Congregação, paralelamente à educação das meninas da elite local, ofereceram também o ensino às meninas pobres da região, aquelas de pouca instrução religiosa e *deficientes* de condição material.

Estas freiras eram ideais para instalar um Colégio confessional feminino na cidade pois estavam aptas a preparar tanto as meninas da elite quanto da pobreza local segundo os moldes do catolicismo ultramontano. Por desconhecerem a região, não tinham contato com as disputas políticas locais, mas participariam como mediadoras para angariar as filhas dos políticos para os seus quadros educativos dentro dos mais novos princípios pedagógicos franceses. Por outro lado, ensinariam às meninas pobres, principalmente aquelas da zona rural, os ideais católicos e, ao mesmo tempo, estas seriam preparadas para o trabalho, principalmente doméstico¹²¹. Eram, assim, Martas e Marias para a sociedade campanhense.

A instalação do Colégio na cidade de Campanha

A implantação do Colégio Sion na cidade de Campanha foi uma proposta de alguns representantes políticos e religiosos da região. Foi uma iniciativa do padre Natuzzi, diretor do Noviciado Jesuíta da cidade; de Joaquim Leonel de Rezende Filho, deputado federal; e de Gabriel Valadão, promotor de justiça local. O deputado Leonel Filho visitou o Colégio Sion de Petrópolis e conversou com a Madre Superiora, que, posteriormente, veio até Campanha buscar um local adequado para instalar a nova escola.

(...) Chegarão a esta cidade, na noite de 11 do corrente as Irmãs Marie Angelina de Sion e Joaquina de Sion, aquella superiora e esta professora do importante collegio de Sião, estabelecido na cidade de Petrópolis.

¹²¹ Segundo o Papa Leão XIII, na Encíclica *Rerum Novarum*, ao discutir o fortalecimento do trabalho infantil e feminino, afirma que este último pode acontecer, mas: " (...)Trabalhos há também que não se adaptam tanto à mulher, a qual a natureza destina de preferência aos arranjos domésticos, que, por outro lado salvaguardam admiravelmente a honestidade do sexo, e correspondem melhor, pela sua natureza, ao que pede a boa educação dos filhos e a prosperidade da família." (Leão XIII, *Rerum Novarum*, 1891)

A' chegada do trem grande foi o concurso de Exmas. familias e cavalheiros de nossa melhor sociedade, que alli se havião reunido com o fim especial de receberem as virtuosas e distinctas religiosas.

Depois dos primeiros cumprimentos, forão ellas acompanhadas por todas as pessoas alli reunidas até a residencia do Exmo. Sr. Dr. Leonel Filho, onde forão as illustres religiosas bondosa e fidalgamente hospedadas durante a sua estada em nossa terra.(...)

Entre nós permanecerão os dias de 12 e 13 do corrente, regressando para Petropolis na madrugada de 14.

Nesses poucos dias de permanencia entre nós e acompanhadas sempre por distinctas pessoas de nossa sociedade, visitarão alguns de nossos melhores edificios publicos, algumas casas particulares e entre estas uma de excellentes accommodações e situação, o Grande Hotel Sanitario, onde pretendem estabelecer um collegio, modelado pelo de Sião, de Petropolis.(...)

Oxalá que seja em breve inaugurado esse futuroso e importante estabelecimento de instrucção e educação – que será mais um grande elemento para nosso desenvolvimento e bem assim da rica e importantissima zona sul-mineira, da qual a Campanha se orgulha de ser o seu centro cultural. (Monitor Sul Mineiro, 17/04/1904, p. 01)

Foi escolhido um imóvel um pouco retirado da cidade, um palacete que, no final do século XIX, funcionara como *Hotel Sanitário (anexo 11)*, local de descanso para curar pessoas com problemas de saúde. O anúncio de abertura do *Hotel Sanitário* apresenta as adaptações feitas no edifício para o seu funcionamento, que já havia pertencido anteriormente ao senador Evaristo da Veiga.

Estabelecimento de primeira ordem para o tratamento da bacilose pulmonar, da escrophulose, do rachitismo das creanças, da infecção malarica, da nevrite e polynevrite infecciosa ou toxicas, das anemias...enfim de todas as molestias que exigem uma atmospherica calma, livre de poeira, bem oxigenada e secca.

O SANATORIO está montado com todos os aperfeiçoamentos modernos, de maneira a poder fazer um isolamento completo das molestias contagiosas; - dispõe de um bem aparelhado serviço hydrotherapico (duchas frias e mitigadas, chuveiro, banheiras parciais de immersão), e, ainda, tem uma magnifica installação electrica.

Todos os aposentos tem a cubagem e ventilação requeridas e são illuminados à luz electrica, ainda em installação.

O pessoal é muito habilitado e foi adquerido em S. Paulo e na Capital Federal.

O SANATORIO dispõe tambem de todos os aparelhos modernos para o desenvolvimento physico das creanças e adultos taes como: trapesio, barra fixa, balanço, grande pescina para natação e uma pista com 800 metros de extenção, para bycicletas (em construcção) , e ainda, como meio

recreativo, tem tiro ao alvo, carro, animaes para montaria, bilhar e outros jogos usados em salão.

O SANATORIO não recebe presentemente tuberculosos em periodo de fuzão.

O Director technico reside com sua familia no estabelecimento. Diaria: – 10\$000, 12\$000, 15\$000, 20\$000, segundo os commodos occupados. (Monitor Sul Mineiro, 20/11/1898, p. 04)

O clima da região era considerado propício para a cura das enfermidades respiratórias, além da proximidade com as diversas fontes de água mineral (Cambuquira, Lambari, Caxambu, etc.). Estabelecido inicialmente como *Sanatório*, logo a seguir foi anunciado como *Hotel*. Durante o seu funcionamento, recebeu diversas pessoas ilustres que chegavam a Campanha para o tratamento de saúde. Não é possível precisar o período de seu funcionamento, mas sabe-se que em 1899 ocorreu a morte de seu proprietário e o hotel passou a ser gerenciado por sua viúva, que foi responsável pela venda do imóvel para as irmãs de Sion. O prédio escolhido tinha as condições de higiene necessárias ao funcionamento da escola que estava sendo criada, de acordo com as preocupações da época quanto à saúde e higiene.

Escolhido o imóvel, foram ordenadas algumas adaptações e as irmãs seguiram para Petrópolis. Retornaram para a instalação do Colégio em Campanha no início do mês de outubro de 1904. Novamente a cidade festejou a chegada das Irmãs. Compunham este grupo as seguintes religiosas¹²²: Mére Marie Dieudonée de Sion (escolhida como Superiora do Colégio Sion de Campanha), Soeur Marie Albert de Sion, Soeur Marie Deodata de Sion, Soeur Marie Antonin de Sion, Soeur Marie Appollinaire de Sion e Soeur Marie Anna Joseph. Pouco tempo depois chegou Mére Marie Odile de Sion¹²³, ex-secretária da superiora do Colégio Sion de Petrópolis. O diário da Primeira Superiora do Sion de Campanha declara um número diferente do informado no jornal citado com relação às

¹²² Fonte: Monitor Sul Mineiro, 09/10/1904, p. 02

¹²³ “A eximia preceptora, dotada de nobilissimos sentimentos e peregrinas virtudes, é uma intelligencia solida variadamente culta.” A Campanha, 05/11/1904. p. 03

irmãs que chegaram para a instalação do Colégio na cidade: 10 missionárias¹²⁴. Entre as freiras havia uma distinção desde o início do Colégio: aquelas que exerceriam a docência e aquelas que cuidariam da organização da Casa, as irmãs conversas (**anexo 12**).

Os jornais campanhenses (*O Monitor Sul Mineiro* e *A Campanha*) foram instrumentos de propaganda da presença das irmãs na cidade, como também para a divulgação da necessidade do ensino confessional feminino. Em artigo do jornal *A Campanha* percebe-se a necessidade da comunidade local em receber as Irmãs, pois...

O estabelecimento que ora se vai crear, tendo a sua frente a boa vontade e energia da illustrada Irmã Superiora, é, e ninguém de boa fé o contestará, um elemento poderosamente vital para o nosso organismo que definha e um magico propulsor para o nosso progresso e engrandecimento, retardados pela lethargia do mais criminoso descuido que nos tem assoberbado. (*A Campanha*, 19/09/1904, p.01)

A citação acima é relevante para notar a necessidade de implantar uma educação que esteja voltada para o desenvolvimento e o progresso da cidade. Vê-se um caráter redentor contra a *lethargia* presente na sociedade campanhense da época. A educação, neste momento, dialoga com o discurso político e atende às suas necessidades, quais sejam: desenvolver determinadas aptidões para apreender o discurso da ordem e alcançar o progresso. A escola celebra a política republicana pela divulgação de seu ideário, corporificando os seus símbolos e valores. A instalação do Colégio Sion na cidade vai ao encontro das ansiedades dos políticos e da elite local, pois *salva* a todos do *definhamento* em que se encontram.

¹²⁴ “C'est le 5 octobre que les dix missionnaires destinées à Campanha, arrivaient dans cette petite ville.” Mais adiante, o referido diário enumera as primeiras irmãs, contrariando as informações fornecidas pelo jornal: “(...) Mère M. Dieudonnée fut établie au nom de Notre chère Mère Générale, Supérieure de la maison.; les autres emplois furent partagés entre Soeur Marie Albert, Soeur Marie Antonin, Soeur Marie Deodata de Petrópolis et Soeur Lodoïska de S. Paulo. Les dévotionées Soeurs Converses Soeur Coletta, Soeur Alain, Soeur Afra, Soeur Anna Joseph. Soeur Apollinaire venaient également de ces trois missions. (Journal – 1904-1905, acervo particular CNSS/ Campanha)

A idéia de civilidade presente tanto no discurso político quanto no discurso educacional do final do século XIX e início do XX é responsável em intensificar a necessidade de implantação da educação feminina. Durante o período colonial e imperial brasileiro, as mulheres eram educadas principalmente no seio familiar. A educação formal era permitida a poucas. Quanto mais reclusas estivessem, menos tentações e menos conhecimento do mundo teriam, e, portanto, melhores esposas seriam para seus futuros maridos. A passagem da educação familiar para a educação formal pode ser percebida no seguinte artigo da época de instalação do Colégio Sion em Campanha:

Realmente não é sem embaraços e profundos receios que um pai, digno desse nome, entrega um filho ou uma filha, a quem elle se habituou a cercar de carinhos e amor, de ternuras e cuidados, de solicitude e interesse ininterrompido, a um preceptor estranho, que vai continuar o delicado trabalho iniciado no lar paterno, dando luzes à intelligencia que começa a expandir-se, dando forças ao character que inicia sua formação, dando energias à consciencia que surge, e que será amanhã a base em que descansa toda a felicidade da vida.

Na propria casa da familia não se consegue realizar completamente o preparo intelectual e moral que exige a adolescencia.

Não é possível haver em meio dos trabalhos caseiros, tantas vezes perturbados por distrações e entretenimentos devaria especie, essa regularidade imprescindível que offerecem os institutos de educação e ensino, quando dirigidos por pessoal de notoria aptidão.

Eliminado, pois, o ensino no lar, impôs-se a necessidade de buscá-lo fora, e, reconhecido o perigo de obtel-o máo e deficiente, fica patente a enorme e feliz vantagem de encontral-o em pessoas de indiscutivel competencia e de provado saber.

É esta a condição auspiciosa e tranquilisadora em que temos a ventura de achar-nos.

O COLLEGIO DE SIÃO, fundado na Campanha, é um estabelecimento de instrucção do mais alto e precioso valor, com seus creditos invejavelmente firmados, e de singular e raro merecimento. (Monitor Sul Mineiro. 23/ 10/1904. p.01)

O ensino feminino deve deixar as *distrações e entretenimentos* do lar paterno, lugar onde não é possível realizar completamente a educação moral, tão necessária para as adolescentes nesse momento. A forma ideal é então deixá-las totalmente fora do convívio familiar. Por isso, o Colégio Nossa Sr^a De Sion de Campanha já propõe funcionar desde o início com alunas internas e semi-internas.

A rigidez dos horários é imposta a todas as alunas. O contato familiar das alunas semi-internas acontece em um curto período do dia. Qualquer transgressão na pontualidade implica sanções, como pode ser observado no primeiro anúncio do Colégio:

A meia pensão é de 80\$000 por trimestre. As meninas devem estar no collegio, todos os dias, antes das 8 horas da manhã: tomão suas refeições no collegio e saem às 6 horas da tarde.

Nos Domingos e dias santificados, elas devem vir às 7 1/2, porém sahem às 10 1/2.

Pede-se a mais extricta exactidão, sob pena de perderem as notas e condecorações. (Monitor Sul Mineiro, 16 /10 /1904. p. 02.)

Tal rigidez e sanção aplicam-se também para as *internas*, como atesta ainda o mesmo anúncio de jornal:

Os Paes poderão visitar suas filhas às quintas-feiras, das 2 às 3 horas da tarde e nos domingos, do meio-dia às 3 horas da tarde.

As sahidias effectuar-se-ão no primeiro Domingo de cada mez, às 8 1/2 horas da manhã. As alumnas deverão estar de volta no Collegio no mesmo dia, antes das 7 horas da noite ou na Segunda-feira, antes das 8 horas da manhã. A falta de comparecimento a hora indicada importa para a alumna a perda das notas e de qualquer distincção durante o mez.

Os mezes de Junho e de Dezembro são feriados. Não há férias durante a semana santa. (Monitor Sul Mineiro, 16 /10 /1904. p. 02.)

Salienta-se a importância de haver o mínimo de contato possível entre as meninas e seus familiares. O ambiente escolar torna-se o responsável pela melhor educação e disciplina, onde se prega a necessidade de um afastamento do mundo externo e a reclusão no universo feminino escolar. As alunas semi-internas participam do mesmo rígido controle do tempo recebido pelas internas. Não há folga nem aos domingos. As punições podem acarretar sanções de notas e condecorações. Pode-se perceber ainda no mesmo documento que o tempo escolar também está dividido entre os diversos cursos oferecidos, e em matérias:

O systema adoptado nos numerosos estabelecimentos de educação que a Congregação tem na Europa, Asia, Africa e America, há produzido bons resultados. O programa de estudos comprehende todas as materias ensinadas nos principaes internatos da Europa.

Curso elementar– Leitura, Escrip̃ta, Arithmetica, Historia Sagrada, Geographia, Lingua Portugueza, Lingua Franceza, Desenho linear, Piano, Solfejo, trabalhos de agulha.

Curso médio– As mesmas materias do ensino, e mais: Historia do Brazil, Historia antiga e da idade média. Principios de litteratura, Lingua ingleza ou alemã, Sciencias Naturaes, Desenho (de reprodução).

Curso superior– as mesmas materias de ensino e mais: Historia moderna e contemporanea, Litteratura universal, Physica, Chimica, Historia natural, Noções de Philosophia e Pintura. (Monitor Sul Mineiro, 16 /10 /1904. p. 02.)

As disciplinas oferecidas seguem o modelo francês de educação e atendem às necessidades do discurso de fortalecimento do momento republicano brasileiro. Ressalta-se a importância que possui a ciência para a formação do homem moderno. As disciplinas no início do século XX devem ser divididas em: saberes elementares – as competências básicas de leitura, escrita e cálculo; matérias de natureza científica – ciências físicas, químicas e naturais; e matérias de formação moral, cívica e instrumental – geografia, história, educação cívica, moral, música, ginástica, e trabalhos manuais.

As meninas entregues às freiras recebem uma educação considerada *completa*, sendo preparadas para exercerem o papel de futuras mães, integradas na sociedade moderna. Neste momento havia uma grande campanha em prol da instalação do Colégio e da necessidade da educação feminina na cidade.

As *meninas de Sion*¹²⁵ também participam da *ordem* pelo seu vestuário. O uniforme não distingue nenhuma delas dentro da comunidade escolar, com exceção das faixas e fitas¹²⁶ com cruces de cores diferenciadas para cada uma das séries. O uniforme e o

¹²⁵ Este termo caracterizava o grupo de alunas pagantes, internas e semi-internas do Colégio Nossa Senhora de Sion

¹²⁶ As faixas e fitas eram as seguintes, desde o primário, admissão, ginásio e normal: Vermelha listada, Vermelha lisa, amarela, verde, azul listado, azul escuro, azul clara, branca, multicolor, violeta listada e violeta lisa. Informações contidas na “Vida da Menina de Sion”, escrito por uma ex-aluna (1933) e, posteriormente freira (1969). Acervo CNSS/ Campanha

enxoval devem ser padronizados, segundo os costumes da época.

Para uniformidade do vestuário collegial, serão fornecidos pelo estabelecimento, à custa dos Paes, os vestidos, chapéus e capas. (...)

As meninas deverão ter os objetos designados na lista seguinte, cada um marcado com seu numero:

10 camisas, 4 ditas de dormir, 2 ditas para banho, 2 saias brancas, 2 saias de chita de côr, 12 pares de meias pretas, 10 calças, 3 camisas de meia, 1 collete, 12 lenços, 6 guardanapos grandes, 5 lenções (comp. 2,50; larg. 1,50), 6 fronhas (comp. 0,65; larg. 0,40), 6 toalhas de rosto, 2 toalhas para banho, 3 colchas brancas com franjas (comp. 2,15; larg. 1,50), 2 cobertores, 1 roupão para dormitório, pentes, escovas e duas esponjas, 3 pares de botinas pretas, 1 talher e 1 copo. (Monitor Sul Mineiro, 23 /10/ 1904. p. 01)

As futuras meninas de Sion devem ser consideradas como *ornamentos dos lares* e da sociedade; preparam-se para futuros papéis de destaque no seio familiar e social, como boas mães, esposas e professoras. Da mesma forma, as disciplinas oferecidas estavam voltadas para a preparação deste futuro. A educação compreende a transmissão do conhecimento e também de valores e normas. O Colégio Nossa Senhora de Sion vai de encontro aos anseios da sociedade campanhense da época:

O que seja um Collegio de Sion, nol-o define seu santo fundador. “ é uma família cuja Superiora é a mãe; uma escola de sabedoria, onde, pelos cuidados das Mestras, a piedade e as virtudes masculas são cultivadas no espirito das meninas; é um santuario de lettras e de sciencias, onde nada é omittido de todo o que o programa mais completo possa exigir da intelligencia das donzellas cultas.

A educação de Sion, não rodeia de desvello e carinho materno sómente o corpo fragil e mimoso das meninas; ella cultiva e aformosêa o espirito; esclarece e dilata a intelligencia; para que as donzellas possam nobilitar a familia, abroquelar a sociedade, consolar a Egreja de Jesus-Christo e enriquecer o Céu de emaladoras dos Anjos. (Monitor Sul Mineiro, 26/03/1905, p. 01)

O ensino feminino ganha espaço, então: um lugar de destaque no seio da família, e um lugar na sociedade masculina e urbana. No seu início, o *microcosmo* que compreende o Colégio Nossa Senhora de Sion de Campanha reflete o universo educacional feminino do início do século XX. A menina de Sion deve preparar-se para um futuro glorioso como mãe e esposa, onde reflete em seu universo doméstico o *microcosmo*

sionense. Esta imagem familiar é divulgada e valorizada, demonstrando a sua inserção no mundo republicano da ordem e do progresso.

Progressista por excellencia, trabalhador por indole e amante de sua terra pelo dever que seu character impõe, o povo campanhense, escudado nos devotamentos de individualidades eminentes, conseguiu que se estabelecesse nesta cidade o COLLEGIO SION, para instrucção do sexo feminino, conceituada casa de ensino em que, piedosas e illustradissimas irmãs de Sion proporcionam, a par de uma aprimorada instrucção, a educação de que tanto a mulher carece para que a sua felicidade não seja uma utopia.

O tratamento carinhoso dessas illustradas educadoras têm por escopo e o grande numero de meninas que frequentam as aulas de tão notavel estabelecimento de instrucção, vive na mais completa alegria galgando sorridentes os degrãos do saber.

A' mulher cabe o desempenho de um papel salientissimo na sociedade e do seu preparo intellectual nascem os elementos capazes de fazer a felicidade de um povo.

Instruida convenientemente, ella há de ser a transmissora de seus conhecimentos aos nosso estadistas de amanhã e os sentimentos de patriotismo triunfarão sobre os do interesse privado tão em voga nestes calamitosos tempos. (A Campanha, 19/02/1905, p. 01)

Tal imagem perpassa a história do Colégio na cidade de Campanha. A função de educar futuras mães e também professoras, multiplicadoras do cristianismo, é percebida ainda nas palavras escritas pelo bispo local no momento das festividades comemorativas do cinquentenário do Colégio Sion em Campanha.

Essa grinalda láurea, a lhe enfeitar hoje a fonte semi – encarnecida e muito veneranda, entreteceu-se de Religiosas, desta e de outras Pátrias idolatradas, as Filhas prediletas, que se instruem para instruir, que se formam para formar, e se aperfeiçoam e santificam, para **aperfeiçoar e santificar a legião incontável de almas, aos seus cuidados e responsabilidade maternas; de mães admiráveis e esposas heroínas que, naquela Casa e junto àquelas Mestras, aprenderam a amar com o coração e a razão, - estêio da felicidade conjugal e garantia do bem da prole, - e que estão sempre a escutar com os ouvidos da alma a afirmação realíssima de São Pio X: “daí – me mães e esposas cristãs, e eu reformarei o mundo”;** de “antigas”, beneficiadas e reconhecidas, frutificando a boa semente e fulgurando em todos os setores da atividade humana, no magistério, sobretudo, as quais, verdadeiros braços fortes da missão sacerdotal, cooperam, com eficácia edificante, para a **dilatação do Reino**

de Cristo; de alunas felizes que, aplicadas e dedicadas, se preparam diligentemente e se adextram convenientemente, para um futuro melhor no Brasil e um Brasil melhor no futuro. (grifos meus, Monsenhor Mesquita. In: BELLATO, 1954)

Alunas instaladas....

As aulas iniciaram-se no dia 16 de outubro de 1904. Segundo o diário da primeira superiora, neste dia foram matriculadas 17 alunas, sendo 03 delas internas e estavam divididas em três classes¹²⁷. Devido ao fato das aulas terem começado no mês de outubro, as férias de dezembro foram suprimidas no primeiro ano de funcionamento do Colégio. As alunas internas puderam sair somente por alguns dias no período do Natal.

No início de 1905, o Colégio já contava com 25 alunas matriculadas, 15 semi-pensionistas e 10 internas¹²⁸. Cruzando os nomes das alunas matriculadas fornecidos pelo artigo de jornal de 1905 com os registros oficiais do Colégio a partir de 1906¹²⁹, é possível detectar alguns dados destas primeiras alunas, conforme a seguinte tabela.

¹²⁷ “Les inscriptions s'étaient échelonnées durant séjour de notre chère Mère Angeline, et 17 enfants dont 3 pensionnaires, se trouvaient a Sion le jour de la rentrée (...). 11 fillettes formèrent la classe rouge, 5 la verte et 1 seule la bleue.” (Journal, 1904-1905, p. 06. Acervo particular CNSS/ Campanha)

¹²⁸ Monitor Sul Mineiro, 01/01/1905, p. 02

¹²⁹ Livros de Matriculas e Notas do Curso Normal e do Curso Primário. Acervo CEMEC

Tabela 14 - meninas de Sion matriculadas em 1905

| <i>Nome da aluna</i> | <i>filiação</i> | <i>pensão</i> | <i>Série /1906</i> | <i>nascimento</i> |
|-------------------------------|-------------------------------------|---------------|---------------------------|-------------------|
| Adalgisa Brandão | João F. Brandão | externa | 4o. Primário e 1o. Normal | 18 /01/1894 |
| Alvarina Silva | - | externa | - | - |
| Amélia Nogueira | - | externa | 3o. Primário | - |
| Anna Evangelina Lion | - | externa | - | - |
| Aracy Lima Brandão | - | interna | 3o. Primário | - |
| Biloca de Rezende | Senador. Leonel Filho | interna | 3o. Primário | - |
| Dulce Oliveira | - | externa | - | - |
| Edith Lima Brandão | - | interna | 3o. Primário | - |
| Ernestina Silva Lemes | - | externa | - | - |
| Etelvina Lemes | - | externa | - | - |
| Guilhermina Rezende | - | externa | - | - |
| Judith Ferreira Lopes | - | interna | prática profissional | - |
| Landecea Serio | - | externa | - | - |
| Laura Bressane | João Bressane Azevedo | externa | 4o. Primário e 1o. Normal | 0/07/1890 |
| Magdalena Da Costa | - | externa | 3o. Primário | - |
| Maria Amalia V. Horta | José C.Bueno Horta | interna | 4o. Primário e 1o. Normal | 24/10/1891 |
| Maria da Conceição P. Vilhena | Dr. João Braúlio Moinhos de Vilhena | interna | 2o. e 3o. Normal | 21/06/1889 |
| Maria da Glória Lemos | Dr. Fernando Lemos | interna | 1o. Normal | 28/08/1891 |
| Maria Olympia Lion | D. Olympia A Pereira Lion | externa | 4o. Primário e 1o. Normal | 17/04/1891 |
| Odila Valladão Horta | José Horta | externa | 4o. Primário e 1o. Normal | 24/06/1896 |
| Zaira Mano | - | externa | - | - |

Percebe-se que a idade das primeiras alunas do Colégio matriculadas no ano de 1905 oscilava entre 9 e 16 anos. Além disso, muitas delas matricularam-se em mais de uma série em 1906, adaptando-se, assim, ao currículo, após o reconhecimento oficial do Colégio.

A necessidade do reconhecimento estava intimamente ligada ao fechamento da Escola Normal. Os políticos locais então lutaram pela permissão do funcionamento do curso normal no Colégio Sion. O ensino primário só seria regularizado em Minas Gerais em 1906.

Tendo o governo do Estado de Minas por motivo de economia – mandado fechar todas as Escolas Normaes – exceptuando a da capital, incidio nessa medida a Escola Normal de Campanha, que existia há mais de quarenta annos.

Para sanar, quanto possivel, esta medida economica, mas que, sem duvida, veio trazer grande prejuizo á instrucção, sabemos que se trata de equiparar este magnifico Collegio a Escola Normal de Bello Horisonte, dando assim aos diplomas por elle expedidos as vantagens do curso official. (Monitor Sul Mineiro, 14/10/1905, p. 01)

No ano de 1905, Bráulio de Vilhena Junior, médico, pai de uma aluna do Colégio Sion, e que assumiu o cargo de secretário de Finanças do Governo João Pinheiro no ano seguinte, foi o responsável pela negociação da equiparação da Escola Normal do Colégio Sion à Escola Normal de Ouro Preto. Em 1906, a Escola Normal de Campanha já não funciona mais e o Colégio Nossa Senhora de Sion recebe o parecer favorável para o funcionamento do seu Curso Normal.

O Collegio de São da Campanha equiparado às Escolas Normaes do Estado.

O abalisado e competente professor Sr. Peçanha cujo nome é uma garantia, para o governo, depois de rigoroso exame, como fiscal de Instrucção, vio com a perspicácia intelligente de Mestre, quanto lucrava o Estado com esta equiparação.

(...) onde os Paes e mães podem perfeitamente deixar suas filhas com a segurança de que gozarão n'ella de todo o conforto e de tudo quanto a hygiene mais rigorosa exige modernamente.

A instrucção dada em Sião é completa, seu programma de ensino satisfaz todas as exigências atuais,...

Se além da Instrucção tocássemos na educação moral que se recebe em Sião, veríamos que toda ella é baseada na rectidão de uma consciência moldada pelas regras do Evangelho.

É ella que forma as esposas fiéis, as filhas dedicadas e as donas de casa segundo o typo da mulher forte, da Sagrada Escripura. Quantos Paes e quantos maridos não se achão hoje encantados de possuírem no seu lar, essas pedras preciosas lapidadas segundo os methodos de Sião.(grifos meus, Monitor Sul Mineiro, 20/01/1906, p. 01)

Neste momento é necessário preparar futuras boas mães e esposas dentro do ideário político. Muitas das normalistas procuram na educação um meio de alcançar uma certa liberdade, conseguindo, por meio da educação, sair da esfera domiciliar e integrar-se na esfera do trabalho como professoras¹³⁰. Contudo, a grande maioria educa-se nos moldes comportamentais mais rígidos e refinados da época, prezando o intuito casadoiro.

A preocupação com a estabilidade do sacramento do matrimônio é constante nos quadros da Igreja Católica, principalmente no discurso ultramontano. O papa Leão XIII aconselha que a mulher deve ser companheira do marido, mas submissa em tudo, já que faz uma analogia da mulher com a Igreja e o marido ao Cristo. Ambos são necessários, complementares, mas Cristo é o chefe da Igreja.¹³¹ e, logo, o marido é o chefe da esposa. A família é considerada como o berço da sociedade civil, cabendo aos pais a obrigação de dar princípios morais cristãos aos seus filhos, procurando também matriculá-los em escolas que garantam essas virtudes cristãs.

¹³⁰ Um exemplo foi a normalista Maria Amália Valladão Horta, matriculada no Sion entre os anos de 1905 e 1907. Nas atas de resultados sempre esteve entre as mais *distintas* alunas. Em 1908, quando fundaram o primeiro Grupo Escolar de Campanha, foi designada como profesora para esta escola.

¹³¹ Il marito è il principe della famiglia e il capo della mogli; la quale, non pertanto, dato che è carne della carne di lui ed osso delle sue ossa, deve essere soggetta ed obbediente al marito, non a guisa di ancella, ma de compagna; cioè in modo tale che la soggezione che ella rende a lui non sia disgiunta dal decoro né dalla dignità. In lui che governa, ed in lei che obbedisce, dato che entrambi rendono l'immagine l'uno di Cristo, l'altra della Chiesa, sia la carità divina la perpetua moderatrice dei loro doveri. “ Infatti “l'uomo è capo della dona, come Cristo è capo della Chiesa...Quindi, come la Chiesa è soggetta a Cristo, così le mogli debbono essere soggette ai loro mariti in ogni cosa” (Ef 5, 23-24)” (Leão XIII, Arcanum,1880)

Pelas *Atas de Notas do Curso Normal do Colégio Sion* do ano letivo de 1906, percebe-se que estavam matriculadas 17 alunas no *Primeiro ano Normal*, 01 aluna no *Segundo ano Normal*; e 03 alunas no *Terceiro ano Normal*. Havia, ainda, 04 alunas no *Primeiro ano Vagor* e 01 aluna no *Terceiro ano Vagor*, totalizando 26 alunas no curso Normal. É interessante notar que as alunas da categoria *vagor* realizam apenas as provas do referido ano no Colégio Sion, pois foram transferidas de outras Instituições, principalmente da Escola Normal de Campanha.

Na primeira década de funcionamento do Colégio Sion nota-se uma certa irregularidade na oferta das disciplinas nas diversas séries, bem como nos anos necessários para a conclusão do Curso (dois, três ou quatro anos)¹³², contudo, permanece a conceituação das alunas. As notas são lançadas atribuindo o grau de aproveitamento escolar da seguinte forma: Distinção (D), Plenamente (P) e Simplesmente (S), e são colocadas de forma que contemplem a aluna que apresente as melhores notas no topo das listagens e não por ordem alfabética, como se vê na seguinte relação:

¹³² Este período foi repleto de novas leis educacionais no Estado de Minas Gerais, reformulando assim o ensino normal e também implantando o ensino primário.

Tabela 15 – Notas das alunas do 1º. ano Normal, em 1906

| Nome da aluna | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|---|---|---|---|---|
| 1.Ma. Amália Valladão Horta | D | D | D | D | P | P |
| 2.Ma. Elisa Alvarenga | D | P | P | P | P | D |
| 3.Ma. José Azevedo | D | D | P | P | P | S |
| 4.Aurora Martins | D | D | D | P | S | S |
| 5.Regina Ferreira Sion | P | P | D | D | S | P |
| 6.Laura Bressane | P | P | P | D | P | P |
| 7.Mercedes Dias | P | D | D | P | D | D |
| 8.Clara Gonçalves | P | P | P | P | S | S |
| 9.Luiza Pannain | P | S | P | D | D | P |
| 10.Ma. da Glória Lemos | P | D | D | D | D | P |
| 11.Irene de Mello | P | S | P | - | P | D |
| 12. Ignacia Valladão Horta | P | P | P | - | P | S |
| 13. Ma. Olympia Sion | S | P | S | - | P | S |
| 14. Orieta Maciel | S | S | S | - | D | D |
| 15. Isalina Alves | S | D | P | - | P | P |
| 16. Ma. Vallias de Rezende | S | S | P | - | P | D |
| 17. Corina Fraga | - | - | - | D | - | - |
| <p>Onde: 1 = português D = distinção 2 = Francês P = plenamente 3 = Geometria S = simplesmente 4 = Aritmética 5 = desenho 6 = Trabalho de agulha</p> | | | | | | |

Fonte: Pareceres dos examinadores do Curso Normal Col. Sion – 1906/1909. Acervo CEMEC

Após o reconhecimento, o Colégio e as alunas passam a ser anualmente examinados. Utilizando os pareceres dos examinadores, resgata-se o currículo oferecido tanto nas séries iniciais/primário (**anexo 13**), quanto na primeira década do curso normal (**anexo 14**). Estes dois cursos são oferecidos até o fechamento do Colégio (1965). Observa-se que são ofertadas disciplinas consideradas de formação *completa* para as meninas de Sion.

Ocorreu, ainda, a implantação do curso *fundamental* (1925), que passa a ser considerado como *ginasial* em 1945. Este curso é inserido nas séries intermediárias entre o curso primário e o curso normal. Quanto ao número de alunas ao longo de sua história, é elaborado o seguinte quadro:

Tabela 18- total de alunas matriculadas no Colégio Sion, entre 1904 e 1965

| <i>ano</i> | <i>primário</i> | <i>ginasial</i> | <i>Normal</i> | <i>total</i> |
|------------|-----------------|-----------------|---------------|--------------|
| 1904 | - | - | - | 17 |
| 1905 | - | - | - | - |
| 1906 | 48 | - | 38 | 86 |
| 1907 | 55 | - | 29 | 84 |
| 1908 | 71 | - | 42 | 113 |
| 1909 | 70 | - | 54 | 124 |
| 1910 | 82 | - | 83 | 165 |
| 1911 | 78 | - | 73 | 151 |
| 1912 | 87 | - | 85 | 172 |
| 1913 | 81 | - | 92 | 173 |
| 1914 | 86 | - | 102 | 188 |
| 1915 | 78 | - | 99 | 177 |
| 1916 | 71 | - | 102 | 173 |
| 1917 | 95 | - | 115 | 210 |
| 1918 | 56 | - | 100 | 156 |
| 1919 | 86 | - | 80 | 166 |
| 1920 | 125 | - | 86 | 211 |
| 1921 | 124 | - | 60 | 184 |
| 1922 | 135 | - | 125 | 260 |
| 1923 | 100 | - | 85 | 185 |
| 1924 | 110 | - | 72 | 182 |

| <i>ano</i> | <i>primário</i> | <i>ginasial</i> | <i>Normal</i> | <i>total</i> |
|------------|-----------------|-----------------|---------------|--------------|
| 1925 | 100 | 28 | 73 | 201 |
| 1926 | 79 | 57 | 69 | 205 |
| 1927 | 56 | 41 | 62 | 159 |
| 1928 | 90 | 41 | 58 | 189 |
| 1929 | 92 | 44 | 49 | 185 |
| 1930 | 71 | 48 | 59 | 178 |
| 1931 | 63 | 60 | 57 | 180 |
| 1932 | 59 | 31 | 43 | 133 |
| 1933 | 50 | 58 | 57 | 165 |
| 1934 | 50 | 39 | 56 | 145 |
| 1935 | 55 | 52 | 61 | 168 |
| 1936 | 51 | 49 | 72 | 172 |
| 1937 | 65 | 47 | 74 | 186 |
| 1938 | 69 | 56 | 94 | 219 |
| 1939 | 56 | 74 | 98 | 228 |
| 1940 | 69 | 71 | 105 | 245 |
| 1941 | 49 | 82 | 97 | 228 |
| 1942 | 59 | 37 | 85 | 181 |
| 1943 | 67 | - | 105 | 172 |
| 1944 | 60 | - | 68 | 172 |
| 1945 | 70 | 66 | 37 | 173 |

| <i>ano</i> | <i>primário</i> | <i>ginasial</i> | <i>Normal</i> | <i>total</i> |
|------------|-----------------|-----------------|---------------|--------------|
| 1946 | 78 | 158 | - | 236 |
| 1947 | 62 | 204 | - | 266 |
| 1948 | 55 | 195 | 13 | 263 |
| 1949 | 75 | 187 | 26 | 288 |
| 1950 | 74 | 237 | 21 | 332 |
| 1951 | 112 | 175 | 44 | 331 |
| 1952 | 94 | 165 | 16 | 275 |
| 1953 | 114 | 135 | 23 | 272 |
| 1954 | 95 | 154 | 42 | 291 |
| 1955 | 112 | 151 | 45 | 308 |
| 1956 | 135 | 149 | 48 | 308 |
| 1957 | 121 | 146 | 41 | 308 |
| 1958 | 106 | 155 | 51 | 312 |
| 1959 | 96 | 144 | 43 | 283 |
| 1960 | 91 | 40 | 52 | 183 |
| 1961 | 99 | 40 | 49 | 188 |
| 1962 | 54 | 47 | 56 | 157 |
| 1963 | 63 | 47 | 55 | 165 |
| 1964 | 33 | 43 | 44 | 120 |
| 1965 | - | 54 | 42 | 96 |

Fonte: Livros de matrículas das alunas do Colégio Sion, 1906 – 1965

Percebe-se que o número de alunas matriculadas aumenta consideravelmente a partir do momento em que o Colégio é reconhecido pelas autoridades do Estado de Minas Gerais. Aliado ao reconhecimento, incentivando o aumento do número de alunas, a diretora do Colégio já propunha a diminuição do valor da pensão cobrada:

O ensino que é ahi ministrado é identico ao dos conhecidos e recommendados collegios de Petropolis e de S. Paulo, igualmente dirigidos pelas religiosas de *Sion*; tem, porém, o collegio de Campanha uma grande superioridade sobre aquelles, e esta lhe vem do clima admiravel e da alimentação sadia, devida a circunstancias especiaes da localidade.

Todos sabem ser o leite de Minas o melhor do Brazil e em Campanha além disso e de haver em abundancia, é vendido por preço reduzido. Quando há mais falta sóbe a 200 réis ao litro e desce a 120 réis e menos. A carne da melhor, e vendida sem osso, custa o kilo 600 réis; ovos a 400 e 500 réis á duzia; galinhas a 800 réis.

Devido a ser a vida barata, enquanto os collegios de Petropolis e de S. Paulo são obrigados a ter a pensão das alumnas em um conto e duzentos mil réis, o de Campanha mantêm a de oito centos mil réis e sem extraordinarios. Entra na pensão o piano, o desenho, fornecimento de papel, livros, tinta etc.

De modo que se póde affirmar que hoje no Brazil, recebe uma menina educação e instrucção perfeitas sem grandes despezas. (Monitor Sul Mineiro, 14/10/1905, p. 01)

A reformulação da escola para receber um número maior de alunas, também passa por uma reestruturação curricular (obedecendo as diretrizes do Estado de Minas Gerais) e uma nova distribuição dos dias letivos da Instituição. Prevendo o aumento do número de alunas internas e o fato que elas possam vir de longas distâncias, ocorre então uma mudança nas férias escolares. Também é necessária uma nova reforma no prédio para atender às necessidades do aumento de alunas.

Pela benemerita e virtuosa Irmã Superiora do *Collegio de Sion* desta cidade, nos foi bondosa e delicadamente communicado, que as aulas deste importantissimo estabelecimento de instrucção e educação reabrem-se no dia 16 de janeiro , proximo, funcconando até 15 de Novembro , por não haver mais férias em Junho.

Esta modificação foi feita, segundo estamos informados, para a commodidade dos Srs. Paes de familia, ficando assim o anno lectivo dividido em dois semestres – de janeiro a julho e de julho a dezembro, - sendo as férias de 15 de novembro a 15 de janeiro.

Com os grandes e despendiosos melhoramentos materiaes que estão sendo concluidos no importante *Collegio de Sion*, o consideravam augmento do pessoal docente e as regalias que o governo estadual acaba a conceder a este florescente estabelecimento, equiparando-o ás escolas normaes do Estado, acreditamos que os chefes de familia que desejarem dar uma solida instrucção e educação a suas filhas, preferirão sem duvida este estabelecimento, que a par do esmerado cultivo da intelligencia, encontrarão conforto, excellente mesa, carinho e excessiva modicidade nas annuidades. (Monitor Sul Mineiro, 30/12/1905, p. 01)

Tal campanha para o fortalecimento do Colégio acarretando o aumento do número de alunas tem bons resultados, e significa a chegada de meninas de regiões distantes de Minas Gerais¹³³ e até de outros Estados. Já no ano de 1906, o Colégio recebe duas alunas oriundas do Estado de São Paulo¹³⁴. O aumento constante do número de alunas acarreta tanto a necessidade de várias reformas e adaptações consecutivas no edificio, quando da chegada de novas irmãs sionenses na cidade.

...Tivemos o immenso prazer de visitar nestes ultimos dias o importante estabelecimento e grande foi o nosso contentamento, vendo e observando as grandes obras alli realizadas, a par de outros melhoramentos que só em collegios de primeira ordem e mantidos em grandes capitaes são introduzidos.

Ao lado de um distinctissimo corpo docente, composto de 15 professoras congregadas, que tem como Superiora uma religiosa virtuosa, illustrada e dotada de todos os requisitos indispensaveis a uma adeantada directora, observa-se no estabelecimento a mais perfeita ordem, a mais irreprehensivel disciplina, o mais aperfeiçoado methodo de ensino e o mais apurado asseio.(...)

Actualmente é de 100 o numero de alumnas matriculadas no *Collegio de Sion* e segundo ouvimos, dentro em pouco muito se elevará esse numero, pois, tem a illustre Superiora alguns pedidos para novas admissões. (Monitor Sul Mineiro, 07/04/1907, p. 01)

¹³³ Conforme atesta o diário da primeira Madre Superiora, no início do ano de 1905, todos os *ilustres* cidadãos de Campanha empreendiam uma cruzada em busca de novas alunas para o Colégio Sion, fortalecendo, assim, a sua presença e permanência na cidade: “Monsenhor Ferrão s'occupe activement de nous trouver des Enfants, il voudrait que notre nombre soit augmenté avant la visite de Notre aimée Mère Angelina. Dans la journée une gentille fillette de Patos nous arrive, elle est dirigée vers nous par le Dr. Leonel, et a fait 17 jours de voyage à cheval, pour faire partie de notre petit collège. Dieu nous la garde! Son père nous promet sa seconde fille pour la rentrée de juillet.”(Journal, 1904-1905, p. 56. Acervo CNSS / Campanha)

¹³⁴ Fontes: livro de matrículas do 4o. Ano do curso normal (1906-1940), Livro de matrículas do 1o. ano do curso normal (1906-1943)Livro de matrículas do 2o. Ano do curso normal (1906-1943), Livro de matrículas do 3o. Ano do curso normal (1906-1945)

Os dados numéricos fornecidos pelo jornal não condizem com o levantamento feito nos livros de matrícula para o ano de 1907. Segundo a tabela 18, este ano apresenta 84 alunas matriculadas e somente no ano seguinte ultrapassa o número de 100 alunas.

As meninas de Sion pertencem às principais famílias da região sul - mineira. Após o levantamento dos artigos de jornais que publicam a presença de seus pais em Campanha, nos momentos de matrícula e nas festas de encerramento do ano letivo, é possível conhecer as principais ocupações dos seus pais.

Tabela 19: profissão de pais de alunas, entre 1905 e 1913

| <i>Profissão</i> | <i>quantidade</i> |
|-------------------|-------------------|
| Negociante | 18 |
| Médico | 06 |
| Professor público | 03 |
| Fazendeiro | 29 |
| farmacêutico | 02 |
| Advogado | 04 |
| Engenheiro | 01 |
| proprietário | 01 |
| Juiz de Direito | 02 |
| comerciante | 04 |
| Capitalista | 01 |
| Delegado | 01 |

Fonte: Artigos do jornal Monitor Sul Mineiro, 1905-1913

Pelas notícias de visitas às filhas internas, são levantados dados referentes a 72 pais, durante os anos de 1905 a 1913. A maioria possui como expressão econômica dos indivíduos a propriedade de terras. Além das profissões acima descritas, vários deles exibem patentes militares: 18 são coronéis, 10 majores, 07 capitães e 01 tenente. Além disso, alguns ocupam cargos públicos: 01 secretário das finanças do Estado de Minas Gerais, 01 deputado estadual, 02 comendadores, 01 senador e 07 agentes executivos¹³⁵. As festas de encerramento do ano letivo do Colégio Sion são grandes encontros políticos. É possível então afirmar que boa parte das meninas de Sion pertencia à elite sul - mineira.

As Festas...

No discurso republicano percebe-se a necessidade de exaltação das festas. Estas corporificam momentos de demonstração do desenvolvimento, da técnica, da ordenação das alunas, propondo tanto homenagens às autoridades locais e religiosas, como também a integração do universo escolar à comunidade local. As festas “(...) tornavam-se momentos especiais na vida das escolas e das cidades, momentos de integração e de consagração de valores – o culto à pátria, à escola, à ordem social vigente, à moral e aos bons costumes.” (SOUZA, 1998, p. 259)

Como expressões dos momentos de integração, os jornais pesquisados relatam, minuciosamente, as principais cerimônias que acontecem dentro do Colégio Nossa Senhora de Sion, ou que envolvem as Irmãs da Congregação, tendo destaque a primeira grande festa religiosa de *Primeira Comunhão e Crisma*, celebradas no mesmo dia:

No dia 15 do corrente, assistimos no Collegio de Sion, festejado e importantissimo estabelecimento de instrucção e educação aqui mantido, uma bellissima e solemne festividade religiosa.

Nesse dia ião receber a Primeira Communhão 13 alumnas desse prospero estabelecimento.

Às 7 ½ horas da manhã, achando-se a Capella do Collegio de Sion completamente repleta de Exmas. familias e cavalheiros de nossa

¹³⁵ O Agente Executivo equivaleria ao Prefeito atual. Todos estes indivíduos eram agentes executivos de cidades sul – mineiras.

sociedade, teve começo a missa, acompanhada de belissimos e harmoniosos canticos religiosos magistralmente acompanhados ao harmonium.

A capella artisticamente ornamentada e todas as meninas vestidas de branco davão um tom angelical a magestosa solemnidade que então se celebrava. (Monitor Sul Mineiro, 20 /08/ 1905. p. 01)

Segundo a caderneta de preparação das alunas para a Primeira Comunhão¹³⁶, a cerimônia aconteceu no dia 15/08/1905, sendo celebrada pelo cônego Aureliano Carvalho da Cunha, contando com 13 alunas¹³⁷ que receberam a Primeira Eucaristia nesta data. A caderneta informa ainda que, em um período de dez anos (1905-1915), foram preparadas 253 alunas para a Primeira Comunhão na Instituição.

Outra grande festa que acontece dentro do Colégio Nossa Senhora de Sion é o momento de encerramento das atividades letivas. Os seus salões ficam repletos de autoridades políticas e religiosas¹³⁸. Funciona também como um mecanismo de propaganda do Colégio. A festa de encerramento do ano letivo de 1905 tem o seu programa (**anexo 15**) distribuído entre os participantes, que também é destaque nos periódicos locais. Esta festa privilegia as habilidades e conhecimentos das alunas na língua francesa, inglesa e vernácula, além dos dotes musicais e nos trabalhos com as agulhas. Seguindo o programa distribuído, o periódico *Monitor Sul Mineiro* narra com detalhes a execução do mesmo.

Tarefa mui difficil me fôra, se eu quizera descrever por miudo todas estas festas. Traçarei de caminho e com leves pinceladas o painel, verdadeiramente grandioso, que se nos antolhou no dia 30 de Novembro.

¹³⁶ Acervo particular CNSS / Campanha

¹³⁷ Foram elas: Iracy Brandão, Edith Brandão, Adalgisa Brandão, Odila Valladão Horta, Ernestina Lemes, Almerinda Lemes, Laodicea Seris Lemes, Orieta Maciel, Amelia Nogueira, Laura Bressane, Dulce de Oliveira, Madeleine da Costa e Amélia Silva

¹³⁸ “Presidio as festas o Exmo. Monsenhor Ferrão, tendo a seu lado illustres sacerdotes e nobilissimos cavalheiros, como os Exmos. Senador Baptista de Mello, Deputado Dr. João Braulio Junior, Dr. Fernando de Lemos, Dr. Gabriel Valladão, Dr. Julio da Veiga, Dr. André Martins de Andrade, juiz de direito da comarca, coronel João Bressane Azevedo, sub – administrador dos correios, coronel Pedro Machado de Azevedo, agente executivo do municipio de S. Gonçalo do Sapugahy, major João Brandão, outros distinctos cidadãos de visinhas localidades e todo o escol da fidalga sociedade campanhense.” (Monitor Sul Mineiro, 02/12/190, p. 02)

Do fundo do vasto salão de honra extendia-se um cortinado carmesim, artisticamente golpeado, que, em fluxuosas dobras, descia formando um rico pavilhão, de cujo centro esbeltava-se a branca Virgem de Sion. Ao pé, por entre verde ramagem as variegadas flôres lhe esmaltavam o pedestal.

De ambos os lados as alumnas, brancovestidas e escalonadas ao longo de dois graciosos palanques erguiam-se á guisa de dois triumphos de candidas açucenas.(...)

O programma das festas começou por uma prothophonia de Trojilli, executada á seis mãos, *Fifre et Tambourin*.

Em seguida um bando de meninas, trajadas á campesinas, declamaram, ao compasso das musicas, um mimoso idyllio portuguez, o *Echo das Florestas*. Succedeu o côro de Moreau, cantado com extraordinaria maestria por 50 alumnas.

Logo após os tres pianos desferiram as meigas melodias de Gregh na sua *Gavotte mignonne*. Quando seis alumnas nos encantaram com a declamação em francez *Les Renards*, do poeta jesuita pariziense Delaporte; não se sabe o que mais admirar; a interpretação sincera e intelligente, a delicadeza fidalga da pronuncia, os ademanes sobrios e de uma distinção toda particular á educação sionense.

As melodias de Weber na *Promenade dans les bois* a 3 pianos e 4 mãos nos fez assistir á mais encantadora onomatopéa musical. Um grupo de alumnas menores grangearam os vivos applausos de todos no interessante côro *Les Fariniers et les Charbonniers*, em que as meninas, de luvas brancas e pretas, deram o mais alegre espetaculo da maliciasinha e ingenuidade infantil.

Nada direi da linda recitação em inglez do poemeto de Miss White no seu *The Birds*; parecia ouvir ao natural o chilrear cadencioso e sibilante das louras Ladys of Trafalgar's Street. O coro infantil de Lavagane offereceu aos Paes os mais delicados *Comprimentos* em lingua vernacula. Seguio-se a Marcha de Schuber a 3 pianos e 4 mãos: admirando todos a fiel interpretação, a agilidade artistica, o movimento estetico das mãos e o relevo das notas. Quando entoou-se o afamado poema *Y Yuca Pirama* de Gonçalves Dias, traduzido em uma musica triumphal, um fremito de entusiasmo e de ternura perpassou pelo espirito de todo o intelligente e fidalgo auditorio.

As alumnas superaram a si mesmas, na melopéa dos versos immortaes de Gonçalves Dias; dando a este monumento da litteratura patria toda a expressão, colorido e vida, que só bem adestrados mestres soem communicar á linguagem figurada e rhythmica da poesia. No meio destas continuas e variadas emoções, eis que assoma do fundo do tablado um garboso baixel, todo rebrilhante de ouro e empavesado de frescas e perfumadas grinaldas de flores.

Era elle governado por tres gentis marinheiras, as quaes ao compasso dos remos, cantavam uma melodiosa barcarola e, logo chegadas á borda do tablado, por entre as vivas acclamações de ouvintes inundara-nos com chuveiros de ramalhetes e de olorosas petalas.

Finalmente o Hymno Nacional, cantado por um c6oro de 50 alumnas coroou esta triumphal apotheose dos estudos e da educa76o no Collegio de Sion.(Monitor Sul Mineiro, 02/12/1905 , p. 02)

Segue-se 6 *apotheose dos estudos e da educa76o* uma sucess6o de discursos de pol6ticos e religiosos, que enaltecem o desenvolvimento das meninas de Sion. Acontece ainda uma exposi76o dos trabalhos¹³⁹ para que sejam demonstradas as habilidades manuais das alunas e um lanche para as fam6lias presentes.

As festas dos anos seguintes tamb6m s6o narradas com detalhes, sempre nas primeiras p6ginas dos peri6dicos locais. As fam6lias mais importantes t6m os seus nomes tamb6m publicados. As festas podem acontecer tanto ao ar livre (**anexo 16**), nas diversas alamedas que circundavam o Col6gio, quanto no *Parlat6rio*¹⁴⁰. Torna-se necess6rio privilegiar as festas sionenses para afirmar o discurso da necessidade da educa76o feminina, bem como do fortalecimento da religi6o cat6lica em solo campanhense.

A divis6o dos espa7os e do tempo no Col6gio

Al6m da grandiosidade demonstrada nas festas, a “monumentalidade” do pr6dio tamb6m 6 relatada pelos diversos editoriais. A arquitetura escolar tamb6m dialoga com o discurso republicano. O espa7o escolar passa a exercer uma a76o educativa dentro e fora dos seus limites; deve dialogar com o espa7o urbano.

No 6mbito das novas discuss6es acerca de fontes historiogr6ficas, percebe-se que 6 poss6vel construir a Hist6ria da Educa76o utilizando tamb6m a arquitetura escolar enquanto fonte/monumento. Jacques Le Goff (1985) caracteriza os monumentos como

¹³⁹ “Do sal6o de honra foram todos os convidados conduzidos pela Exma. Superiora para um verdadeiro Museo de Bellas Artes. As paredes estavam todas ornadas de artisticos paineis, telas a oleo, paisagens a aquarella, bosquejos a lapis; das estantes sorriam os mais finos lavouros a ouro, em seda e a dio d' Alen7on: em tudo admirava-se a estetica, a fineza, o gosto delicado que estas eximias mestras souberam ensinar 6s alumnas nos trabalhos de agulha e de pincel.” (*Monitor*, 02/12/1905 , p. 02)

¹⁴⁰ Local onde as alunas recebiam as visitas de seus pais.

sinais do passado. “O monumento tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos.” (p. 95) Dentro desta perspectiva, a arquitetura escolar está lá perpetuada.

Já os documentos são produtos da sociedade que o fabricou, de acordo com as relações de poder. Eles são uma escolha do historiador. A história, por sua vez, é responsável por transformar os documentos em monumentos.

No caso brasileiro, é possível utilizar a arquitetura escolar como fonte, principalmente quando se pesquisa as instituições escolares que surgiram a partir da Proclamação da República (1889), momento em que ocorreu o aumento da preocupação com a construção de prédios específicos para a educação. Estes edifícios passam a dialogar com as discussões do final do século XIX acerca da urbanidade, do higienismo e da necessidade da educação para alcançar o progresso. “O edifício escolar torna-se portador de uma identificação arquitetônica que o diferenciava dos demais edifícios públicos e civis ao mesmo tempo em que o identificava como um espaço próprio – lugar específico para as atividades de ensino e do trabalho docente.”(SOUZA, 1998, p. 123)

No início da República prevalece uma atitude otimista com relação à escola, sendo esta vista como *redentora do pecado da ignorância e fator do progresso social*. Os arquitetos dialogam com os responsáveis pelos caminhos da educação. Neste período predomina a arquitetura neoclássica, caracterizada por “(...) edifício imponente, *hall* de entrada primoroso, escadarias, eixo simétrico, duas alas, pátio interno (como o dos claustros), corredores internos, janelas verticais grandes e pesadas, acabamento com materiais nobres.” (BUFFA, 2005, p. 108). As transformações feitas no antigo prédio do *Hotel Sanitário* levam também a este caminho arquitetônico.

“A arquitetura, enquanto expressão humana, nunca é arbitrária, casual, e sim uma linguagem orgânica aos valores e possibilidades de uma determinada sociedade.” (NOSELLA e BUFFA, 2002, p. 42) A arquitetura escolar no início do século XX

demonstra respeitabilidade, admiração, prestígio, labor e disciplina. A “monumentalidade” pretendida pelo Colégio Nossa Sr^a. De Sion pode ser percebida a partir da leitura do artigo publicado inicialmente no jornal *União*, do Rio de Janeiro e, posteriormente, no *Monitor Sul Mineiro*.

Foi nesta cidade que as religiosas de SION resolverão montar um collegio modelo.

Em uma distancia de 10 minutos do centro ergue-se o palacete onde funciona o collegio.

É um bonito edificio, moderno, com dois torreões, grande escadaria de entrada, jardim muito bem cuidado e parque immenso para recreio das meninas.

Fomos recebidos pela directora, que nos revelou de uma educação esmeradissima e de um trato delicadissimo. Percorremos todo o edificio, primando por toda parte asseio inexcedivel e ordem extraordinaria. Todo o edificio bem arejado e os dormitorios, com janellas para todos os lados são uma garantia para a boa saude das alumnas.(Monitor Sul Mineiro, 14/10/1905, p. 01)

A arquitetura do prédio traduzida como ‘civilidade e higiene’ é também percebida nas diversas fotografias encontradas. Para pensar o prédio inicial, as fontes iconográficas são fundamentais, já que o prédio sofre profundas transformações arquitetônicas até a década de 50.

Ao trabalhar-se a fotografia como documento nos anos aqui estudados é necessário levar em consideração que a imagem ali refletida, geralmente, é a imagem dos membros de uma *elite*. Estes são os únicos que podem pagar por tal serviço, devido ao alto preço dos equipamentos e à difícil aquisição destes por parte dos raros fotógrafos existentes.

A fotografia pode ser utilizada de várias formas. Na maioria dos casos é vista enquanto ilustração, às vezes sendo utilizadas apenas como uma complementação e afirmação de algo que já está sendo dito em documentos escritos. Neste sentido, a foto não cumpre o seu caráter documental. É preciso ir além. É preciso considerá-la enquanto um monumento, aquilo que, no passado, a sociedade queria perenizar a si mesma para o futuro.

Concebida como monumento, a fotografia impõe ao historiador uma avaliação que ultrapasse o âmbito descritivo. Neste caso, ela é agente do processo de criação de uma memória que deve promover tanto a legitimação de uma determinada escolha quanto, por outro lado, o esquecimento de todas as outras. Neste sentido, a produção da mensagem fotográfica está atrelada ao controle dos meios técnicos de produção cultural que, até por volta da década de 1950, ainda era privilégio quase exclusivo de setores da classe dominante. (CARDOSO E MAUAD, 1997, p. 407)

A foto deixa de ser uma imagem retida no tempo para se tornar uma imagem que se processa no tempo. Ela reflete aspectos da vida material que aparece, aos nossos olhos, superior a qualquer relato escrito. É possível realizar uma história da cultura material do Colégio Sion utilizando estas imagens, o que não seria possível com os relatos escritos ou até os orais.

Torna-se necessário também levar em consideração a fotografia em sua dimensão simbólica. Ela é uma representação da realidade, é construída. Não é uma unidade em si; é uma idéia que possui uma materialidade e se apresenta como a expressão de um *dizível* fotográfico.

Para utilizar a foto enquanto documento, deve-se, então, levar em consideração alguns agentes daquele tempo que se quer retratar. Considera-se o olhar do fotógrafo (neste caso, o Sr. Paulino de Araújo Ferreira Lopes), o olhar do fotografado (as meninas de Sion ou os espaços escolares) e o olhar do contratante (pais de alunas e Irmãs da Congregação Nossa Senhora de Sion). A interferência destes três agentes é imprescindível para a compreensão do resultado final da obra. Analisando a foto¹⁴¹ seguinte, de 1905, nela pode perceber-se uma certa organização das educandas, o apuro no uniforme e a ‘monumentalidade’ do prédio.

¹⁴¹ Pela data, esta foto não foi tirada pelo Sr. Paulino F.Lopes., provavelmente foi feita pelo seu professor na arte fotográfica, o francês *Etienne Farnier*.



Figura 01

Esta é a primeira foto encontrada com as meninas de Sion na frente do prédio do antigo *Hotel Sanitário*. Após a instalação do Colégio, o prédio passa por uma reforma já no início de 1905, para a construção da Primeira Capela, local que não consta ainda na foto acima. Trata-se, portanto, da foto mais antiga das alunas de Sion preservada até os dias atuais. Conta-se um total de 45 alunas uniformizadas, as primeiras *meninas de Sion*.

Devido ao considerável aumento do número de alunas, as Irmãs empreendem ainda diversos acréscimos na estrutura do Colégio, ao longo dos primeiros anos de seu funcionamento.

Em atenção aos numerosos pedidos de admissão de novas alumnas neste importante estabelecimento de instrução e educação, que como uma dádiva da Providencia, a Campanha tem a felicidade de ver florescer e progredir em seu seio, - a illustre e virtuosa Superiora desse notavel estabelecimento, teve necessidade de encetar o anno passado grandiosas obras de augmento e melhoramentos no edificio em que funciona o collegio (...)

Os vastos e arejados salões para o funcionamento das aulas; - os grandes dormitórios, em que são observadas todas as regras e preceitos impostos e aconselhados pela sciencia; - as mais hygienicas e bem collocadas banheiras e latrinas, com seus aperfeiçoados encanamentos e esgotos, - forão observações que satisfizeram completamente a nossa visita ao *Collegio de Sion*.

A grande sala de refeitório é irreprehensivel, observando-se na cosinha muita ordem e completo asseio.

Collocado o estabelecimento em uma das extremidades do terreno, grande é a area destinada aos recreios, que são feitos em lugares apropriados, por entre canteiros de flôres, caramanchões, alamedas, arvores fructiferas e diversas outras plantações.

Voltando-se ao imponente estabelecimento, ainda se encontram outras vastas salas, onde funcção a capella, em que é celebrada missa todos os dias; - os laboratorios de physica e chimica e de diversos outros trabalhos, que são perfeitamente ensinados no estabelecimento. (Monitor Sul Mineiro, 07/04/1907, p. 01)

Após terminar mais uma grande reforma em 1909, para a construção de novas salas de aula e dormitórios para as internas, a estrutura do prédio ficou da seguinte forma:

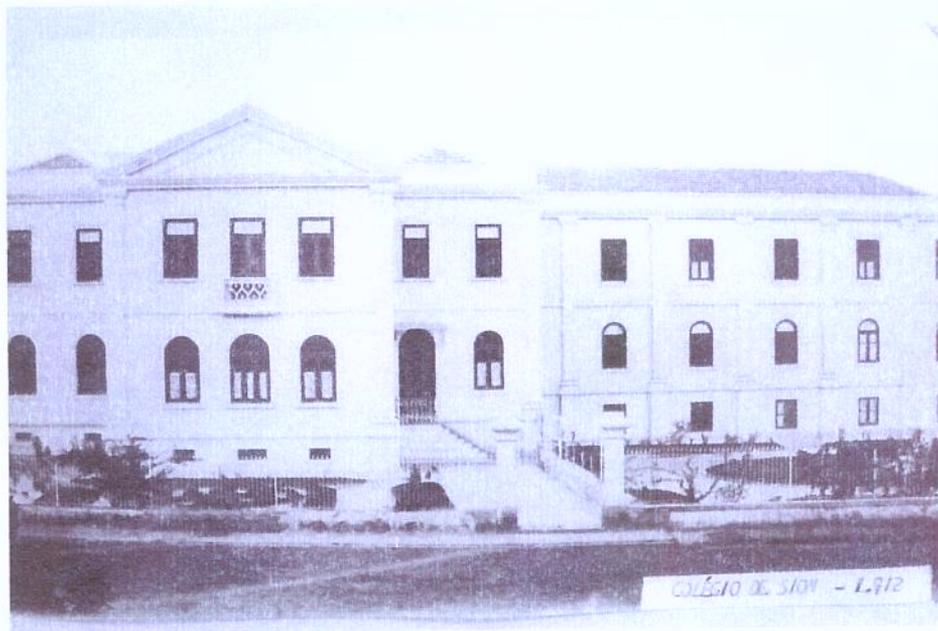


Figura 02

A imagem acima faz parte de um pequeno álbum de fotos que servia para divulgar o Colégio (1912). Pode perceber-se um grande acréscimo na estrutura física do

Além da arquitetura escolar, é possível analisar também os espaços físicos internos da Instituição. O espaço físico é um espaço apropriado, disposto e habitado. Assim, o espaço é uma construção social e o espaço escolar torna-se, então, uma das modalidades de sua conversão em território e lugar.

Um dos elementos-chave na configuração da cultura escolar de uma determinada instituição educativa, juntamente com a distribuição e os usos do tempo, os discursos e as tecnologias da conversação e comunicação nela utilizados, é a distribuição e os usos do espaço, ou seja, a dupla configuração deste último como lugar e como território. (...) a instituição escolar ocupa um espaço que se torna, por isso, lugar. Um lugar específico, com características determinadas, aonde se vai, onde se permanece umas certas horas de certos dias, e de onde se vem. Ao mesmo tempo, essa ocupação de espaço e sua conversão em lugar escolar leva consigo sua vivência como território por aqueles que com ele se relacionam. Desse modo é que surge, a partir de uma noção objetiva – a de espaço – lugar – uma noção subjetiva, uma vivência individual ou grupal, a de espaço – território. (VIÑAO, 2005, p. 17)

O espaço escolar enquanto espaço físico é um símbolo, disposto e habitado por docentes e discentes, que comunica e educa, além de ser apropriado para uma determinada época. O espaço escolar enquanto território condiciona e explica as relações com os espaços que estão ao seu redor; mostra as relações entre as zonas edificadas e não edificadas da escola, a sua distribuição e o seu uso; além da disposição interna das zonas edificadas. Além disso, devemos considerar também os espaços pessoais dentro do universo escolar, como a carteira, o arquivo, o armário, o escaninho, etc.

Segundo Viñao (2005), a análise do espaço escolar implica considerar três aspectos: sua morfologia ou estrutura, seus diferentes usos e a sua organização ou relações existentes entre os seus diferentes espaços e funções. Torna-se possível então mostrar os espaços do Colégio Sion e sua utilização pelas seguintes fotografias.

prédio. Os jornais locais noticiam em detalhes as reformas pelas quais passou o Colégio Sion já em 1909.

No proximo anno de 1910, graças a estas felizes condições, o Collegio Sion, que está ultimando novas e importantissimas reformas de custosa realização, ficando grandemente ampliadas suas já consideráveis dimensões, há de se tornar forçosamente o primeiro estabelecimento de instrução para o sexo feminino no Estado de Minas. ...(Monitor Sul Mineiro, 28/11/1909, p. 01)

Ao longo do funcionamento da escola são feitos ainda outros acréscimos ao prédio, principalmente com relação ao jardim frontal (a rua que passava defronte foi adquirida pelas irmãs ao poder municipal) e a construção da segunda Capela, cópia da Capela do Sion de Paris¹⁴². Ocorre ainda uma outra grande reforma terminada em 1948 para a construção de um grandioso *Salão Nobre* e de quartos individuais para as normalistas. A estrutura final do prédio compreende então o seguinte espaço:



Figura 03

¹⁴² A nova capela foi construída para as comemorações de *Bodas de Prata* do Colégio Sion em Campanha. (1929). Foi projetada por Heitor da Silva Costa, também responsável pela construção do *Cristo Redentor* no Rio de Janeiro.



Figura 04

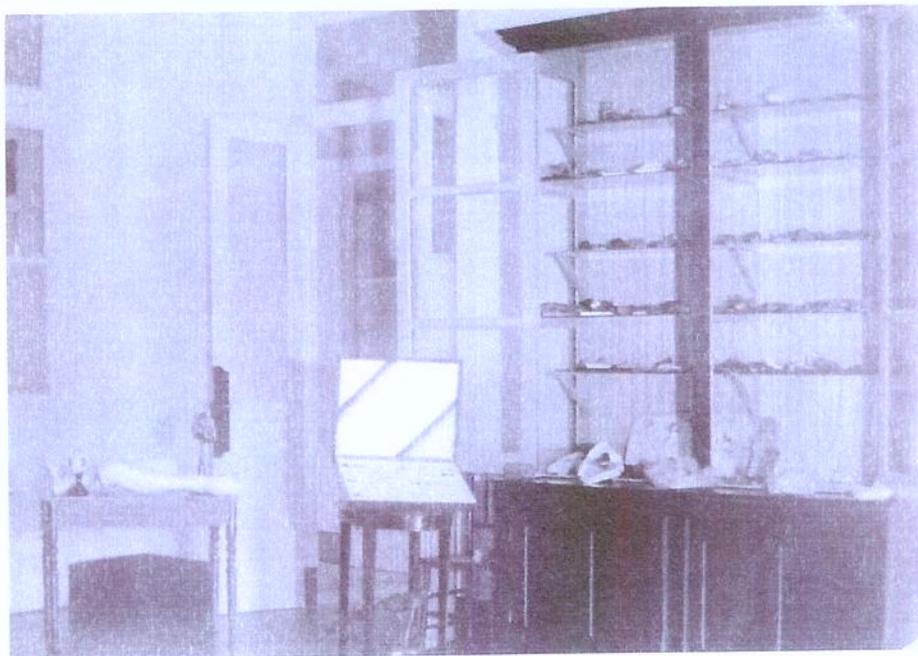


Figura 05



Figura 06

Dentro dos princípios educacionais considerados *de ponta*, os laboratórios eram necessários para que as alunas colocassem em prática as lições recebidas com a observação, fazendo parte dos princípios do método de ensino intuitivo, que surgira na Alemanha no final do século XVIII. Tal método foi divulgado pelos discípulos de Pestalozzi no decorrer do século XIX na Europa e nos Estados Unidos. No Brasil, fez parte das propostas de reformulação da instrução pública no final do Império, tendo Rui Barbosa como um dos principais defensores. Este foi responsável por sistematizar os princípios do método intuitivo em seus famosos *Pareceres* e por traduzir as *Lições de coisas*, de Calkins.

Segundo Valdemarin (2004), as *Lições de coisas* abrangiam três acepções: levar o aluno a adquirir uma idéia abstrata, colocando um objeto concreto diante dele; educar pelos cinco sentidos, fazendo o aluno ver, observar, tocar e discernir as qualidades de alguns objetos; mostrar o conhecimento e fatos utilizando a natureza e a indústria,

apreendendo uma coisa e o seu nome, um fato e a sua expressão, um fenômeno e o termo que o designa.

Pelas impressões de uma ex-menina de Sion da década de 1920¹⁴³, valoriza-se no Colégio Sion:

A memória tinha papel importante no curso. Não havia abuso, distinguia-se o que devia ser decorado antes ou depois de bem compreendido. Ao ler e reler poemas clássicos, a absorção da beleza verbal, musical, às vezes antecedia à beleza de idéias e imagens. Parece mesmo que há uma idade em que a capacidade de memorizar é maior e deve ser aproveitada ainda que a compreensão chegue depois.

O espírito crítico era desenvolvido com reservas: primeiro informar-se, conhecer fatos e idéias para depois começar a julgá-los, apreciá-los, valorizá-los. (...) Dava-se muito valor ao livro texto adotado, que era manuseado constantemente, capítulos lidos, relidos, comentados. (...) Os cadernos eram realmente usados, no seu uso desenvolvia-se o capricho, nada de manchas de tintas, de páginas rasgadas, a letra sempre cuidada; letra tão bonita quanto fosse possível. (Alaíde Lisboa, 1985)

Dentro das inovações no ensino sionense, há também uma preocupação, a partir dos princípios de higiene e saúde, que as alunas passem alguns momentos do dia ao ar livre, brincando e exercendo atividades físicas¹⁴⁴. Mas até no momento de brincadeira era necessário salientar o emprego da *ordem*. “(...)A instrução associada à recreação produziria atenção e prazer na aprendizagem, aguçando a curiosidade e possibilitando o avanço do conhecimento”.(VALDEMARIM, 2006,p.100)

¹⁴³ Alaíde Lisboa foi professora da Faculdade de Educação da UFMG e publicou diversos livros infantis. Dados fornecidos em palestra proferida na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora de Sion, 1985.

¹⁴⁴ O fundador da Congregação já julgava que: “(...) a formação física e moral das crianças deve fazer-se por meio do regulamento e de exercícios adequados à idade.” (Escritos de Soeur Marie Louise de Sion. S/d., p. 24)



Figura 07

A *Gymnastica* torna-se essencial para o treinamento das alunas e para a obediência dentro da ORDEM estabelecida na escola. Também prepara os seus corpos para as suas futuras funções de esposas e mães¹⁴⁵. “(...) O exercício físico era, objetivamente, mais um valioso canal para a medicalização da sociedade. Era necessário adequá-lo, discriminá-lo por idade e sexo, atendendo, assim, exclusivamente ao reconhecimento da existência das diferenças biológicas das crianças.” (SOARES, 2004, p. 81)

¹⁴⁵ “ Não desdenhava o Fundador, descer ás mínimas particularidades relativas ao proveito intelectual, moral e físico na formação e bem estar das alunas. Assim, numa época em que ninguém cogitava de educação física, aconselhava a ginástica e prescrevia fossem os jogos muito animados, durante os recreios. “ Cada vez que o local, a estação e a saúde o permitam, estimulem as Mestras os exercícios corporais de preferência aos jogos sedentários””. (Escritos de Soeur Marie Louise de Sion., S/d, p. 15)



Figura 08

O plano de estudos e o tempo são, então, divididos de forma regular ao longo do dia, com períodos precisos para os estudos, a alimentação, a recreação e a religião. O tempo escolar é uma construção cultural e pedagógica. Não há um tempo único, mas uma variedade de tempos. Há o tempo do aluno, do professor, da administração, da inspeção...

Enquanto tempo cultural, ademais, o tempo escolar é uma construção social historicamente mutável, um produto cultural que implica uma determinada vivência ou experiência temporal. Um tempo que é organizado e construído social e culturalmente como um certo tempo específico, porém que também é vivido não só pelos professores e alunos, mas ainda pelas famílias e pela comunidade em seu conjunto, mediante sua inserção e suas relações com o resto dos ritmos e tempos sociais. (FRAGO, 1995, p.11)

Segundo o *Regulamento das pensionistas de Sion*, o qual provavelmente era adotado em todos os Colégios da Congregação espalhados pelo mundo, divide-se precisamente o tempo diário das meninas de Sion¹⁴⁶. Percebe-se que há um controle rigoroso do tempo pelo sino ligado ao relógio da Instituição¹⁴⁷. As meninas devem seguir à risca os horários e as regras do Colégio sob pena de punições. O dia é todo preenchido com atividades de ensino, oração e também recreação.

¹⁴⁶ “Entre as virtudes recomendadas é o R. P. Theodoro, ocupa lugar de honra – a fidelidade ao regulamento. Esse regulamento, fruto da experiência, foi traçado pelo nosso bom Padre, com os dados fornecidos pela Madre Rose Valentin, estabelece em traços gerais, a distribuição do dia, deixando aos regulamentos particulares o cuidado de especificarem o que convém a cada classe. Determina o tempo consagrado á oração, ao estudo, aos recreios. Fixa as relações das alunas com as Mestras e das alunas entre si. Traça as grandes linhas disciplinares salvaguardando-as por exata vigilância. Consagra, enfim, os meios de emulação e faz, da pontual observância do regulamento, condição para obter as recompensas.” (Escritos de Soeur Marie Louise de Sion. S/d., p. 05)

¹⁴⁷ Até nos dias atuais, mesmo não funcionando mais o Colégio desde a década de 60, o relógio badala pontualmente a cada 15 minutos.

Tabela 20 – horário de atividades diárias das meninas de Sion

| <i>horário</i> | <i>atividade</i> |
|----------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 06: 00 | Levantar *, fazer a “toilette” |
| 06: 50 | As alunas ajoelhavam diante de suas camas para a prece |
| 07: 00 | Missa na Capela |
| 07: 30 | Café da manhã em silêncio, seguido de 15 minutos de recreio no jardim |
| 08: 20 | Aulas da manhã. Os trabalhos eram iniciados com orações em cada sala de aula. Silêncio rigoroso no decorrer da manhã. |
| 11: 25 | As alunas deveriam limpar as suas carteiras |
| 11: 30 | Almoço; silêncio absoluto; duas alunas liam passagens bíblicas |
| 12: 00 | Recreação; alunas divididas por classes |
| 12: 45 | Aula “após o meio dia”; neste período acontecia também os “Trabalhos de agulhas” (uma aluna deveria ler em voz alta uma obra instrutiva), ou aula de piano, ou de línguas estrangeiras |
| 16: 00 | lanche |
| 16: 10 | recreação |
| 16: 30 | Aula da tarde |
| 19: 00 | Jantar; após havia recreação livre (momento em que as meninas poderiam conversar) |
| 20: 15 | Reza da noite, as alunas iam para o dormitório |
| 20: 35 | Todas as alunas deveriam estar dormindo |

Fonte: Règlement du pensionnat N. D. Sion . Acervo da CNSS / Campanha

* as alunas mais novas poderiam acordar às 7 horas da manhã

Dentro do rigor dos horários, salienta-se a necessidade de estar constantemente rezando, de manter a regra do silêncio na maior parte do dia¹⁴⁸, como também de ocupar todo o tempo com diversas atividades. Até no momento das aulas de trabalhos de agulhas, deve-se ter uma das alunas lendo algum livro instrutivo para que a imaginação das meninas ficasse permanentemente ocupada. Em quase todas as fotos de meninas de Sion encontradas, pode-se perceber a necessidade da demonstração de que não havia ociosidade no Colégio. Assim, nas fotos encontradas, ora elas devem estar rezando aos pés de Nossa Senhora de Sion, ora lendo, ora fazendo algum trabalho de agulha, ou simplesmente praticando a *jardinagem*...



Figura 09

¹⁴⁸ “Les élèves garderont la règle du silence depuis la prière du soir jusqu'après le déjeuner du lendemain; de même au réfectoire, au dortoir, dans les escaliers, dans les corridors. En classe, il faut demander à la maîtresse la permission de parler.” Règlement du pensionnat N. D. Sion . Acervo da CNSS / Campanha



Figura 10

A ordem¹⁴⁹ também deve ser mantida nos momentos de refeição. As alunas de uma determinada classe sempre se sentam à mesma mesa, tendo na cabeceira uma aluna de uma classe mais adiantada para ensinar, demonstrar e controlar a boa conduta à mesa. Esta aluna mais adiantada era denominada *anja*. Sempre conseguiam conquistar esta posição as meninas que já estavam no curso Normal e que eram consideradas de melhor conduta na escola.

¹⁴⁹ “Um dos segredos do êxito de Sion reside no seu espírito de organização. Não há bom governo sem ordem, sem que os mínimos pormenores materiais tenham sido previstos. E isso tem, sobre a educação, feliz influência, e é condição da ordem que deve reinar na harmonia de uma unidade perfeita.” (Escritos de Soeur Marie Louise de Sion. S/d. .p. 15)

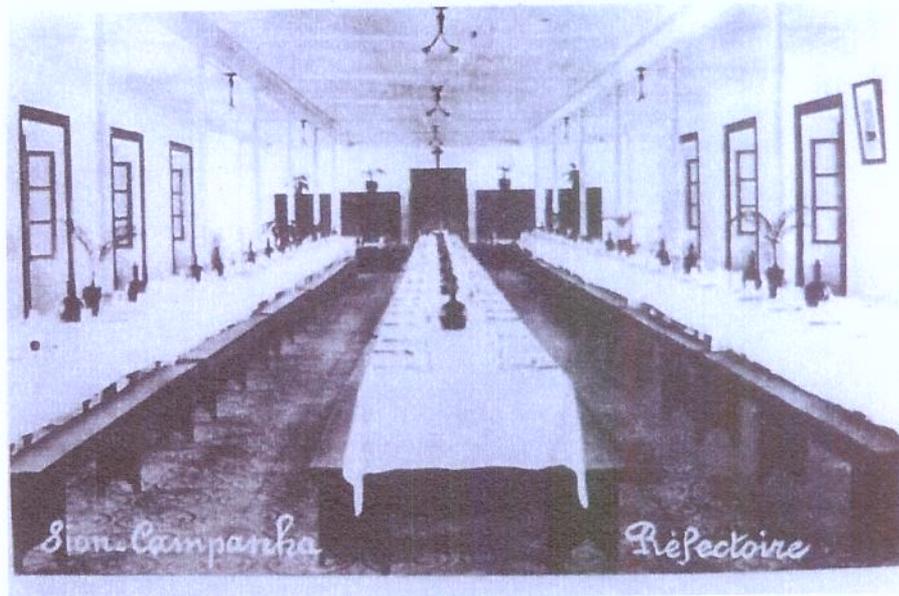


Figura 11

Para o controle da ordem dentro da escola, cada classe tem uma freira responsável, denominada *Mestra de Classe*. T. Ratisbonne¹⁵⁰ aconselha que “(...) As mestras de classe usarão de cautela para não exorbitar do limite de suas atribuições e jamais se esquecerão de trabalhar no próprio aperfeiçoamento ao mesmo tempo em que se dedicam à instrução das alunas.” (p. 14)

Cada escola deve ter uma diretora (do Colégio) e uma Superiora (da congregação). A diretora é encarregada de cuidar da piedade, da compostura e da educação moral das meninas. No início do ano deve explicar e comentar o regulamento escolar para as alunas, mostrando que serão formadas como mulheres de dever.

O regulamento é colocado constantemente para as alunas pelos ensinamentos das *Mestras de Classe*. Segundo o *Diretório para as mestras de classe* escrito pela madre Marie Gonzales Baudoin e citado por Soeur Marie Louise, deve-se ensinar às educandas:

¹⁵⁰ Escritos de Soeur Marie Louise de Sion. . S/d.

- 1) A refletir, quer dizer, prevenindo-se contra os juízos precipitados, as opiniões correntes, que andam de boca em boca e os conhecimentos superficiais.
 - 2) A ordenar o tempo de maneira sensata, que lhes evite tanto a fadiga intelectual como a ociosidade.
 - 3) A ler para se instruírem e mesmo para se distraírem de modo razoável e aproveitável, que as desgoste das leituras frívolas (mesmo dos romances inofensivos); que as inicie nas sãs, úteis e belas leituras e lhes deixe a lembrança agradecida de terem sido orientadas para tudo quanto aperfeiçoa o espírito e eleva a alma.
 - 4) A formar-lhe o gosto de modo que apreciem o belo, o verdadeiro, o bom e que saibam precaver-se contra a beleza da forma que esconde imoralidade – frequente em certas Escolas Literárias. E assim, possam conservar a vida inteira, o gosto do verdadeiro e da leitura séria.
- Enfim, a dirigir a inteligência, aprendendo contra um ensino receptivo e nivelador, por um trabalho ativo e pessoal. A conhecer os defeitos de seu próprio espírito para lhes dar remédio, e suas aptidões a fim de melhor as desenvolver. (Escritos de Soeur Marie Louise de Sion. . S/d. , p. 20)

As alunas são responsáveis por fazer a sua avaliação diária, sendo colocada a conduta com relação aos seguintes procedimentos: ordem, regulamento, aplicação e polidez. A mestra fica encarregada de mostrar os deslizes da aluna para que a mesma se dê uma nota considerada justa para os moldes sionenses.

Os uniformes das alunas também seguem uma padronização, como já foi dito anteriormente. Ele deve demonstrar que existe uma igualdade entre as alunas, diferenciando somente com relação às cores das faixas que portam na cintura e das fitas que trazem carregando a cruz.

Minha primeira falta com o regulamento foi no último dia do ano: eu e minhas colegas combinamos de ficar acordadas até meia noite para ouvir o Sino da Catedral tocar e aí começamos a fingir que estávamos sonhando e falávamos alto. E quando foi no dia seguinte tivemos uma péssima nota, as aspirantes que iam ser recebidas filhas de Maria, não foram mais! Eu e mais três tiramos a fita de regulamento, foi aquela choradeira, mas aprendemos a guardar silêncio, principalmente à noite. (relato de ex-aluna, Caderno das festividades do Centenário de morte dos fundadores e de 80 anos da chegada da Congregação no Brasil, 1984, p. 13.)

Ser digna de portar a cruz no pescoço simboliza ser aceita e fazer parte do universo sionense. As meninas podem perder a cruz por períodos variados, mas geralmente acontece por uma semana, após ter feito algum ato que não teria sido aceito pela ordem vigente, ou seja, após transgredir as regras. Por outro lado, as alunas que se destacam, podem receber menções honrosas (**Anexo 17**). Punições e prêmios são importantes para a manutenção da ordem no ambiente escolar. “(...) Perder a cruz tem significação profunda: a menina que faltou ao dever muitas vezes, que não soube vencer-se, não merece trazer “ostensivamente” o sinal de discípula de Jesus Cristo; não é digna de ter a cruz”. (Escritos de Soeur Marie Louise de Sion. S/d., p. 25)

O fechamento do Colégio

Na década de 1960 as freiras da Congregação Nossa Senhora de Sion decidem pelo fechamento da unidade de Campanha. Os números apresentados na Tabela 18 demonstram que houve uma gradativa diminuição na quantidade de alunas matriculadas a partir de 1959 até o momento em que a escola deixa de funcionar (1965). No ano anterior ao fechamento da escola, esta já deixava de oferecer o ensino primário.¹⁵¹ O ensino secundário e Normal são supridos com a instalação da Escola Estadual Vital Brazil na cidade. Mas a instalação destas duas escolas citadas na cidade é somente consequência das mudanças pelas quais já passava a Congregação Nossa Senhora de Sion neste momento, inserida em um contexto mais amplo.

Historicamente sabe-se que o mundo passa por diversas transformações no período pós-45 (Segunda Guerra Mundial). Refletindo o contexto mundial, o Brasil conhece então um momento de transformações nos seus valores tanto econômicos, quanto

¹⁵¹ “Um ano antes, com o fechamento do curso primário, ali já se estabeleceu o Externato Nossa Senhora de Lourdes, hoje CEDEC, nos moldes sionenses, com ensino de pré à 4a. série.” (ex- menina de Sion, Margarida Maria de Carvalho Lemos, declaração nas festividades do Centenário da presença da Congregação Nossa Senhora de Sion em Campanha, 2004)

culturais e educacionais. Essas transformações refletem na ordem estabelecida no pequeno *microcosmo* do Colégio Nossa Senhora de Sion.

Economicamente, o Brasil industrial passa a ganhar forças na década de 1950 e a impor-se sobre um mundo que tentava dar continuidade ao sistema produtor agrário de séculos. A maioria das alunas que freqüentam o Colégio Nossa Senhora de Sion pertencem a esta elite agrária, neste momento em processo de transformação.

Soma-se ainda que o processo industrializador instaurado no país coloca novas necessidades e exige uma nova mão-de-obra qualificada. As escolas públicas aumentam o seu papel e também a quantidade de alunos em salas de aula. Desde 1948 até o ano de 1961 a LDB – Lei de Diretrizes e Bases – estava sendo discutida¹⁵². No cerne desta questão, os representantes da educação pública travaram um embate com os defensores da escola privada, principalmente com os representantes das escolas católicas¹⁵³.

Por outro lado, a própria Congregação também teve de sofrer transformações a partir da década de 1950 e 1960, principalmente a partir do Concílio do Vaticano II, onde propõe que o aspecto de *fuga mundi* das antigas congregações não tem mais sentido e cabe às ordens religiosas renovar a mentalidade e também influenciar mais a sociedade, baseando-se em ideais cristãos. Tal transformação é percebida de uma maneira bem clara nas mudanças ocorridas na forma de vestir das freiras, no decréscimo na quantidade de

¹⁵² Segundo Ribeiro (2001), a década de 50 foi palco das intensas discussões para a elaboração das Diretrizes e bases da Educação, determinada pela Constituição de 1946 e promulgada somente em 1961

¹⁵³ Para Ribeiro (2001), a discussão acerca da LDB – 1961 foi motivada pelos choques entre as diversas correntes em defesa dos princípios da escola pública e da escola particular. “Do ponto de vista pedagógico, a Igreja Católica acusa a escola pública de ter condições de desenvolver somente a inteligência e, enquanto tal, instrui mas não educa. (...) Assim, a escola confessional seria a única que teria condições de desenvolver a inteligência e formar o caráter, ou seja, de educar. Em consequência deste raciocínio, acusa a escola pública de desaptadora dos indivíduos às exigências da vida coletiva.”. (p. 166)

membros das ordens religiosas e na busca de um novo preparo profissional¹⁵⁴. “(...) A conveniente renovação da vida religiosa compreende não só um contínuo regresso às fontes de toda a vida cristã e à genuína inspiração dos Institutos mas também a sua adaptação às novas condições dos tempos.” (Papa Paulo VI, **Perfectae Caritatis**, 1965)

Para a realização desta renovação previa-se também um contato maior com as demais religiões. Dentro desta perspectiva, a retomada do contato com os judeus, colocado desde o início da Congregação Nossa Senhora de Sion volta a ser o objetivo primordial para as freiras.

Hoje, que o gênero humano se torna cada vez mais unido, e aumentam as relações entre os vários povos, a Igreja considera mais atentamente qual a sua relação com as religiões não – cristãs. E, na sua função de fomentar a união e a caridade entre os homens e até entre os povos, considera primeiramente tudo aquilo que os homens têm de comum e os leva à convivência. (...)

Ainda que as autoridades dos judeus e os seus sequazes urgiram a condenação de Cristo à morte não se pode, todavia, imputar indistintamente a todos os judeus que então viviam, nem aos judeus do nosso tempo, o que na Sua paixão se perpetrou. E embora a Igreja seja o novo Povo de Deus, nem por isso os judeus devem ser apresentados como reprovados por Deus e malditos, como se tal coisa se concluísse da Sagrada Escritura. Procurem todos, por isso, evitar que, tanto na catequese como na pregação da palavra de Deus, se ensine seja o que for que não esteja conforme com a verdade evangélica e com o espírito de Cristo.

Além disso, a Igreja que reprova quaisquer perseguições contra quaisquer homens, lembrada do seu comum patrimônio com os judeus, e levada não por razões políticas mas pela religiosa, caridade evangélica, deplora todos os ódios, perseguições e manifestações de anti – semitismo, seja qual for o tempo em que isso sucedeu e seja quem for a pessoa que isso promoveu contra os judeus.

De resto, como a Igreja sempre ensinou e ensina, Cristo sofreu, voluntariamente e com imenso amor, a Sua paixão e morte, pelos pecados de todos os homens, para que todos alcancem a salvação. O dever da

¹⁵⁴ “Enquanto predominou na sociedade uma visão sacralizada de mundo, foi possível às religiosas, por esse título, exercerem as tarefas para as quais não estavam tecnicamente habilitadas. Por que eram “irmãs de caridade” podiam ser professoras, enfermeiras ou assistentes sociais; nenhum diploma ou curso era exigido delas. A mentalidade moderna exigia, no entanto, preparo profissional, habilitação técnica específica para o exercício das diversas profissões.” (NUNES, 1997, p. 501)

Igreja, ao pregar, é portanto, anunciar a cruz de Cristo como sinal do amor universal de Deus e como fonte de toda a graça. (...)

A Igreja reprovava, por isso, como contrária ao espírito de Cristo, toda e qualquer discriminação ou violência praticada por motivos de raça ou cor, consiçãõ ou religiãõ. (Paulo VI, *Nostra Aetate*, 1965)

A partir do Concílio Vaticano II, as Irmãs da Congregaçãõ valorizam mais a consciênciã das raizes hebraicas do cristianismo e fortalecem o carisma sionense¹⁵⁵. Refletem sobre as frentes utilizadas pela Congregaçãõ até aquele momento, levando em conta que a educaçãõ é apenas um dos caminhos percorridos pela Congregaçãõ. O próprio Concílio previa, em sua renovaçãõ:

Mantenham e realizem fielmente os Institutos as obras que lhe sãõ prõprias, e acomodem-nas, tendo em conta a utilidade da Igreja universal e das dioceses, às necessidades dos lugares, provendo-as de meios; oportunos e até novos, e abandonando as obras que hoje estãõ menos conformes com genuino espírito e natureza do Instituto. (Paulo VI, *Perfectae Caritatis*, 1965).

As Freiras de Sion optam entãõ em nãõ manter mais o Colégio Sion em Campanha enquanto Instituiçãõ educativa, procurando outros caminhos para a afirmaçãõ de sua vocaçãõ dentro do cristianismo. Fecha-se a escola privada e feminina, mas abre-se uma escola pública, co- educativa¹⁵⁶. As Irmãs de Sion adaptam-se ao novo tempo educacional, político e religioso. Entendem as necessidades de sua época e da cidade de Campanha. Algumas continuaram atuando no magistério nas novas escolas fundadas, outras ajudaram na construçãõ de novas escolas, capelas, igrejas e instalaram oficinas de trabalhos manuais na cidade. Atualmente algumas ainda vivem em parte do prédio onde funcionou o antigo

¹⁵⁵ “Le charisme donné à Théodore Ratisbonne est un don continuel de l'Esprit pour l'Eglise. A la lumière du mouvement oecuménique et des événements de notre temps, em particulier de ce qui a touché le peuple juif, l'Eglise, em réfléchissant sur son origine et sur sa mission, redécouvre ses racines dans la révélation de Dieu à Israel. Em même temps, de nouvelles relations se développent entre elle et la communauté juive. Au coeur de ce mouvement d' Eglise, la Congrégation progresse dans la compréhension de son charisme et répond, d'une manière renouvelée, à l'inspiration de son fondateur.” (Constitutions, article 3)

¹⁵⁶ Na cidade de Campanha foi implantada a Escola Estadual Vital Brazil, que funcionou inicialmente dentro do próprio prédio do Colégio Nossa Senhora de Sion.

Colégio. O restante do espaço escolar é ocupado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora de Sion, agregada à Universidade do Estado de Minas Gerais.

Embora as freiras ainda tenham algumas obras locais, a cidade ressentia-se do fechamento do Colégio pois o mesmo havia sido criado para a revitalização da cidade no início do século XX. Ele simboliza um passado de glória, poder econômico, político e religioso local, que já não existia desde meados do século XIX, mas mantinha-se pela presença marcante da Igreja Católica em Campanha e o seu fortalecimento no início do século XX. O seu fechamento demonstra uma realidade cruel para a cidade: o “poder” local que mantinha-se graças ao fortalecimento do discurso ultramontano já não sustentava mais a sociedade da segunda metade do século XX. As freiras encontram novos caminhos, mas a sociedade campanhense não incorpora esta necessidade de revitalização dos quadros da Igreja Católica

CAPÍTULO IV - *Petites Marthes*: as trabalhadoras-alunas do Colégio Nossa Senhora de Sion

Dia gordo de novidades. Logo pela manhã apareceu Ema, filha da dona Josefina Strambi, riso aberto, ansiosa por dar-me a boa nova: descobrira, por acaso, ótimo colégio onde eu poderia prosseguir meus estudos gratuitamente. (...)

A escola não tinha nome, nem currículo. Era um anexo de famoso colégio de meninas ricas de São Paulo, o “Des Oiseaux”. No mesmo parque onde se elevava o “Des Oiseaux” - ocupando todo um quarteirão - fora construído um modesto pavilhão onde funcionava a escola que eu frequentaria, a das meninas pobres. (...)

Irmã Calíxta mostrou-se interessada em meus conhecimentos na arte de bordar. “Sabe bordar?” Não. Eu não sabia bordar. “Pois vai aprender. Tem vontade de aprender?” As alunas, debruçadas, olhos fixos sobre finas cambraias, bordavam para as freiras, que recebiam encomendas, muitas encomendas.(...)

Voltei pra casa bastante murcha, mas não disse nada a ninguém que me sentira pouco à vontade naquele ambiente. Eu não desejava desistir, não ia perder a chance de voltar a estudar.

Durante um ano, freqüentei a escola nos fundos do “Des Oiseaux”. Depois, cansei de bordar para as freiras. (GATTAI, apud TOZONI - REIS, 2002, pp. 65-66)

A permeabilidade entre educação e trabalho, descrita por Zélia Gattai em seu romance *Anarquistas graças a Deus* era muito comum nas escolas confessionais do final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. As freiras de Sion praticam também esta ação de educar meninas pobres – a maioria da zona rural da cidade de Campanha e região – em sua Instituição. Estas meninas são chamadas de *Martas*, *Martinhas*¹⁵⁷ ou *Petites Marthes*, fazendo uma analogia à figura de Santa Marta do *Novo Testamento*, que hospedou Cristo e trabalhava na limpeza da casa.

Tais meninas vivem também internas no Colégio Sion, e, em troca do ensino que recebem, ajudam, na maioria dos casos, na limpeza do prédio. Era comum também a

¹⁵⁷ Meninas pobres que estudavam no Colégio Sion, não – pagantes.

presença de martinhas nas demais escolas mantidas pela Congregação Nossa Senhora de Sion no País.

Durante o período de funcionamento do Colégio Sion em Campanha, as martinhas realizam diversos serviços dentro do Colégio: trabalham na rouparia, na limpeza dos quartos, nos banheiros, na cozinha, etc. O tempo de trabalho ao longo do dia é superior ao tempo de estudos, pois as mesmas dedicam, em média, apenas três horas diárias para esta última atividade. Os espaços ocupados por elas também são diversos em relação aos espaços ocupados pelas meninas de Sion – os dormitórios, o refeitório, os banheiros e até as salas de aula são separados. Ressalta-se também que não pode haver contatos entre as meninas de Sion e as martinhas.

Pelo levantamento de fontes (algumas fotografias, cadernetas de anotações das irmãs, cadernetas de notas e relatos orais) torna-se possível perceber que a presença das martinhas e a relação destas meninas com as freiras pode ser dividida em duas fases: da instituição da escola até meados da década de 50; e deste momento até o fechamento do Colégio.

A primeira fase é caracterizada por uma educação voltada principalmente para a instrução moral das martinhas. Pelos relatos descobre-se que as freiras têm a preocupação em trabalhar questões de cunho moral, mas não pretendem o ensino formal.

A segunda fase instaura-se quando uma diretora do Grupo Escolar da Campanha propõe oferecer o Ensino Primário para as martinhas (década de 1950). São, então, montadas duas salas de aula: uma que oferece o ensino relativo à 1ª. e à 2ª. séries, e outra que contempla a 3ª. e a 4ª. séries. A partir deste momento estas meninas passam a receber um ensino formal público, que utiliza o espaço privado do Colégio Sion. Dessa forma, o público e o privado se mesclam. As irmãs continuam ensinando e utilizando o serviço doméstico das martinhas, justificado como uma forma de pagamento pela hospedagem e também na necessidade de preparação destas meninas para o futuro.

Entendendo Santa Marta

Estando Jesus em Viagem, entrou numa aldeia, onde uma mulher, chamada Marta, o recebeu em sua casa.

Tinha ela uma irmã por nome Maria, que se assentou aos pés do Senhor para ouvi-lo falar.

Marta, toda preocupada na lida da casa, veio a Jesus e disse: Senhor, não te importas que minha irmã me deixe só a servir? Dize-lhe que me ajude.

Respondeu-lhe o Senhor: Marta, Marta, andas muito inquieta e te preocupas com muitas coisas;

No entanto, uma só coisa é necessária; Maria escolheu a boa parte, que não lhe será tirada. (Lucas, 10: 38,42)

Esta passagem do Evangelho elucidada o papel das martinhas do Colégio Nossa Senhora de Sion e sua devoção a Santa Marta. Esta reclama com Jesus Cristo de fazer todo o trabalho doméstico enquanto sua irmã (Maria Madalena) escuta os seus ensinamentos. Mas Cristo não apoia as reclamações de Marta, dizendo que é mais importante escutá-lo e que Maria Madalena está correta em sua atitude. Pode-se perceber também uma distinção nas funções das duas irmãs: enquanto uma trabalha na limpeza doméstica, a outra aprende os ensinamentos de Cristo. Fazendo uma analogia com as educandas do Colégio Nossa Senhora de Sion, percebe-se que a distinção de tarefas e aprendizado entre martinhas e meninas de Sion pode acontecer, já que até o Novo Testamento prega uma certa distinção, embora as meninas de Sion não possam ser comparadas com Maria Madalena.

Quando se analisa um pouco mais a hagiografia de Santa Marta, a sua influência no solo francês e, especificamente, nas Congregações religiosas femininas, deve-se pensar no momento em que este culto se fortaleceu. Para Gajano (2002), a idéia geral de santidade se fortalece no Ocidente Medieval como fenômeno espiritual (expressão da busca do divino); teológico (manifestação de Deus no mundo); religioso (momento privilegiado da relação com o sobrenatural); social (fundamento das estruturas eclesiásticas e monásticas) e também político (ponto de interferência ou de coincidência da religião e do poder).

A imagem de Santa Marta fortalece-se no século XII, momento em que se verifica um fortalecimento geral do culto aos santos¹⁵⁸ e no qual a sua biografia tomou um caráter modelador e exemplar, além de estabelecer a passagem e morte da referida santa no território francês.

É interessante que se perceba a importância de santa Marta na própria medievalidade. Para *Jacopo de Varazze*, um monge dominicano italiano do século XIII, em sua obra *Legenda Aurea*, santa Marta já não é apenas uma simples hospedeira de Cristo, mas filha do governador da Síria (Ciro) e descendente de reis. É uma mulher celibatária e já entende a necessidade do seu serviço e a falta de trabalho de sua irmã da seguinte forma: “Esta nobre hospedeira do Senhor queria que sua irmã também se dedicasse a Ele, pois lhe parecia que nada no mundo era demais para servir a um hóspede tão importante.”(VARAZZE, p. 587) Assim, percebe-se que o *servir a Cristo* passou a ser muito importante neste século XIII, e, por isso, a reclamação de Marta em relação à irmã Maria Madalena passa a ser um exemplo para ensinar o *servir a Cristo*.

Segundo Varazze, Marta, sua irmã (Maria Madalena) e o irmão (Lázaro), após a morte de Cristo, são colocados pelos infiéis em um barco sem remo, velas, leme e alimentos. Após dias no mar, conseguem sobreviver e aportam em Marselha, partindo depois para Aix-en-Provence. Em território francês Marta toma então o seu caráter santificado, já que não basta apenas ter convivido com Cristo, sendo necessário também compreender toda a gama de fenômenos santificadores e, principalmente, propiciar milagres: assim, Santa Marta luta e vence um dragão em uma floresta francesa, ressuscita um jovem e vive jejuando e pregando a palavra de Cristo entre os franceses. Após a sua

¹⁵⁸ O Século XII foi um momento de muitas transformações culturais no Ocidente Medieval: o movimento das Cruzadas, o fortalecimento das cidades, o revigoramento do comércio, novas heresias. A própria Igreja Cristã passava por uma reformulação, tendo de um lado papas teocráticos e, por outro lado, o surgimento das ordens mendicantes. O culto aos santos se fortalece dentro da Igreja como uma tentativa de reter os fiéis dentro dos seus quadros dominatórios.

morte, continua curando as pessoas que vão até o seu suposto túmulo, realizando assim os milagres necessários para a sua santificação.

Para Hilário Franco Jr. (2003), responsável pela tradução da *Legenda Auréa* para o português, esta é conhecida como um conjunto de textos que de grande valor moral e pedagógico. A estrutura narrativa utilizada por Varazze estaria baseada no *exemplum*: material recolhido ao mesmo tempo em fontes eruditas, tradições orais e experiência pessoal do autor, demonstrando que a vida dos santos seria um exemplo a perseguir. A obra teve grande aceitação no mundo medieval.

O enquadramento geográfico das vidas dos santos, por exemplo, é praticamente sempre o mesmo, apesar de serem indicados diversos nomes das cidades e regiões. O perfil dos santos é quase sempre o mesmo, independentemente de sexo, condição social, local de procedência. (...) Com efeito, nosso compilador ainda via os santos como pessoas cujas mortes, apesar de geralmente brutais, são acompanhadas de sons harmoniosos, pessoas de cujos corpos torturados e mutilados emana odor agradável, pessoas cujos restos mortais são imputrefatos e têm poderes taumatúrgicos que benificam a todos que peregrinam até seu local de descanso e veneração. (FRANCO Jr., 2003, p. 16)

É esta Marta santificada e exemplar construída na medievalidade que torna possível a compreensão de sua instituição como protetora das meninas pobres aceitas nas escolas mantidas pela Congregação Nossa Senhora de Sion. O paradigma é a Marta francesa, metódica, obediente e que acredita na sua grande função de servir, com o seu trabalho, a Cristo.

É comum também a presença de martinhas em escolas de outras congregações religiosas que se instalam no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. A pesquisa de mestrado empreendida por Moura (2002) atesta que o Colégio Nossa Senhora das Dores da cidade de Uberaba (MG), mantido pelas dominicanas, também recebe alunas pobres que

limpam o prédio em troca da educação, e, da mesma forma, são denominadas martinhas¹⁵⁹. A referida autora não demonstra se há uma educação diferenciada entre as discentes pagantes e as não-pagantes, como acontece na Instituição analisada nesta dissertação.

A História e seus silêncios

A palavra silêncio é derivada do latim *silentiu* e significa: interrupção de ruído ou estado de quem se cala. Ao empreender os estudos sobre as meninas trabalhadoras do Colégio Sion em Campanha, talvez o termo que melhor designe este segmento seja a palavra silêncio.

...Falar dos silêncios da historiografia tradicional não basta; penso que é preciso ir mais longe: questionar a documentação histórica sobre as lacunas, interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços brancos da história. Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio, e fazer a história *a partir* dos documentos e das ausências dos documentos. (LE GOFF, 1984, p. 220)

As fontes referentes à passagem das meninas de Sion pelo Colégio são várias. Praticamente todos os livros de notas e matrículas estão preservados¹⁶⁰. Há um conjunto de fotos que mostra os momentos cotidianos e os de festas¹⁶¹, os espaços por onde essas meninas passaram, os artigos de jornais¹⁶² e vários outros documentos (programas de festas, lista das alunas preparadas para a Primeira Comunhão, diário da Primeira Superiora, livros

¹⁵⁹ “Inicialmente, o Colégio funcionava em regime de internato e externato e a maioria de suas alunas provinha de classes sociais economicamente privilegiadas. Entretanto, as Irmãs ofereciam vagas às alunas carentes, que prestavam serviços domésticos e, em troca, recebiam educação. Essas alunas eram chamadas de Martinhas, em homenagem a Santa Marta, que, segundo relato das Irmãs Dominicanas, teria dedicado toda sua vida aos afazeres domésticos.” (MOURA, 2002, p. 34)

¹⁶⁰ Acervo Colégio Sion, CEMEC

¹⁶¹ Acervo Paulino Araújo, CEMEC e Acervo CNSS/ Campanha

¹⁶² Acervo CECML

de propaganda, etc)¹⁶³, além das entrevistas que possibilitaram a articulação entre a História da Educação e a História Oral.

Por outro lado, os registros sobre as *martinhas* são poucos. Os artigos nos jornais pesquisados não fazem referência à ação das irmãs em educar meninas pobres. Dentro do antigo prédio onde funcionou o Colégio Sion, o espaço ocupado pelas *martinhas* (dormitório, lavatório e refeitório) não existe mais: a única parte do prédio que não foi preservada.

A partir dos poucos documentos encontrados sobre este assunto, valoriza-se a pequena quantidade para compreender um pouco mais este universo das *martinhas* no Colégio Sion. No acervo particular da Congregação Nossa Senhora de Sion de Campanha foi encontrada uma caderneta com o registro dos nomes das *martinhas* que entraram no colégio desde 1905 até 1945; um caderno de registros diários das ações das *martinhas* de 1935 a 1937 e poucas fotografias. Algumas anotações foram também encontradas no livro de registros de notas (1955) do Grupo Escolar de Campanha.

Percebe-se, então, a necessidade de complementar a pesquisa utilizando os relatos orais. Mais uma vez são encontrados silêncios.

Somente algumas ex-*martinhas* não se importam em falar de sua passagem pelo universo sionense (total de 07 na perspectiva de 20 tentativas). Foi realizado um grande esforço para encontrá-las, uma vez que a maioria se casou, mudando, assim, o nome de solteira, além do fato de essas ex-alunas não residirem mais em Campanha, mas em diversas cidades vizinhas, ou ainda na zona rural da cidade. Também algumas alunas encontradas recusaram-se a conceder entrevista, alegando que não lembravam daquele tempo ou até mesmo que tinham medo de falar. Em vista do pequeno número de entrevistadas, optou-se por valorizar o qualitativo e não o quantitativo das fontes,

¹⁶³ Acervo CNSS / Campanha

resgatando, assim, a importância das experiências individuais, realizando o cruzamento de dados contidos nas entrevistas e nos documentos encontrados.

A História Oral aqui é trabalhada como possibilidade de produzir uma fonte complementar às demais fontes encontradas. Segundo Ferreira e Amado (1998), existem três posturas para a utilização da História Oral: ela pode ser considerada uma técnica, uma disciplina ou uma metodologia. A primeira perspectiva interessa às experiências com gravações, transcrições, conservação de fitas e organização de acervos. Já a constituição da disciplina muitas vezes é contraditória, uma vez que inaugura procedimentos metodológicos e conceitos próprios, mas o testemunho oral representa sempre o núcleo da investigação, ele pressupõe-se como única fonte. Enquanto metodologia, a história oral deve estabelecer e ordenar os procedimentos de trabalho, funcionando enquanto ponte entre a teoria e a prática. “Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de *suscitar*, jamais *solucionar*, questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas. As soluções e as explicações devem ser buscadas onde sempre estiveram: na boa e antiga teoria da história” (FERREIRA e AMADO, 1998, p. xvi)

Partindo da utilização da História Oral como metodologia, leva-se em consideração as relações e dependências entre prática, teoria e metodologia que produzem o conhecimento histórico. Este conhecimento só é possível se forem consideradas as particularidades da História Oral, principalmente no que concerne à subjetividade do entrevistado, pois este fala acerca da visão que possui *hoje* de um tempo passado. Utiliza-se de sua memória que é seletiva e fragmentada. Mas os documentos escritos também estão inseridos neste grupo, pois são também versão dos acontecimentos passados.

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto documento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 1985, p. 103)

Os relatos gravados, depois transcritos, são então transformados em documentos, cabendo ao pesquisador abordá-los de forma adequada e crítica. Entrevistar é apenas o primeiro passo. Deve-se ter rigor ao transcrever e analisar as entrevistas.

A história oral compartilha com o método histórico tradicional as diversas fases e etapas do exame histórico. De início, apresenta uma problemática, inserindo-a em um projeto de pesquisa. Depois, desenvolve os procedimentos heurísticos apropriados à constituição das fontes orais que se propôs produzir. Na hora de realizar esta tarefa, procede, com o maior rigor possível, ao controle e às críticas interna e externa da fonte constituída, assim como das fontes complementares e documentais. Finalmente, passa à análise e à interpretação das evidências e ao exame detalhado das fontes recompiladas ou acessíveis. (LOZANO, 1998, p. 16)

A metodologia utilizada para a constituição das fontes a partir dos relatos orais consistiu dos seguintes passos:

- contactar as ex-martinhas e solicitar a entrevista, especificando a sua importância na pesquisa a ser realizada e a necessidade de um termo de compromisso de liberação da fonte;
- todas as entrevistas foram realizadas nas casas das entrevistadas, ambiente onde estariam cercadas de recordações, algumas fotografias e objetos que poderiam suscitar a lembrança;
- foi elaborado previamente um roteiro de entrevistas, com algumas questões consideradas primordiais para o entendimento da história a ser pesquisada. O roteiro não ficou fechado pois certas respostas forneceriam novas pistas, possibilitando um novo redirecionamento em cada uma das entrevistas realizadas.
- O entrevistador teve também que interagir com o entrevistado em alguns momentos, usando recursos que provocassem a continuidade do depoimento. Levou-se em

- consideração não só o período em que as entrevistadas estiveram na Instituição estudada, mas a história de vida das mesmas, percebendo assim as suas origens, o motivo pelo qual foram enviadas para a escola e a interferência desta instituição na sua vivência posterior.
- As fitas foram transcritas literalmente, tentando captar ao máximo as interjeições e os silêncios das entrevistadas.

Como as entrevistadas falaram de fatos muito íntimos de seus cotidianos escolares e demonstraram certa preocupação com as informações passadas, nesta pesquisa optou-se por utilizar somente as iniciais dos nomes de solteira das depoentes. Para compreender melhor as particularidades de cada depoente propõe-se o seguinte quadro.

Tabela 21 - Ex -martinhas entrevistadas

| nome | Nascimento | Entrada no Sion | Saída do Sion | particularidades |
|------|------------|-----------------|---------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| MIA | 1942 | 1954 | 1955 | Colega de MIM. Nasceu na zona rural de Campanha. Parente de várias martinhas. Cursou a 3a. e a 4a. séries primária no Colégio. Depois casou e foi lecionar na zona rural. Continuou os estudos (até o 1o. ano do ensino médio).É aposentada como professora estadual. Reside na cidade de Campanha. |
| DAM | 1942 | 1955 | 1955 | Irmã de MIM. Ficou pouco tempo no Colégio. Nasceu na zona rural de São Gonçalo do Sapucaí. A mãe era ex- martinha. Pediu para sair. Continuou estudando depois (até a 7a. Série). Reside na cidade de São Gonçalo. |
| MIM | 1941 | 1953 | 1954 | Irmã de DAM e colega de MIA. Nasceu na zona rural de São Gonçalo do Sapucaí. A mãe era ex-Martinha. Cursou a 3a. e a 4a. séries primárias no Colégio. Saiu por motivo de doença. Não estudou mais. Reside na cidade de São Gonçalo. |
| MAL | 1938 | 1947 | 1957 | Nasceu na zona rural de Lambari. Órfã de mãe. Cursou várias séries, mas não teve diploma. Queria se tornar freira. Reside em São Gonçalo do Sapucaí. |
| GP | 1942 | 1954 | 1955 | Irmã de MJP. Nasceu na cidade de Campanha. Entrou por vontade própria no Colégio. Após um ano como martinha, passou para o juvenato. Foi empregada doméstica por muitos anos em São Paulo e no Rio de Janeiro. Reside em Campanha. |
| MJP | 1930 | 1943 | 1952 | Irmã de GP. Nasceu na zona rural de Campanha. Além de martinha, tornou-se depois “moça de serviço”. Saiu para casar. Reside em Campanha e tornou-se adventista. |
| JM | 1927 | 1944 | 1947 | Nasceu e viveu na cidade de Campanha. Entrou para o Colégio aos 16 anos, contrariando a família e já possuindo o ensino primário. Saiu por motivo de doença . |

O universo das Martinhas

As martinhas, contudo, não são as únicas que trabalharam na limpeza e organização do Colégio Sion de Campanha. Há ainda algumas *moças de serviço* (que recebiam pagamento), e as freiras *conversas*, que também realizavam serviços manuais e orientavam a organização da Casa, além dos encarregados da manutenção dos jardins, das hortas, etc. Verifica-se que a presença das martinhas no Colégio Nossa Senhora de Sion em Campanha foi constante e primordial para o bom funcionamento da Casa. Elas estiveram sempre presentes no período de funcionamento do Colégio, apenas variando o número total.

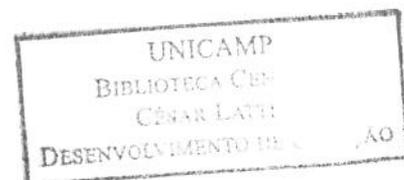
Com as anotações feitas por uma freira em uma pequena (aliás, minúscula) caderneta¹⁶⁴ é possível fazer o levantamento do total de martinhas que passou pela Instituição desde 1905 até 1945: 481 meninas. Esta caderneta (**anexo 18**) não só fornece o nome de meninas que entram ano a ano na Instituição, mas, ao lado de cada nome, o período em que lá permanecem. Algumas têm uma passagem bastante rápida, somente dias ou semanas, mas outras ficam muitos anos. Com o cruzamento destes dados, torna-se possível então quantificar o total de martinhas que permanecem por lá a cada ano:

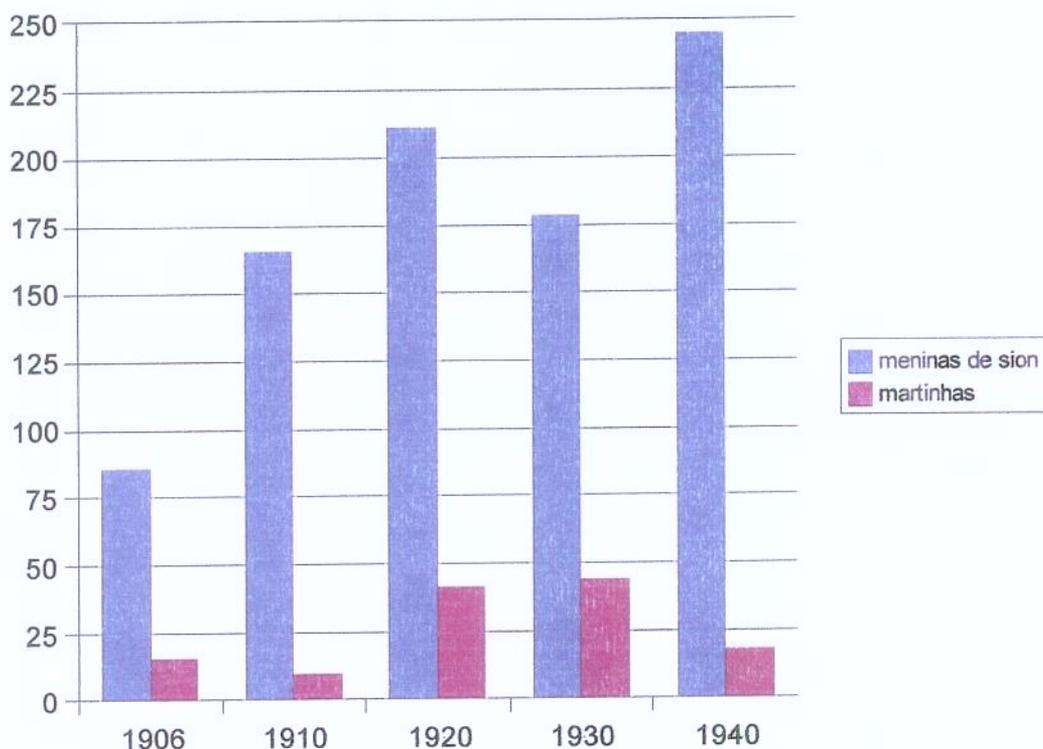
¹⁶⁴Acervo particular da CNSS/Campanha

Tabela 22 – total de entrada de martinhas, entre 1905 e 1944

| Ano | total | ano | total |
|------|-------|------|-------|
| 1905 | 15 | 1925 | 38 |
| 1906 | 16 | 1926 | 46 |
| 1907 | 7 | 1927 | 50 |
| 1908 | 9 | 1928 | 44 |
| 1909 | 6 | 1929 | 37 |
| 1910 | 10 | 1930 | 44 |
| 1911 | 15 | 1931 | 34 |
| 1912 | 26 | 1932 | 34 |
| 1913 | 30 | 1933 | 42 |
| 1914 | 28 | 1934 | 41 |
| 1915 | 22 | 1935 | 43 |
| 1916 | 31 | 1936 | 43 |
| 1917 | 37 | 1937 | 27 |
| 1918 | 37 | 1938 | 19 |
| 1919 | 33 | 1939 | 21 |
| 1920 | 42 | 1940 | 18 |
| 1921 | 44 | 1941 | 12 |
| 1922 | 44 | 1942 | 22 |
| 1923 | 35 | 1943 | 11 |
| 1924 | 33 | 1944 | 23 |

Fonte: Caderneta com nomes e entradas das *Martinhas* - 1905-1945





Ao verificar-se a quantidade de meninas de Sion matriculadas (Tabela 18) e o total de martinhas acima exposto, percebe-se que, enquanto as matrículas são crescentes entre as meninas de Sion, esta proporção não é aplicável à quantidade de martinhas, como é possível verificar analisando o seguinte gráfico, estabelecido com os dados fornecidos pelas tabelas 18 e 22:

O número de martinhas não é proporcional ao número de meninas de Sion. Elas nunca superam a quantidade de 50 (1927). Este número varia de acordo com as necessidades das irmãs e também com o interesse de permanência por parte delas na Instituição. Tal permanência depende da possibilidade de adaptação ao estilo de vida sionense. Algumas amaram e outras nem tanto, estar no Colégio Sion.

Gostei demais da conta, muito de ser *Martinha*. Podia ter continuado, apesar que eu trabalhava muito, muito mesmo, não só eu, mas toda aquela que era martinha trabalhava, trabalhava mesmo. Hoje minha casa não é arrumada, igual eu arrumava lá: não é, não é arrumada. (depoimento de MAL)

Ao ser questionada se gostou de ser martinha, a depoente acima afirma que sim, mas trabalhou demais, afinal foram 10 anos de serviços prestados no Colégio. Não só neste como nos demais depoimentos é possível investigar sobre o dia-a-dia destas meninas e perceber que o tempo de trabalho é maior, comparando-o ao tempo de estudos. Com pequenas alterações, o dia de uma martinha iniciava-se da seguinte forma: acordar cedo, variando entre 5 e 5:30 da manhã. Fazer a higiene e assistir à missa¹⁶⁵.

A missa era antes da missa das meninas. A gente levantava 5 horas mais ou menos, ia pra capela ali pelas 6 horas. Terminava a missa, descia, tomava o café e já ia preparar o café delas. Enquanto isso elas assistiam à missa. (depoimento de MJP)

Segundo todas as depoentes, não havia qualquer diferença na alimentação. Freiras, martinhas e meninas de Sion recebem o mesmo alimento. Mas a igualdade não é percebida na constituição dos espaços. Há refeitórios separados. O trabalho da martinha no refeitório das meninas, conforme o relato de uma das depoentes:

Eu trabalhei no refeitório muito tempo. Trabalhei também na doçaria. A gente não podia conversar na hora do serviço. Só na hora do recreio. ...Trabalhava cinco pessoas ou seis, mas sem conversar. Falava o que era necessário. ...as irmãs é que serviam. A gente só preparava e saía. Depois, a gente ia lavar a louça do café. (depoimento de MJP)

Durante todo o período da manhã as martinhas realizam diversas tarefas domésticas, dependendo do setor ao qual fora designada:

Depois a gente ia pro refeitório e preparava pro almoço. Ali a gente lavava o refeitório. Era 3, 4 pra lavar. Lavava a galeria dos lados, suspendia as toalhas pra lavar. Deixava os pratos, talheres e deixava uma moringa de água nas mesas. ... (depoimento de MJP)

¹⁶⁵ As martinhas possuíam três uniformes distintos que deveriam ser trocados ao longo do dia, de acordo com cada atividade: para assistir à missa, para trabalhar e para assistir às aulas.

De manhã então ia pra salinha de costura, e participava da salinha de costura.... (depoimento de DM)

Lembro de tirar pó. Quartos, salas, refeitórios. (depoimento de JM)

A minha era a sala de banho. Dava uma limpeza na sala de banho, abria a torneira para pôr o tanto de água certa nos banheiro. Porque era aqueles banheirão que usava, né? Não era chuveiro. Aí depois ia pra rouparia. Na rouparia tinha as prateleira. Ali, já colocava a roupa de cada uma no seu número. (depoimento de MIM)

Ao longo da estada das martinhas na Instituição, elas devem aprender diversas atividades. Nunca ficam por muito tempo com um único serviço. Acontece um rodízio nas diversas atividades, preparando assim estas meninas para um futuro trabalho doméstico, dentro das regras e da ordem sionenses. Há uma divisão do trabalho entre elas, e elas também não podem ficar muito tempo em uma mesma atividade. Devem ser preparadas para todas as atividades necessárias a uma mãe de família pobre ou também como uma possível e futura empregada doméstica.

Eles mudavam muito as martinhas. Fulana vai trabalhar na rouparia, fulana vai trabalhar não sei aonde. Eu trabalhei muito tempo no refeitório, depois me colocaram na repassagem. Aí depois eu passei pra lavanderia. Depois eu tive na cozinha. ...ficava a manhã inteira batendo bife. Não acabava nunca! Era pra gente aprender de cada coisa um pouco, né? Aí depois eu fui pra rouparia. Lá eu aprendi a costurar, eu aprendi reformar roupa. Consertava roupas das meninas, fazia roupa de criança pra elas dar pros pobres. Lá eu aprendi mexer no refeitório, né? Eu aprendi lavar roupa, aprendi passar, aprendi na cozinha e aprendi na rouparia, né? Aprendia a costurar com papel na máquina. Tudo o que eu sei, educação, leitura, tudo aprendi lá....(depoimento de MJP)

No caderno de notas e atividades referente aos anos de 1935 a 1937, percebe-se esta divisão de tarefas entre as meninas. Cada uma exercendo funções diferentes ao longo de sua jornada. Depois de um período em determinada função eram remanejadas de posição.

Tabela 23 - Divisão do trabalho das martinhas pela manhã

| Nome | Atividade depois da missa | 08:00:00 | Restante da jornada |
|-----------------|-----------------------------|----------|-----------------------------|
| Rosário | sala “Santa Cecília” | capela | cozinha |
| Benedita | dormitório “Branco” | - | cozinha |
| Elzira | refeitório das pensionistas | | refeitório das pensionistas |
| Arminda | dormitório das Martinhas | | lavanderia |
| Isabel | dormitório grande | | rouparia |
| Juliana | capela | capela | lavanderia |
| Georgina | clarabóia | | repassagem |
| Gesuarda | dormitório do corredor | | costura infantil |
| Francisca | refeitório infantil | | costura infantil |
| Antonia | dormitório “Multicor” | | lavanderia |
| Elvira | dormitório corredor | | lavanderia |
| Philomena | dormitório corredor | | costura infantil |
| Carminha | dormitório corredor | | costura infantil |
| Nair | classe “Branca” | | sala de banho |
| Ma. de Jesus | dormitório corredor | | cozinha |
| Emerentina | dormitório “Vermelho” | | cozinha |
| Inez | dormitório corredor | capela | repassagem |
| Francisca | refeitório infantil | | refeitório infantil |
| Maria da Glória | sala “Santa Cecília” | capela | repassagem |
| Belinha | dormitório das Martinhas | | lavanderia |

Fonte: Caderno de notas e atividades das Martinhas, 1935/1937 – acervo CNSS/ Campanha

A partir do quadro acima, percebe-se que inicialmente as martinhas ficam encarregadas da limpeza das salas de aula e dormitórios, como também da preparação do café da manhã das meninas de Sion. As salas de aula devem ser limpas naquele momento pois serão logo ocupadas pelas meninas de Sion. Toda esta atividade acontece após a missa das martinhas e enquanto é realizada a missa das meninas de Sion. Após este momento, algumas martinhas devem limpar a capela e outras vão para os serviços de costura, lavagem, cozinha, repassagem, limpeza do banheiro e organização dos refeitórios. Às 11 e meia da manhã todas param seus afazeres domésticos e almoçam. Esta é a recordação mais marcante na memória das martinhas entrevistadas. Todas elogiam a qualidade da alimentação fornecida.

Eu vivi naquele colégio 10 anos. Eu nunca comi um dia sem carne. Tinha os anjos. Ficava um em cada cabeceira. A comida lá era muito boa. Era a mesma comida. O mesmo que ia pras menina ia pra nois. O refeitório era separado. (depoimento de MJP)

A gente comia a mesma coisa, só que acontecia assim, por exemplo: o almoço das meninas era o nosso jantar. Porque aí fazia almoço, e o que sobrava ia pro nosso jantar. Mas o nosso almoço sempre foi comida fresquinha. Por exemplo, quando fazia uma coisa diferente, uma comida diferente, aí ia pra todas, pra gente, pras irmãs, pras meninas. O nosso era diferente assim: vinha comida naquela panela, a gente chegava, a freira que servia, né? Agora, das meninas era assim: as irmãs mesmo que servia. Cada freira servia uma coisa. E também refeitório muito menor do que o delas, né? (depoimento de MIA)

A gente ficava esperando a comida chegar, será que é o resto das meninas? Aí elas dizem: não, não, já tá tudo lá esquentando no forno. Não tinha diferença. Mesma coisa: macarrão, arroz, carne, tudo que tinha. A comida do meio da semana era arroz, feijão, batata, carne e uma verdura. Agora o dia de domingo melhorava. Era uma coisa melhor. A sobremesa, tinha dia que era fruta, tinha dia que era banana, tinha dia que era doce. (depoimento de JM)

As entrevistadas não sentem diferenças na alimentação fornecida, mas apontam alguns caminhos para a percepção das desigualdades: o refeitório separado, o que resta do almoço das meninas poderia ir para o jantar delas e também a forma de servir a comida.

Deve-se pensar também a origem social destas meninas. Para muitas essa era a única chance de uma alimentação saudável, já que algumas provinham de famílias muito humildes. A grande maioria era originária da zona rural de Campanha e cidades vizinhas. Junto às freiras, essas meninas seriam mais fáceis de adaptação ao mundo do trabalho, já que estavam acostumadas a exercer atividades domésticas em suas respectivas casas. Era também uma forma de adequar estes seres às normas de civilidade e higiene necessárias para o progresso da nação. Do lado das meninas, seria a única chance de educação formal, já que as escolas ficavam muito distantes de suas casas.

E quem que não queria ter uma menina lá no Colégio? Mesmo sofrendo. Aí toda mãe queria, ainda mais que a minha irmã ficou lá, né? Aí minha mãe mais que depressa me levou de tarde lá pro Colégio. (depoimento de GP)

Eu morava na roça. Pra estudar era difícil. Tinha que andar muito longe, então arrumou lá pra mim estudar mesmo. (depoimento de MIM)

A maior parte era da zona rural. Eu acho que elas vinham mais assim pra estudar. Pra estudar, elas tinham mais dificuldade de estudar na zona rural. (depoimento de DM)

Então, elas num tinham objetivo nenhum, né? Ficava por ficar, por ter ali lugar pra sobreviver, né? Porque eu, se existisse na época, as freiras tivessem continuado quinta, sexta série, eu teria ficado. (...) Mas muitas, os pais às vezes forçava, e muitas entendia que aquilo era bom pra elas, né? (depoimento de MIA)

Segundo os relatos, percebe-se que há diferenças entre as próprias martinhas. Algumas delas recebem pequenos presentes, especialmente alimentos, quando são visitadas por seus familiares. Estes presentes podem ser compartilhados com as outras internas, significando, assim, um poder de troca, de barganha e ascensão entre elas. Muitas utilizam desta barganha para ganhar a amizade das *anjas*. A menina que acaba de ingressar na Instituição deve ficar sob a guarda de uma *anja*¹⁶⁶, e esta é uma martinha que possui mais tempo na casa e deve ser tanto responsável por ensinar o serviço, quanto por controlar as

¹⁶⁶ Como já foi dito anteriormente, existiam anjas também para as meninas de Sion.

atitudes da ingressante. Segundo as depoentes, algumas destas *anjias* abusam de autoridade, do poder de mando e de controle sobre as martinhas.

Não tinha freira pra te ensinar a fazer nada. Era uma das Martinhas mais antigas que era um anjo da gente. Que era considerada um anjo. Aí me deram um anjo pior do que a minha mãe até. Era uma carrasca mesmo.

(...) Eu morava na cidade. Naquele tempo tinha as martinhas que moravam na roça, porém, gente melhor de situação. A gente apesar de morar na cidade, era gente pobre. E outra coisa: mesmo sendo da cidade, a minha mãe só podia ir lá de 15 em 15 dias. A mãe das outras, levavam as coisas gostosas. A minha mãe não tinha condição de levar. A gente dependia de tudo o que tinha lá só. (...) Tinha Martinha que tinha melhor situação. Moravam nas roças, que tinha melhor situação, né? E tinha eu, por exemplo, e umas outras lá que eram mais pobrezinhas. Então, mesmo lá tinha diferença entre as próprias martinhas. E o meu anjo tinha amizade com outras garotas bem, né? Então pisava. (entrevistada GP)

Quando a gente entrava tinha a mais antiga, que tomava conta da gente, né? Ensinava assim, mais próxima da gente, pra ensinar, né? (entrevistada DM)

Durante as refeições as *anjias* controlam os deslizes das mais novas à mesa. Após o almoço, ocorre ainda um tempo de trabalho anterior às aulas da tarde, pois é necessário ainda lavar as louças. Segundo os relatos, o tempo utilizado para o ensino varia, mas nunca ultrapassa três horas diárias.

É necessário, então, fazer uma distinção entre as entrevistadas: aquelas que estudaram anteriormente a 1954/1955 e as que estudaram a partir deste período. O período 1954/1955 é marcante, porque o grupo escolar local passa a proporcionar o ensino às martinhas.

Então a dona Zilda Cunha propôs uma professora pra ensinar as martinhas, Porque então num tinha, ficava lá num sabia nem que série. (...) Tinha muitas que ia pra lá, num sabia nada mesmo, aí tinha que ser primeiro alfabetizadas, né? De primeira e segunda, na época quem dava aula era a dona Emilia, eu vi bem que ela era bem jovem na época. Na terceira série, foi a dona Lurdinha e tinha uma professora que dava geografia, história e ciências. (...) Na quarta série, quando eu fui pra mim fazer a quarta série, é que foi a dona Benedita, mas ela já ficou com a sala da terceira série também. Juntava na mesma sala. (depoimento de MIA)

A professora era aquela dona Benedita, uma lá de Campanha. Eu sei que ela dava aula para nós, mas eu acho que ela dava na classe das outras também. (depoimento de MIM)

As depoentes acima estiveram na mesma época no Colégio Sion, entre 1953 e 1955. Foram ambas alunas da professora pública Benedita Roquim. No acervo do grupo escolar de Campanha¹⁶⁷, é possível encontrar as seguintes anotações sobre os exames prestados pelas martinhas no ano de 1955:

Ata dos exames do Curso Primário do Colégio de Sion, classe das “Martas”, anexas ao Grupo Escolar “Zoroastro de Oliveira” de Campanha. Nos dias 28, 29 e 30 de novembro realizaram-se os exames nas referidas classes.

Pela Sra Diretora, D. Zilda Cunha foram designadas para procederem o exame das alunas, as professoras.

Maria Alda Ferreira – 1º ano

Alice Ribeiro – 2º ano

Elvia Brandão de Andrade – 3º ano

Maria da Gloria Sales – 4º ano

Campanha, 10 de novembro de 1955. Maria Aparecida de Andrade Pires. (Ata dos exames prestados, Acervo do Grupo Escolar Zoroastro de Oliveira, Campanha/MG)

Pode-se confirmar o nome da Diretora da Escola Estadual que propôs o ensino regular para as martinhas. Percebe-se, ainda, a oficialização do processo de avaliação das alunas, havendo, inclusive, professoras designadas para tal função. A *classe das martas*, neste momento, estaria, então, anexada ao Grupo Escolar, público. É possível também comprovar neste trecho do documento encontrado a presença da referida professora Benedita no ensino das turmas de terceira e quarta séries, como se segue, o qual, infelizmente, não contém o nome de nenhuma entrevistada:

3º Ano – Profª Benedita Roquim (Benedita Albertina Vieira)

Teresa Aparecida Morais – 6,5

Maria das Graças Silva – 5,5

Zenaide Pereira – 5

Edna Lopes – 6

Maria Ilza Ribeiro Chagas 7

Maria Emilia Alves – 7

¹⁶⁷ Acervo da Escola Estadual Zoroastro de Oliveira, ainda em processo de organização

Janete Borges Oliveira – 6
4º Ano – Profª Benedita Albertina Vieira - Classe Martas
Helena Santos – 7
Isaura Borges – 7,5
Vair Aparecida Silveira – 7
Odete Borges – 7,5
Hilda Aparecida – 6,5
(Ata dos exames prestados. Grupo Escolar Zoroastro de Oliveira)

Estes foram os únicos nomes de martinhas encontrados no referido livro. A importância do oferecimento deste ensino formal por parte do Estado para estas meninas é vista no relato de uma entrevistada (MIA), que, ao receber o diploma de conclusão do curso primário, foi considerada apta para lecionar na zona rural de Campanha.

Eu pensava assim: eu quero é tirar minha quarta série. Meu objetivo ali é estudar. Porque eu gostava muito de escola e não tinha condição de estudar. Mesmo eu sentia saudade de casa, dos pais, meus irmãos, tudo, mas eu queria ficar ali, e se pudesse continuar os estudos eu queria, né? Só que a gente podia ficar até a quarta série só. As irmãs não mandaram ir embora, mas a gente queria sair, eu queria ir embora, né? (...)
Sabe por que Ana? Porque na minha quarta série a professora da zona rural onde eu morava, ela me deixou lá na escola, pra mim ir ensinando. Dando aula, eu lecionei treze anos contratada. Aí depois eu fui efetivada, efetivada, né?(...)
Na roça eu fiquei, mas cansava muito, porque não tinha condição, pra mim ensinar, eu conseguia ensinar com aquilo que eu tinha aprendido. Mas dia de reunião, a gente tinha que abrir com as outras, aí tinha normalistas, eu sentia muito mal, sabe? (depoimento de MIA)

Embora não se sentisse capacitada para lecionar e ainda inferiorizada em relação às demais professoras (normalistas), a depoente acima foi a única entrevistada que conseguiu exercer uma profissão formal, fugindo, assim, aos padrões previstos para as martinhas. Com o diploma do Primário em mãos, ela se torna professora e não apenas uma dona de casa. Ela foi além das atividades domésticas previstas.

Anteriormente à década de 1950, as próprias freiras lecionam para as martinhas. Não há, neste momento, uma necessidade da formalização do ensino. Este fato é detectado até mesmo na falta de anotações sobre esta atividade. As entrevistadas que freqüentaram o colégio no período anterior queixam-se de não ter recebido um diploma:

A gente estudava assim, tudo junto, não tinha a separação de primeiro, segundo, terceiro, sabe? Uma vez eu pedi o diploma. Elas não davam o diploma pras martinhas. Tanto que eu estudei, estudei, mas não tenho diploma. Dez anos estudando, né? Não tinha nota. Tudo que eu sei foi de lá. Nunca entendi porque não deram o diploma. Se você estudar 10 anos, em que classe estaria hoje? (...) Aprendi tudo. A trabalhar, né? Mas foi uma grande coisa, mesmo sem o diploma, ainda acho ótimo. Foi o meu melhor tempo. (depoimento de JMP)

Na caderneta de 1935/1937¹⁶⁸, são registradas diariamente as atividades das meninas quanto ao trabalho realizado. Segundo a imagem a seguir, entre os dias 8 de abril até 22 de setembro de 1935, as meninas são analisadas seguindo os seguintes critérios e partindo do melhor para o pior conceito: *perfeita, ótima, muito bom, bom, sofrível, quebrou algo e não merece a cruz*. Quebrar qualquer objeto é considerado uma falta muito grave, já que consta na caderneta as seguintes observações no período analisado: Antonieta (número 01) quebrou uma tigela e uma xícara; Maria do Rosário (número 21) quebrou um prato. Além destas observações, elas não são dignas de nenhum outro conceito. As anotações das atividades das martinhas acontecem segundo o critério do trabalho, e não acerca de seus rendimentos escolares.

¹⁶⁸ Acervo particular CNSS/ Campanha

| | | De 8 out 1935 a 5 de fev | | De 9 out 1936 | | De 16 out 1937 | | |
|----|---------------------|--------------------------|--------|------------------|----------|------------------|----------|------------------|
| 1 | Antonietta | + | 545511 | Muito Bom | 1+11111 | Muito Bom | 1+11111 | Optimo |
| 2 | Alzira | | 551900 | Não merecia Cruz | 2+11111 | " | 2+11111 | Muito Bom |
| 3 | Therzinha | | 551911 | Muito Bom | 3+11111 | Optima | 3+11111 | " |
| 4 | Irma | | 551912 | Bom | 4+11111 | Não tem Cruz | 4+11111 | Optima |
| 5 | Sabed | | 551913 | Muito Bom | 5+11111 | " | 5+11111 | Muito Bom |
| 6 | M. Sabed | | 551914 | " | 6+11111 | Muito Bom | 6+11111 | Bom |
| 7 | Anna Augusta | + | 551915 | Não merecia Cruz | 7+11111 | " | 7+11111 | Muito Bom |
| 8 | Agripinda Pereira | | 551916 | Optima | 8+11111 | Optima | 8+11111 | Optima |
| 9 | Clorinda | | 551917 | Muito Bom | 9+11111 | Soffred | 9+11111 | Muito Bom |
| 10 | Carla | | 551918 | Optima | 10+11111 | Muito Bom | 10+11111 | Optima |
| 11 | Sociedade | | 551919 | Muito Bom | 11+11111 | Optima | 11+11111 | Muito Bom |
| 12 | Y. Suzana | | 551920 | Optima | 12+11111 | " | 12+11111 | " |
| 13 | Maria da Glória | | 551921 | Muito Bom | 13+11111 | " | 13+11111 | " |
| 14 | Corinha | | 551922 | Bom | 14+11111 | " | 14+11111 | Bom |
| 15 | Apresenta da Glória | | 551923 | " | 15+11111 | Não tem Cruz | 15+11111 | Muito Bom |
| 16 | Sebastiana | | 551924 | Muito Bom | 16+11111 | Optima | 16+11111 | Bom |
| 17 | Apresenta | | 551925 | " | 17+11111 | Muito Bom | 17+11111 | Optima |
| 18 | Francisca | | 551926 | Optima | 18+11111 | Optima | 18+11111 | Muito Bom |
| 19 | Caetan | | 551927 | " | 19+11111 | Muito Bom | 19+11111 | Optima |
| 20 | Lecca | | 551928 | Muito Bom | 20+11111 | " | 20+11111 | Muito Bom |
| 21 | Maria do Rosário | + | 551929 | Quebrau a Cruz | 21+11111 | Não merecia Cruz | 21+11111 | Bom |
| 22 | Luiza | | 551930 | Bom | 22+11111 | " | 22+11111 | Optima |
| 23 | Helena | | 551931 | Muito Bom | 23+11111 | Muito Bom | 23+11111 | " |
| 24 | Lucia | | 551932 | " | 24+11111 | " | 24+11111 | Muito Bom |
| 25 | Francisca | | 551933 | " | 25+11111 | Optima | 25+11111 | Optima |
| 26 | Abastiana | | 551934 | " | 26+11111 | " | 26+11111 | " |
| 27 | Agripinda | | 551935 | " | 27+11111 | Muito Bom | 27+11111 | Muito Bom |
| 28 | Lecca da | | 551936 | Bom | 28+11111 | " | 28+11111 | " |
| 29 | Luiza | | 551937 | " | 29+11111 | Cruz indulgencia | 29+11111 | Bom |
| 30 | Anna do Carmo | + | 551938 | Não tem Cruz | 30+11111 | Bom | 30+11111 | " |
| 31 | Annita | + | 551939 | " | 31+11111 | Não merecia Cruz | 31+11111 | 3 vezes d. honra |

Caderneta de conceitos das Martinhas, 1935-1937. Acervo particular CNSS/Campanha

Comparando os conceitos semanais das alunas nos anos de 1935 a 1937, chega-se à conclusão de que poucas são consideradas perfeitas (*parfait*); a grande maioria recebe o conceito bom ou muito bom. Mas muitas também *não merecem a cruz*. Como também acontece com as meninas de Sion, significa que a aluna não pode portar uma cruz no pescoço em um determinado período (que varia de acordo com a gravidade da falta cometida). Quem perde a cruz fica marcada visivelmente diante de suas companheiras. A martinha Annita (número 31) perdeu a cruz por oito vezes entre os anos de 1935 e 1937, e a caderneta informa ainda que esta menina *não guardava silêncio*. Esta é uma falta

considerada gravíssima, pois a conversa entre elas só pode acontecer em alguns horários e sendo sempre vigiadas pelas freiras, pelas *anjas*, ou mesmo pelas meninas de Sion.

Eu lembro quando acontecia de as meninas pegarem um talher que tava molhado, ou um prato que não tava muito seco, elas mostravam pra irmã. Aí ela passava por fora e ia na janela do nosso refeitório, pra chamar atenção e falar que o prato não tava seco.(...) Ela conversava, aconselhava, mas o castigo era ficar sem a cruz. (depoimento de MIA)

A diretora ia todo domingo na classe da gente. Pra fala o que vocês tinham feito de certo e de errado, né? É, e lá tinha uma mania de tirar a cruz, a gente trazia uma cruz no pescoço, né? Eu não lembro, acho que parei pra conversar no corredor, não podia, uma coisa assim. Aí tiraram minha cruz. Eu fiquei sem cruz!

Fazia uma semana que eu não usava. Aí, quando chegou na outra semana, quando a diretora chegou, falou assim: agora vamos ver as cruces, como é que vai ser, como é que é, comportou bem? A outra freira disse: não, porque ela foi buscar o colchão pra arrumar, ela soltou o colchão na escada pra fazer ele rodar¹⁶⁹.

A Mère falou assim: um mês sem cruz! (depoimento de JM)

As penalidades variam de acordo com a infração, mas a mais comum é a punição por falar fora de hora. Segundo algumas entrevistadas, só podem falar o necessário durante o trabalho. O horário específico para conversar é o recreio, que acontece depois do lanche, após as aulas¹⁷⁰. Até a quantidade de recreios das martinhas é menor, se for levado em consideração o número de recreios diários das meninas de Sion. O recreio é o momento de descontração, tornando-se, então, possível sair do prédio e brincar nas alamedas, mas

¹⁶⁹ Esta martinha trabalhava consertando os colchões. O dormitório das meninas de Sion ficava no 3o. andar e a oficina dos colchões no 1o. andar do prédio. Tinham de subir e descer uma escada de madeira, muito limpa, com os colchões pesados (feitos de palha e amarrados nas pontas) para concertar. Brincando e achando que não estavam sendo vigiadas, esta martinha e sua companheira, soltaram o colchão do alto do terceiro andar, sujando assim toda a escadaria.

¹⁷⁰ O horário das aulas podia variar, de acordo com o período estudado. Entre 13:00 e 15:00; ou entre 13:30 e 16:30.

sempre sob vigilância. Após o recreio, voltam para o trabalho. É necessário preparar o jantar.

Três horas a gente tomava café e ia pro recreio. Depois a gente tirava a roupa e ia pro serviço de novo e ali ficava até a hora da janta. ...Depois da janta a gente tinha que lavar toda a louça de novo. Guardava tudo guardadinho. Já deixava tudo prontinho pro outro dia preparar o café. O pão a gente picava de manhã. (entrevistada MJP)

Após um dia permeado de atividades domésticas, as martinhas tomam banho e dormem às 21 horas impreterivelmente. Todos os dias devem seguir a mesma rotina.

Algumas meninas podem sair do Colégio para trabalhar na limpeza da Catedral de Campanha. Estas saídas funcionam como uma gratificação para as mais comportadas. As depoentes lembram com alegria destes momentos em que viam outras pessoas e podiam caminhar pela cidade, no trajeto do Colégio até a Catedral (cerca de três quarteirões).

Tinha o dia que saía também pra ajudar fazer a limpeza da Catedral. Então tinha um dia na semana que ia lá a turma de umas doze, quinze meninas, por aí. Ia junto com a irmã lá pra Catedral. Então, aí nós saía pra rua, pra nois era uma beleza, porque tava saindo pra rua, né? Pra poder limpar, né? Num horário que não era horário de aula. Agora, essas levadas, não saía. Era o castigo delas. (entrevistada MIM)

As saídas do Colégio são comemoradas como grandes momentos de variação da rotina. No meio do ano, quando estão sozinhas com as freiras no Colégio, têm a comemoração do dia de *Santa Marta* (29 de julho). Geralmente é feito um *picnic* com as freiras dentro das terras do Colégio e, neste dia, como gratificação, as martinhas não trabalham.

As permissões para visitas e saídas também são diferenciadas entre meninas de Sion e martinhas. Enquanto as primeiras podem receber visitas todo domingo e, na maioria das vezes, dispor de duas férias por ano, no segundo caso só pode haver geralmente uma visita mensal e só há férias no final do ano, quando, então, têm permissão para encontrar suas famílias. Mesmo assim, só podem sair uma semana depois das meninas de Sion, e

retornam uma semana antes, para organizar o prédio. Em muitos casos, estes são os momentos de abandonar o Colégio, pois percebe - se que muitas não retornam dessas férias.

Embora não existam fotografias sobre os espaços específicos que foram destinados às meninas (dormitório, sala de banho, refeitório), percebe-se a imagem de alguns lugares nos quais elas trabalhavam como também é possível encontrar algumas fotos destas meninas.

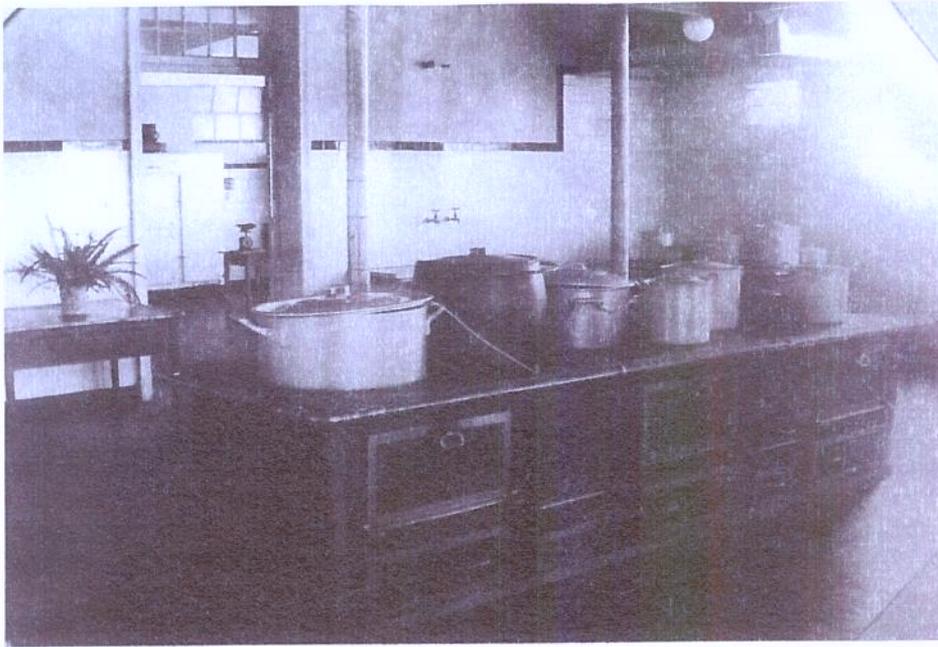


Figura 12

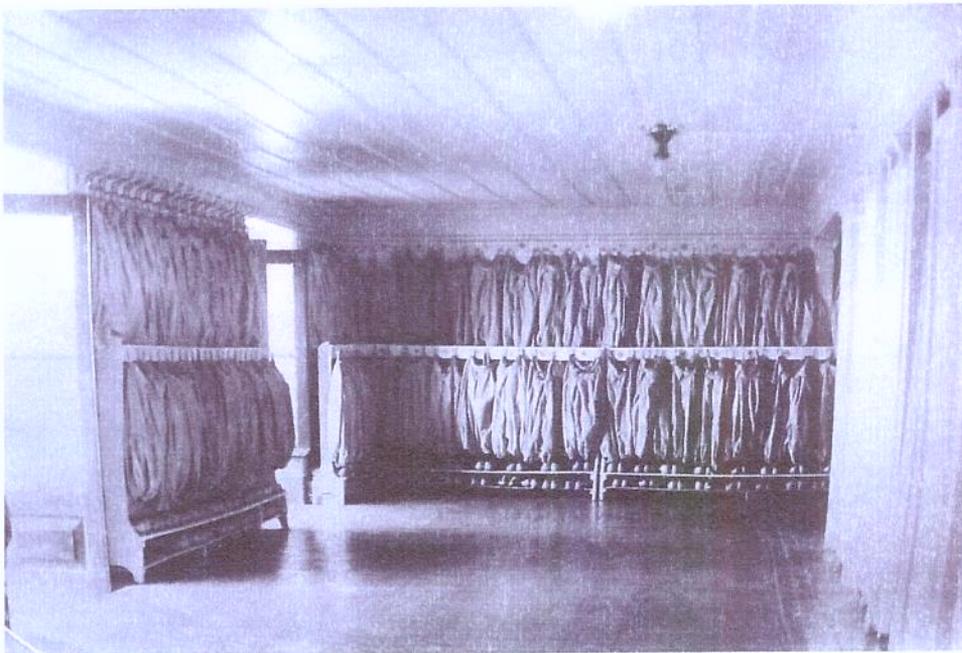


Figura 13

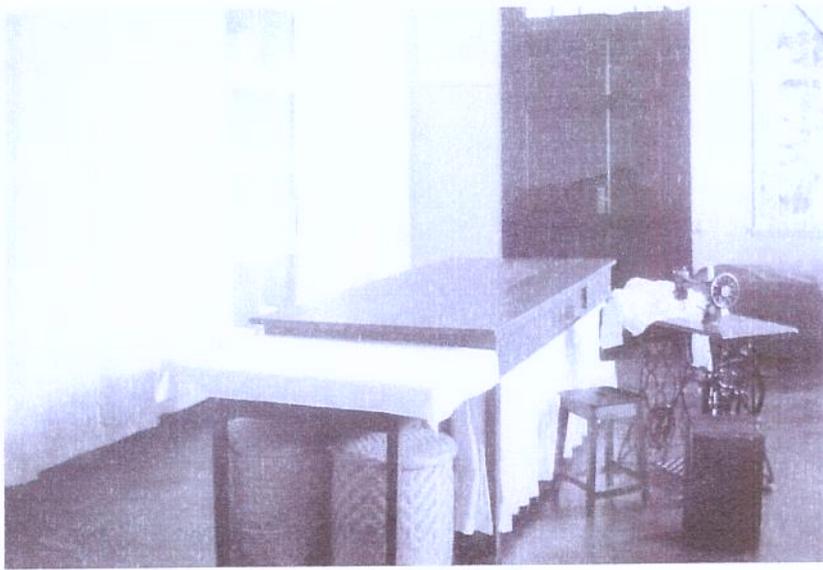


Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17



Figura 18

A partir destas imagens percebe-se a limpeza e a organização dos espaços ou ainda o semblante sempre sério e os uniformes bem arrumados de todas as martinhas. Também verifica - se que era comum uma família colocar todas as suas filhas como martinhas no Colégio Sion, como é o caso da família Almeida (Figura 17). Não só era uma prática que envolvia diversas irmãs, como também poderia passar das mães para suas filhas.

Teve primeiro as cinco irmãs, primas de minha mãe, que se tornaram freiras. Depois a minha tia também foi ser freira. A minha mãe foi Martinha e as minhas duas irmãs. (entrevistada MIA)

Era comum algumas martinhas apresentarem vocação religiosa. Ao longo de todo o período de existência da Instituição, diversas destas meninas foram enviadas para o noviciado no Colégio Sion de Petrópolis. Segundo a caderneta que traz os nomes das martinhas que possuíam vocação, a data em que foram enviadas para Petrópolis e o nome

que adotaram após a ordenação, entre os anos de 1908 e 1944, 26 martas tornaram-se freiras conversas.

Tabela 24 – Martinhas com vocação religiosa:1908-1944

| <i>Nome da martinha</i> | <i>Entrada no Sion</i> | <i>Nome de freira(Soeur)</i> | <i>Partida para o noviciado</i> | <i>Ano em que se tornou freira</i> |
|-------------------------|------------------------|------------------------------|---------------------------------|------------------------------------|
| Hedwige Furtado | 1907 | Ma. Zelma | 1908 | Não consta |
| Antonia R. Sousa | 1908 | Ma. Pedro | 1908 | Não consta |
| Cecilia R. Sousa | 1908 | Idalgina | 1910 | Não consta |
| Ma. da Glória Maciel | Não consta | Marcília | 1912 | 1914 |
| Virgínia Pascini | 1911 | Vitalina | 1916 | 1918 |
| Lydia Bastos | 1913 | Soeur Manoella | 1917 | Não consta |
| Anna Francisca Garcia | 1917 | Ma. Laurinda | 1919 | Não consta |
| Gabriella Costa | 1912 | Dina | 1920 | 1923 |
| Ma. Glória Canelhas | 1913 | Ma. Jovina | 1920 | 1922 |
| Annaleta Sousa | 1916 | Ma. Annaleta | 1920 | Não consta |
| Virgínia Passaro | 1918 | Ma. Agueda | 1920 | 1922 |
| Felislinda Sousa | 1923 | Ma. Clarita | 1926 | 1929 |
| Ma. Joaquina Guerra | 1923 | Ma. Leocadia | 1926 | 1928 |
| Anna Helena Guerra | 1923 | Ma. Joselia | 1928 | 1930 |
| Margarida Guerra | 1923 | Ma. Joselita | 1930 | 1932 |
| Ma. Antonia Ramos | 1924 | Tarcis | 1929 | 1931 |
| Ma. Aparecida Ferreira | 1925 | Ma. Vicente | 1931 | Não consta |
| Etelvina Arantes | 1930 | Ma. Celsa | 1936 | 1938 |

| <i>Nome da martinha</i> | <i>Entrada no Sion</i> | <i>Nome de freira(Soeur)</i> | <i>Partida para o noviciado</i> | <i>Ano em que se tornou freira</i> |
|-------------------------|------------------------|------------------------------|---------------------------------|------------------------------------|
| Guiomar Domingues | 1932 | Ma. Benvinda | 1936 | 1938 |
| Ma. da Glória Paiva | 1935 | Marisia | Não consta | Não consta |
| Francisca Soares | 1936 | Ma. Etelvina | 1941 | Não consta |
| Georgina Arantes | 1934 | Ma. Emerenciana | 1942 | Não consta |
| Inez dos Santos | 1936 | Ma. Idalgina | 1942 | Não consta |
| Cornélia Arantes | 1936 | Ma. Mauría | 1943 | Não consta |
| Hilda Lionel | 1940 | Ma. Reinalda | 1943 | Não consta |
| Rita Oliveira Silva | Não consta | Ma. Edmea | 1943 | Não consta |
| Sebastiana Sousa | 1942 | Ma. Silviana | 1944 | Não consta |
| Sara Fernandes | 1943 | Ma. Josenilda | 1944 | Não consta |

Fonte: caderneta de nomes de martinhas 1905/1945 – acervo particular CNSS/Campanha

Os dados acima explicitam alguns pontos importantes a respeito das martinhas que se tornaram irmãs conversas. Se forem comparados o ano em que entraram no Colégio e a data em que partiram para o noviciado, percebe-se que essas meninas passaram por um longo período em que se prepararam, até que a vocação fosse reconhecida. Quando chegam em Petrópolis passam por um período preparatório de aproximadamente 2 anos até chegarem ao hábito. Notando os sobrenomes das referidas martinhas, percebe-se que algumas eram irmãs ou parentes muito próximas, como é o caso da família *Arantes*: Etelvina, Georgina e Cornélia...

A partir de meados da década de 1950, as martinhas que apresentassem vocação eram encaminhadas para o juvenato instalado no próprio Colégio de Campanha.

As juvenistas continuam realizando as atividades domésticas e convivendo com as martinhas, mas passam a ter um ensino diferenciado.

Aí no outro ano preferi sair das martinhas para ir pro juvenato. Que eu achava que o juvenato era melhor. No juvenato o nosso uniforme era comprido, cinza, tinha uma capinha aqui. E usava uma redinha preta no cabelo. (...) Mas o estudo era melhor. Tinha aula de francês, depois ia ter latim. As juvenistas trabalhavam com as martinhas. Sei que tinha tudo separado: dormitório, refeitório. Aí já não podia misturar com as martinhas. Martinha era martinha, bem ralé mesmo. E a juvenista já tinha um tratamento melhor. (entrevistada GP)

Entrava no juvenato, do juvenato pra freira e aí vinha cuidar de nós. (entrevistada MAL)

Pode-se considerar que sair da condição de pobreza, em que muitas dessas meninas se encontravam junto de suas famílias, e tornar-se freira é uma forma de ascensão social. Mas entre as próprias freiras também existe uma distinção. Há aquelas mais preparadas que se tornam mestras das meninas de Sion, e, por outro lado, aquelas que foram martinhas, as *irmãs conversas* e que se tornam mestras de outras martinhas, pois possuem a pedagogia do trabalho. Para as freiras não haveria nenhum problema em ter esta distinção de funções.

Nossa época dignificou o trabalho manual e não se duvida mais de sua grandeza essencial.

Como toda atividade racional do homem, o trabalho é uma sorte de extensão do poder criador e providencial de Deus, e, na escala dos valores, uma cooperação na execução do plano divino. Mas, para estimar igualmente todas as tarefas materiais, para cumprí-las sempre com perfeita consciência, e ainda mais com entusiasmo e alegria, é preciso, sem dúvida, ter os olhos da alma voltados para as realidades invisíveis, julgar os valores, segundo um critério que não é o nosso da terra, mas o da fé, **aceitar uma hierarquia das ocupações**, respeitar com simplicidade e amor a autoridade, sob qualquer aspecto que se apresente. Nada disso é fácil para um espírito superficial, cheio de si, mas, próprio da alma profunda, essencialmente atenta a Deus, amiga também das manifestações da vontade divina, as mais humildes e secretas, numa palavra, de uma alma evangélica.

Essa fé anima as Irmãs que são principalmente encarregadas dos trabalhos domésticos: enfermaria, portaria, cozinha, rouparia, lavanderia, jardinagem...São elas que, em grande parte, comunicam a cada casa a atmosfera pacífica e acolhedora de onde provém a alegria sincera, onde a oração até parece natural, onde a harmonia e as deferências mútuas

parecem como brotar por si. Para isso só há necessidade de limpeza, de simplicidade, **de ordem**, e de uma organização favorável a todas as atividades particulares, como à atividades particulares, como à atividade geral.(...)

Ao menos, desde já, suas Irmãs de apostolado reconhece que elas contribuam, em grande parte, para as obras mais belas da Congregação e que graças a essa **caridade ativa**, é suave viver na Casa do Senhor. (MONDÉSERT, 1956, grifos meus)

As freiras preparadas para o trabalho manual das *Casas* e que haviam sido martinhas anteriormente são julgadas necessárias para o bom andamento da Instituição. Esta necessidade parte do pressuposto que deve haver uma hierarquia das ocupações, que também ocorre em relação às martinhas e às meninas de Sion, ou até mesmo entre estas e suas *anjas*, para garantir a ordem. Não é apenas uma ordenação dos espaços, mas deve-se pensar em uma abrangência ainda maior: a ordenação da própria sociedade, um princípio que já é proposto desde a Antigüidade por São Paulo:

Assim como num só corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma função, assim, (ainda que) muitos, somos um só corpo em Cristo, e cada um de nós membros uns dos outros. Mas temos dons diferentes, segundo a regra de fé; quem tem o ministério, exerça o ministério; quem tem o Dom de ensinar, ensine; quem tem o de exortar, exorte; o que reparte, faça-o com simplicidade; o que preside, faça-o solícito; o que faz obras de misericórdia, faça - as com alegria. (Epístola aos Romanos. 13, 4 – 8)

Esta idéia de constituição hierárquica do Corpo de Cristo foi fortalecida durante a Idade Média, período também de fortalecimento da própria Igreja Cristã. Para que o *corpo* funcione corretamente, é necessário que cada um aceite com resignação e exerça da melhor maneira a sua função. As justificativas humanas estão todas centradas em Deus e, conseqüentemente, a estratificação social estática é justificada seguindo a ordem divina. Deve-se recordar também que São Paulo afirma que são necessárias a diversidade nas funções humanas, a solidariedade deve existir entre os membros do *corpo*, e a hierarquia eclesiástica é obrigatória e também deve existir obediência aos superiores. Destes, são derivados os conceitos de manutenção das três ordens predominantes no período medieval: o clero, a nobreza e os camponeses (os que oram, os que lutam e os que trabalham), e

ressalta-se não só o pertencimento de todos à ideologia cristã, mas também o seu fortalecimento.

A partir do século XII, as *ordens* começam a tomar outra configuração. Com o fortalecimento da burguesia, uma nova classificação entra então em vigor¹⁷¹. Para pensar as congregações femininas do século XX e esta relação com a aceitação da hierarquização, verifica-se o fortalecimento de um novo conceito, após o surgimento da burguesia: o trabalho. Mas todos os cristãos devem continuar agindo para a estabilidade do *corpo de Cristo*¹⁷².

No universo sionense ocorre a valorização do trabalho; as freiras e alunas trabalhadoras são necessárias, além, é claro, da hierarquização entre elas. Enquanto algumas têm pouco tempo de estudo e muito tempo para trabalhar, outras têm, ao contrário, muito tempo para o estudo. Este discurso de conformidade com a função de cada um dentro do Colégio é notado ainda hoje na fala da maioria das ex-martinhas. Questionadas se consideram uma exploração da Instituição obrigá-las a trabalhar tanto, em troca de tão pouco estudo, respondem:

¹⁷¹ É verdade que a concepção trinitária da ordem divina presidindo o destino das cidades humanas, o sacerdote, o guerreiro, o lavrador – concepção considerada como uma das características essenciais do universo mental dessas sociedades, pode ser reencontrada sem muita dificuldade entre algumas das sombras misteriosas que continuam a cercar a imagem do poder. (...) Verdade ainda que uma certa obsessão da impureza a ser combatida, do mal a ser exorcizado ou da redenção a ser assegurada permanece subjacente ao segundo plano de todos os terrores institucionalizados dos totalitarismos modernos.” (GIRARDET, 1987,p. 178)

¹⁷² “ C’est pour cela qu’il a voulu non seulement former les disciples de sa doctrine, mais les réunir en société et faire d’eux et de leur harmonieux assemblage un seul corps qui est l’Église et dont il serait le Chef. La vie de Jésus-Christ pénètre donc tout l’organisme de ce corps, entretient et nourrit chacun de ses membres, les unit entre eux et les fait tous conspirer à une même fin, bien qu’ils n’aient pas à remplir tous les mêmes fonctions. Il suit de là que l’Église, société parfaite, très supérieure à toute autre société, a reçu de son auteur le mandat de combattre pour le salut du genre humain comme une armée rangée en bataille. (Leão XIII, *Sapientiae Christianae*, 10/01/1890)

A não ser a saudade que eu sentia de casa, eu gostei. Adorava um café que tinha lá (risos). Já estava acostumada a trabalhar em casa, tava acostumada a ajudar minha mãe, a tomar conta dos meus irmãozinhos. Então, se eu trabalhasse um pouquinho mais eu não achava que tava me explorando, não. Só que eu sentia muita saudade de casa, né? (entrevistada DM)

Ah! Eu acho que não, porque era bastante martinha, e o serviço num tocava muito pra cada um, não. Não sei se é porque a gente trabalha a vida inteira, não acha difícil, né? O que eu fazia lá eu nunca achei difícil, não. (entrevistada MIM)

Bom, a gente não percebia, a gente aceitava escutar. Sim, senhora! Não, senhora! Mas depois que a gente vem vendo muitas aí, muitas que não tinha o temperamento que a gente tinha, sentiu que isso era um pouco esforçado mesmo, esforçava sim. Aquilo era muito grande, e era pouca gente, era cada coisa no seu determinado lugar e tinha horário pra tudo, né? Um pouco era bom que você aprendia, mas o pouco tempo a gente ficava cansada. Mas alimentava muito bem, a comida era boa. Comia muito bem, tudo, tinha seu recreio, brincava muito bem, a gente saía, o bando todo junto. (...) Pra gente poder ficar, aquelas que queriam ficar então obedeciam muito pra poder aprender. Porque eu fiz tudo isso porque eu queria aprender, então quando eu voltei pro meu lugar, eu continuei fazendo isso. (entrevistada MAL)

Mas era muito bom. No fundo a gente gosta de disciplina. Foi o meu melhor tempo. (entrevistada MJP)

Apenas uma entrevistada percebe a exploração de seu trabalho. Deve-se considerar que a mesma já trabalhava como empregada doméstica desde criança, anteriormente à sua entrada no Colégio Sion, e continuou exercendo esta atividade por muitos anos ainda. Além disso, conheceu outros lugares (São Paulo, Rio de Janeiro), teve várias patroas, e disse:

Ah, eu acho. Imagina, trabalhar de graça ali em troca de um pouco de estudo. O que que eu aprendi lá? Não aprendi nada. (...) A educação que tive foi o mundo que me criou.(...) Eu já tava ganhando o meu dinheiro quando fui pra lá. Já sabia o valor do dinheiro. Pensa bem, ficar o ano inteirinho trabalhando sem receber, ali, com castigo. Feito um burro de carga. Sabe, quando você tem um boi com aquelas. Quer dizer, você é obrigada ali a cumprir horário, cumprir tudo, morrendo de fome, você ter que esperar o almoço. Só serviço, só serviço. Ah, pelo amor de Deus! Roupas de baixo! Você não ter o prazer de ter uma roupa nova, ter que usar a roupa dos outros. Roupa usada, pensa bem. (...) Todo final de ano tinha aquelas trouxinhas determinada para cada pessoa – resto das meninas. Pasta de dente, uma colega minha que dava pasta de dente. Senão, Lavava

com sabonete. E quando eu via aquelas meninas caindo na Capela? Pensa bem, de seis e meia da tarde até de manhã sem comer. Aí desmaiavam de fome. Puxa vida! (...)

Tanto a gente não tinha valor, só tinha valor pra trabalhar que não tem nada falando da gente, como você disse. Sem direito a nada.

A gente nem miséria não ganhava. Era uma escravidão, mas tinha gente que gostava. Primeiro porque era um pouquinho melhor. Tinha gente na roça que podia. Agora a gente, tinha que pegar uns anjos carrasco, aí que sofria mesmo.

Achava que tinha que ter um incentivo pra gente continuar lá. Eles acham que aquilo tudo era educação. É uma vergonha! Não vi educação nenhuma nisso. Eu tinha medo e por isso não consegui perder cruz, não.

Eu não gostei. Sinceramente, não gostei. (entrevistada GP)

Educação e trabalho

Nos séculos XIX e XX a educação torna-se quase um *centro de gravidade da vida social*. A escola é percebida cada vez mais “(...)um núcleo mediador da vida social, onde se ativam tanto integrações quanto inovações, tanto processos de re-equilíbrio social quanto processos de reconstrução mais avançada ou de ruptura.” (CAMBI, 1999, p. 381)

Ainda segundo este autor, a educação recebe conotações teóricas (*orientações de valor, modelos de formação*), práticas (*estratégias e táticas*), mas também é produtora e divulgadora de ideologia. No período contemporâneo, a educação é colocada como direito universal do homem, e o trabalho figura-se como uma atividade específica deste mesmo homem. Educação e trabalho são então reunidos em um mesmo espaço.

Tratou-se, sobretudo, de abrir espaço nas escolas para o trabalho, ora entendido como trabalho pedagógico (feito em classe, capaz de valorizar a habilidade manual do estudante, destinado a reunificar o pensamento e o fazer, não – produtivo), ora como trabalho produtivo *tout court*, para ser exercido em locais específicos (oficinas) ligados à escola e capazes de introduzir nela uma fase que não é uma *bricolagem*, mas um trabalho real. (CAMBI, 1999, p. 396)

Para a elite, a educação dos trabalhadores figura-se necessária para que se formem profissionais capazes, com o espírito produtivo e com espírito de *ordem*. Para os trabalhadores, a difusão da educação é considerada uma forma de emancipação, de tomada de consciência. Neste sentido, a capacitação das martinhas pela educação e trabalho é interessante para orientá-las e capacitá-las nesta ordem burguesa. Por outro lado, esta

educação mostra-se como única oportunidade de educação formal para a maioria destas meninas. O Colégio Sion de Campanha ao dividir e diferenciar a educação das meninas de Sion e das martinhas reproduz a divisão do trabalho contemporâneo.

Marx e Engels, em a *Ideologia Alemã* e depois no *Manifesto*, sublinham que a educação é estreitamente dependente da sociedade, isto é, da classe dominante. A escola, como qualquer outra instituição social e como a própria cultura, é um instrumento ideológico que exprime a concepção do mundo e os interesses socioeconômicos da classe no poder. Portanto, ela reflete e confirma uma nítida divisão entre as classes sociais (burguesia e proletariado), para as quais existem orientações escolares diferenciadas, bem como veicula uma cultura abstrata e idealista, que se baseia na divisão do trabalho.” (CAMBI, 1999, pp. 483-484)

Na sociedade capitalista, o trabalho é explorado e a força de trabalho recebe sempre um valor menor do que seria merecido. As martinhas recebem a educação em troca de seu trabalho, mas o pagamento também é menor, já que as horas de estudos são bem menores do que as horas de trabalho diário. Mesmo participando da necessidade de ordenação social presente desde a Antiguidade, também funciona como uma estratégia de sobrevivência e de aprendizado destas meninas, com a preparação para o trabalho.

Conclusão

Para empreender a presente pesquisa foi necessário rever várias questões acerca do emprego das fontes para a construção histórica. A opção foi pela diversificação das fontes, procurando-se trabalhar com o universo heterogêneo das fontes encontradas, e historicizar a implantação do Colégio Nossa Senhora de Sion na cidade de Campanha. As fontes são diversas (escritas, iconográficas, arquitetônicas, orais) e sempre deve procurar pensar na Instituição Educacional, não deixando de lado a sua inserção em um contexto mais amplo.

Pressupõe-se que as fontes sejam todos os vestígios deixados pela atividade do homem, proporcionando então dados acerca do desenvolvimento da sociedade humana no tempo. Elas podem ser de tipos distintos, produzidas direta ou indiretamente, ou seja, aquelas que foram constituídas a partir da intencionalidade de dar uma informação à posteridade, ou ainda aquelas que não provêm desta intenção. Mas todas as fontes, diretas ou indiretas, proporcionam uma determinada visão de um determinado tempo.

Partindo destes pressupostos, procurou-se trabalhar a diversidade das fontes encontradas para a presente pesquisa:

- Através da Internet foram levantados os relatórios de presidentes da Província/Estado de Minas Gerais e diversos documentos papais. O computador permite investigações ao historiador, cuja realização seria impossível em um passado não muito distante.
- No acervo do Centro de Memória Cultural do Sul de Minas¹ foram levantadas as Atas de notas e matrículas das meninas de Sion e algumas fotografias.
- No Centro de Estudos Campanhenses Monsenhor Lefort², foram encontradas as notícias dos diversos jornais levantados, bem como os *Almanachs*, imprescindíveis

- para trabalhar a História de Campanha e também a sua educação no século XIX e XX.
- Houve também a possibilidade de consultar ao acervo particular da Congregação Nossa Senhora de Sion de Campanha, local onde foram encontradas as fontes mais importantes para o estudo da citada Instituição Escolar. Dentre elas, destacam-se as cadernetas de anotações das freiras, diários, livro de redações, programas de festas, menções honrosas e diversas fotos das meninas de Sion, martinhas, freiras e espaços escolares.
- Finalmente, na impossibilidade de encontrar muitas fontes acerca das martinhas, utilizou-se a história oral.

Todas as fontes encontradas foram inicialmente digitalizadas. Depois da leitura das mesmas, ocorreu o cruzamento dos dados coletados com as leituras bibliográficas realizadas, finalizando com a escrita da presente dissertação. Em todos os capítulos estiveram presentes discussões acerca das fontes e da metodologia de pesquisa utilizadas. Tais fontes foram imprescindíveis para fundamentar a discussão pretendida nesta dissertação. Devido à diversidade, a metodologia privilegiou as fontes utilizadas em cada momento da pesquisa.

Buscou-se trabalhar as especificidades do particular, local, sempre inserido em uma história mais ampla, geral. Somente a partir deste pressuposto compreende-se a necessidade de estudar a história de uma Instituição Escolar implantada na pequena cidade de Campanha, mas que dialoga com o país e o mundo de sua época. Os pressupostos metodológicos partem da discussão dialética, pensando uma Instituição específica (Colégio Nossa Senhora de Sion), de um determinado lugar (Campanha) e dialogar com o momento mais amplo de instituição do ensino confessional feminino. Ao dialogar o geral e o específico historicamente, compreende-se a necessidade de implantação do Colégio Nossa Senhora de Sion na cidade de Campanha.

Esta dissertação teve então a finalidade de compreender o momento de instalação do citado Colégio na pequena cidade de Campanha, em Minas Gerais. Para

realizar tal empreitada, discutiram-se as relações do ideário liberal e também dos desdobramentos do ultramontanismo no Brasil. Embora com princípios distintos, tanto o liberalismo quanto o ultramontanismo foram adaptados à realidade brasileira, principalmente aos anseios da elite.

Ao partir desses pressupostos, foi possível chegar à conclusão de que a instalação do Colégio em Campanha não aconteceu espontaneamente, mas esteve dentro dos anseios tanto de políticos liberais, quanto de eclesiásticos e leigos ultramontanos. Na verdade, o discurso liberal e o discurso ultramontano não seriam excludentes, já que ambos previam o fortalecimento da *ordem* pela educação.

A cidade de Campanha foi econômica, cultural e politicamente influente na região sul - mineira em todo o século XIX. Para comprovar esta importância, analisou-se esta influência, principalmente através da educação. A preocupação com a educação foi uma constante na referida cidade, sempre ligada aos anseios políticos locais, principalmente aqueles ligados ao Partido Conservador ou ao Partido Republicano. Foram analisados, então, os diversos tipos de educação oferecidos na cidade durante todo o século XIX, desde as primeiras aulas avulsas de Latim, passando pela implantação das escolas de primeiras letras (masculinas e femininas), até a Escola Normal.

Na cidade existiram diversas tentativas de ensino secundário particular, mas todas as escolas tiveram caráter efêmero, devido ao fato de todos os professores possuírem outras ocupações mais rendosas (médicos, advogados ou padres). Além disso, tiveram pouca ajuda financeira da província, e também pelo fato dos pais dos alunos não poderem dispor de quantias altas para a educação de seus filhos.

Paralelamente, no século XIX, um único colégio privado teve longa duração na cidade (mais de 40 anos): o Colégio Marianno. Praticava o ensino feminino de Primeiras Letras e era gerenciado por um grupo de professoras/irmãs, as quais tinham esta como única atividade e congregavam as suas disciplinas e idéias com o discurso católico local. O

ensino desta família teve longa durabilidade, sendo enfraquecido somente com a chegada das irmãs de Sion na cidade.

Todas as meninas do Colégio Marianno que desejavam instruir-se mais eram encaminhadas para a Escola Normal da cidade. Esta funcionava no mesmo prédio do Externato Campanhense, ambos de caráter *público*, atendendo a pessoas da elite sul-mineira, como também recebendo pouca verba da Província. Somente pessoas com recursos conseguiam manter os seus filhos nessas escolas, devido ao alto custo dos livros e à necessidade de sustentá-los em pensionatos, para aqueles que provinham de outras localidades.

As diversas visões encontradas acerca da utilidade da manutenção da Escola Normal em Campanha demonstram a precariedade do ensino desta época. Enquanto alguns políticos e periódicos locais lutavam por reformar, manter e preservar a referida escola, o poder provincial/estatal tentava sempre demonstrar os altos gastos com a mesma e a má qualidade do ensino praticado. A participação dos seus professores e do diretor no Movimento Separatista Sul Mineiro de 1892 foi um divisor de águas para a escola. A partir deste momento o que se percebe são tentativas frustradas de manutenção deste tipo de ensino: alunos de ambos os sexos, na forma de externato e público.

A implantação do Colégio Nossa Senhora de Sion na cidade de Campanha veio suprir os anseios da população local. Supria a instabilidade de manutenção da Escola Normal, demonstrando então que somente por meio dos internatos seria possível retirar os educandos das más influências do mundo exterior, onde cada um teria tempo suficiente para desenvolver as suas aptidões educativas. O final do século XIX e o início do XX já discursava que o ensino primário deveria ser ministrado pelas mulheres, mais gentis, afetivas e maternais. Cabia então implantar na cidade de Campanha uma escola interna, feminina, para o ensino secundário, especificamente o curso normal.

O ensino confessional feminino tornou-se, assim, o ideal para proporcionar mecanismos de adaptação da mulher em um novo mundo urbanizado. Era necessário

adequar a mulher aos anseios desta sociedade, ou seja, ela deveria saber como comportar-se na sociedade urbanizada. Ela seria também usada como instrumento de multiplicação do discurso religioso católico. As congregações religiosas femininas educativas foram essenciais nesta preparação da mulher para este mundo urbanizado bem como na multiplicação de boas esposas, mães e também professoras para assegurar e expandir o discurso do catolicismo.

Por outro lado, o *microcosmo* do Colégio Nossa Senhora de Sion também refletia as relações sociais mais gerais. Era o particular refletindo o geral, de uma forma dialética. O mundo capitalista refletia as divisões sociais e a exploração do trabalho. Esta relação também acontecia no pequeno universo do Colégio estudado. Isto podia ser visto na divisão social entre freiras, meninas de Sion e martinhas, como também até no interior de cada uma destas categorias.

A exploração do trabalho com finalidade educacional ocorreu principalmente com a oferta de educação para as martinhas em troca de sua preparação para o mercado doméstico. Mas esta exploração não era sentida na maioria dos casos, pois, além de já estarem habituadas ao trabalho doméstico em suas próprias casas, havia já um ideário de conformação com a sua própria situação social. Ideário que a Igreja já pregava desde a Antigüidade; bastava adaptá-lo às condições do novo mundo, valorizando então o universo do trabalho.

Analisando as relações da instalação do Colégio na cidade de Campanha, pela política, a economia e a sociedade neste momento, conclui-se que ele veio ao encontro dos anseios de sua época. Embora o ultramontanismo do século XIX tenha se fortalecido pelas perseguições às novas idéias deste momento, na tentativa de assegurar e até aumentar o número de fiéis, a Igreja teve que adaptar-se também a este novo mundo. A adaptação pelo ensino feminino confessional preservava um velho discurso: a universalidade e a necessidade de expansão constante do catolicismo.

A análise da Instituição feminina nesta dissertação demonstrou que a implantação do Colégio Nossa Senhora de Sion em Campanha foi uma necessidade política, com a participação direta de políticos locais na negociação da vinda das freiras. Tais políticos estavam diretamente ligados ao processo de fechamento da Escola Normal local e à repreensão aos participantes do Movimento Separatista de 1892. O descrédito a estes participantes gerou diretamente o enfraquecimento das idéias separatistas sul – mineiras. Por outro lado, o Colégio Sion seria uma escola ideal para educar as filhas dos políticos locais para a vida na sociedade urbanizada e também preparava estas meninas para grandes casamentos políticos, enquanto finos objetos de barganha entre os seus pais e os futuros maridos.

A cidade enfraquecida economicamente no século XIX necessitava de uma Instituição que elevasse o nome da cidade novamente. O Colégio Sion de Campanha gerou lucros diretos para a cidade. Trouxe visitantes (pais de alunas), gerou empregos (funcionários efetivos do Colégio, pessoas que trabalharam nas reformas do prédio, etc.) e se abasteceu da agricultura e da pecuária local.

Socialmente, a cidade de Campanha também foi influenciada pela chegada da Congregação Nossa Senhora de Sion. Além de instituir ou reforçar a cultura francesa na cidade, fortalecer a religiosidade local, preparou tanto meninas ricas quanto pobres para o futuro, moldadas dentro dos princípios sionenses. Cabia às Meninas de Sion um futuro de boas esposas, mães e professoras competentes.. Às Martinhas, reservava um futuro de esposas ou empregadas domésticas organizadas, limpas, aptas ao serviço.

A instalação do Colégio Nossa Senhora de Sion em Campanha foi, portanto, uma necessidade política, econômica e social da região sul – mineira no início do século XX. Por trás desta necessidade colocava-se o fortalecimento do discurso ultramontano local.

Bibliografia:

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998

_____. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Dermeval, SOARES, Jane de Almeida, SOUZA, Rosa Fátima de e VALDEMARIN, Vera Teresa(orgs.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004

_____. Vestígios para uma reinterpretação do magistério feminino em Portugal e no Brasil a partir do século XIX. In: SAVIANI, Dermeval, SOARES, Jane de Almeida, SOUZA, Rosa Fátima de e VALDEMARIN, Vera Teresa(orgs.). **O legado educacional do século XIX**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006

ALVES, Manoel. A escola católica, uma história de serviço ao povo e à nação brasileira. In: **Revista Diálogo Educacional**. V. 3, n.07, p. 37-62, set/dez, 2002. Disponível em: www.pucpr.br/multimedia/mestr_educacao/n_7/artigo3.pdf . Acesso em 19 de julho de 2006.

ALVES, Márcio Moreira. **L' Église et la politique au Brésil**. Paris: CERF, 1974

ANDRADE, Marcos Ferreira de. **Família, fortuna e poder no Império do Brasil – Minas Gerais – - Campanha da Princesa (1799-1850)**. Tese de doutorado. Niterói: Programa de Pós -graduação em História/Universidade Federal Fluminense, 2005

ANDRADE, Marcos Ferreira de e CARDOSO, Maria Teresa Pereira. A vila da Campanha da Princesa: fontes para a história do Sul de Minas. In: **Varia História**. Belo Horizonte: Revista do Departamento de História da UFMG, no. 23, pp. 214-233, julho de 2000.

APPLETON, Robert (org.). **The Catholic Encyclopedia**. 1907. Disponível em: www.encyclopediacatolica.com . Acesso em 20 de junho de 2006

ARAÚJO, José Carlos Souza e GATTI JR., Décio (orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira. Instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002

ARNAUT, Luiz. A ordem legal e a desordem republicana. In: LOPES, Ana Amélia; GONÇALVES, Irlen; FARIA FILHO, Luciano e XAVIER, Maria do Carmo (orgs.). **História da educação em Minas Gerais**. Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002

ASSIS, Raquel Martins e CAMPOS, Regina Helena de Freitas. O projeto educativo de D. Antônio Ferreira Viçoso na cidade de Mariana (1844-1875). In: LOPES, Ana Amélia; GONÇALVES, Irlen; FARIA FILHO, Luciano e XAVIER, Maria do Carmo (orgs.). **História da educação em Minas Gerais**. Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. 3a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999

AZZI, Riolando. O Concílio Vaticano II no contexto da Igreja e do mundo: uma perspectiva histórica. In: MOREIRA, Alberto; RAMMINGER, Michael e SOARES, Afonso Ma. Ligorio (orgs.). **A primavera interrompida. O projeto Vaticano II num impasse**. Bragança Paulista, SP: Instituto Franciscano de Antropologia, 2006. Disponível em: www.servicioskoinonia.org/LibrosDigitales/LDK/LDK2.pdf. Acesso em 19 de julho de 2006

AZZI, Riolando e REZENDE, Maria Valéria. A vida religiosa feminina no Brasil colonial. In: AZZI, Riolando (org.). **A vida religiosa no Brasil. Enfoques históricos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983

BARROS, Armando Martins de. Os álbuns fotográficos com motivos escolares: veredas ao olhar. In: GATTI Jr., Décio e INÁCIO FILHO, Geraldo (orgs.). **História da educação em perspectiva – ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Uberlândia, MG: EDUFU; Campinas, SP: Autores Associados, 2005

_____. **Educando o olhar: notas sobre o tratamento das imagens como fundamento na formação do pedagogo**. Disponível em: www.eca.usp.br/nucleos/nce/pdf/020.pdf Acesso em 22 de dezembro de 2005

BASTOS, Maria Helena Camara. Espelho de papel: a imprensa e a história da educação. In: ARAÚJO, José Carlos e GATTI JR, Décio (orgs.). **Novos temas em história da educação. Instituições escolares e educação na imprensa**. Uberlândia: EDUFU; Campinas: Autores Associados, 2002.

BENCOSTA, Marcus Levy Albino (org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005

BEOZZO, José Oscar. Decadência e morte, restauração e multiplicação das ordens e congregações religiosas no Brasil (1870-1930). In: AZZI, Riolando (org.). **A vida religiosa no Brasil. Enfoques históricos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1840-1910). In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo: V.30, no. 3, p. 457-491, dez. 2004

- BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997.
- BOEHRER, George C. A. **Da monarquia à República. História do Partido Republicano do Brasil (1870-1889)**. Tradução de Berenice Xavier. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e cultura/ Serviço de Documentação, s/d
- BONATO, Nailda Marinho da Costa. **A escola profissional para o sexo feminino através da imagem fotográfica**. Tese de Doutorado. Campinas, SP: Faculdade de Educação, UNICAMP, 2003
- BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e fotografia**. 2a.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005
- BORGES, Vera Lúcia Abrão. Subsídios para a história da formação docente no Brasil. Minas Gerais (1892 a 1930). in: GATTI Jr., Décio e INÁCIO FILHO, Geraldo (orgs.). **História da educação em perspectiva – ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Uberlândia, MG: EDUFU; Campinas, SP: Autores Associados, 2005b
- BOSCHILIA, Roseli. A escola, o ensino e o rito: cultura escolar e modernidade. In: ALMEIDA, Malu (org.). **Escola e modernidade: saberes, instituições e práticas**. Campinas, SP: Alínea, 2004
- BUFFA, Ester. Práticas e fontes de pesquisa em história da educação. In: GATTI Jr., Décio e INÁCIO FILHO, Geraldo (orgs.). **História da educação em perspectiva – ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Uberlândia, MG: EDUFU; Campinas, SP: Autores Associados, 2005
- CAES, André Luiz. **As portas do inferno não prevalecerão : a espiritualidade católica como estratégia política**. Tese de Doutorado. IFCH/UNICAMP, fevereiro de 2002
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999
- CARDOSO, Ciro Flamarion e MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história. Ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História – ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997
- CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem – teatro de sombras**. 4a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003
- _____. **A formação das almas. O imaginário da República no Brasil**. 13 ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003b

CARVALHO, Marina Machado. **A imagem e a educação da mulher no positivismo. Um estudo da condição feminina na filosofia de Auguste Comte.** Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação/USP, 1991.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de e NUNES, Clarice. **Historiografia da educação e fontes.** Cadernos ANPED, no. 5, set. 1993, pp. 7-64

CASADEI, Thalita de Oliveira e CASADEI, Antônio. **Aspectos históricos da cidade de Campanha.** Petrópolis: Editora Gráfica Jornal da Cidade, 1989

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. A família do Sion: memórias de mulheres católicas. In: **Histórica revista eletrônica do arquivo do Estado de São Paulo.** São Paulo, v.11, junho de 2006. Acesso em 21 de novembro de 2006. Disponível em: www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao11/materia01/texto01.pdf Acesso em 23 de julho de 2005.

CHARTIER, Anne Marie. Culture scolaire et savoirs. Approche historique. In: Ville-Ecole-Intégration Enjeux, no. 133, juin 2003. Disponível em: www.cndp.fr/archivage Acesso em 23 de julho de 2005.

COLOMBO, Maria Alzira Soares. **Luzes e sombras. Uma visão da educação feminina no final do século XIX e início do XX.** São Paulo: AllPrint, 2006

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República – momentos decisivos.** 7a. ed. São Paulo: UNESP, 1999

CRÉPY, Alexandra; FLORANTIN, Gaëlle e TURPIN, Alexandra. **L' Eglise catholique et la modernité dans la seconde moitié do XIXe siècle.** In: Dissertation, 2004. Disponível em: www.perso.orange.fr/david.colon/scpoS2/page5.htm. Acesso em 20 de maio de 2006.

CUNHA, Maria Iza Gerth. **Educação feminina numa instituição total confessional católica – colégio Nossa Senhora do Patrocínio.** Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, 1999.

DE DECCA, Edgar Salvadori. Narrativa e História. In: SAVIANE, Demerval, LOMBARDI, José Claudinei e SANFELICE, José Luís (orgs.). **História e História da Educação – o debate teórico-metodológico atual.** 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico.** Campinas, SP: Papyrus, 1993

FARIA FILHO, Luciano Mendes. O processo de escolarização em Minas: questões teórico-metodológicas e perspectivas de análise. In: VEIGA, Cynthia e FONSECA, Thais (orgs.). **História e historiografia da educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003

FARIA FILHO, Luciano Mendes. O jornal e outras fontes para a história da educação mineira do século XIX: uma introdução. In: ARAÚJO, José Carlos e GATTI Jr., Décio (orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira. Instituições escolares e educação na imprensa.** Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, NG: EDUFU, 2002

_____. O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões. In: **Revista da Faculdade de Educação.** v.24, no. 01. São Paulo: jan/jun, 1998. Disponível em: www.fe.usp.br/publicacoes/sumario.htm . Acesso em 23 de julho de 2005

_____. **Dos pardieiros aos palácios. Cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República.** Passo Fundo: UPF, 2000

FERREIRA, Antonio Gomes Alves. Modernidade, higiene e controle médico da infância e da escola. In: ALMEIDA, Malu (org.). **Escola e modernidade: saberes, instituições e práticas.** Campinas/SP: Alinea, 2004

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). **Uso e abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2ª. ed., 1998

FLEISHER, David V. A cúpula mineira na República Velha. In: MONTEIRO, Norma de Góes. **Anais do V Seminário de Estudos Mineiros. A República Velha em Minas Gerais.** Belo Horizonte: UFMG / PROED, 1982

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. **História e ensino de história.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004

FRANCO Jr., Hilário. Introdução. In: VARAZZE, Jacopo de. **Legenda Aurea. Vidas de Santos.** São Paulo: Cia. Das Letras, 2003

FRAGO, Antônio Viñao. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. In: no.0, **Revista Brasileira de Educação,** ANPED, set/out/nov/dez 1995.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o contratador dos diamantes. O outro lado do mito.** São Paulo: Cia. Das Letras, 2003

GATTI Jr., Décio. Reflexões teórico- metodológicas sobre a pesquisa histórico-educacional no campo das instituições educacionais. In: LOPES, Ana Amélia; GONÇALVES, Irlen; FARIA FILHO, Luciano e XAVIER, Maria do Carmo (orgs.). **História da educação em Minas Gerais.** Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002

GATTI Jr., Décio. A História das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAÚJO, José Carlos e GATTI Jr., Décio. **Novos temas em História da Educação brasileira – instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002b

GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. A cultura clerical e a folia popular. Estudo sobre o catolicismo brasileiro nos finais do século XIX e início do século XX. In: **Revista Brasileira de História**. v 17, no. 34. São Paulo: 1997. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0102-01881997000200010 Acesso em 23 de julho de 2005.

GAJANO, Sofia Boesch. Santidade. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean- Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial, 2002. V. II. pp. 449-463

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia das Letras, 1987

GOELLNER, Silvana Vilodre. Da criança de hoje depende o Brasil de amanhã: raça e gênero na educação física brasileira no início do século XX. In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck e CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira (orgs.). **A educação escolar em perspectiva histórica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005

GOMES, Marco Antonio de Oliveira. **Vozes em defesa da ordem: o debate entre o público e o privado na educação (1945-1968)**. Dissertação de mestrado. Campinas, SP: programa de pós- graduação em educação, UNICAMP, 2001

GONÇALVES NETO, Wenceslau. Imprensa, civilização e educação: Uberabinha (MG) no início do século XX. In: ARAÚJO, José Carlos de Souza e GATTI Jr., Décio (orgs.). **Novos temas em história da educação no Brasil. Instituições escolares e educação na imprensa**. Uberlândia: EDUFU; Campinas: Autores Associados, 2002

GONÇALVES NETO, Wenceslau e CARVALHO, Carlos Henrique de. O nascimento da educação republicana: princípios educacionais nos regulamentos de Minas Gerais e Uberabinha (MG) no final do século XIX. In: GATTI Jr., Décio e INÁCIO FILHO, Geraldo (orgs.). **História da educação em perspectiva – ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Uberlândia, MG: EDUFU; Campinas, SP: Autores Associados, 2005

GONDRA, José G. Medicina, higiene e educação escolar. In: FARIA FILHO, Luciano; LOPES, Eliana Marta e VEIGA, Cynthia (coords.). **500 anos de educação no Brasil**. 3a. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

GONDRA, José (org.). **Dos arquivos à escrita da história: a educação brasileira entre o Império e a República no século XIX**. Bragança Paulista/SP: Editora da Universidade São Francisco, 2001

INÁCIO FILHO, Geraldo. Escola para mulheres no triângulo mineiro (1880 – 1960). In: ARAÚJO, José Carlos Souza e GATTI JR., Décio (orgs). **Novos temas em história da educação brasileira. Instituições escolares e educação na imprensa.** Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002

KUHLMAN Jr., Moisés. História da infância: Brasil e modernidade. In: ALMEIDA, Malu (org.). **Escola e modernidade: saberes, instituições e práticas.** Campinas, SP: Alínea, 2004

LAGOSTERA, Ana; CECCOTTI, Heloísa Maria e VICENTINI, Regina Aparecida Blanco. **Teses e dissertações da UNICAMP: diretrizes para normalização do documento impresso e eletrônico.** Campinas: UNICAMP, 2005. Disponível em: www.iar.unicamp.br/pg/forms/Manual_Normalizacao_Teses_Dissertacoes_UNICAMP.pdf Acesso em 29 de julho de 2006

LE GOFF, Jacques. Memória - História. In: **Enciclopédia Einaudi.** Porto: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984, v. I

LOMBARDI, José Claudinei. Público e privado como categorias de análise em educação? Uma reflexão desde o marxismo. In: LOMBARDI, José Claudinei; JACOMELI, Mara Regina e SILVA, Tânia Mara (orgs.). **O público e o privado na história da educação brasileira. Concepções e práticas educativas.** Campinas, SP: Autores Associados; HISTEDBr; UNISAL, 2005

LOPES, Almir Reis Ferreira. **Os protestantes entre nós – um estudo de caso em Campanha/MG – séc. XIX.** Monografia de pós-graduação lato-sensu. Três Corações (MG), UNINCOR, 2003

LOPES, Eliana Marta S. Teixeira. **Perspectivas históricas da educação.** São Paulo: Ática, 1986

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary e BASSANEZI, Carla (orgs.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997

LOYN, H. R. (org.). **Dicionário da Idade Média.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). **Uso e abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2ª. ed., 1998

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003

MAGALHÃES, Justino. A história das instituições educacionais em perspectiva. In: GATTI Jr., Décio e INÁCIO FILHO, Geraldo (orgs.). **História da educação em perspectiva – ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Uberlândia, MG: EDUFU; Campinas, SP: Autores Associados, 2005

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação da antigüidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 1992

MANOEL, Ivan. **A Igreja e a educação feminina (1859-1919). Uma face do conservadorismo**. São Paulo: Editora UNESP, 1996

_____. **O pêndulo da história. Tempo e eternidade no pensamento católico (1800 – 1960)**. Maringá, Pr: EDUEM, 2004

MENDES, Jairo Faria. Memória dos jornais mineiros do século XIX: revisão crítica das fontes historiográficas. In: **III Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**. N. Hamburgo, RS: 2005. Disponível em: www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/midiologia/jairofariamendes.doc. Acesso em 20 de julho de 2006.

MOACYR, Primitivo. Minas Gerais. In: **A instrução e as províncias. Subsídios para a história da educação no Brasil (1834-1889)**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1940. pp. 64-227

MONARCHA, Carlos (org.). **História da educação brasileira. Formação do campo**. Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 1999

MONDÉSERT, Claude. **As religiosas de Nossa Senhora de Sion**. Lion, França: M. Lescuyer et fils, 1956

MONTEIRO, Norma de Góes (coord.). **V Seminário de Estudos Mineiros. A República Velha em Minas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG/ PROED, 1982

MONTEIRO, Regina Maria. Civilização e Cultura: paradigmas de nacionalidade. In: **Cadernos CEDES**. V. 20, no. 51, Campinas: nov.2000. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n51/a04v2051.pdf Acesso em 23 de julho de 2005.

MOREIRA, Luciano da Silva. Tipografias e espaço público na Província de Minas Gerais (1828-1824). In: **I Seminário Brasileiro sobre livro e história editorial**. Rio de Janeiro, RJ, 2004. Disponível em: www.livroehistoriaeditorial.pro.br . Acesso em 20 de março de 2006.

MOURA, Geovana Ferreira Melo. **Por trás dos muros escolares: luzes e sombras na educação feminina (Colégio Nossa Senhora das Dores – Uberaba, 1940/1966)**. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Uberlândia, 2002

MOURA, Pe. Laércio Dias de. **A educação católica no Brasil**. 2a. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000

MOURÃO, Paulo Kruger Corrêa. **O ensino em Minas Gerais no tempo do Império**. Belo Horizonte: Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais, 1959.

_____. **O ensino em Minas Gerais no tempo da República**. Belo Horizonte: Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais, 1962

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. **Um toque de gênero: história e educação em Minas Gerais (1835-1892)**. Brasília: Editora Universidade, 2003

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. 2a. ed., São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional do Material Escolar, 1976

NASCIMENTO, Cecília Vieira do. Do mestre à professora: saberes e práticas docentes em seu processo de profissionalização. In: **Anais eletrônicos do II Congresso de pesquisa e ensino em História da Educação em Minas Gerais - UFU**. Uberlândia/MG, 2003.

NEGRÃO, Ana Maria Melo. **Infância, educação e direitos sociais: “Asilo de órfãos” (1870-1960)**. Tese de doutorado. Campinas, SP: Faculdade de Educação, UNICAMP, 2002

NOSELLA, Paolo e BUFFA, Ester. **Schola Mater. A antiga Escola Normal de São Carlos**. São Carlos/SP: EDUFSCAR/FAPESP, 2002

_____. As pesquisas sobre instituições escolares: o método dialético marxista de investigação. In: **EccoS. Rev. Científica**. S.Paulo, v.7, n.02, 2005. www.portal.uninove.br/marketing/cope/pdfs_revistas/eccos/eccos_v7n2/eccosv7n2_f13.pdf. Acesso em 19 de julho de 2006

NÓVOA, Antônio. Prefácio. In: MONARCHA, Carlos (org.). **História da educação brasileira. Formação do campo**. Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 1999

NUNES, Maria do Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary e BASSANEZI, Carla (orgs.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997

OLIVEIRA, Ricardo Santa Rita. **Educação, gênero e modernidade – discursos e práticas educacionais no Brasil entre 1870 e 1910**. Tese de doutorado. IFCH/UNICAMP, julho de 2002

PACAUT, Marcel. **La théocratie. L'église et le pouvoir au moyen age**. Paris: Aubier, 1957.

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média. Textos e Testemunhas**. São Paulo: Unesp, 1999

PETITAT, André. **Produção da escola. Produção da sociedade**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1994

PROST, Antoine. **Histoire de l' enseignement em France (1800-1967)**. Paris: Armand Colin, 1968

REIS, José Carlos. Os Annales: a renovação teórico-metodológica e “utópica” da história pela reconstrução do tempo. In: SAVIANI, Demerval, LOMBARDI, José Claudinei e SANFELICE, José Luis (orgs.). **História e história da educação – o debate teórico – metodológico atual**. 2a. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira. A organização escolar**. 17a. ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2001

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. Prescrevendo regras de bem viver: cultura escolar e racionalidade científica. In: **Cadernos CEDES**. v.20, no. 52. Campinas: nov. 2000. Disponível:www.scielo.br/scielo.php?cript=sci_arttext&pid=s010132622000000300005
Acesso em 23 de julho de 2005.

ROCHA, Marlos Bessa Mendes da. **Matrizes da modernidade republicana – cultura política e pensamento educacional no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados; Brasília, DF: Editora Plano, 2004

SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do “longo séculoXX” brasileiro. In: SAVIANI, Dermeval, SOARES, Jane de Almeida, SOUZA, Rosa Fátima de e VALDEMARIN, Vera Teresa(orgs.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004

_____. O legado educacional do “breve século XIX” brasileiro. In: SAVIANI, Dermeval, SOARES, Jane de Almeida, SOUZA, Rosa Fátima de e VALDEMARIN, Vera Teresa(orgs.). **O legado educacional do século XIX**. 2a. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006

_____. O público e o privado na história da educação brasileira. In: LOMBARDI, José Claudinei; JACOMELI, Mara Regina e SILVA, Tânia Mara (orgs.). **O público e o privado na história da educação brasileira. Concepções e práticas educativas**. Campinas, SP: Autores Associados; HISTEDBr; UNISAL, 2005

_____. O debate teórico e metodológico no campo da história e sua importância para a pesquisa educacional. In: SAVIANI, Demerval, LOMBARDI, José Claudinei e SANFELICE, José Luís (orgs.). **História e história da educação – o debate teórico-metodológico atual**. 2ª. Ed., Campinas, SP: Autores Associados/ HISTEDBR, 2000

SOARES, Carmen. **Educação Física. Raízes européias e Brasil**. 3a. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. **Imagens da educação no corpo**. 2a. ed. Campinas: Autores Associados, 2002

SOUSA, Eustáquia Salvadora e VAGO, Tarcísio Mauro. Última década do oitocentos, primeira década da *gymnastica* na formação do professorado mineiro. In: VEIGA, Cynthia e FONSECA, Thais. **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

SOUZA, Marco Antônio. Algumas reflexões sobre a lei e a legislação como fontes de pesquisa para a história da educação. In: LOPES, Ana Amélia; GONÇALVES, Irlen; FARIA FILHO, Luciano e XAVIER, Maria do Carmo (orgs.). **História da educação em Minas Gerais**. Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002

SOUZA, Rosa Fátima de. Lições da escola primária. In: In: SAVIANI, Dermeval, SOARES, Jane de Almeida, SOUZA, Rosa Fátima de e VALDEMARIN, Vera Teresa(orgs.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004

_____. **Templos de civilização. A implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998

TOZONI – REIS, Marília de Freitas de Campos. **Infância, escola e pobreza. Ficção e realidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002

ULLMANN, Walter. **Principios de gobierno y politica em la Edad Media**. Madri: Revista de Occidente, 1971

VALDEMARIN, Vera Teresa. Os sentidos e as experiências: professores, alunos e métodos de ensino. In: SAVIANI, Dermeval, SOARES, Jane de Almeida, SOUZA, Rosa Fátima de e VALDEMARIN, Vera Teresa (orgs.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004

_____. O método intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In: In: SAVIANI, Dermeval, SOARES, Jane de Almeida, SOUZA, Rosa Fátima de e VALDEMARIN, Vera Teresa(orgs.). **O legado educacional do século XIX**. 2a. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006

VALLADÃO, Alfredo. **Campanha da Princeza**. Volume II (1821-1909). Rio de Janeiro: Leuzinger S. A, 1940

VALLADÃO, Algreto. **Campanha da Princeza**. Volume III. São Paulo: Revista dos Tribunaes, 1942

VILLELA, Heloísa. Imprensa pedagógica e constituição da profissão docente. In: GONDRA, José (org.). **Dos arquivos à escrita da história: a educação brasileira entre o Império e a República no século XIX**. Bragança Paulista/SP: Editora da Universidade São Francisco, 2001

VIÑAO, Antonio. Espaços, usos e funções: a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. In: BENCOSTA, Marcus Levy Albino (org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Elites políticas em Minas Gerais na Primeira República. In: Rio de Janeiro: **Revista Estudos Históricos**. Vol. 08, no. 15, 1995, pp. 39-56. Disponível em www.cpdoc.fgv/revista/arq/164.pdf. Acesso em 23 de julho de 2005.

FONTES PRIMÁRIAS MANUSCRITAS :

- Ata dos exames prestados pelas Martinhas, 1955. Acervo do Grupo Escolar Zoroastro de Oliveira, Campanha/MG
- Palestra proferida pela ex – menina de Sion Alaíde Lisboa, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora de Sion, 1985
- Caderneta de preparação das alunas para a Primeira Comunhão (1905-1915). Acervo particular CNSS, Campanha/MG
- Caderneta com nomes, entrada e saída de Martinhas (1905-1945). Acervo particular CNSS, Campanha/MG
- Caderneta de anotações das atividades das Martinhas (1935-1937). Acervo particular CNSS, Campanha/MG
- Caderno das festividades do Centenário de morte dos fundadores e de 80 anos da chegada da Congregação no Brasil, 1984. Acervo particular CNSS, Campanha/MG
- CONSTANT, Benjamim. Livro de Visitas da Escola Normal de Campanha. 1889. Acervo CECML, Campanha/MG
- Escritos de Soeur Marie Louise de Sion. Mimeo. S/d. Acervo particular CNSS, Campanha/MG

- Festividades do Centenário da presença da Congregação Nossa Senhora de Sion em Campanha, 2004. Acervo particular CNSS, Campanha/MG
- Livros de Matrículas e Notas do Curso Normal e do Curso Primário (1905-1965). Acervo CEMEC, Campanha/MG
- Journal – 1904-1905, Diário da Primeira Superiora do Colégio Nossa Senhora de Sion de Campanha. Acervo particular CNSS, Campanha/MG
- Reglément du pensionnat N. D. Sion. Mimeo. S/d Acervo particular CNSS, Campanha/MG
- Vida da Menina de Sion, 1969. Acervo particular CNSS, Campanha/MG

FONTES PRIMÁRIAS IMPRESSAS

BELLATO, José Augusto. **Colégio Notre Dame de Sion. 1904 – 1954.**Campanha:1954

BUENO, Júlio. **Almanach do município da Campanha.** Campanha: Gráfica do Monitor Sul-Mineiro, 1900

COSTA, Lourenço (org.). **Documentos da Igreja. Documentos de Gregório XVI e de Pio IX.** São Paulo: Paulus, 1999

REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. **Minhas Recordações.** Coleção Documentos Brasileiros. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1987

VARAZZE, Jacopo de. **Legenda Aurea. Vidas de Santos.** São Paulo: Cia. Das Letras, 2003

VEIGA, Bernardo Saturnino. **Almanach Sul- Mineiro.** Campanha: Typografia do Monitor Sul- Mineiro, 1874

VEIGA, Bernardo Saturnino. **Almanach Sul- Mineiro.** Campanha: Typografia do Monitor Sul- Mineiro, 1884

**ARTIGOS DE JORNAIS CONSULTADOS: Acervo Centro de Estudos
Campanhenses Monsenhor Lefort, Campanha / MG**

- *Jornal O Sul de Minas* – 1859-1863
- *Jornal Monitor Sul Mineiro* – 1872-1897 e 1898 - 1918
- *Jornal Minas do Sul* – 1892 -1893
- *Jornal A Campanha* – 1900-1919

FONTES PRIMÁRIAS DIGITAIS

BÍBLIA. In: www.virtualbooks.terra.com.br/biblia/PDFnovo/EvangelhoSaoLucas.pdf. Acesso em 20 de julho de 2006

Constitutions Notre Dame de Sion. Disponível em: www.sion.org Acesso em 21 de julho de 2006

GREGÓRIO XVI, Papa. Carta Encíclica *Mirari Vos*. A todos os Patriarcas, Primazes, Arcebispos e Bispos do orbe católico sobre os principais erros. In: **Documentos da Igreja**. Disponível em: www.veritatis.com.br/agnusdei/mirari.htm .Acesso em 23 de julho de 2005.

LEÃO XIII. *PATERNAE*, Carta aos Arcebispos e Bispos do Brasil, 1899. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/index_po.htm. Acesso em 21 de novembro de 2006

LEÃO XIII, Carta Encíclica *Rerum Novarum*, 1890. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/index_po.htm. Acesso em 21 de novembro de 2006

LEÃO XIII, Carta Encíclica *Arcanum*, 1880. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/index_po.htm. Acesso em 21 de novembro de 2006

LEÃO XIII, Papa. Carta Encíclica *Sapientiae Christianae*. Disponível em: www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_lxiii_enc_10011890_sapientiae-christianae_en.html. Acesso em 21 de novembro de 20

PIO IX, Papa. Carta Encíclica Syllabum. Contendo os principais erros de nossa época notados nas alocações consistoriais, encíclicas e outras letras apostólicas. In: **Documentos da Igreja**. Disponível em: www.veritatis.com.br/agnusdei/silabo0.htm. Acesso em 23 de julho de 2005.

Pio IX, Papa. Concílio Ecumênico Vaticano I. In: **Documentos**. Disponível em: www.montfort.org.br. Acesso em 20 de dezembro de 2005

PAULO III, JÚLIO III e PIO IV, papas. Agnus Dei. Concílio Ecumênico de Trento. In: **Documentos da Igreja**. Disponível em: www.veritatis.com.br/-agnusdei. Acesso em 16 de março de 2006

PAULO VI, Papa. Decreto Perfectae Caritatis. Sobre a vida religiosa Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_decree_19651028_perfectae-caritatis_po.html Acesso em 21 de novembro de 2006

PAULO VI, Papa. Declaração Nostra Aetate, a Igreja e as religiões não- cristãs, 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html Acesso em 21 de novembro de 2006.

Mensagens, falas e relatórios apresentados pelos presidentes da província e do Estado à Assembléia de Minas Gerais e relatórios de diretores da instrução pública (1837-1906)

disponível em <http://www.crl.uchicago.edu/content/brazil/mina.htm>

- Fala do vice – presidente Antonio Costa Pinto, em sessão de 03/02/1837
- Fala do presidente Bernardo Jacintho da Veiga, em sessão de 01/02/1840
- Fala do vice-presidente Ferreira Penna, em sessão de 03/05/1842
- Fala do presidente Francisco de Souza Soares d'Andrea, em sessão de 03/02/1844
- Fala do vice-presidente José da Silva, em sessão de 08/02/1845
- Fala do presidente José da Silva, em sessão de 03/02/1846
- Fala do presidente José da Silva, em sessão de 04/02/1847
- Fala do presidente Sousa Ramos, em sessão de 31/07/1849

- Relatório do vice- presidente Joaquim Camillo Teixeira da Motta, em sessão de 01/08/1862
- Relatório do Diretor Geral da Instrução Pública, Firmino Antonio de Souza Junior, em 01/10/1867
- Relatório do Diretor Geral de Instrução Pública, Firmino Antonio de Souza Junior, em 15/07/1869
- Relatório do presidente Affonso de Carvalho, em sessão de 02/03/1871
- Relatório do presidente Oliveira Lisboa, em sessão de 01/09/1873
- Relatório do presidente Pedro Vicente de Azevedo, em sessão de 09/09/1875

- Relatório do presidente Abreu, em sessão de 25/04/1876
- Fala do presidente Francisco de Paula da Silveira Lobo, em sessão de 10/08/1878
- Fala do vice-presidente Cônego Joaquim José de Sant'Anna, em sessão de 25/09/1880
- Relatório do presidente Meira Vasconcelos, em sessão de 07/08/1881
- Relatório do Diretor Geral da Instrução Pública, José Aldrete de Mendonça Rangel de Queiroz Carreira, em 30/01/1882
- Fala do presidente Antonio Gonçalves Chaves, em sessão de 02/08/1883
- Fala do presidente Antonio Gonçalves Chaves, em sessão de 01/08/1884
- Fala do presidente José Antonio Alves Brito, em sessão de 01/08/1885
- Fala do presidente Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo, em sessão de 05/07/1887
- Fala do presidente Luiz Eugenio Horta Barbosa, em sessão de 01/06/1888
- Mensagem do presidente Eduardo Ernesto da Gama Cerqueira, em sessão de 21/04/1892
- Mensagem do presidente Francisco Silviano de Almeida Brandão, em sessão de 15/06/1901
- Mensagem do presidente Joaquim Candido da Costa Sena, em sessão de 15/06/1902
- Mensagem do presidente Francisco Antonio de Salles, em sessão de 15/06/1903
- Mensagem do presidente Francisco Antonio de Salles, em sessão de 15/06/1904
- Mensagem do presidente Francisco Antonio de Salles, em sessão de 04/12/1904

Anexo 01

Dom Almeida Ferrão, 1o. bispo de Campanha



Fonte: Jornal Monitor Sul Mineiro, 23/04/1903, p. 02. Acervo Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort, Campanha/MG

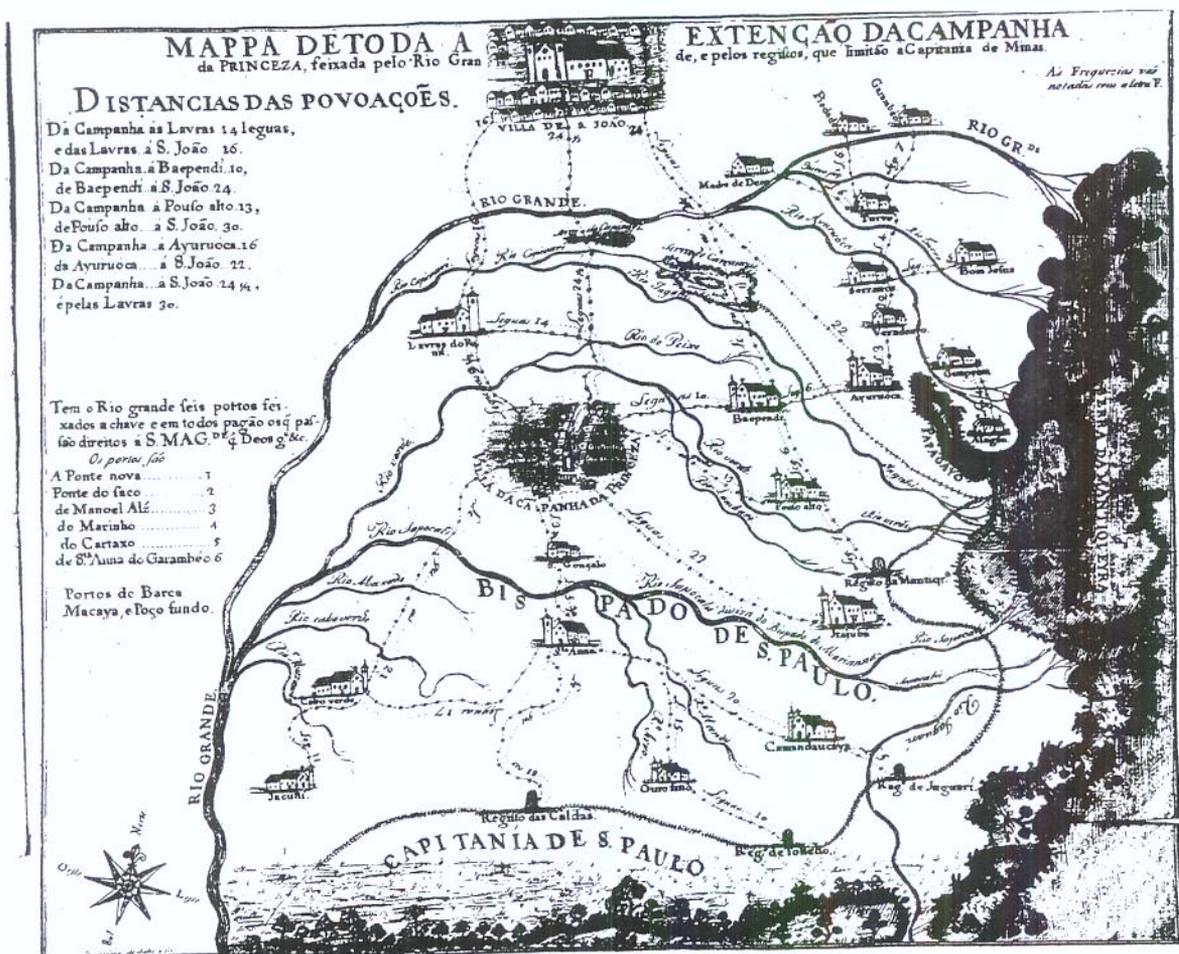
Anexo 02



FONTE: Elaborado com base no mapa da Capitania de Minas de José Ferreira Carrato.

Fonte: anexo ao livro de criação da Vila da Campanha da Princesa (1799 – 1800), apud ANDRADE e CARDOSO, julho de 2000.

Anexo 03



Fonte: AHU. Conselho Ultramarino/Brasil – Códice no. 2166. Apud ANDRADE, 2005, p.

Anexo 04



Foto da litogravura de Campanha, 1840. O original encontra-se no Arquivo Nacional.

Acervo: CEMEC – MG

Anexo 05



Fonte: Foto Araújo, s/d, Campanha/ MG

Obs: “Solar dos Ferreira”. Este foi um dos casarões mais imponentes da cidade. Ferreira de Resende viveu neste local em sua infância e adolescência; este prédio funcionou como sede do Movimento Separatista de 1892; abrigou a Escola Normal da cidade em sua 2a. fase (1929); infelizmente foi destruído por um incêndio na década de 1990.

Anexo 06



COLLEGIO
CAMPANHENSE.
INSTITUIDO E DIRIGIDO
POR
Antonio de Araújo Leal.

Neste Collegio que ha dous annos se achá estabelecido nesta cidade, e licenciado pelo Exm. Governo da Provincia, continúa a leccionar-se regularmente as seguintes materias: Instrucção Primaria — Doutrina Christã — Grammatica Portugueza — Latina — Franceza e Inglesa — Arithmetica — Musica vocal e instrumental, e outras preparatorias mais á proporção que os Alumnos se forem habilitando.

A pensão annual dos Alumnos Internos é de 200\$000 réis: a dos Alumnos externos é de 50\$000 réis, seja qual for a aula que frequentar.

O pagamento será feito por trimestres adelantados. O Alumno que se retirar do Collegio antes de finalizar o trimestre, perde o direito de reaver o que tiver pago.

O Director, pehorado pela estima e consideração com que tem sido tratado pelos habitantes desta cidade, e pela confiança que tem merecido, promete cada vez mais empenhar-se no cumprimento de seus deveres, e de ser sempre agradecido aos Srs. Pais de Famílias, que em grande numero tem concorrido com seus fillos para frequentarem as Aulas do seu Collegio.

Cidade da Campanha, 16 de Fevereiro de 1861.

Anúncio do *Colégio Campanhense*. Fonte: *Jornal O Sul de Minas*, 22/02/1861, p. 04.

Acervo: CECML

Anexo 07



Grupo de alunas na sacada do *Colégio Marianno*, c. 1906, situado na antiga *Rua do Comércio*. O casarão foi destruído e estaria localizado no local onde hoje funciona o fórum da cidade. Fonte: Foto Araújo

Anexo 08

Tabela 13 – matérias oferecidas na Escola Normal (1881-1895)

| <i>turma</i> | <i>Disciplina/ano</i> | 1881 | 1882 | 1884 | 1885 | 1889 | 1891 | 1892 | 1893 | 1894 | 1895 |
|--------------|-----------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| 1o. ano | aritmética | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | História sagrada | X | X | | | | | | | | |
| | Instrução moral | X | X | | | | | | | | |
| | pedagogia | X | X | | | | | | | | |
| | português | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | Sistema métrico | | | X | | | | | | | |
| | música | | | X | X | X | X | | X | X | X |
| | caligrafia | | | | | | X | | X | X | X |
| | ortografia | | | | | | X | | | | |
| | francês | | | | | | | X | | X | |
| | geografia | | | | | | | | X | X | X |
| | desenho | | | | | | | | X | X | X |
| Ginástica | | | | | | | | | X | X | |

| turma | Disciplina/ano | 1881 | 1882 | 1884 | 1885 | 1889 | 1891 | 1892 | 1893 | 1894 | 1895 |
|-----------------------|------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| 2o. ano | História do Brasil | X | X | | | | | | | | |
| | geografia | X | X | | | | | X | X | | X |
| | aritmética | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | geometria | X | X | | | | | | | X | |
| | música | X | X | X | X | X | X | X | X | | X |
| | Português | X | X | X | X | X | X | X | X | | X |
| | francês | | | X | | X | X | X | | | |
| | Economia política | | | X | X | | | | | | |
| | pedagogia | | | X | X | X | | | | | |
| | História sagrada | | | X | X | X | | | | | |
| | Instrução moral | | | X | | | | | | | |
| | Escrituração mercantil | | | X | | X | | | | | |
| | Direito constitucional | | | X | | | | | | | |
| | Direito público | | | | X | | | | | | |
| | catecismo | | | | X | X | | | | | |
| | Literatura nacional | | | | | X | | | X | | |
| | álgebra | | | | | | | X | X | X | X |
| | desenho | | | | | | | | X | X | |
| Noções de agricultura | | | | | | | | | X | | |
| cosmografia | | | | | | | | | X | | |

| turma | Disciplina/ano | 1881 | 1882 | 1884 | 1885 | 1889 | 1891 | 1892 | 1893 | 1894 | 1895 |
|-------------------|---------------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| 3o. ano | História | | | | X | | | | | | |
| | Geografia | | | | X | X | X | | | | |
| | Pedagogia | | | | X | X | X | X | X | X | |
| | catecismo | | | | X | | | | | | |
| | música | | | | X | X | X | X | X | X | |
| | caligrafia | | | | X | | | | X | | |
| | Trabalhos de agulhas | | | | X | | | | | | |
| | História do Brasil | | | | | X | X | X | X | X | |
| | desenho | | | | | X | | X | | X | |
| | cosmografia | | | | | | X | | | | |
| | Geografia do Brasil | | | | | | X | | | | |
| | Geometria | | | | | | | | X | X | X |
| | literatura | | | | | | | | X | | |
| | Ciências fis., nat. e agrícolas | | | | | | | | X | X | X |
| | Literatura nacional | | | | | | | | | X | |
| | Instrução moral e cívica | | | | | | | | | X | |
| Prática de ensino | | | | | | | | | X | | |

Fonte: Jornal Monitor Sul Mineiro, 1881-1895. Centro de Estudos Campanhenses
Monsenhor Lefort, Campanha/MG

Anexo 09

ESCOLA NORMAL

Vende-se na loja de livros de Bernardo Saturnino da
Veiga e por diminuto preço os seguintes livros
adoptados na escola normal da Campanha :

| | | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Geographia de Pompeio, 1 vol. — Compendio de pedagogia, por Silva Pontes, 1 vol. — Pequeno atlas geral, 1 vol. — Tratado de metrificacão portugueza, por Castilho, 1 vol. | Manual encyclopedico, por Monte Verde, 1 vol. — Grammatica portugueza, por Sotero, 1 vol. — Manual do estylo, por Maya, 1 vol. — de Ottoni, 1 vol. — Postillas de grammatica geral, por Sotero, 1 vol. — doutrina christã, por Fernandes Pinheiro, 1 vol. — Elementos de desenho linear, por Gama, 1 vol. — da historia do Brazil, por Macedo, 1 vol. — Primeiro, segundo e terceiro livros de leitura, de Abilio. | Ornamentos da memoria, por J. J. Roquette, 1 vol. — Methodo de musica vocal, 1 vol. — Historia biblica ou narrativas do velho e novo testamento, 1 vol. — Compendio elementar de metrologia, por Lessio. |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: Jornal Monitor Sul Mineiro, 20/01/1878, p. 04. Acervo CECML

Anexo 11

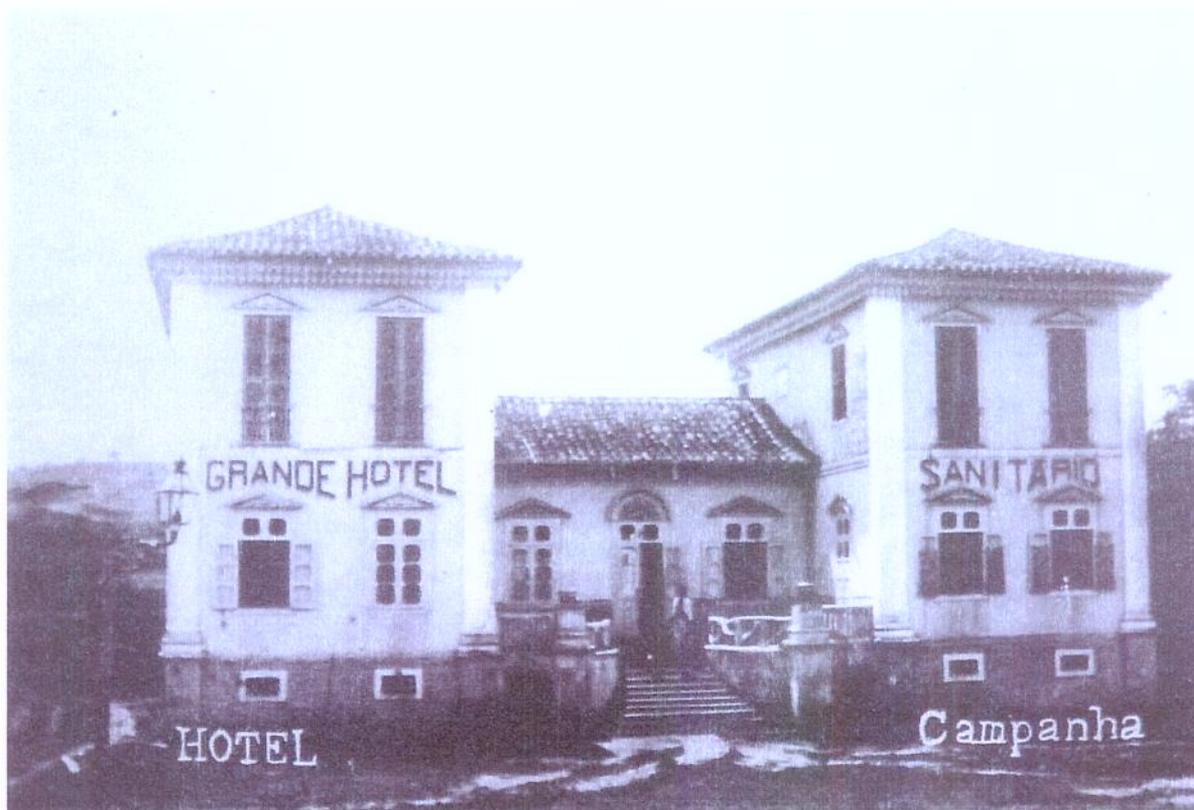


Foto do *Grande Hotel Sanitário*, c. 1898 - Acervo CEMEC-SM

Anexo 12



Fonte: Irmãs de Sion: “conversas” e de “côro”.Acervo particular CNSS/Campanha

Anexo 13

Tabela 16 - Matérias oferecidas pelo Colégio Sion de Campanha - Curso Primário
(1906-1916)

| <i>série</i> | <i>Matéria/ ano</i> | 1906 | 1907 | 1908 | 1909 | 1910 | 1911 | 1912 | 1913 | 1914 | 1915 | 1916 |
|-------------------------|---------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| 1o.ano | leitura | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | escrita | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | Língua pátria | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | aritmética | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | geografia | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | História do Brasil | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | |
| | Inst. moral, fis. higiene | X | X | X | X | | | | | | | |
| | Trabalhos manuais | X | | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | Música vocal e piano | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | francês | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | catecismo | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | História sagrada | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | |
| | Instrução moral e cívica | | X | X | X | X | X | X | X | X | X | |
| | Inst. moral, fis. e quím. | | | | | | X | | | | | |
| | Lições de coisas | | | | | | | X | X | X | X | X |
| | Exercícios de ginástica | | | | | | | X | X | X | X | X |
| desenho | | | | | | | X | X | X | X | X | |
| História cívica e moral | | | | | | | | | | | | X |

| série | Matéria/ ano | 1906 | 1907 | 1908 | 1909 | 1910 | 1911 | 1912 | 1913 | 1914 | 1915 | 1916 |
|-------------------------|--------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| 2o. ano | leitura | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | escrita | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | Língua pátria | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | aritmética | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | geografia | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | História do Brasil | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | |
| | Inst. moral, fis.higiene | X | X | X | X | X | | | | | | |
| | Trabalhos manuais | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | Música vocal e piano | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | francês | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | catecismo | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | História sagrada | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | |
| | Instrução moral e cívica | | X | X | X | X | X | X | X | X | X | |
| | Desenho | | | | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | Lições de coisas | | | | | | X | X | X | X | X | X |
| | Ginástica | | | | | | X | X | X | X | X | X |
| | História antiga | | | | | | | X | X | X | X | |
| inglês | | | | | | | X | X | | | | |
| História cívica e moral | | | | | | | | | | | X | |

| série | Matéria/ ano | 1906 | 1907 | 1908 | 1909 | 1910 | 1911 | 1912 | 1913 | 1914 | 1915 | 1916 | |
|---------------------------|---------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|---|
| 3o. ano | Leitura | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | |
| | escrita | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | |
| | Língua pátria | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | |
| | aritmética | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | |
| | geografia | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | |
| | História Brasil | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | | |
| | Inst. moral, fis. higiene | X | X | X | X | X | | | | | | | |
| | Trab. manuais | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | Música vocal e piano | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | francês | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | catecismo | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | História sagrada | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | |
| | Geom. e desenho | X | | X | | | | | | | | | |
| | inglês | X | X | X | | | | | X | X | | | |
| | História Antiga | X | X | X | | X | X | X | X | X | X | X | |
| | Moral e cívica. | | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | |
| | Desenho | | | | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Ginástica | | | | | | | X | X | X | X | X | X | |
| Lições de coisas | | | | | | | X | X | X | X | X | X | |
| História e educação moral | | | | | | | | | | | | X | |

| série | Matéria/ ano | 1906 | 1907 | 1908 | 1909 | 1910 | 1911 | 1912 | 1913 | 1914 | 1915 | 1916 | |
|----------------------|------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|---|
| 4o. ano | Leitura | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | |
| | escrita | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | |
| | Língua pátria | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | |
| | aritmética | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | |
| | geografia | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | |
| | Hist. do Brasil | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | | |
| | Moral, fis. e higiene. | X | X | X | X | X | | | | | | | |
| | Trab. manuais | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | Música e piano | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | francês | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | catecismo | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | História sagrada | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | | |
| | Geom. e desenho | X | | X | | X | X | | | | | | |
| | inglês | X | X | X | X | X | X | X | X | | | | |
| | História antiga | X | | X | X | X | X | X | X | X | X | | |
| | Inst.Moral e cívica | | X | X | X | X | X | X | X | X | X | | |
| | Ginástica | | | | | | X | X | X | X | X | | |
| Lições de coisas | | | | | | X | X | X | X | X | X | X | |
| Desenho | | | | | | | X | X | X | X | X | X | |
| Hist. cívica e moral | | | | | | | | | | | | X | |

Fonte: Livro de resultados do curso primário do Colégio Sion – 1906-1929; acervo CEMEC-SM

Anexo 14

Tabela 17 - Disciplinas oferecidas pelo Colégio Sion – Curso Normal (1906-1909)

| <i>Série</i> | <i>Disciplina/ano</i> | <i>1906</i> | <i>1907</i> | <i>1908</i> | <i>1909</i> |
|--------------|-----------------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| 1o. ano | Português | X | X | X | X |
| | francês | X | | | |
| | geografia | X | | | |
| | aritmética | X | X | X | X |
| | desenho | X | X | X | X |
| | Trabalhos de agulhas | X | X | X | X |
| | Música | | X | X | X |
| | Prática de português e aritmética | | | X | |
| 2o. ano | Português | X | X | X | X |
| | francês | X | X | X | |
| | geografia | X | X | X | |
| | aritmética | X | X | X | |
| | física | X | X | X | |
| | desenho | X | X | X | |
| | Trabalhos de agulhas | X | X | X | |
| | Geometria | | | X | |
| | Prática profissional | | | X | |
| | moral | | | X | |
| | história | | | X | X |
| | música | | | X | X |
| | História do Brasil | | | | X |

| Série | Disciplina/ano | 1906 | 1907 | 1908 | 1909 |
|---------|--------------------|------|------|------|------|
| 3o. ano | francês | X | | X | |
| | geografia | X | | X | |
| | geometria | X | X | X | |
| | química | X | | X | |
| | História do Brasil | X | | | |
| | pedagogia | X | | X | |
| | desenho | X | | X | |
| | português | X | X | X | |
| | História | | | X | |
| 4o. ano | português | | X | | |
| | História de Minas | | X | | |
| | pedagogia | | X | | |
| | botânica | | X | | |
| | zoologia | | X | | |
| | geometria | | X | | |

Collegio N. D. de Sion
CAMPANHA
~~~~~  
**30 de Novembro de 1903**  
~~~~~

FIFRE ET TAMBOURIN *Trojilli*
(Ensaio musical)

+ *La Cigale et la Fourmi* Moreau
(Chœur)

Gavotte mignonne L. Gregg
(3 pianos 2 mains)

+ LES RENAISSANCES P. Delaporte—S. J.
(Récitation)

Promenade dans le bois. Idylle Weber
(3 pianos 4 mains)

+ Les Fariniers et les Charbonniers
(Chœur)

The Birds Miss White
(Recitation)

+ OS CUMPRIMENTOS H. Lavagane
(Coro infantil)

+ Y Yuca Pirama Gonçalves Dias
(Recitação)

MARCHE (ré naturel majeur) F. SCHUBER
(3 pianos 4 mains)

+ *Le p'tit Matelot* X
(Fantaisie)

Hymno Nacional

Fonte: Acervo particular CNSS/ Campanha

Anexo 16



Festas do Colégio Nossa Senhora de Sion – s/d – Acervo particular CNSS/Campanha

Anexo 17



Fonte: Menções honrosas concedidas à aluna Branca Lacerda Guimarães, acervo particular CNSS/Campanha

Anexo 18

| | | | | |
|-----|-------------------------------------------|-----|----------------------------|------|
| 107 | Maria Candida: morte 12-2-1921 | 123 | Joanna | 1921 |
| 108 | Benedicta Lourdes dos Santos 1920 1918 | 124 | Cyrene Ferreira Miranda | 1921 |
| 109 | Virgínia Passaro: S. Agueda | 125 | Silvina Lilda Nunes | 1925 |
| 110 | M. da Graça Silva Nunes | 126 | Regina Ferreira Sebem: 5-7 | 1920 |
| 111 | Maria Diniz Alvaredo: | 127 | Benedicto Mendes | 1922 |
| 112 | Maria Jose Siqueira: | 128 | Maria Conceição Rocha | 1925 |
| 113 | Helena da Conceição | 129 | Maria Oliveira: 7 jorros: | 1920 |
| 114 | Luiza Buck: | 130 | Lina Sebem: | 1921 |
| 115 | Bertha " | 131 | Salvina Catão: | 1924 |
| 116 | Maria Luiza Silva } | 132 | Corina 11 jorros: | 1920 |
| 117 | Benedicta " } | 133 | Vicentina Silva: enfua: | 1921 |
| 118 | Clothilda Fernandes: | 134 | Marcanna Alves | 1921 |
| 119 | 1919: Maria Augusta | 135 | Maria do Carmo Barbosa | 1920 |
| 120 | 1920: Clothilda Josephina Silveira | 136 | Maria Conceição Ferreira } | 1920 |
| 121 | 1920: Marganda Fernandes: | 137 | Alice " " } | 1922 |
| 122 | Maria Paula | 138 | Anna Candida Nunes: | 1922 |
| | | 139 | Maria Jose Nazareth: | 1922 |

Fonte: Caderneta com as entradas e saídas das Martinhas. 1905 – 1945. Acervo particular CNSS/ Campanha